

Aula 00

PM-SP (Oficial) História

Autor:

Alessandra Lopes

27 de Outubro de 2023

Índice

1) Apresentação da professora - Alessandra Lopes	3
2) Apresentação do curso - PM-SP	5
3) Antiguidade: Introdução e oriente próximo	18
4) Mundo Grego	33
5) Roma	50
6) Questões Comentadas - Antiguidade - Vunesp	92
7) Questões Comentadas - Antiguidade - Multibancas	100
8) Lista de Questões - Antiguidade - Vunesp	181
9) Lista de Questões - Antiguidade - Multibancas	186



APRESENTAÇÃO DA PROFESSORA



@profe.ale.lopes

Olá queridas e queridos alunos, tudo bem?

Estou muito feliz por você iniciar nosso **curso de História** para a prova do **concurso Aluno-Oficial PM-SP**, Academia Barro Branco. Como você já sabe, o concurso para Academia do Barro Branco tem como objetivo selecionar alunos para o curso de Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública.

Bem, antes de tudo, vou me apresentar. Sou Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Licenciada em Sociologia pela mesma universidade, Mestra em Ciência Política também pela UNICAMP e é a universidade onde iniciei meus estudos de doutorado. E não para por aí, estou fazendo complementação na graduação em História na USP para ser bacharel em História por esta universidade. Estudo Justiça de Transição – tema interdisciplinar com Direito Internacional. Sou especialista em Políticas de Memória em regimes políticos democráticos.

Desde 2004, dou aulas de História, Sociologia e Humanidades em cursos preparatórios para vestibulares e para o ENEM. Entre 2018 e 2019, iniciei minha jornada aqui no Estratégia, dou aula no Estratégia Concurso, Vestibulares e Militares (para as Carreiras Militares: EsPCEX). Conheço praticamente todos os sistemas de ensino, materiais e abordagens que existem nesse “mundo de provas”. Já escrevi muitos materiais preparatórios. Posso afirmar, com segurança, que já contribuí para a aprovação de muitos alunos nas mais variadas e concorridas instituições do Brasil.

Dito isso, quero que você aproveite esta aula de apresentação e de introdução do curso de História e já estude um assunto que certamente irá cair na prova, Antiguidade. Meu objetivo é ajudar você a Gabaritar História.





@profe.ale.lopes



Profe Ale Lopes



<https://t.me/profealopes>

Bons estudos! Alê 😊



APRESENTAÇÃO DO CURSO PARA OFICIAL PM-SP

Para começar este curso, vamos, primeiro, conhecer o inimigo, ou seja, a prova que você irá enfrentar. A banca deste concurso já chegou a ser a VUNESP, foi para FGV, voltou para VUNESP, e, agora, o Edital confirmou a VUNESP novamente. Então, temos que nos preparar para enfrentar o estilo de cobrança da VUNESP. OK?

Comparando com a FGV, a VUNESP é mais tranquila pois não traz textos muito analíticos no enunciado, o que facilita bastante. Qual o problema, a nota de corte da VUNESP tende a ser mais alta, então, não será possível perder nenhuma questão. OK?

Desde 2010, a VUNESP vinha realizando as provas, depois de ter substituído a FUVEST. Depois passamos pela FGV. Em 2021-2022 já foi a VUNESP e, agora em 2023, a prova será feita pela VUNESP, novamente.

Seja como for, o histórico dos editais **não nos evidencia** alterações no conteúdo programático. Por isso, comparando os Editais, inclusive na prova organizada pela FGV, o conteúdo está igual, bate ponto a ponto. Por isso, o curso está organizado para atender o conteúdo que já vem sendo cobrado. O que calibrarei nesta aula e nas próximas são as questões da VUNESP. Por exemplo, além das questões de concursos organizados pela própria VUNESP, vou trazer questões de vestibular da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), da Universidade Estadual de Ciências da Saúde do Alagoas (Uncisal), da UNESP, pois são vestibulares organizados pela VUNESP.

Dito isso, primeiro, vamos a um panorama das provas anteriores organizadas pela VUNESP. Só inclui os assuntos do Edital que realmente caíram nos últimos 8 anos.

Dados provas VUNESP – questões de História (quando há mais de 6 questões por não é porque considerei assuntos de Geografia e Sociologia que estão na mesma temática)

Grande Área	Temas	Assuntos	2022	2021	2020	2019	2018	2017	2016	2015	2014	2013	2012	2011
Antiguidade		Povos Oriente Próximo								1				
		As cidades-estados da Grécia		1		1						1		1
		Formação, desenvolvimento e declínio do Império Romano do Ocidente								1		1		1
Mundo Medieval		Formação e desenvolvimento do sistema feudal			1	1			2					
		O legado cultural do Mundo Medieval									1			
		O crescimento comercial-urbano e a						2						1



História Geral		desagregação do feudalismo.											
	Mundo Moderno	A Renascença: a Reforma e a Contrarreforma.			1	1		1	1	1	2		
		Formação e evolução das monarquias nacionais; as revoluções burguesas do século XVII; Iluminismo e Despotismo.		1			1		1				1
		A expansão marítimo-comercial e o processo de colonização da América, África e Ásia.	1				1				1		
	Mundo Contemporâneo	Revolução Francesa										1	
		Revolução Industrial	1		1						1		1
		A corrida imperialista; a Primeira Guerra Mundial; a Revolução Russa de 1917 e a formação da URSS.							1				
		O período Entre Guerras; as democracias liberais e os regimes totalitários		1		1			1		1		
		Segunda Guerra Mundial; a descolonização afro-asiática;						1		1		1	1
		A fase do Pós-Guerra; os oprimidos do Terceiro Mundo; as grandes linhas do desenvolvimento científico e tecnológico do século XX.	2		1							1	
História do Brasil	Brasil Colônia	A expansão marítima portuguesa e o descobrimento do Brasil; o reconhecimento geográfico e a exploração do pau-brasil; ameaça externa e os primórdios da colonização	1			1	1		1	1			
		A agricultura de exportação como solução; a presença holandesa; a interiorização da colonização; a mineração e a economia colonial	1		1			1			2	3	1
	Brasil Império	O centralismo político e os conflitos sociais do Período Regencial; a evolução político-administrativa do Segundo Reinado; a política externa e os conflitos		1						1			1



	latino americanos do século XIX.											
	A sociedade brasileira da fase imperial, o surto do café, as transformações econômicas, a imigração, a abolição da escravidão, as questões religiosa e militar			1	1		1	1	1	1		1
	As manifestações culturais; as ciências, as artes e a literatura no período imperial.						1					
	A crise do sistema monárquico imperial e a solução republicana; a Constituição de 1891.								1			
Brasil República	A Primeira República (1889-1930) e sua evolução político-administrativa; as dissidências oligárquicas e a Revolução de 1930; a vida econômica e os movimentos sociais no campo e nas cidades	1	1	2		1						
	Era Vargas			1	1		1	1	1	1	1	
	Do Estado Novo ao golpe militar de 1964				1	1						1
	As Constituições de 1946, 1967 e 1988.		1						1			1



A partir do que a VUNESP já cobrou nas provas para a **Academia Barro Branco**, chamo a atenção para os seguintes temas porque eles caem sempre e, por isso você deve ter a máxima atenção:

Em História Geral: Antiguidade; Renascença e Reformas e Contra Reformas religiosas; Mundo Contemporâneo - Todo o período entre a 1a. e a 2a. Guerra Mundial

Em História do Brasil: Colônia e Era Vargas.



METODOLOGIA DO CURSO



Vamos conhecer a proposta do curso?

Nossa metodologia parte da análise estatística da incidência dos conteúdos para desenvolver a teoria com foco nos assuntos mais cobrados na disciplina de História.

Esse curso vai no alvo e prioriza o que realmente cai. Foi pensado para você estudar até o dia da prova.

Por isso mesmo vamos manter a linha cronológica para você não perder a sequência histórica e cronológica dos conteúdos que constam no Edital e que, inclusive, se assemelham à Base Curricular Nacional do Ensino Médio.

Assim, na disciplina de História, temos que fazer sempre o controle da temporalidade. Por isso, sugiro que você monte sua linha do tempo: durante a leitura da aula, cada data que aparecer você anota e completa sua linha do tempo. Para facilitar sua vida, nos livros digitais as principais datas ficam grifadas em amarelo.



Você faz o controle dessa linha por meio da marcação do exato momento histórico que você está estudando. Assim, você nunca mais vai ficar “perdido no tempo” (acreditem: essa é a principal dificuldade dos estudantes – mas não será para você!).

Veja uma dica minha de como usar Post-Its: <https://www.youtube.com/watch?v=CGWFFx8x2m0>

Além disso, faremos muitas questões divididas em dois momentos:

- 1º Ao longo da teoria (sínteses e memorização);



- 2º Ao final do material na Lista de exercícios. Nesta lista constam as questões da FGV para que você perceba como a Banca cobra o assunto especificamente. Também contém questões anteriores dos concursos realizados pela VUNESP e, por fim, questões de outros vestibulares e concursos para que você possa treinar o conteúdo em si. Então cada “bloco” de questão tem um objetivo. Seja safo, faça tudo e gabarite sua prova!!

Quero enfatizar que todas as questões da lista são comentadas item a item. No comentário, eu explico o conteúdo, mas também mostro os macetes e os caminhos que você precisa fazer para chegar na resposta certa. Ou seja, eu faço uma análise comentada e com estratégias de respostas para cada questão.

⇒ Esse é o caminho para gabaritar o conteúdo e sair para o abraço 😊.

Na composição do nosso curso, também temos as videoaulas. Dinâmicas e interativas, elas têm o conteúdo completo que também consta nos Livros Digitais, especialmente, naqueles assuntos mais espinhosos que quase todo mundo esquece na hora H. Nas videoaulas dou dicas e macetes preciosos para você resolver as questões objetivas.

Há também o Fórum de Dúvidas, que será nosso mecanismo de contato permanente. Estaremos sempre perto! Além de o Fórum permitir que você tire dúvidas rapidamente, o curso EAD permite que você estude conforme suas necessidades e potencialidades. Aliás, essa é uma das principais vantagens do ensino EAD, pois quem monta o horário de estudos é você. Tem quem mande bem pela manhã, outros à tarde, e tem o estudante “super noturno”.

Além disso tudo, para você avaliar como está seu desenvolvimento e, replanejar a rota de estudos, se for o caso, teremos Simulados.

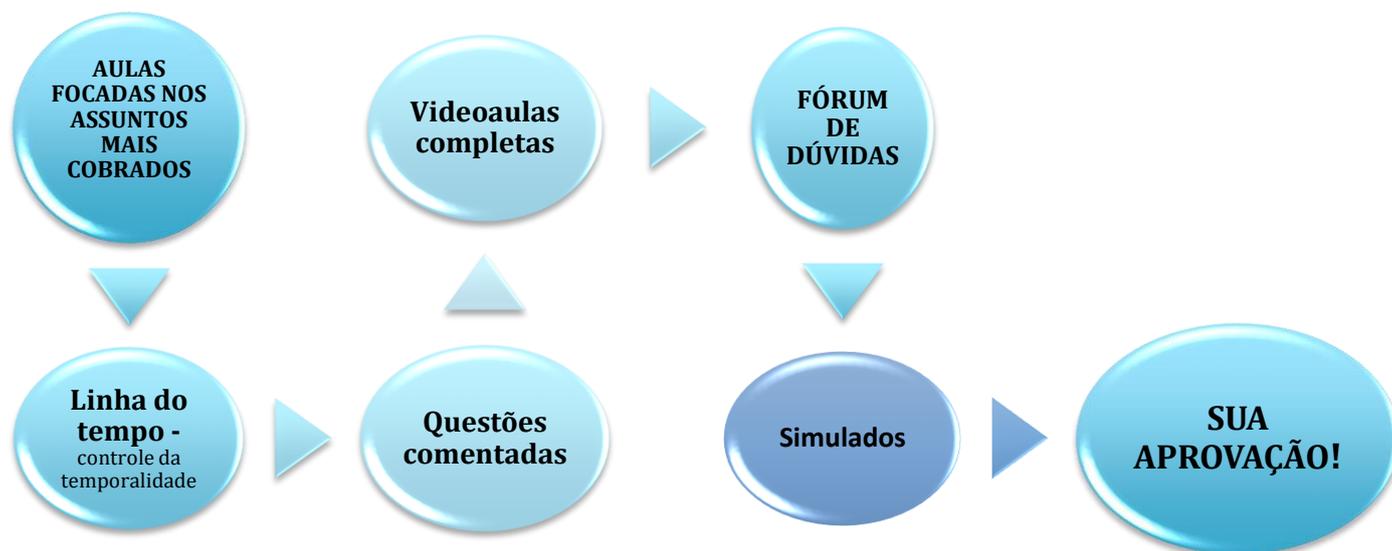
Esse é o diferencial da nossa proposta: fazer do seu jeito, conforme as suas necessidades e com nossa orientação por meio dos nossos materiais e videoaulas! O que importa é sua **APROVAÇÃO!**



Então, assim que você terminar de estudar uma aula do Livro Digital e, eventualmente, apareçam dúvidas, você poderá mandá-las lá no Fórum.



Visualize a proposta em um esquema:



COMO APRENDER HISTÓRIA: COMENTÁRIOS PRELIMINARES

Há algo que eu gostaria de comentar com você antes de iniciarmos nossos estudos: **como se aprende História?**

Você deve estar achando perda de tempo esse tópico, afinal já passou 12 anos na escola e estudou História “pra caramba”. Então eu pergunto: você se lembra de tudo?

Talvez os mais fissurados na disciplina mandem muito bem. No entanto, a grande maioria só vai lembrar daquele cara chamado Napoleão – e seu cavalo branco -, o Dom Pedro – que também tinha aquele cavalo branco -, Júlio César - o imperador romano -, a Joana d’Arc – que se vestiu de homem para lutar contra... (não se lembra, né?).

E se eu te perguntar coisas como:

- qual o significado histórico da revolução cultural chinesa?
- quais as diferenças entre a independência da América espanhola e a portuguesa?
- quais as reformas de Dom João VI, no Brasil?
- qual mesmo era a proposta do Hypólito da Costa para a imprensa brasileira?
- quando essas coisas aconteceram? O que você diria?



Veja, há dois mitos que precisamos derrubar:

- ✓ Mito 1: datas não são importantes
- ✓ Mito 2: desnecessidade de decorar fatos.

Em se tratando de prova de concurso tudo é importante e deve ser bem articulado, meu bem!

Há muito tempo a história não é mais contada como os grandes feitos de inesquecíveis heróis. Também, não é mais contada apenas por temas, de maneira descontextualizada. A historiografia mais contemporânea **adota a perspectiva dos processos históricos coletivos e da história como experiência social.**

Os historiadores Perry Anderson, Jacques Le Goff, Jean-Pierre Vernant, Jérôme Baschet, Eric Hobsbawn e Edward Palmer Thompson, entre outros, são os queridinhos dessa corrente adotada hoje em dia. Todos entendem a história como “processo histórico” impulsionado por grupos, pessoas, ideias e interesses, segundo as condições de cada época. Não por menos, diversos textos das questões usam trechos de Hobsbawn e de Thompson, além de outros autores.



EXEMPLIFICANDO

Historiografia é uma palavra que significa não apenas o registro escrito da História, a memória estabelecida pela própria humanidade por meio da escrita do seu próprio passado, mas também a ciência da História. Por exemplo, o historiador grego Heródoto, que viveu na Grécia Antiga, escreveu sobre o período antigo e produziu um trabalho historiográfico.

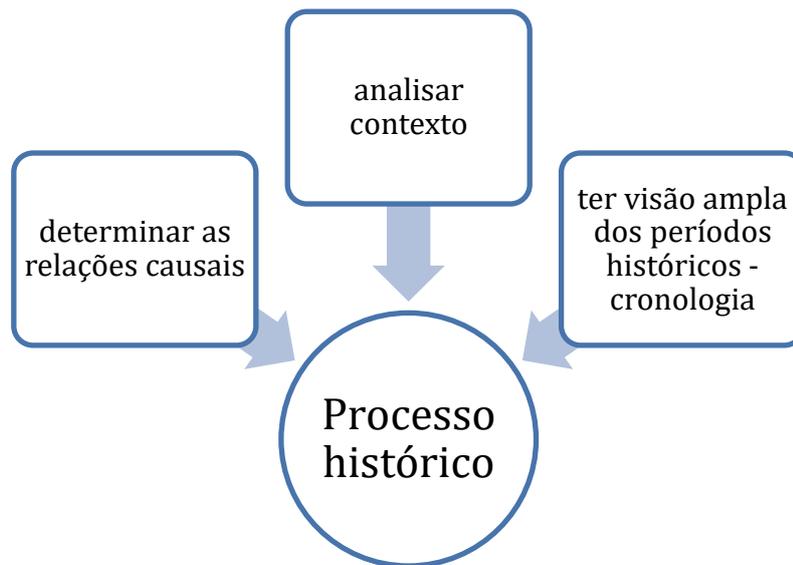


ESCLARECENDO!

Essa forma de compreender e escrever a história dos homens, das suas ideias e dos seus feitos é a forma como as provas costumam elaborar suas questões de História.

Isso nos obriga a ter outra postura diante do conhecimento sobre o que se passou. Veja alguns cuidados que você deve ter ao estudar essa disciplina:





Primeiro: é preciso analisar o contexto no qual um acontecimento ou fato ocorreu. Todo acontecimento esteve dentro de um contexto geral – como se fosse um quadro de parede mesmo. É aquilo que é comum para o espaço que está sendo observado. Em geral, o contexto influencia os processos.

Segundo: é necessário ter uma visão ampla sobre os períodos históricos. Isso significa que tem que saber data sim!!! **Maior mentira do mundo esse negócio de que data não importa.** Então, a tradicional linha do tempo é um exercício fundamental para quem quer gabaritar história. Em estatística, chamamos isso de série histórica. Para entender tendências mais gerais do mercado de trabalho, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pega os dados de períodos grandes de tempo. Assim, consegue-se perceber o movimento, as transformações, as tendências e as variáveis constantes. É isso que fazemos com a História, como qualquer outra ciência.

Terceiro: é fundamental desvendar as relações causais dos processos – causas e consequências. São elas que ligam os fios e fatos da História. Quando estamos diante de um acontecimento precisamos fazer as perguntas: quando, onde, por que, por quem, resultou em que, para quem? Vamos diagramar essa ideia?





Ou seja, querida/querido aluno, ao encontrarmos as causas e as consequências de fatos e fenômenos, dentro de contextos amplos, conseguimos explicar os processos históricos.

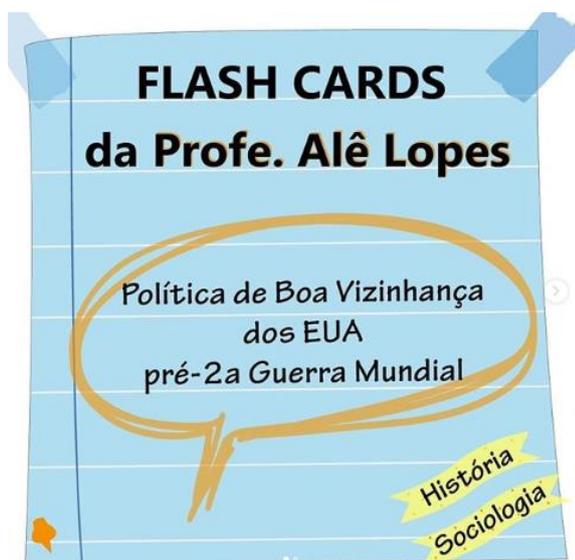
Consegue entender? Não é fácil fazer isso, eu sei, pois você, provavelmente, passou a vida tentando **APENAS** decorar as coisas. Fez suas provas e depois esqueceu o conteúdo. Normal!! Contudo, isso não vale mais quando o que você quer entrar em uma das melhores Universidade do País. Mesmo você, que já fez cursinho antes, que já leu e releu as apostilas e, mesmo assim, não conseguiu gabaritar, devo dizer: estava com o método errado.

É preciso mudar a perspectiva, e é isso que nós propomos com nosso material. **A COMPREENSÃO DOS PROCESSOS DEPENDE DA MEMORIZAÇÃO e NÃO EXISTE MEMORIZAÇÃO SEM COMPREENSÃO.** Essas coisas são complementares, sacaram?



Ou seja, a decoreba e a compreensão dos porquês são complementares e não excludentes. Sobre isso, por sinal, quero deixar uma dica: lá no meu Insta eu tenho os famosos **Flash Cards** de memorização, são ótimas ferramentas para você treinar habilidades complementares ao estudo de História. Dá uma conferida em um exemplo:

Frente



Verso



Bem, se você topa o desafio, vamos que vamos, juntos, até a sua APROVAÇÃO!

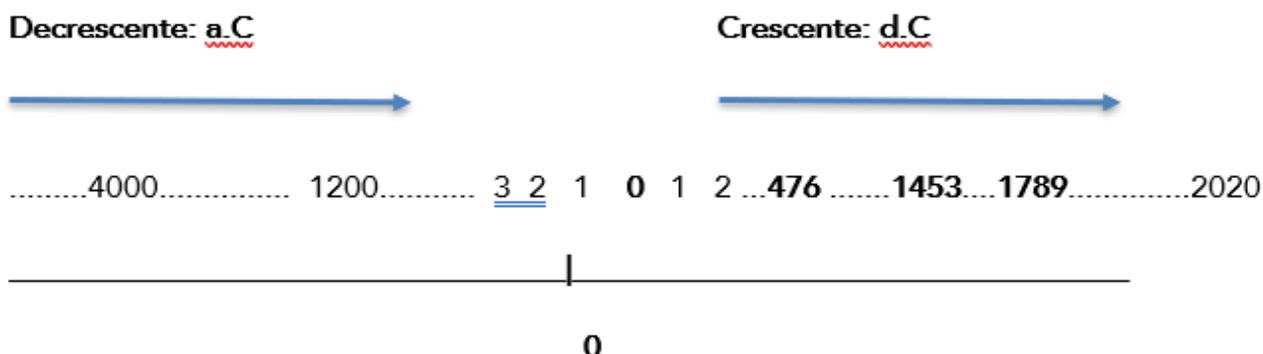
ANTES DE TUDO: A PERIODIZAÇÃO HISTÓRICA

O estudo da história está dividido por periodização. Se você observar o **cronograma do nosso curso, verá que ele está organizado segundo uma lógica cronológica**. Às vezes, alguns alunos se confundem nessas marcações. Vamos pensar um pouco sobre isso?

O calendário que rege a organização da vida social é como um **plano cartesiano: o ano ZERO é o nascimento de Cristo**.

Assim, antes desse evento, os anos são contados em ordem decrescente, depois, em ordem crescente.

Veja a seguir:



Nascimento de Cristo

E essa cronologia toda foi subdividida pela historiografia com objetivos didáticos para podermos comparar períodos, processos e fenômenos, uma vez que a história é o estudo da vida dos homens no seu devido tempo. Sacou?



A subdivisão é a seguinte:

- Idade Antiga: 4000 a.C até 476 d.C (da invenção da escrita até queda do Império Romano)
- Idade Média: 476 d.C até 1453 d.C (até a queda de Constantinopla, capital do Império Bizantino)
- Idade Moderna: 1453 d.C até 1789 d.C (até a Revolução Francesa)
- Idade Contemporânea: 1789 até os dias atuais



Mas lembre-se: o fluxo histórico é CONTÍNUO. Não tem um dia no qual os homens acordaram e se deram conta de que “tinha acabado a Idade Média e começado a Moderna...” e disseram: “Aí, querido, agora somos Modernos!!! :P.....

Por isso, a divisão é um recurso pedagógico e de pesquisa, feito por diversos historiadores ao longo dos últimos séculos e a mais aceita. Outras existem e em momentos oportunos, comento com você, ok?

Se tiver dúvida, já sabe, é só mandar no [Fórum de Dúvidas!](#)

MÉTODO T.E.T : TEMPO, ESPAÇO E TEMA

Queridos, o método TET é uma estratégia para resolução de questões que acabei elaborando nestes anos de ensino. Pode ser usado para estudar, bem como para a hora da prova. O método TET ajuda você a ser mais eficiente, ou seja, a acertar mais.

Vamos lá:



1- Ao fazer a questão encontre, no enunciado e no comando, os 3 mandamentos da História:

T - tempo

E - espaço

T - tema

A partir daí você será capaz de contextualizar o tempo e o tema cobrado.

- 2- **A lei da prova é o comando da questão:** faça exatamente o que se pede. Não procure pelo em ovo. São comandos importantes para treinar: explicar, descrever, relacionar, caracterizar, justificar, relação de causa-consequência, etc. É preciso “sacar” o que o examinador quer.
- 3- **Interprete** o texto, a imagem, a frase, observe a referência, título e enunciado, enfim, olhe para todas as informações trazidas na questão.

CRONOGRAMA DE AULAS PARA OFICIAL PM-SP

Vejamos a distribuição das aulas, conforme o último Edital. Lembre-se de que você estudará o conteúdo inteiro, mas com foco na análise que acabamos de demonstrar!

AULAS	TÓPICOS ABORDADOS
Aula 00	ANTIGUIDADE
Aula 01	MUNDO MEDIEVAL
Aula 02	MUNDO MODERNO I
Aula 03	MUNDO MODERNO II
Aula 04	MUNDO CONTEMPORÂNEO I
Aula 05	MUNDO CONTEMPORÂNEO II
Aula 06	MUNDO CONTEMPORÂNEO III
Aula 07	BRASIL COLÔNIA I
Aula 08	BRASIL COLÔNIA II
Aula 09	BRASIL IMPÉRIO I
Aula 10	BRASIL IMPÉRIO II
Aula 11	BRASIL REPÚBLICA I



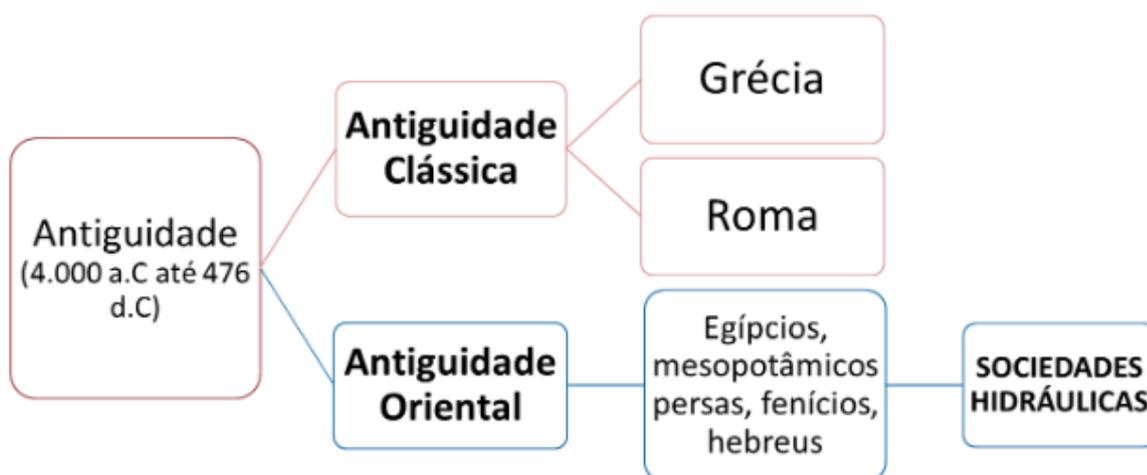
Aula 12	BRASIL REPÚBLICA II
Aula 13	BRASIL REPÚBLICA III

Essa é a distribuição dos assuntos ao longo do curso. Eventuais ajustes poderão ocorrer, especialmente por questões didáticas. De todo modo, sempre que houver alterações no cronograma acima, vocês serão previamente informados e com a devida justificativa.



ANTIGUIDADE: INTRODUÇÃO E ORIENTE PRÓXIMO

Nesta aula, vamos estudar a primeira parte da **História Antiga**. Como vimos anteriormente, ela começa em 4.000 a.C, com a invenção da escrita, e termina em 476 d.C, com a queda de Roma – Capital do Império Romano do Ocidente.



Divisão da Antiguidade

Esse período é marcado pelo processo de transição nomadismo-sedentarismo (processo de fixação à terra), de aprimoramento de instrumentos e armas, de manipulação dos metais, de experiência humana com a descoberta da agricultura, da domesticação de animais, da criação das cidades-Estados e dos Impérios. Também é o momento do surgimento de diferentes religiões e formas de expressão cultural.

Para entender esse período, **devemos ter em mente como foram formadas grandes aglomerações humanas e urbanas, bem como o processo de intensificação entre os diversos povos.**

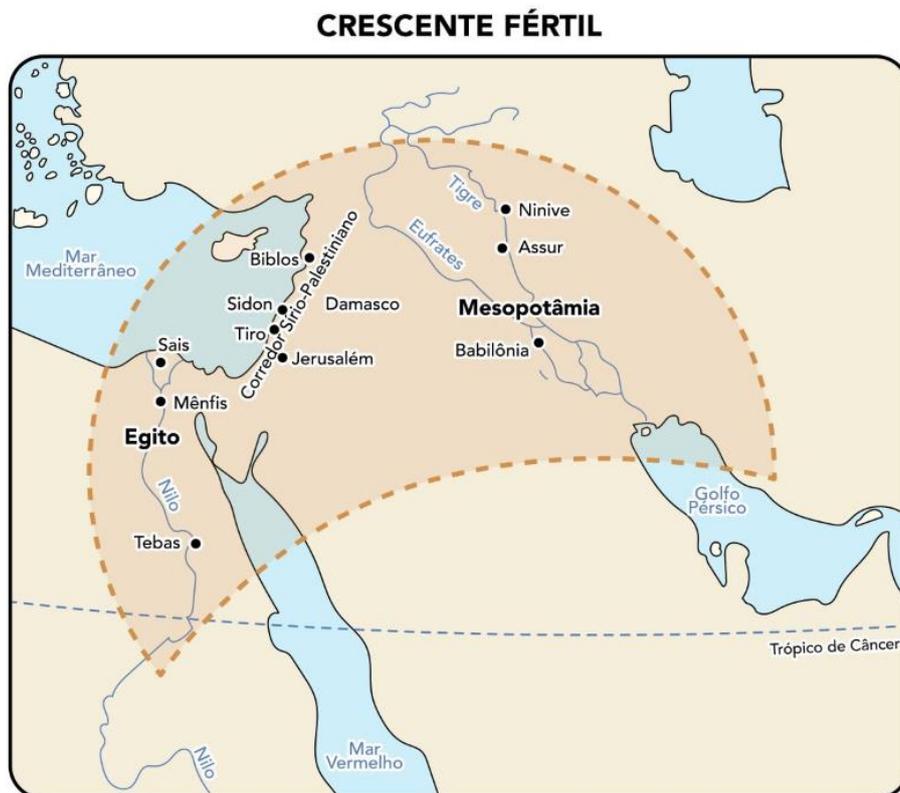
As provas adotam a abordagem tradicional sobre a divisão da Antiguidade: Antiguidade Oriental e Antiguidade Clássica ou Ocidental.



ACORDE!



Cultura e Estado no Oriente Próximo (Oriente Médio)



1

O Oriente Próximo, também denominado Oriente Médio, é a região do chamado Crescente Fértil, formado pelos rios Tigre, Eufrates e Nilo.

Foram às margens desses rios que se desenvolveram as **primeiras civilizações** com formações sociais e econômicas mais complexas. A historiografia denomina o sistema de vida que se desenvolveu nessa região de **"modo de produção asiático"**, ou **sociedades hidráulicas ou de regadio**, devido à necessidade de controlar os recursos hídricos e suas tecnologias – com obras de irrigação, diques, barragens e drenagens – para consolidar e expandir a produção agrícola.

Esse contexto gerou Estados centralizados com grande controle sobre a população. Assim, nessa região se desenvolveu um **sistema de servidão coletiva** para o Estado, ou seja, trabalho compulsório nas grandes obras hidráulicas ou estruturais do espaço público.

¹ ARRUDA, José Jobson de A. Atlas Histórico Básico. São Paulo, Editora Ática, p. 06



É importante ressaltar que os Estados eram teocráticos. Estado teocrático é aquele em que não há separação entre as esferas política e religiosa e os líderes políticos eram líderes religiosos. O trabalho compulsório também era considerado uma oferenda aos deuses.

Os povos que se estabeleceram nessa região foram os **egípcios**, ligados ao Nilo, e os **mesopotâmicos**, ligados aos rios Tigre e Eufrates. É verdade que o mesmo ocorreu no extremo oriente da Ásia: os povos da Índia estavam vinculados ao rio Indo e os chineses ligados ao rio Amarelo. No Oriente Próximo, ou Oriente Médio, outras civilizações foram beneficiadas com o poder fertilizante (e econômico) dos rios, como a sociedade pastoril dos hebreus e persas, ou ainda, a mercantil dos fenícios.



A origem dos povos do Oriente Próximo esteve ligada à chamada **Revolução Neolítica ou Revolução Agrícola**. Nesse processo, há uma alteração na relação homem-natureza, de modo que se inverteu a situação de completa dependência que o ser humano tinha com a natureza.

Lembra que o homem era um ser coletor, caçador e pescador e, sempre que os recursos de uma área se esgotavam, ele tinha de ir em busca de outro?

Por isso, ele era nômade. Contudo, por volta de 12.000 e 4.000 anos a.C, iniciou-se um processo de domesticação de animais e de cultivo de plantas. Alguns historiadores afirmam que as mulheres tiveram um papel fundamental, pois tratavam diretamente do cuidado dos alimentos coletados.

Assim, elas realizavam uma seleção artificial das sementes que melhor se adaptavam ao clima das áreas onde o grupo humano se fixava.

Como consequência, o ser humano adquiriu a capacidade de ocupar espaços por um tempo muito maior e, até mesmo, fixar-se à terra. Por isso, falamos do **processo de sedentarização do homem**.

Nesse sentido, os vales férteis dos rios tiveram uma importância fundamental e, conseqüentemente, o controle e organização sobre a irrigação das terras e mesmo das vazantes dos rios estiveram relacionados com a concentração de poder e a formação dos Estados.



É importante compreendermos que os homens não deixaram de ser coletores e pescadores para se tornarem agricultores. Ao contrário, esses meios de sobrevivência se complementaram. A diferença se encontra justamente nas formas como os homens e mulheres daquele tempo passaram a se organizar socialmente.

Assim, falamos da **desintegração coletivista da pré-história** e da **formação de sociedades mais complexas**, com propriedade privada dos meios de trabalho e de sobrevivência – no caso, a terra, os animais e as armas.

É nesse processo que se formam as cidades ou *polis*, os Estados e os Impérios.



Mesopotâmia, a terra entre rios

Mesopotâmia, em grego, significa terra entre Rios. A região é geograficamente uma planície, o clima é árido e com chuvas escassas. Por isso, as áreas próximas aos rios se tornaram muito importantes para os povos da região. Ainda assim, o regime de cheias do rio Tigre e Eufrates não é regular como acontece com o Nilo. Por isso, este lugar foi palco de diversos conflitos entre diferentes povos que habitaram ou invadiram a região. Povos nômades e seminômades, das montanhas e do deserto invadiam terras dos povos sedentários e agricultores que viviam às margens dos rios.

Essa agitada vida político-militar é a singularidade que caracteriza a região e a história dos povos mesopotâmicos e, assim, marca sua diferença em relação ao Egito.

De um modo geral, o controle sobre a irrigação, sobre a produção agrícola, sobre a guerra e sobre a população são questões que estruturam o desenvolvimento dos Estados e dos povos mesopotâmicos. Um dos reflexos dessa estrutura político-econômico-social foi a existência da **escravidão em larga escala**. Os povos derrotados em guerras eram transformados em escravos do Estado vencedor. Estes eram utilizados nas obras hídricas ou na agricultura, entre outras, como monumentos (pirâmides, por exemplo).

Vejamos um pouco da história desses povos e das lutas pela conquista da hegemonia na região:



Baseado nas investigações arqueológicas, a historiografia sugere que os **Sumérios** foram os primeiros povos a desenvolverem as cidades mesopotâmicas, por volta de 3.500 a.C. Dê uma olhada no mapa anterior e você verá Ur e Uruk, duas das principais cidades mesopotâmicas. **Algumas delas tinham um complexo sistema hidráulico que possibilitou a construção de diques, barragens e drenagem de pântanos.** Essas tecnologias geraram certo sucesso econômico e, com isso, crescimento populacional e urbano. Logo, houve a necessidade de proteção militar das cidades. O chefe político era o rei, conhecido como *patesí*.

A ESCRITA

O que teria levado os sumérios a desenvolver a escrita?

Segundo os principais historiadores do período, a escrita está relacionada essencialmente com o fato da organização social e econômica ter se tornado cada vez mais complexa. A memória não era suficiente para dar conta das atividades burocrático-administrativas. Estas eram realizadas pelos sacerdotes, nos TEMPLOS (veja, querido aluno e aluna, que o TEMPLO é uma instituição que abrange múltiplas funções: econômicas, políticas e religiosas, afinal, essas esferas eram imbricadas na realidade da vida das pessoas daquela época). Mas as funções da escrita se expandiram e ganharam relevância para registrar outras atividades, como: ensinamentos religiosos, códigos normativos e civis (como veremos daqui a pouco com o Código de Hamurabi), textos literários e poesias. Ou seja, a escrita vai se tornando um “sistema socialmente reconhecido de registro”².

O desenvolvimento da escrita passou por algumas fases:

- I. Pictórica: Um sinal representa uma coisa ou um ser;
- II. Ideográfica: Um sinal representa uma ideia;
- III. Fonográfica: Um sinal representa um som da fala humana.

Por fim, chama-se escrita cuneiforme porque era impressa em argila ou barro, com um estilete em forma de cunha.



² CHILDE, V. Gordon. A evolução cultural do homem. RJ, 1971.

Futuro cadete, dizem que os **Sumérios** eram os caras mais criativos do rolê. Verdade! Eles “criaram a roda”, a escrita cuneiforme, aqueles canais hidráulicos muito loucos. Com isso, com seus trenós puxados por bois e outros animais, puderam andar mais rápido transportando mais mercadorias, acelerar as comunicações entre cidades diferentes. Você vê que essas coisas estão relacionadas, né! Irrigaram mais, produziram mais, transportaram mais, comunicaram-se mais e, ainda por cima, inventaram a escrita para registrar todas essas coisas. Fala sério, gente. Por isso tudo, dominaram a área por uns mil anos. Muito louco!!!! 😊

Na sequência, por volta de **2300 a.C.**, do deserto da atual Síria, vieram os **Acádios** que, sob a liderança do Rei Sargão, conquistaram as cidades sumerianas, unificaram-nas e fundaram o primeiro Império Mesopotâmico. Apesar de dominarem os sumérios, os acádios incorporaram sua cultura, seu modo de vida e todo seu conhecimento matemático, agrônômico, astronômico, entre outros. Sua hegemonia durou cerca de 400 anos. Foi um período marcado por muitas guerras de expansão territorial e tentativas de invasão por parte de outros povos. O domínio dos acádios foi, finalmente, superado pelos **amoritas** por volta de **2.100 a.C.**

Os **amoritas**, vindos do deserto da Arábia, estabeleceram-se na cidade da Babilônia e, por isso, também são conhecidos como babilônicos. Dominaram toda a região, do Golfo Pérsico até o norte da Mesopotâmia. Sob a liderança do lendário Rei Hamurabi, fundaram o **1º Império Babilônico**. Veja o mapa abaixo:

O Império Babilônico, comandado por Hamurabi (1763 a.C), é reconhecido como aquele que desenvolveu mudanças nos aspectos sociais e políticos e impôs o deus babilônico Marduk a todos os povos da região. Criou uma administração centralizada e uma estratificação social hierarquizada.



O CÓDIGO DE HAMURABI

Um dos primeiros “códigos jurídicos” escritos de que temos conhecimento é o Código de Hamurabi. Ele está inscrito em um monólito. São 281 artigos escritos em cuneiforme (a escrita desenvolvida pelos sumérios, lembram?) que tratam sobre diversas áreas da vida social: trabalho, família, comércio, propriedade. Ele é muito conhecido pelo seu sistema de penalidades baseado no princípio da retaliação, ou em latim *lex talionis*. Você já deve ter ouvido falar em “olho por olho e dente por dente”, não ouviu? É isso!



Contudo, este “princípio de igualdade”, ou da proporcionalidade entre crime e pena dependia do grupo social ao qual o suposto criminoso cometeu o crime. Por exemplo, o artigo 200 diz: “Se um homem livre arrancou um dente de um outro homem livre igual a ele, arrancarão seu dente.” Agora compare com o que diz o artigo 201: “Se ele arrancou um dente de um homem vulgar, pagará 500g de prata”. Outro exemplo, art. 230: “Se um pedreiro causou a morte do filho do dono da casa, matarão o filho deste pedreiro”. Mas, segundo art. 231, “Se causou a morte do escravo ele dará ao dono da casa um escravo equivalente”. Conseguem perceber que a pena é semelhante ao delito cometido, embora pudesse variar conforme a posição social e econômica da vítima?

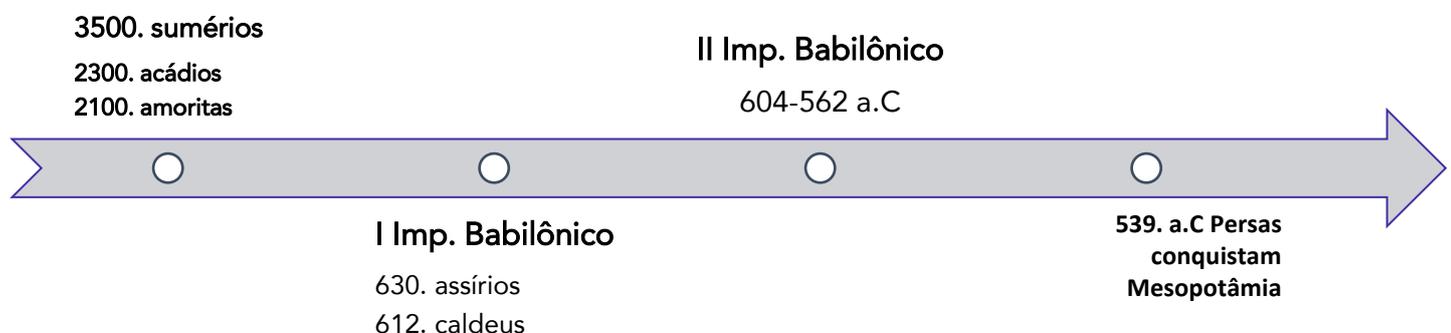
O **Império Babilônico** sofreu uma série de invasões até que a região foi dominada pelos **assírios**, por volta de 630 a.C. Eram conhecidos pelo seu forte caráter militar e pelo tratamento cruel e violento que tinham com seus prisioneiros. Este povo é originário da região situada entre a Ásia e a Europa e, na Mesopotâmia, fixou-se no Alto do Tigre, ao Norte. De lá os assírios **organizaram o primeiro exército permanente** de que temos notícia e alcançaram seu maior esplendor.

O principal governo assírio foi o de Sargão II. Próximo a **612 a. C**, foram derrotados por uma aliança militar entre os **caldeus** – povos do Sul da Mesopotâmia – e os **medos** (calma gente, não é medo de medinho, é medo de “Terras Médias”, onde hoje é o Irã). Com essa força, os caldeus conquistaram toda a Mesopotâmia, inclusive, a Babilônia. Por isso, ficaram conhecidos como **neobabilônicos**. Seu grande líder foi o grande Nabucodonosor (604-562 a.C.), responsável por grandes obras urbanas, templos, jardins (o famoso e místico Jardins Suspensos) e rigor administrativo.

Mesmo assim, os caldeus não resistiram à expansão de um outro grandioso Imperador: **Ciro I**, rei da Pérsia!!! **Em 539 a.C a Mesopotâmia foi conquistada pelos persas.**

Em decorrência, inicia-se um longuíssimo período de dominação do Oriente Próximo: primeiro os persas; depois Alexandre, o Grande; e, por fim, os Romanos.

Não fique perdido:



Egito Antigo

O Egito, assim como a Mesopotâmia, desenvolveu-se como uma sociedade hidráulica. A estrutura política, econômica, social e religiosa dessa região esteve ligada à dinâmica do próprio Rio Nilo – suas cheias e vazantes. Contudo, diferentemente da Mesopotâmia, o Egito se beneficiou de um certo isolamento geográfico que lhe proporcionou maior estabilidade política e prolongados períodos de paz. Isso se refletiu na inexistência de uma grande casta de guerreiros. Também não havia grandes comerciantes, embora tenha existido comércio com outros povos. **Nesse sentido, foi a religiosidade o aspecto que ocupou grande parte dos interesses dos grupos sociais e dos assuntos públicos.**

Você já deve ter ouvido dizer que o Egito era uma dádiva do Nilo, não ouviu? Essa frase é atribuída ao historiador grego Heródoto que visitou o Egito no século V a.C. Ele teria observado como era fértil a terra nas margens do Nilo e como isso possibilitou a formação de uma próspera sociedade.

Heródoto estava certo ou errado, Aluna e Aluno?

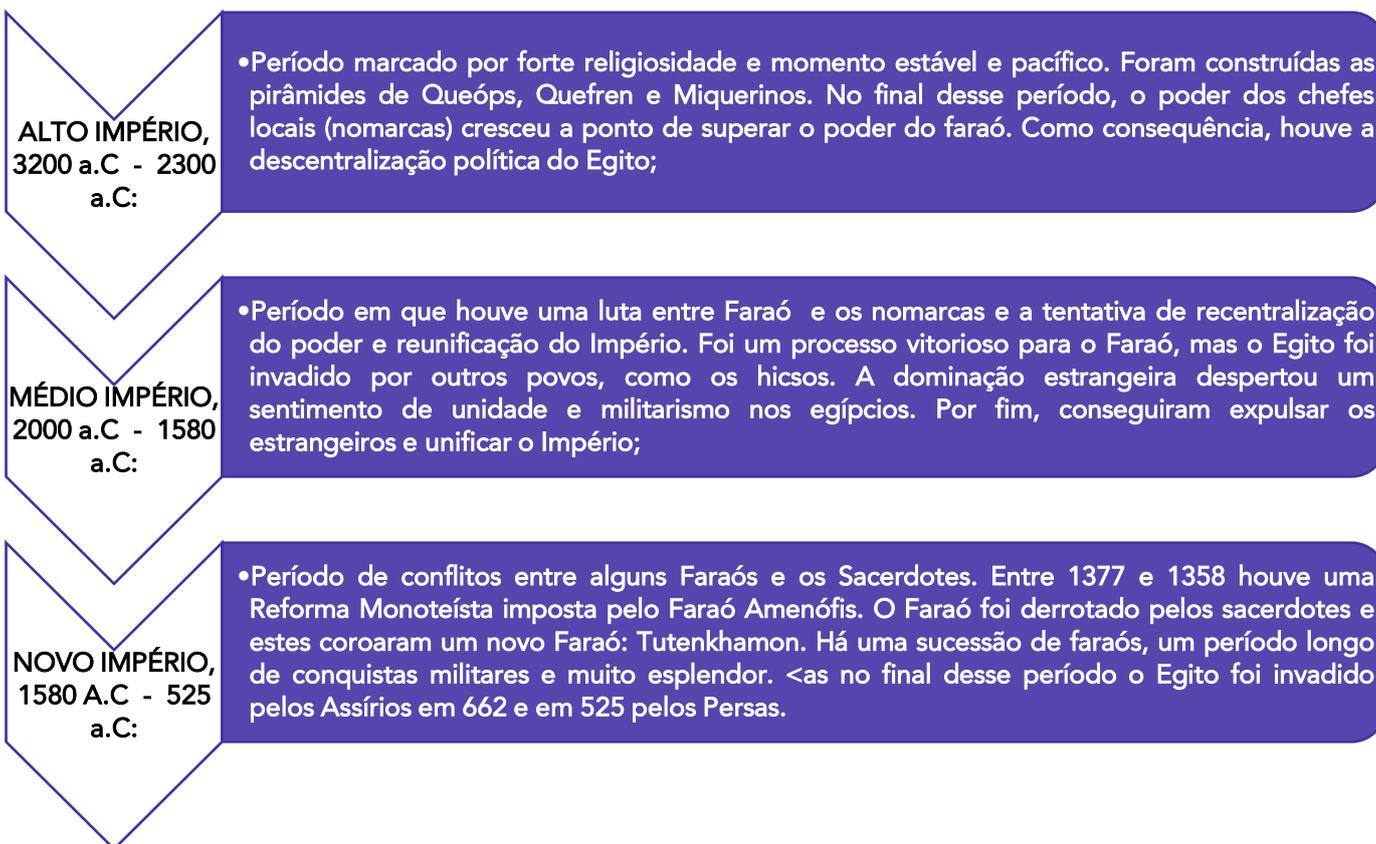
- Aí, Profe, ele deve estar certo. Imagina o Egito sem o Nilo? Seria um deserto, né?

Verdade, aluna e aluno!!! No entanto, imagina o Egito com o Nilo e sem o povo. Que prosperidade ocorreria??? O que quero dizer para você é que foi necessário muito **trabalho, conhecimento e organização** para que a sociedade egípcia não ficasse submetida aos fatores naturais do meio ambiente. Assim, criaram canais de irrigação, barragens e diques, pois as inundações do Nilo poderiam ter um potencial destrutivo, ou ainda, não serem suficientes para irrigar e fertilizar as terras de sua margem, caso fossem muito pequenas.

Por isso, o **desenvolvimento do Egito**, tão bem observado por Heródoto, **é fruto da interação do ambiente natural com o trabalho criativo humano.** Sacou?

Em relação a organização política, por volta de **5000 a.C.**, havia o chamado Baixo Egito, perto do Mediterrâneo, e o chamado Alto Egito, situado ao Sul do Nilo. Os povos praticavam a agricultura e viviam em aldeias chamadas **nomos**. Então, aproximadamente pelo **ano 3200 a. C.** os governantes do Alto Egito conquistaram o Baixo Egito e unificaram os dois reinos sob um único governo: **o Império dos Faraós**. O primeiro Faraó, só para constar, foi Menés. Aliás, **faraó, significa grande casa** – ou palácio. Os egiptólogos costumam dividir a história do Egito em 3 fases. Tome nota:

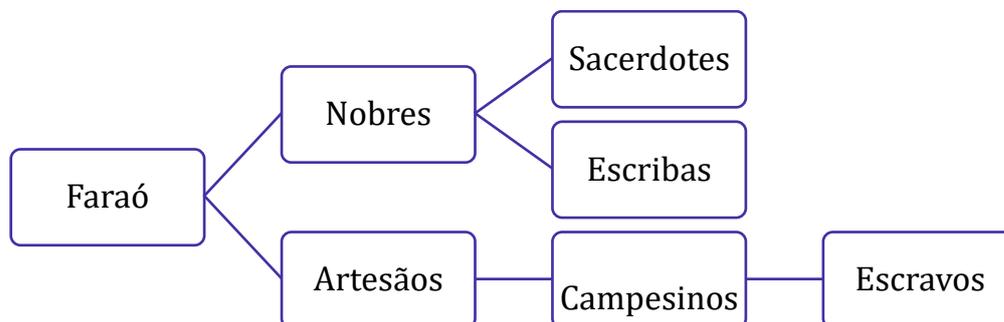




*mais tarde o Egito foi invadido pelos gregos, macedônios, romanos e muçulmanos.

Estratificação Social, Política e Econômica

A sociedade egípcia era **rigidamente estratificada** – ou seja, **não havia mobilidade social**. Algumas posições sociais mais privilegiadas eram hereditárias, como reis e sacerdotes. Vejamos como se caracterizava cada estrato social. Repare que, em geral, cada estrato estava relacionado com uma atividade econômica ou política:



- I- **Faraó:** Rei Supremo, responsável pela proteção e prosperidade do povo. Ele tinha autoridade religiosa, administrativa, militar e judicial. Havia a crença na condição divina de sua pessoa. Era o maior proprietário de terras do Império. Era auxiliado pela Elite Dirigente.
- II- **Elite Dirigente:**



- Nobres: cargos hereditários de administradores das províncias e de comando militar
 - Sacerdotes: eram os senhores da cultura egípcia. Ligados às cerimônias religiosas e à administração dos bens dos templos
 - Escribas: dominavam a técnica da escrita, por isso tinham prestígio e poder. Na prática, exerciam a função de fiscais de tributos e obras.
- III- **Artesãos:** se subdividiam em qualificados e com pouca qualificação. Os primeiros produziam os artigos de luxo e poderiam trabalhar nos templos e palácios. Os de pouca qualificação, em geral, trabalhavam em oficinas rurais.
- IV- **Camponeses:** a maioria da população era campesina. Viviam em aldeias e deveriam, obrigatoriamente, entregar parte da colheita, do rebanho ou da pesca como tributo aos moradores dos palácios, ou seja, aos membros do grupo da elite dirigente. Na época de cheia do rio Nilo, os camponeses eram obrigados a trabalharem nas grandes obras de irrigação ou na construção dos monumentos, como as pirâmides. A esse trabalho compulsório, os historiadores atribuem o nome de **servidão coletiva. Perceba que era uma servidão temporária e para o Estado.**
- V- **Escravos:** diferentemente da Mesopotâmia, não existia escravidão por dívida. Esse grupo foi numericamente pequeno e realizavam as mais diferentes funções, a depender de suas qualificações. Eram prisioneiros de guerra. Não poderiam ser vendidos, pois não eram considerados mercadoria. Além disso, tinham alguns direitos como testemunha em tribunais, casar-se com pessoas livres. Por isso, alguns egiptólogos questionam a categoria escravidão para esse grupo.

Religião Cultura e Ciência

Como falamos antes, no Antigo Egito, a religião ocupava um lugar fundamental na vida social e dela decorreu desenvolvimento em diferentes áreas do conhecimento humano. **A religião era politeísta (crença em muitos deuses) e havia a crença na vida após a morte.** Acreditava-se que a alma se consubstanciaria no mesmo corpo e, por isso, desenvolveu-se a **técnica de mumificação.** Além disso, nos túmulos eram depositados vários objetos, pois a crença era de que a alma retornaria ao corpo e isso não poderia ocorrer sem os bens materiais. Para tanto, os egípcios precisaram desenvolver estudos na área da química, da anatomia e medicina.

Os Faraós, por exemplo, por estarem no topo da pirâmide social, tinham seus corpos e seus pertences guardados nas pirâmides. Pirâmides de verdade!!!! Por isso, desenvolveram-se **técnicas de arquitetura e engenharia** que foram capazes de mantê-las inteirinhas até hoje!!

Outro desdobramento da importância da religião era o **controle social** exercido por meio dela. Lembrem-se de que os Sacerdotes compunham o grupo da elite dirigente, por isso, tinham privilégios? O Faraó era a personificação dos deuses e isso justificava os tributos que os camponeses deveriam entregar ao Estado, bem como o trabalho servil que deveriam realizar durante as cheias.



A arte se desenvolveu relacionada a representação religiosa de deuses, dos sacerdotes, dos faraós. A própria escrita também estava no campo das artes, uma vez que os escribas tinham a função específica de desenvolvê-la. Evidentemente, com o passar do tempo e com as especializações das atividades, a escrita se modificou e, em algumas situações tornou-se menos ornamentada para atender objetivos ligados à economia e atividades administrativas.

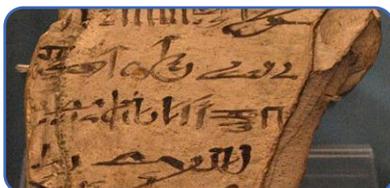
Veja as três formas de escrita:



HIEROGLÍFICA:

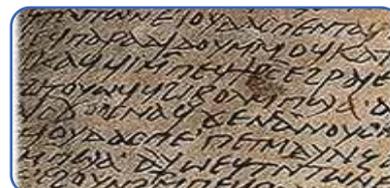
complexo sistema de escrita pictográfica, ideográfica e fonética. Considerada sagrada.

Possui + de 600 caracteres.



HIERÁTICA:

simplificação da escrita hieroglífica



DEMÓTICA:

Mais recente e popular. Utilizada para contabilidade. Possui cerca de 350 sinais.



As provas adoram inserir imagens de todo tipo, textos históricos, discursos, como parte das questões. Toda vez que você se deparar com questões dessas, repare nas datas e demais informações nas descrições, pois são informações valiosíssimas para ajudar a resolvê-las. Leva essa dica com você! 😊

Hebreus, Persas e Fenícios

Outro assunto que você precisa dominar para não ser surpreendido na prova é a história dos povos hebreus, persas e fenícios. Estes povos **não** desenvolveram as chamadas “sociedades hidráulicas”, mas mantêm relação direta entre seu desenvolvimento e o dos povos do Crescente Fértil, por isso, às vezes aparece algo sobre eles nas provas. Ninguém precisa ser um *expert* no assunto, uma boa noção geral é suficiente para resolver qualquer questão. Vejamos:



Hebreus

A **história dos hebreus** mescla informações e registros históricos propriamente dito e textos religiosos, que não deixam de ser históricos. Sobre as informações religiosas, basta lembrar do Antigo Testamento Bíblico – texto que, além de religioso, possui denso conteúdo historiográfico.

A civilização hebraica se desenvolveu **por volta de 2000 a.C.**, na região conhecida como Palestina, juntamente com outros povos, como os cananeus, filisteus e assírios. **Aqui também tem importância um rio, o Jordão, de modo que as terras em torno dele faziam parte da região do Crescente Fértil.** Assim como vimos nas demais áreas do Crescente Fértil, as terras eram motivo de disputas e batalhas. Mesmo assim, **a historiografia classifica os hebreus de povos de pastoreio.**

Voltando aos registros bíblicos, Abraão foi o primeiro líder hebreu. O filho de Abraão, Isaque, teve outros dois, Isaac e Jacó, os quais formavam a liderança denominada de **“os patriarcas”**. Essas lideranças pregaram uma nova religião, monoteísta, a qual teria a função de unificar o povo hebreu. Isso porque, segundo documentos religiosos, Deus teria escolhido Abraão, e sua esposa Sara, para o projeto de união dos povos, e teria orientado Abraão para abandonar suas terras na região de Harã e partir em direção às terras que ele – Deus -indicaria, em Canaã (referente aos primeiros habitantes, os cananeus), região da Palestina.

As terras da Palestina, onde se encontrava Canaã, já eram habitadas por outros povos – os cananeus e filisteus – antes da chegada dos israelitas. **Por isso, houve muitas batalhas em torno das terras, principalmente as férteis. As constantes guerras teriam motivado muitos hebreus a se deslocarem na direção do Egito.**

No Egito, em um momento em que os israelitas formavam quase metade da população, eles foram submetidos ao trabalho forçado. Oprimidos e escravizados, os hebreus, sob a liderança de Moisés, iniciaram o **Êxodo, isto é, a fuga do Egito para Canaã.**

Novamente, novas guerras com os filisteus. Para enfrentá-los, as 12 tribos israelitas nomearam os **Juízes**, como Gideão, Sansão e Samuel. Esses chefes eram lideranças políticas, militares e religiosas. Após muitos confrontos, **em 1010 a. C.**, Saul foi proclamado o primeiro **Rei** de todos os hebreus. Mas, foi o Rei David, sucessor de Saul, quem derrotou os filisteus e decretou Jerusalém como a capital do Estado Hebraico.

Na sequência dos reis hebreus, um de grande destaque foi o Rei Salomão, que assumiu o trono em **966 a. C.** Com Salomão, o comércio prosperou e o Estado israelense se fortificou. Entretanto, os pesados impostos estabelecidos por Salomão e a disputa pela sucessão do trono provocaram uma divergência entre os hebreus e houve o fim da união das tribos hebraicas, o **Cisma Hebraica**. O Cisma enfraqueceu os hebreus e os tornou vulneráveis a outros povos expansionistas. O próprio território foi dividido, sendo que as duas grandes regiões foram o Reino de Judá (com capital em Jerusalém) e Israel (com capital em Samaria), mais ao norte. Assim, **em 721 a. C., Israel foi conquistado pelos assírios e em 586 a. C.** o Reino de Judá foi conquistado por Nabucodonosor.



Já no século I d. C., o domínio grego-macedônio, seguido do domínio romano, impôs uma condição de opressão e submissão aos hebreus. Com isso, ocorreu a **Diáspora Hebraica**. Os hebreus se espalharam em diversas regiões.



Após todos esses conflitos em torno da terra das regiões férteis, também movidos por convicções religiosas e políticas, os israelenses somente constituíram um Estado na região da Palestina em 1948, por determinação da Organização das Nações Unidas (ONU).

Embora esse período da história antiga do povo hebreu esteja marcado por guerras e conflitos, é importante destacar – brevemente – aspectos conclusivos.

Do ponto de vista político, a organização do governo estava estruturada, progressivamente, primeiro nos Patriarcas, depois nos Juízes e, por fim, nos Reis. A religião e a cultura hebraica foram importantes para construir a unidade e identidade do povo (unidade das 12 tribos), sendo elemento importante para a identidade nacional.

Sobre a economia, em um primeiro momento, antes dos Reis hebreus, predominava o pastoreio e a agricultura (cereais, oliva, figo e uva) para, no apogeu do reinado de Salomão, atingir o desenvolvimento do comércio via rotas terrestres.

Além disso, a **religião monoteísta hebraica foi base para as religiões seguintes do Cristianismo e do Islamismo**.

Fenícios

Com relação aos **fenícios, guarde essas informações importantes**: diferentemente dos hebreus, eles eram **adeptos ao politeísmo** (culto a vários deuses). Culturalmente, também foram os **criadores do alfabeto fonético de 22 letras**, a matriz do nosso alfabeto. Posteriormente, os gregos e romanos aprimoraram esse alfabeto.

Há 3000 a. C. a Fenícia ficava na área que hoje é conhecida como Líbano, isto é, acima e ao norte da Palestina. Os fenícios se destacaram pela atividade de navegação e comércio, via marítima. Veja na representação gráfica abaixo o ponto de partida dos navios dos fenícios e as rotas comerciais.



Do ponto de vista político, esse povo vivia em **idades-estados autônomas** (bolinhas no mapa acima), sem uma unidade plena do povo. Nessas cidades, os comerciantes centralizavam o poder político em suas mãos e exerciam domínio sobre a maior parcela da população, os trabalhadores livres e os escravos. Assim, o **sistema de governo era conhecido como Talassocracia**.

Em relação à ciência, os fenícios deram contribuições significativas na astronomia e na matemática, pois o culto aos deuses ligados aos astros (Baal, deus Sol, e Astartéia, deusa Lua) levou-os a desenvolver formas de cálculos. Memorize, a partir da observação do mapa, a localização da cidade de Cartago, pois, voltaremos a falar dela quando estudarmos Roma.

Persas

Os **persas, cerca de 2000 anos a. C.**, chegaram à **região conhecida hoje como Irã**. Ali estabelecidos, desenvolveram atividades primárias da agricultura, como pastoreio e plantio de cereais e frutas.

Possuíam uma **religião dualista**, um deus do bem e outro do mal, conhecida como masdeísmo. A religião persa foi aprimorada com a confecção do livro sagrado, o Zend-Avesta, e passou a ser conhecida como zoroastrismo. Os ensinamentos do masdeísmo foram compilados pelo profeta Zoroastro (ou Zaratustra) que viveu por volta de 628 a.C. e 551 a.C, por isso, o nome da religião - **zoroastrismo**.

Segundo escritos religiosos, Zoroastro teria compilado a religião a partir da fusão das crenças populares das diversas localidades do Império Persa. Essa ligação entre as diversas religiões à essência dualista do masdeísmo foi uma forma de garantir a unidade dos povos.

Mais adiante na linha histórica, entre VI e V a. C., e já como Império liderado por Ciro – o unificador dos povos do planalto do Irã –, a característica expansionista desse povo levou-o a conquistar outras terras. **Sob Ciro, o Império Persa se estendeu até a Mesopotâmia** (lembre-se, entre os rios Tigres e Eufrates) e até a Palestina. **Sob o comando de Cambises, em 525 a. C., os persas conquistaram o Egito**.

O governo persa era do tipo **Teocrático** e o Império possuía uma administração altamente eficiente. Uma das formas de organização territorial desenvolvidas pelos persas foram as províncias, denominadas de **satrapias**. Nas satrapias atuavam os fiscais do rei. Para agilizar a execução de ordens e otimizar a administração do Império Persa foram construídas diversas estradas entre as províncias para ligar as principais cidades, como Susa, Persépolis e Babilônia. Não por menos, Dário I, além de criar uma moeda, o dário, também instituiu uma espécie de sistema de correios. Economicamente, destacava-se o comércio de sedas, tapetes e joias.

A saga expansionista dos persas, sob o comando de Dário I, sofreu revés nas conhecidas **Guerras Médicas** (como veremos na parte sobre o mundo grego). Dário I tentou conquistar a Grécia, mas



o poderoso exército Persa foi derrotado. Em uma segunda tentativa, sob o comando de Xerxes (todo mundo assistiu ao filme *300*, não?), filho de Dário I, também foi derrotado por Atenas. As derrotas expansionistas e as rebeliões internas nas colônias enfraqueceram o Império Persa até que o declínio completo chegou com a derrota dos persas para o macedônio Alexandre - o Grande. **Em 331 a. C., Alexandre derrotou Dario III** na batalha de Arbelas.

Posteriormente, os persas foram conquistados pelos romanos e, no século VII d. C, os árabes conquistam as terras da região do Irã e fundiram a religião islâmica com a cultura persa.



MUNDO GREGO

O estudo do mundo grego é ENORME. Como temos um objetivo - sua aprovação! - vamos FOCAR nos assuntos com maior potencial de cobrança. Combinado? A primeira coisa para estudar Grécia é localizá-la no espaço.



Introdução

O estudo do mundo grego é um assunto ENORME. Como temos alguns meses e 1 objetivo - sua aprovação! - vamos FOCAR nos assuntos com maior potencial de cobrança. Combinado?

A primeira coisa para estudar Grécia é localizá-la no espaço. Olhe o mapa acima e faça as anotações que pedi ao lado. É importante você memorizar esse espaço geográfico. PELOPONESO, inclusive é uma região que falaremos em diferentes momentos da história, até o final do nosso curso. MAR EGEU e MAR MEDITERRÂNEO. Alguns falavam que esses mares eram os lagos gregos. Verdade!

Além disso, o relevo dessa região é acidentado e montanhoso, tem um litoral recortado, muitas ilhas e, portanto, não muito favorável à pecuária e agricultura extensiva. Assim, vemos que a formação e desenvolvimento da Grécia esteve relacionado por um lado com as dificuldades para produção agrícola e por outro com as potencialidades desses mares. Portanto, assim como foi com a Mesopotâmia e o Egito, com a Grécia – e mesmo com Roma – os aspectos geográficos foram determinantes para os homens e mulheres daquele tempo. Dessa forma, os povos gregos



desenvolveram a navegação e o comércio marítimo. Esse é o motivo e o sentido da expansão do mundo grego! Perry Anderson, historiador inglês e estudioso do tema, nos ensina em seu livro *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*:

A água era o meio insubstituível da comunicação e do comércio que tornava possível o crescimento urbano de uma sofisticação e uma concentração bem distantes do interior rural que havia por trás. O mar era o condutor do brilho da Antiguidade. (ANDERSON, P. 1974, p. 21)

Além disso, estudar Grécia, significa compreender a formação das chamadas cidades-estados, ou **polis**. Então, falamos do mundo urbano, propriamente dito. Contudo, não é um urbano que se sustenta política e economicamente, como hoje em dia. Havia uma cidade pública, política, do bem-comum. Os estudiosos relacionam a polis às experiências com a democracia e cidadania. A Ágora e a Acrópole são arquiteturas que representam o fundamento da *res-pública*, república.

Agora que você se apropriou de uma visão panorâmica da Grécia, vamos dar um zoom em alguns aspectos. Preparados?

Periodização histórica I: Pré-homérico, Homérico e Arcaico

Os historiadores convencionaram dividir a história grega em 5 fases as quais veremos ao longo desse capítulo. Por enquanto, tome nota:

I – Pré-Homérico ou Creto-Micênico (1650-1150 a.C.);

II- Homérico (1150-800 a.C.);

III- Arcaico (800-500 a.C.);

IV- Clássico (500 a 338 a.C.);

V- Helenístico (338-146 a.C.).

Formação da Polis

O **período creto-micênico** é o momento originário do mundo grego. Os cretenses viviam na Ilha de Creta e por serem navegadores entraram em contato com aqueus, no litoral sul do Peloponeso (PÁRA, VAI NO MAPA E OLHA DE NOVO SE VC NÃO CONSEGUIU MEMORIZAR ESSAS INFORMAÇÕES, OK 😊). Então, formaram a civilização creto-micênica. Durante muito tempo foram uma grande civilização, inclusive, como ponto de fusão do Crescente Fértil (lembra?).

No entanto, a partir de 2000 a.C., outros povos foram chegando nessa região - como os eólios, os jônios (que se estabeleceram onde é Atenas) e os dórios (que formaram Esparta). A inúmeras



invasões foram desintegrando a sociedade creto-micênica. Com a chegada dos dórios, povos com características mais belicistas (espartanos), houve uma dispersão dos povos originários para outras ilhas e regiões do mar Egeu. A esse processo chamamos de **Primeira Diáspora Grega**.

O período **Homérico** que se seguiu foi de retrocesso em relação à complexidade da organização da sociedade. O próprio uso da escrita desapareceu. Os povos se organizaram por famílias ampliadas conhecidas como **genos** ou **comunidade gentílica**. A vida se organizava por **laços de cooperação**, a propriedade da terra e a produção eram coletivas e a divisão de tarefas era baseada na idade e no sexo.

Entendeu isso? Agora coloca numa escala temporal de pouco mais de 300 anos. Imagina a roda da história girando. Isso mesmo!! O que vai dar?

- ✓ Haverá aumento populacional porque as famílias vão crescer muito, alguns vão acabar ocupando posições mais importantes - de liderança, fiscalização, controle.
- ✓ Haverá escassez de terras boas e férteis para todo mundo...

Os historiadores conseguiram descobrir que os mais poderosos receberam o nome de *aristoi* – *os melhores* – e as pessoas comuns eram os *kakoi*. Vocês percebem que aquela velha organização social baseada na família não servirá mais para dar conta de novas necessidades e outras expectativas?

Assim, **ocorreu uma desagregação da vida coletivista das *genos*** e passou-se a uma disputa por terras e status sociais. O chefe máximo, geralmente o mais velho, o pai de todos na árvore genealógica, era o ***pater famílias***. Ele dividiu as melhores e maiores terras com as pessoas mais próximas dele. Estes ficaram conhecidos como ***eupátridas***. Mas, alguns parentes distantes receberam pequenas propriedades. Estes pequenos proprietários receberam o nome de ***georgoi***. Os que ficaram a ver navios foram os ***thetas***, pois foram excluídos da partilha. Especialmente esses foram em busca de outras áreas, por isso, falamos em uma **Segunda Diáspora Grega**. Essa nova realidade social dá origem à formação da **polis**, palavra grega para designar cidade. Nesse momento, começa o **período Arcaico**.



As palavras **eupátridas**, **georgoi**, **thetas** representam as novas classes sociais na polis. Percebam que elas estão relacionadas com a propriedade da terra. Mas, também há os escravos e estrangeiros. 😊

O período Arcaico, que se estende de 800 a 500 a.C., é conhecido por ter sido o momento da **formação e consolidação da polis**. Agora querido aluno e aluno, pega um café e presta muita atenção porque chegamos no coração do mundo antigo!

Além disso, quero que tatue na mente as funções da cidade estado grega, pois depois faremos a comparação com a cidade medieval, combinado?

A polis é o centro da vida social e política do mundo grego. Existiam várias polis, ou cidades-estados, por isso, a Grécia não constituiu um Estado centralizado como o Egito ou a Mesopotâmia. **Então não falamos em “estado grego”, mas em cidades-estados gregas**. Todas elas eram autônomas, independentes, com características econômicas e sociais específicas, seu próprio governo, leis, calendários, moedas. Tebas, Corinto, Messênia, Mileto, Rodes, Erétria, Mégara são algumas das centenas de cidades-estados gregas. Agora, com certeza, você vai lembrar das mais famosas: **ESPARTA E ATENAS**.

Essas duas cidades-estados são dois “tipos-ideais” (modelos) usadas como “estudo de caso” para tentarmos compreender o mundo grego. Além disso, elas tiveram importância porque exerceram certa liderança entre as demais cidades-estados, especialmente, no período clássico (500 a 338 a.C.).

Na polis, existia a **distinção entre o espaço urbano e o espaço rural**. O rural não quer dizer onde se planta, mas aquele espaço que está fora do centro das relações públicas e políticas que ocorrem no urbano – na Ágora. Assim, o rural é o espaço da propriedade privada, da atividade artesanal, da atividade mercantil, da construção dos instrumentos de navegação e de outras produções, enfim, dos interesses econômicos e privados. É o rural que alimenta a cidade, cercados por água. É a economia que possibilita o esplendor econômico da cidade-estado e até mesmo o tempo da atividade política no espaço urbano. Há, portanto, uma relação entre campo-cidade-mar ou, como diria professor Anderson:

A combinação específica de cidade e campo que definia o mundo clássico, em última instância, só era operacional porque havia um lago no seu centro...A excepcional posição da Antiguidade clássica entro da História universal não pode ser isolada deste privilégio físico.

Os modelos espartano e ateniense

Esparta:

Esparta era uma cidade localizada na Península do Peloponeso, cercada de montanhas e com solo apropriado para o cultivo de uvas e oliveira (vinho e azeite). O povo que deu origem a esta cidade-estado foram os dórios – de tradição militarista. Essa foi sua principal característica.

De fato, ela nunca teve a cidade e, portanto, a política como espaço/atividade mais importantes do seu desenvolvimento. O rural teve maior importância. Por isso, o governo que se desenvolveu



foi uma **oligarquia de proprietários de terra** com forma de **DIARQUIA** – dois reis. Apesar disso, havia uma “estrutura parlamentarista” formada por 3 órgãos:

ÁPELA: assembleia formada por cidadãos espartanos maiores de 30 anos. Elegiam os membros da GERUSIA e da ÉFORA;

GERÚSIA: conselho de anciãos, formada pelos 2 reis mais 28 esparciatas com mais de 60 anos. Os cargos eram vitalícios;

ÉFOROS: conselho executivo, formado por 5 membros com cargo de 1 ano.

Os proprietários de terras eram conhecidos como **esparciatas**. Cuidado com essa noção de propriedade!!! Não se tratava de propriedade individual, mas familiar. Além disso, era inalienável. Os esparciatas tinham a obrigação de permanecer à disposição do exército e das funções públicas. Mas, não poderiam exercer o comércio. Nas suas terras quem trabalhava eram os **hilotas**. Estes viviam presos à terra.

Por isso, eram: responde aí, Galera!!!_____

Servos, profe!!!

Isso mesmo querido e querida! Não eram escravos porque não eram considerados mercadorias, nem se tornavam escravos por dívidas. Como servos, eram desprezados socialmente e viviam fazendo revoltas. Apesar disso, também existiam homens livre e não proprietários, eram os **periecos**. Muitas vezes eram nascidos em Esparta de pais estrangeiros. Não eram cidadãos porque não tinham direitos políticos, contudo, poderiam realizar o comércio e o artesanato. E, claro, pagavam tributos ao governo espartano!



Essa estrutura social apresentada acima demonstra que a sociedade espartana era fechada, ou seja, rigidamente hierarquizada e sem possibilidade de mobilidade social.



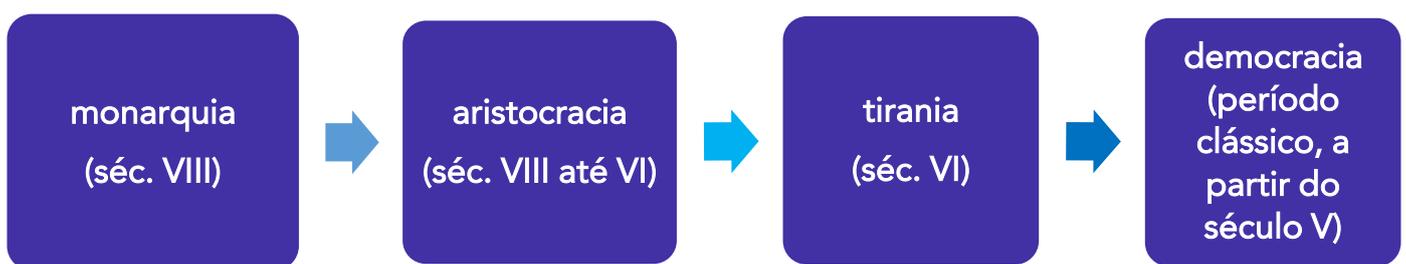
Educação Espartana

A educação espartana era estatal, dividida por sexo e preparava homens para as funções militares e públicas. Os princípios eram: preparação física e obediência. Os meninos a partir dos 7 anos eram separados de suas famílias e colocados sob a responsabilidade do Estado para receber a formação militar. Aos 18 anos tornavam-se hoplitas – soldados de infantaria que já andavam armados de lança, escudo e armadura. Entre os 18 e 30 anos, ele deveria se dedicar exclusivamente às atividades militares. Chegado seu 30º aniversário poderia se casar e, finalmente, dedicar-se às atividades políticas – que eram indissociáveis das atividades militares. Ao tornar-se idoso aos 60 anos estava dispensado das obrigações militares e poderia compor a Gerúsia. Fique atento a essa relação entre Estado e Exército. Na verdade, as duas instituições compõem um único órgão diretivo da sociedade espartana. Já às mulheres cabia apenas a educação física, também de responsabilidade estatal, para fortalecimento do corpo e demais necessidades do meio social, como garantir o nascimento de crianças saudáveis e robustas.

Atenas:

Atenas foi fundada pelos jônios na Planície da Ática (olha lá no mapinha do começo do ponto 3.5.). O solo dessa região era pouco fértil e essa condição acabou por estimular os atenienses nas atividades marítimo-mercantil. Tornaram-se excelentes marinheiros e, em alguns momentos, dominaram o comércio pelo Mediterrâneo.

Diferentemente de Esparta, em Atenas, o centro da vida social é o urbano, a **Acrópole**. Contudo, nem sempre foi assim. A história de Atenas é mais complexa e diversificada – e tem mais coisas para estudar. Geralmente, adotamos a perspectiva política para explicar a evolução no seguinte sentido:



Esse enfoque é em razão da contribuição dos pensadores, como Aristóteles. Vamos ver um pouquinho de cada período:

Até meados do século VIII a.C. Atenas era governada por um rei, por isso, era uma **Monarquia**. Essa forma de governo ainda guardava relação com o *pater-famílias*, pois este concentrava as funções de sacerdote, juiz e chefe militar. Com o passar dos tempos, o poder foi se desconcentrando e sendo transferido para os maiores proprietários de terras: **os eupátridas** (lembram?). Assim, chegamos ao Governo da **Aristocracia**.



Os poderes que antes ficavam nas mãos do rei passaram a ser exercidos por meio de um órgão chamado **Arcondato**. Os mandatos eram anuais e fiscalizados por um outro órgão conhecido como **Areópago**. Como esses órgãos só poderiam ser ocupados por eupátridas, podemos afirmar que eles constituíam o grupo social privilegiado, já que detinham o poder econômico e político. Além disso, esse privilégio se refletia em outras áreas. Por exemplo, os eupátridas emprestavam dinheiro aos pequenos proprietários rurais que, em caso de não pagamento das dívidas, viravam escravo dos eupátridas.

Contudo, como falamos acima, as atividades econômicas em Atenas eram dinâmicas, com forte presença do comércio marítimo. Pensa comigo: este tipo de economia estimulava uma “cadeia produtiva” diversificada. Era preciso fazer barcos, construir portos, contratar carregadores, contabilizar as exportações, entre outros. **Assim, em terras atenienses, a estratificação social tornou-se mais complexa que em Esparta.** Muitos comerciantes, marinheiros, trabalhadores livres se enriqueceram. Entre estes, surgiu um forte grupo de comerciantes que tinham negócios em todo Mar Mediterrâneo. Eram conhecidos como **demiurgos**.

Diante dos abusos e da concentração de poder e privilégios da aristocracia, começou uma série de revoltas. As exigências eram por reformas políticas e sociais: **fim da escravidão por dívida e participação política no governo da cidade.**

Essa instabilidade gerou riscos para o sistema aristocrático. Nesse contexto de tensão social, alguns legisladores (arcontes) propuseram reformas a fim de amenizar o quadro político crítico. **São as conhecidas Reformas de Dracon, Sólon e Clístenes**

- **Dracon (621 a.C)** sugeriu a instituição de **leis escritas** para garantir igualdade nos procedimentos judiciais e na organização da sociedade a fim de minimizar os abusos cometidos pelos aristocratas que eram os únicos que conheciam as leis e que, por serem orais e baseadas em costumes, poderiam sofrer diferentes interpretações e usos a depender dos interesses envolvidos nos conflitos entre as partes.
- No mesmo contexto, o arconte **Sólon (594 a.C)** propôs uma Reforma Política mais ampla. Vamos sistematizar:





I- **Acabou com a escravidão por dívida.** Isso atendeu às exigências dos pequenos proprietários que ganharam liberdade;



II- **Dividiu a sociedade por renda, ou, de forma censitária.** Essa medida possibilitou a ascensão dos ricos comerciantes – os demiurgos;



III- **Criou novos órgãos de poder:** a BULÉ – 400 membros com função legislativa e administrativa; a ECLÉSIA: assembleia popular formada aberta a TODOS os cidadãos atenienses com função de sancionar ou vetar uma lei.

Como era de se esperar, essas reformas contrariaram os interesses de alguns eupátridas que não queriam mudanças no *status quo* (ordem vigente) e, por isso, resistiram a aprovar e implementar as mudanças propostas. **Portanto, o quadro de tensão político-social continuou.**

- Nesse cenário, ascende ao poder **Clístenes (510 – 507 a.C)** que, diferentemente dos seus antecessores, propôs um conjunto amplo de reformas baseadas nas medidas de Sólon. É assim que foi se constituindo o estabelecimento das instituições e dos princípios democráticos. Vamos ver?

Divide Atenas em 10 tribos, por região – ou seja, acabou com o critério censitário;

BULÉ com 500 membros com função de legislativo e deliberativo, sendo 50 de cada região de modo a garantir a representação de todo o povo;

ECLÉSIA formada por todos os cidadãos com o poder propor lei. Uma forma de assembleia popular.

Todas as pessoas que moravam em Atenas eram cidadãs atenienses?

Você já deve estar careca de saber que não, né! Então, quero mesmo lembrar você de que a democracia ateniense era restrita. **Apenas eram cidadãos filhos de pais e mães atenienses, homens maiores e 18 anos que vivessem em Atenas.** Veja que Atenas se fechava para o mundo exterior ao mesmo tempo em que guardava com zelo o status de pertencimento à cidade. Afirma o professor Norberto Luiz Guarinello:



“Pertencer à comunidade era participar de todo um ciclo próprio da vida cotidiana, com seus ritos, costumes, regras, festividades, crenças e relações pessoais.” . No entanto, esse processo implicava necessariamente a definição do “outro” e sua exclusão.

Quando falamos em **participação política na Grécia**, alguns excluídos eram atenienses, nascidos em Atenas.... melhor dizendo: nascidas! As mulheres eram consideradas indivíduos incapazes de exercer a racionalidade necessária para a política. Aristóteles, por exemplo, parte de um pressuposto sobre uma possível condição de subalternidade da mulher ligada à sua função maternal e seu papel na organização da família. Portanto, embora considerada diferente dos escravos e dos estrangeiros, à mulher estava reservado o espaço privado da vida familiar, fora da cidade e, também, da política.

ESCRAVIDÃO e ÓCIO EM ATENAS

Existiam muitos escravos em Atenas. Diferentemente de Esparta, onde os inimigos de guerra eram mantidos como servos coletivos do Estado, os escravos eram negociados em pontos de comércio. Poderiam ocupar diferentes posições na sociedade ateniense, a depender das suas habilidades. Havia escravos professores, cozinheiros, pedreiros, agricultores, mineiros, artesãos entre outros. Mas, havia casos em que o escravo conseguia ter alguma fonte de renda própria e comprar sua liberdade. Além disso, é importante ressaltar o binômio escravidão/ócio. Na Atenas Clássica, especialmente, o trabalho escravo tinha importância social ao conceder tempo livre aos homens livres. Assim, os atenienses poderiam realizar atividades políticas na Assembleia, dedicar-se à contemplação do mundo e dos homens e, com isso, escrever sobre filosofia, literatura e artes. Muitos filósofos viam como uma virtude a origem econômica abastada dos atenienses em oposição ao trabalho realizado para sobrevivência, pois os primeiros teriam tempo para cultivar sua excelência moral e intelectual (areté), enquanto os outros seriam “escravos” da sua condição econômica e, por isso, nunca alcançariam o grau de excelência necessário à prática da cidadania e da vida pública.

Agora quero que você preste atenção no próximo tópico sobre a relação entre polis e política e reflita sobre a seguinte afirmação:

Uma cultura democrática, com instituições democráticas, possibilitou que houvesse em Atenas a pacificação política, o crescimento econômico e o alvorecer de um tempo de esplendor.

✓ Essa afirmação faz sentido para você?

Vamos para o próximo tópico para articular essa ideia.

¹ GUARINELLO, Norberto Luiz. Cidades-estado na Antiguidade Clássica.in. História da Cidadania. Ed. Contexto, 2010. p. 35.



Polis e Política

A cultura grega, considerada o berço da cultura Ocidental, desenvolveu-se na polis. Observando o sistema político em Atenas, o estudioso francês Jean-Pierre Vernant afirma que o aparecimento da polis foi um acontecimento decisivo no desenvolvimento da política como técnica do debate público e da palavra como instrumento de poder. **É o processo de invenção da noção filosófica de política**, meus caros e minhas caras!!

Portanto, quando falamos em polis estamos tratando não apenas de um lugar, mas de um **“modo de vida”**. **Péricles**, grande líder político e militar da época, no APOGEU da hegemonia ateniense sobre a região, discursou:

“...olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas dos seus interesses, mas como um inútil...decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos para compreendê-las claramente, na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, mas sim o fato de não estar devidamente esclarecido sobre o debate antes de chegar a hora da ação. ”



Percebe a **noção de bem comum e público** que se atribuía a forma de organizar a vida na cidade? Daí a noção de **políticas públicas**, por exemplo, e também de **democracia** e **cidadania** – um governo de todos no qual todos decidem e, para isso, precisam estar preparados.

Na Atenas de Péricles, os “alienados” (homem alheio às atividades públicas, segundo Péricles) eram banidos da cidade – era a chamada **pena de ostracismo**. Podemos afirmar que os gregos “inventaram” um ideal de comunidade, de indivíduos responsáveis uns com os outros e com o espaço em que vivem.

Os gregos tinham como pressuposto a ideia de um homem racional e político capaz de fazer uma escolha baseada na força da persuasão de distintos argumentos. Percebemos, então, nesse espaço comum, o **princípio da publicidade da política**. A **Ágora** – uma espécie de praça – era o lugar do debate. Assim, os assuntos só poderiam ser resolvidos se as pessoas – chamadas de cidadãos –



tivessem o conhecimento das informações necessárias à tomada de decisão. Essa exigência de publicidade de informações coloca sob o olhar público não apenas as informações, mas as condutas das pessoas e seus interesses. Era a possibilidade do **controle público sobre os líderes políticos** – estes estavam, portanto, sujeitos à crítica e controvérsia.

Diz o professor Vernant: *“A lei da polis, por oposição ao poder absoluto de qualquer monarca, exige que umas e outras sejam igualmente submetidas à “prestação de contas”.*

Polis: a palavra e a política

“O aparecimento da polis constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. (...) por ela, a vida social e as relações entre os homens tomam uma nova forma, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos. O que implica o sistema da polis é primeiramente uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder. A arte da política é essencialmente um exercício de linguagem. Uma segunda característica da polis é o cunho de plena publicidade dada às manifestações mais importantes da vida social. (...) A cultura grega constitui-se, dando a um círculo sempre mais amplo – finalmente ao demos todos – o acesso ao mundo espiritual, reservado, no início a uma aristocracia (...). Doravante, a discussão, a argumentação, as polêmicas tornam-se as regras do jogo intelectual, assim, como do jogo político. “(VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*, Difel. 1984)

O PAPEL DAS MULHERES EM ATENAS E ESPARTA

Quando estudamos o papel das mulheres em Atenas e em Esparta nos deparamos com algumas aparentes contradições em relação àqueles modelos políticos estudados. Afinal, poderíamos pensar: estado democrático igual mais liberdade para todos, inclusive para as mulheres; estado militarizado mais opressão e violência, inclusive para as mulheres. Pois é, mas a história da Grécia não cabe em quadradinhos pré-estabelecidos. Atente-se a isso, pois as provas adoram trabalhar com estas aparentes contradições. Leia e reflita!!

Partindo do senso comum, Atenas era um bom lugar para a mulher viver já que foi o berço de uma sociedade democrática. Infelizmente, essa afirmação é uma “fake news”, pois desde aquele contexto histórico a construção do Estado e as relações sociais baseavam-se no patriarcado. Ou seja, a mulher não tinha vez. Não tinham espaço nas decisões político-sociais porque sua cidadania era negada. Quando criança, ela era mantida em um quarto isolado do resto da casa chamado “gynakeion” de onde praticamente não saía. Quando saía desse quarto, era necessário estar acompanhada por algum homem. Assim, era educada a contemplar sua obrigatória aptidão ao mundo doméstico. Quando jovem, era destinada ao seu único dever cívico-religioso de se casar e gerar filhos. Havia tradições nesse tipo de vida: a traição - e até mesmo as relações extraconjugais



-, por exemplo, eram comuns ao homem. Já para mulher, era considerada um absurdo. O marido poderia pedir o divórcio ou matá-la em praça pública, simples assim.

Em Esparta, por outro lado, mesmo que existisse o patriarcado a vida das mulheres se diferenciavam do resto das cidades-estados. A sociedade era militarizada. Dessa forma, enquanto o homem se encarregava de assuntos ligados a guerra, a mulher era quem organizava a cidade e gerava filhos para o exército. Assim, ela tinha o papel de planejar a economia e a agricultura. Elementos muito importantes para qualquer sociedade. Em decorrência desse papel, as mulheres tinham o direito de propriedade, chegando a possuir mais de um terço das terras espartanas. O Estado, portanto, valorizava uma boa educação ao sexo feminino: aprendiam artes, como dança e música, e eram ensinadas a ler e escrever desde pequenas. Além disso, o corpo era ultra valorizado pelos espartanos! Então, as mulheres praticavam esportes, competiam em torneios e recebiam o devido preparo físico. Outro ponto importante era o casamento: ele não era opressivo como era para a mulher ateniense. Isso porque não eram vistas como propriedade do homem, por isso, tinham a liberdade de se separar sem perder seus filhos e bens materiais.

Periodização II: Clássico

O **período clássico (V e IV a.C)** é palco do apogeu e da decadência do mundo grego. Foi marcado por guerras entre gregos e persas (**Guerras Médicas**) e dos gregos contra si mesmos (**Guerra do Peloponeso**).

Como falamos no capítulo sobre Antiguidade Oriental, **os Persas conquistaram a Mesopotâmia, em 539 a.C., e depois o Egito, em 525 a.C.** Dessas incursões, eles se estabeleceram na costa leste do Mar Egeu – na Ásia Menor. Evidente que o próximo passo era conquistar a Grécia, concorda? Você consegue visualizar? A questão para as cidades-estados gregas era que os persas, na verdade, formavam um Império centralizado, com muitas conquistas e um exército com recursos muito superiores. Essa situação impôs aos gregos a necessidade de se unirem a fim de derrotar o inimigo comum. Como consequência, **reforçou-se a ideia da identidade cultural grega e sua superioridade em relação aos povos da Pérsia.** Memorize essa interpretação! Agora vamos fazer uma panorâmica desse conflito.

A Guerra Greco-Pérsica - ou Guerras Médicas - ocorreu entre 499 e 475 a.C. Os motivos desse conflito entre gregos e persas estão relacionados com a disputa pelo controle comercial sobre a Ásia Menor e a Península Balcânica.

Primeiro, o Imperador Dário I atacou Atenas. Detentores de grande conhecimento marítimo e estratégias militares superiores, os atenienses venceram Dário na famosa **Batalha de Maratona**. Atenas ganhou muita importância e prestígio no mundo grego e isso possibilitou certa liderança em relação às outras cidades.

Em 480 a.C, o herdeiro do Império Persa – o lendário Xerxes – atacou novamente a Grécia. Como estratégia, tentaram bloquear as rotas marítimas – tão bem conhecidas por Atenas. Assim, nesse



episódio, Esparta foi fundamental para defender a Grécia, na conhecida Batalha de Termópilas (essa história é contada no filme **300**).

O Rei-General espartano Leônidas, e seus 300 bravos guerreiros, retardaram o avanço persa sobre a Ática. Apesar disso, Xerxes invadiu Atenas, mas perdeu na **Batalha Naval de Salaminas**. Estava selado o destino dos persas e **em 475 a.C. foram definitivamente derrotados**.



NÃO FICA PERDIDO:

546 a.C.: os persas conquistaram as colônias gregas no litoral da atual Turquia.

– I Guerra Médica:

496 a.C.: rebelião dos gregos contra o domínio persa com o apoio de Atenas – os persas decidem invadir a Grécia

490 a.C.: Batalha de Maratona – vitória grega

– II Guerra Médica:

480 a.C.: Batalha de Termópilas – vitória persa

480 a.C.: Batalha de Salamina – vitória grega

479 a.C.: Batalha de Platéia – vitória grega

No final desse processo, a aliança estratégica entre os gregos se ampliou e eles formalizaram a **Liga de Delos**. Tratava-se de uma união militar financiada pelas cidades-estados participantes. Como Atenas havia se tornado uma liderança entre suas parceiras, ela passou a administrar os recursos da Liga. Ao final da Guerra Greco-Pérsica, os atenienses insistiram na manutenção da Liga como forma de fortalecer a proteção à Grécia contra outras tentativas de invasão. Mesmo não muito satisfeitas, as cidades-estados aderiram à proposta.

O desenrolar dessa história está justamente no modo como Atenas conduziu a Liga. Ela passou a transferir recursos da Liga diretamente para Atenas o que permitiu a reforma urbana da cidade e



a construção de grande parte dos monumentos arquitetônicos que existem até hoje, na Grécia. Foi a época de ouro de Atenas, momento em que era governada pelo famoso Péricles, entre 461 e 429 a.C. Houve um esplendor cultural, artístico, filosófico e econômico naquela cidade-estado. Os membros da Liga questionaram essa situação e foram reprimidos militarmente.

Assim, surgiu uma outra Liga formada por cidades-estados que se opuseram ao que alguns historiadores chamam de "imperialismo ateniense": a Liga do Peloponeso, liderada por Esparta.

Entre 431 e 404 a.C., Esparta e Atenas arrastaram praticamente todas as cidades-estados para um conflito que ficou conhecido como Guerra do Peloponeso. Esparta sai vitoriosa dessa guerra. Anos depois, em nova disputa por hegemonia na região, Tebas supera Esparta. Uma série de outros conflitos internos marcaram a continuidade dessa história.

Essa experiência histórica de conflitos internos marca a fragmentação e decadência do Mundo Grego. O final desse processo se dá com a conquista da Grécia pelos Macedônios, em 338 a.C., na Batalha de Queroneia.



Entre as causas do declínio das cidades-estado (polis) da Grécia, é possível destacar o(a):

- a) invasão e dominação persa;
- b) rivalidade entre as cidades e a disputa pela hegemonia grega;
- c) expansão cartaginesa pelo Mediterrâneo;
- d) expansão do Império Romano;
- e) desaparecimento e morte dos principais reis gregos, quando retornavam da Guerra de Tróia.

Comentário

Queridas e queridos, questão fácil. Qual a causa do declínio da Grécia? O conflito entre elas mesmas. Memorize isso!

Gabarito: B





Cultura na Grécia

Quando falamos em cultura grega, temos que ter em mente o **antropocentrismo e o racionalismo** como primados do pensamento clássico. O homem grego era a medida de todas as coisas, como diria o sofista Protágoras. Mesmo antes desse momento, por meio de lógicas racionais de pensamento, os primeiros filósofos – como Tales de Mileto e Anaximandro – defendiam que os elementos básicos da natureza (como fogo, água, terra, ar) eram geradores de todas as demais coisas. Foi Sócrates que criou a maiêutica – método (racional) de perguntas e respostas para alcançar a sabedoria, enquanto Platão e Aristóteles “discutiam” se o mundo real e o mundo das ideias eram ou não independentes um do outro.

Mesmo a religião grega politeísta já trazia a visão do homem como centro de tudo. Os Deuses gregos estavam a serviço do homem e com eles compartilhavam virtudes e vícios, vingavam-se e traíam, arrependiam-se e se corrigiam. Havia um caráter cívico na religião.

Segundo os especialistas nesse assunto, o desenvolvimento e as características da cultura, da filosofia e da literatura acompanham o próprio desenvolvimento da história de Atenas. Foi no período de ouro de Péricles - a democracia ateniense – que ocorreu o esplendor cultural da Grécia, pois a riqueza criada em Atenas resplandecia e influenciava toda a Heladé².

Assim, a literatura e o teatro grego (quer seja **drama ou tragédia**) têm forte cunho histórico e político. Lembrem que a divisão da história do mundo grego tem como nomes Pré-Homérico e Homérico? Então!! Homero teria sido um literato grego que escreveu as **epopeias** *Ilíada* e *Odisseia* contando a saga de personagens míticos e heróis gregos nos processos históricos de formação daquele mundo. No teatro, Esquilo foi “o pai da tragédia”, e escreveu sobre os conflitos com os persas. Sófocles escreveu *Antígona* que é uma das peças gregas mais reproduzidas no mundo até hoje e fala sobre valores e virtudes daquela sociedade. Os gregos ainda criaram a comédia para criticar as questões sociais. Vale lembrar a peça *Lisístrata*, de Aristófanes, a qual se passa em 411 a. C. e discute o papel da mulher na Grécia, o conflito entre Atenas e Esparta, entre outros assuntos. O fio da narrativa é uma greve de sexo das mulheres.

² Heladé é como os gregos se referiam a própria região da Grécia.



Assim, não podemos separar os elementos culturais dos elementos religiosos, políticos e sociais vividos pelos atenienses naquele momento. Pegou? Estude!

Jogos Olímpicos: identidade e cultura

Os Jogos Olímpicos, na Grécia, eram realizados em Olímpia (veja no seu mapa) e oferecidos aos deuses, especialmente a Zeus. Data do século VIII a.C a primeira Olimpíada. Eram muitas modalidades. Algumas conhecemos até hoje: corrida, arremesso, lutas corporais, salto à distância. Mas, também havia competição de música e poesia. Tratava-se, em realidade, de uma competição de excelência e superação de limites. E, na cultura grega, o corpo e a alma são partes de um ser todo e indivisível, por isso, devem estar em harmonia. A expressão grega para isso é *kalós kagathós*: a busca do Belo e do Bem.

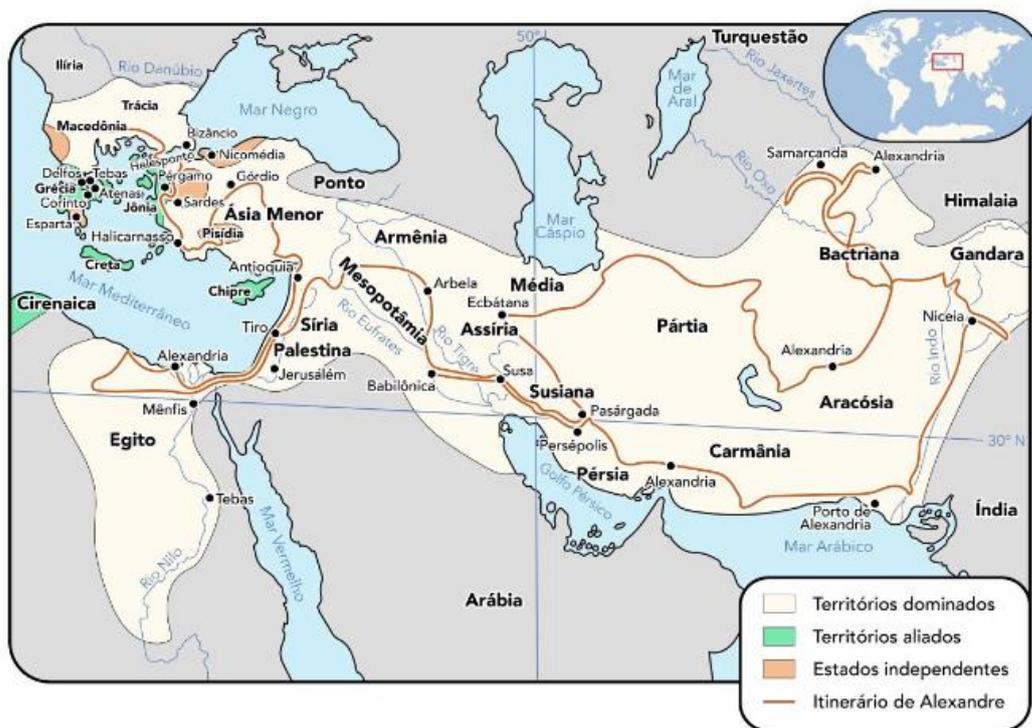
Por isso, quando pensamos em jogos olímpicos, na Grécia antiga, pensamos na formação ampla do homem grego, na noção de areté – a excelência física e moral. De certa forma, a vitória nos jogos era a demonstração da superação de todos os limites da excelência. Um herói! A especialista em literatura grega antiga, Cristina Rodrigues Franciscato, escreve uma curiosidade que compartilho com vocês:

“Conta Heródoto (História, VIII, 26) que, durante a guerra entre gregos e persas, alguns desertores gregos foram levados à presença de Xerxes, o grande rei. Ele desejou saber o que faziam seus inimigos naquele momento. Eles contaram que os gregos realizavam competições atléticas e hípias em Olímpia. Alguém perguntou qual era o prêmio disputado pelos concorrentes e eles responderam que era a coroa de folhas da oliveira sagrada, conferida ao vencedor. Então, um dos oficiais exclamou, dirigindo-se ao general: “Ah! Mardônio, contra que espécie de homens nos faz guerrear, que não competem por dinheiro, mas pela excelência”³.



³ Disponível em: <http://www.areté.org.br/artigos/nucleo/jogos-olimpicos>. Acesso em *aceso*: 31/01/2019.

Período Helenístico



O período Helenístico (IV a II a.C) é marcado pelo domínio dos macedônios sobre os gregos. O rei da Macedônia, Felipe II, e depois seu filho - Alexandre, o Grande -, conquistaram e ampliaram sua dominação sobre a região. Contudo, os macedônios deram muitas demonstrações de sua admiração e respeito pelo legado cultural, artístico e filosófico da Grécia. Aristóteles chegou a ser professor de Alexandre. Por isso, incorporaram diversos elementos da cultura grega e tiveram como política disseminá-la pelas regiões que foram conquistadas por Alexandre. **Assim, do contato entre a cultura grega e a cultura oriental nasceu a cultura helenística.**

O império alexandrino se fragmentou territorialmente com sua morte. Entretanto, o legado que ele deixou foi muito importante, pois, fundou diversos centros de difusão da cultura helenística, como Alexandria no Egito, Pérgamo na Turquia e a Ilha de Rodas no Mar Egeu.

Diante desses processos históricos, querido aluno/aluna, chegamos ao final da primeira parte sobre a História Antiga. Falamos de **mesopotâmicos, egípcios, hebreus, fenícios, persas, gregos**. Vimos que eles se cruzaram, conviveram, guerrearam, disseminaram conhecimento e cultura. Nossa! **Começamos por volta de 4.000 a.C. e terminamos por volta de 300 a.C.** Pensa bem, cadete!!! Demos o maior rolê na história!

4.000 a.C

300 a.C



ROMA

Para começar o assunto vou te fazer uma pergunta: você acha que Roma é importante para o mundo Ocidental atual?

- Aí, não sei profe!!!!

Então, querida e querido aluno, pense sua vida sem a língua portuguesa, sem o sistema jurídico e sem o cristianismo? Imaginou? Pois é... essas coisas todas são legados do Mundo Romano.

Por isso, estudar os caras daquele tempo tem a ver com entender grande parte do mundo em que vivemos hoje. O professor Pedro Paulo Funari, no livro *A Vida Quotidiana na Roma Antiga*, afirma que nosso mundo moderno deve muito à civilização romana e por isso é importante estudar essa sociedade¹. Sem contar que esse conhecimento vai garantir pontos essenciais na prova. **Então, vamos localizar o Mundo Romano no tempo e no espaço.**

- Em relação ao tempo, a historiografia divide os estudos sobre Roma em 3 períodos, segundo o modo de organização política:

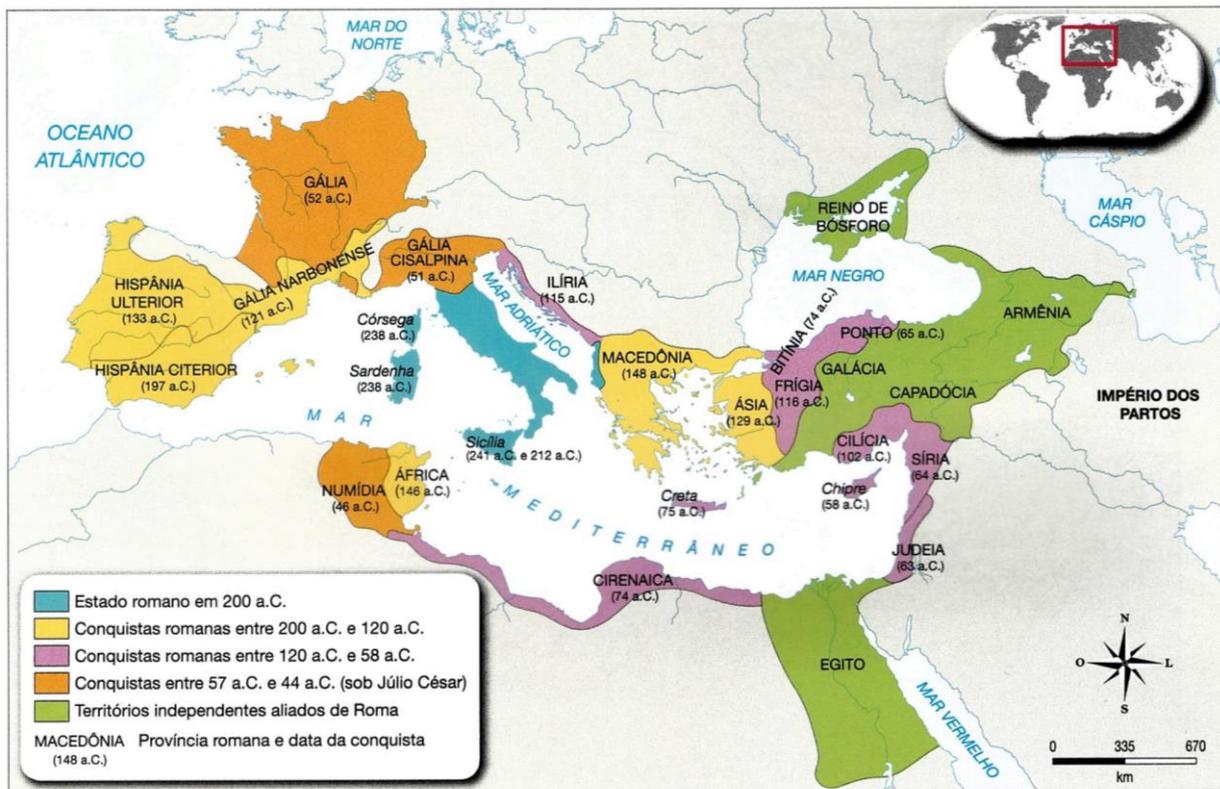


- Quanto à questão o espaço territorial, observe o mapa a seguir. Ele representa a dimensão mais extensa a que chegou o Império Romano. Tudo começou na Península Itálica, é verdade, mas não parou por lá! Veremos essa história toda ao longo da aula de hoje. Estude esse mapa, veja e repare nos detalhes. Faça relações com os gregos, os persas, os mesopotâmicos, os egípcios – povos que já estudamos!

¹ FUNARI, Pedro Paulo. *A Vida Cotidiana em Roma*. São Paulo: Ed. AnnaBlume. 2003.



A expansão romana (200 a.C. a 44 a.C.)



Monarquia: 753 a.C. – 509 a.C.

A Monarquia Romana foi o regime político que se desenvolveu a partir do processo de ocupação da Península Itálica. Inicialmente, por volta dos anos 2000 a.C., a região estava ocupada por diferentes povos:

- no Centro-Norte, fixaram-se os italiotas (sabinos e latinos);
- no Sul, foram os gregos que ali permaneceram (na chamada Magna Grécia).

Nesse momento, a organização social era gentílica (trabalhamos esse conceito na aula passada, volta lá se você esqueceu, ok?) ou, no máximo, pequenas cidades-estados no sul.

Pesquisas arqueológicas apontam que, aproximadamente por volta de 900 a.C., os povos **etruscos** ocuparam a região central da Península e, em seguida, expandiram seus domínios até o Norte. Entre os séculos VIII e VII a.C., os Etruscos fundaram, às margens do Rio Tibre, uma cidade chamada **ROMA**, baseada na atividade agrícola.

O processo de organização política e social dos etruscos, a partir da unificação de alguns desses povos, deu origem à MONARQUIA ARISTOCRÁTICA. Isso porque, no início da formação de Roma, os patriarcas das famílias (os chefes dos clãs), que se reuniam em um Conselho de Anciãos para

² VICENTINO, Claudio. Atlas Histórico: Geral e Brasil. São Paulo: Editora Scipione, 2011, p. 47



governarem o território, optaram por eleger um rei com funções **religiosas, militares e judiciais**. Esses patriarcas eram conhecidos como **PATRÍCIOS** e eram os membros do Conselho de Anciãos. **Proprietários de terras, os patrícios formavam uma verdadeira aristocracia**. Eles foram personagens importantes na história romana porque existiram praticamente em todos os três períodos: **durante a Monarquia; na República; e no Império**.

Posteriormente, ainda sob a Monarquia, o Conselho de Anciãos se transformou em uma organização política mais complexa, o **SENADO**. **Por sinal, Senado significa, literalmente (do latim), Conselho de Anciãos**. Com efeito, durante a Monarquia, as atividades mais importantes do Senado eram a de escolher os reis e a de aconselhar o monarca.

Importante frisar que, ainda neste período inicial do que viria a ser a República e o Império Romano, o Senado não possuía plenos poderes para limitar a atuação dos reis. Em muitas ocasiões, o Senado se encontrava subordinado aos ditames do detentor do poder central. No geral, as leis eram apresentadas pelos reis e podiam, ou não, sofrer limitações pelo Senado. Os senadores podiam vetar uma proposta de lei apresentada pelo rei. Além disso, havia um outro órgão na organização do poder político, a Assembleia das Cúrias (eram 30 cúrias). Esta era composta pelos cidadãos em idade militar e era responsável pela ratificação de alguns decretos dos reis.

Com relação à **divisão social durante a monarquia romana**, havia uma estratificação hierárquica formada por 4 grupos sociais: os **PATRÍCIOS**, os **PLEBEUS**, os **CLIENTES** e os **ESCRAVOS**.



- Os **plebeus** eram pequenos camponeses, proprietários de pequenas terras que produziam, praticamente, para sua subsistência. Era comum os plebeus contraírem grandes dívidas com os patrícios, especialmente nos períodos em que eram convocados para guerras de conquista ou para defender a cidade de alguma ameaça exterior. Por terem que deixar suas pequenas propriedades para atuarem nessas guerras, estas perdiam sua capacidade produtiva. Assim, ao voltarem para sua terra, após o conflito, os plebeus faziam altos empréstimos para poderem recuperar a terra e a produção. Se, por qualquer motivo, os plebeus não pagassem as dívidas viravam escravos.



- Já os **clientes** eram plebeus agregados aos patrícios. Em geral, moravam na propriedade dos patrícios e lhes serviam em funções de altíssima confiança. Por isso, detinham alguns privilégios e oportunidades de negócios que os plebeus não-agregados não possuíam. Por exemplo, nunca viravam escravos por dívidas. Por isso, ao longo do tempo, os clientes enriqueceram!
- Por último, os **escravos** eram plebeus endividados- como falamos antes. Os povos derrotados em guerras também poderiam virar escravos, mas, neste momento, encontravam-se em número reduzido em Roma. Foi no período republicano que a expansão territorial e as guerras de conquistas tiveram maior importância e, por isso, o número de escravos aumentou. Veremos melhor esse processo na próxima seção.

A Monarquia entrou em decadência porque alguns reis etruscos se sobrepuseram política e militarmente ao Senado e aos patrícios. O último rei foi Tarquínio, o Soberbo. Ele foi deposto em 509 a.C. por uma insurreição de patrícios que o acusaram, dentre outros, de desrespeitar a aristocracia patricia. Nesse processo, a Monarquia foi abolida e o SENADO passou a ser o Poder Supremo em Roma. Fruto dessa disputa entre poder e interesses do rei e poder e interesses dos Senadores, venceram os últimos, meus caros!!

Assim, inicia-se a instalação da República Romana – assunto que veremos na próxima seção.



(FUVEST-2001)

“Em verdade é maravilhoso refletir sobre a grandeza que Atenas alcançou no espaço de cem anos depois de se livrar da tirania... Mas acima de tudo é ainda mais maravilhoso observar a grandeza a que Roma chegou depois de se livrar de seus reis.” (Maquiavel, Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio). Nessa afirmação, o autor

- a) critica a liberdade política e a participação dos cidadãos no governo.
- b) celebra a democracia ateniense e a República romana.
- c) condena as aristocracias ateniense e romana.
- d) expressa uma concepção populista sobre a antiguidade clássica.
- e) defende a polis grega e o Império romano.



Comentário

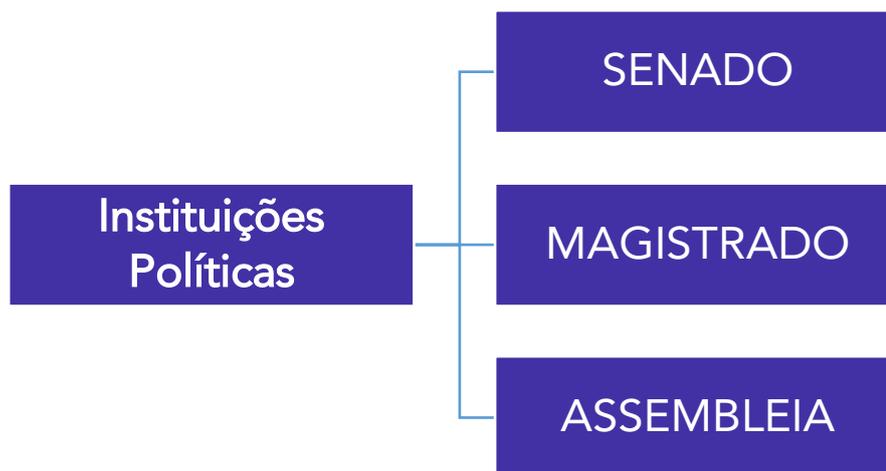
Essa passagem de Nicolau Maquiavel aborda com precisão cirúrgica a tensão da disputa entre reis romanos do período monárquico e o Senado. Como vimos, o Senado saiu vitorioso da disputa de poder e constituiu a República. Uma forma de você pensar rápido e responder essa questão, sem entrar muito na história é: em Roma, o que veio depois dos reis? Pronto, não poderia ser o Império, pois este se formou após a República.

Gabarito: B

República 509 a.C.– 27 a.C.

Querida e querido aluno, vem aqui comigo articular uma coisa: quando os patrícios se sublevaram e derrubaram o rei Tarquínio o poder não ficou vazio, certo? Corretíssimo!

Os patrícios elevaram o **SENADO** ao posto de Poder Supremo de Roma. Além disso, criaram outras instituições políticas: a **MAGISTRATURA**; e quatro diferentes tipos de ASSEMBLEIA (a Curial, a Centurial, a Tribal e a Plebeia).



Quero que você saiba que esse **novo arranjo político-institucional** conformou a República – uma nova maneira de organizar o poder na qual este era exercido por meio de instituições com o objetivo de organizar a coisa pública – *res-publica*, em latim. **Assim, o Senado, a Magistratura e as Assembleias compunham essa nova estrutura de organização política-administrativa.** Nesse modelo não havia concentração de poder nas mãos de uma única pessoa. Mas fica esperto com as mudanças que foram ocorrendo ao longo do tempo, porque são elas que nos ajudam a entender o porquê a República se desintegrou e deu lugar ao Império. Beleza? 😊

Dito isso, vejamos como eram, na prática, as instituições da República Romana?



Estrutura política na República Romana

É importante saber como estava dividido o poder na Roma Republicana. O **SENADO** era composto por 300 patrícios. - Só patricinhos, profe? 😊!!! -Sim, queridos!! E os cargos eram vitalícios, ou seja, duravam até a pessoa morrer! **A função do Senado foi aprimorada para criarem leis, organizarem as finanças e, também, as estratégias de guerra**, se necessário.

Já a **MAGISTRATURA**, cuidava das **questões executivas**, ou seja, administrar e executar o que era decidido pelo SENADO, reunia cargos práticos como:

- *cônsules*: esse cargo era superimportante e quero que vocês memorizem o cargo de **Cônsul**. Duas pessoas ocupavam o cargo, logo, dois cônsules. Um presidia o SENADO e, outro, a Assembleia Centúria. Ambos podiam propor leis. Portanto, eles faziam uma ponte entre as 3 principais instituições republicanas. Sacaram?
- *pretores*: eram responsáveis por administrar a justiça.
- *censores*: os censores organizavam o censo da população. O censo era importante, pois era feito com base na renda e a renda era elemento decisivo para a localização das pessoas na estrutura institucional da República Romana. Ademais, a título de curiosidade, *o censor também garantia a "moralidade pública" e supervisionava certos aspectos das finanças governamentais. Dessa condição surgiu a origem do sentido moderno das palavras "censor" e "censura"*.
- *ditadores*: eram nomeados pelo SENADO, mas apenas no caso de guerra civil e convulsão social grave. Tinham um prazo de 6 meses para resolverem as situações críticas.

- Mas Profe Alê, magistratura não tem a ver com juiz, como assim, função executiva?

– Pois é, gente, na Roma Antiga, magistratura não tinha a ver com poder judiciário. A palavra *magistratus*, em latim, quer dizer "o cargo de governar". Ou seja, aqueles que ocupam cargos políticos. Os magistrados eram eleitos para mandatos de 1 ano para executar diferentes atividades, como afirmei acima.

Outro elemento importante: embora não fosse proibido aos plebeus ocupar cargos na magistratura, na maioria das vezes, eles não participavam, pois precisavam trabalhar em outras ocupações uma vez que as funções públicas não eram remuneradas. Ao longo da aula você vai notar que, diferentemente da Roma monárquica, durante a República alguns cargos de poder passaram a ser gradualmente acessíveis aos plebeus. Fica ligado!

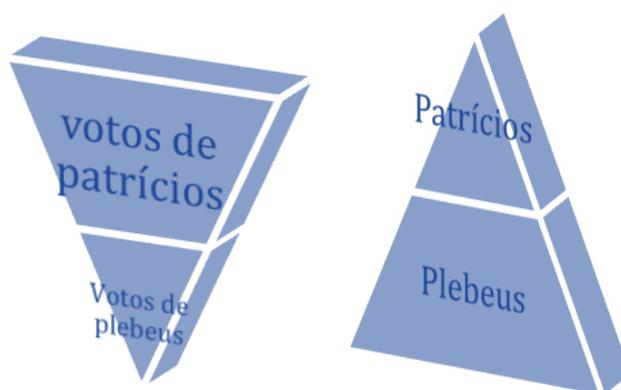
Sobre as **ASSEMBLEIAS**, anote o seguinte: a **Assembleia Curial**, era responsável por assuntos religiosos; a **Assembleia Centúria reunia a organização militar de Roma**, sendo dividida em centúrias (98 centúrias patrícias e 95 centúrias plebeias); a **Assembleia Tribal** era responsável por assuntos civis e dividida por região (35 Assembleias Tribal); por fim, as **Assembleias da Plebe**, ou Conselhos da Plebe, eram o espaço em que os plebeus votavam leis. No início, as Assembleias da



Plebe apenas deliberavam sobre questões que afetassem os plebeus, depois, por volta de 287 a.C., projetos de leis gerais – sobre todas as questões de Roma – também podiam ser discutidos e votados nesse espaço político dos plebeus.

Dessas ASSEMBLEIAS, com certeza, a CENTURIATA era a mais importante politicamente. **O critério para esta divisão era censitário**, ou seja, em cada camada podia participar pessoas com determinada renda. **Logo, não havia uma distribuição harmônica do número de pessoas em cada camada já que o número de plebeus era muito maior que o número de patrícios.** Além da característica de organização militar, ela possuía as seguintes competências: eleger os cargos da MAGISTRATURA; votar leis referentes à declaração de guerra e de paz; decretar a pena capital (de morte) aos cidadãos romanos.

Observe a seguir o **Sistema censitário de distribuição de votos na Assembleia:**



A distribuição dos votos em cada camada era proporcional à riqueza (era um critério censitário, não se esqueça disso), e não à quantidade de pessoas de cada grupo social. Por isso, muitos historiadores afirmam que mesmo com o fim da Monarquia não houve alteração substancial na distribuição de poder em Roma. Assim, o poder foi exercido majoritariamente na aristocracia patricia e nas camadas mais ricas da sociedade devido ao fato de ocuparem os cargos do SENADO e a maioria dos cargos mais importantes. Dessa forma, os estudiosos desse assunto classificam a República romana como uma **“República Aristocrática”**.

Veja que havia grande desigualdade em Roma e, por vezes, os plebeus se sentiam marginalizados das principais decisões da República. Essa situação era uma fonte de tensão social permanente. Roma era uma “panela de pressão”. Os plebeus estavam prontos para a insurgência!

O resultado desses conflitos, ao longo da história romana, alterou **a participação política e o sistema de votação** nessas instituições. Os plebeus, especialmente os mais enriquecidos, lograram êxito e ampliaram sua participação nos processos decisórios em Roma.



As mudanças no contexto, decorrentes da expansão territorial romana, também foram responsáveis por alterar as relações sociais e políticas vigentes no início da República. Vamos lá, muita atenção na próxima seção da aula, pois vou explicar as implicações da expansão territorial.

Lutas sociais e conquistas da plebe

As desigualdades econômicas e políticas entre patrícios e plebeus causavam uma situação tensa em Roma. Apesar de o poder não estar completamente concentrado no grupo dos patrícios, como vimos acima, estes detinham diversos privilégios não acessíveis aos plebeus.

Perry Anderson afirma que a estrutura de poder não era exatamente oligárquica na forma - em relação às instituições - e sim **profundamente aristocrática no conteúdo das leis** e da política, "pois atrás dela configura-se uma estratificação econômica da sociedade romana de ordem bastante diversa" (1989, p. 56).

Portanto, por mais que houvesse previsão para participação política de diferentes grupos sociais, a questão da desigualdade social impactava a disputa equilibrada de interesses. Assim, patrícios conseguiam continuar aprovando leis que os beneficiavam. Um exemplo disso é a existência da **escravidão por dívidas, até 326 a.C.**, que assolava o plebeu mais empobrecido. Na ampla maioria das vezes essas dívidas eram contraídas com os patrícios.

Contudo, **o funcionamento e a proteção militar da cidade dependiam dos plebeus, já que eles garantiam a superioridade numérica das forças militares em Roma.** Por isso, nas primeiras décadas republicanas, nesse contexto conflituoso, os plebeus foram percebendo sua importância para a cidade e iniciaram uma série de **lutas sociais e políticas** que durariam mais de cem anos. Vejamos como começou:

Em 494 a.C., portanto 15 anos após a queda da monarquia, os plebeus fizeram uma espécie de greve (paralisação coletiva de atividade profissional). Essa mobilização ficou conhecida como **Revolta do Monte Sagrado**. Todos os plebeus saíram da cidade deixando-a desprotegida e desabastecida. Subiram uma montanha chamada Monte Sagrado. De lá, emitiram exigências pedindo ampliação na participação política dos plebeus nas instituições políticas da República. Caso não fossem atendidos, construiriam uma nova cidade.

O desfecho desse conflito foi a criação do cargo **TRIBUNO DA PLEBE**. Era um cargo no SENADO a ser ocupado por um Plebeu, eleito entre os mesmos. Lembra-se de que, até antes da Revolta, no Senado, só podiam participar os patrícios? Então, agora, os plebeus também podiam! Eram 2 vagas de Tribuno da Plebe. Eles tinham a **função de vetar leis** que fossem inapropriadas para a classe que representavam.

Em diversos outros momentos, alguns mais tensos e outros menos, houve **Revoltas Plebeias**. Acompanhe abaixo a cronologia e o significado de cada uma dessas conquistas, **cujo sentido**



histórico foi aumentar a participação política dos plebeus, bem como garantir mais direitos de cidadania a esse grupo. Se liga aí!!

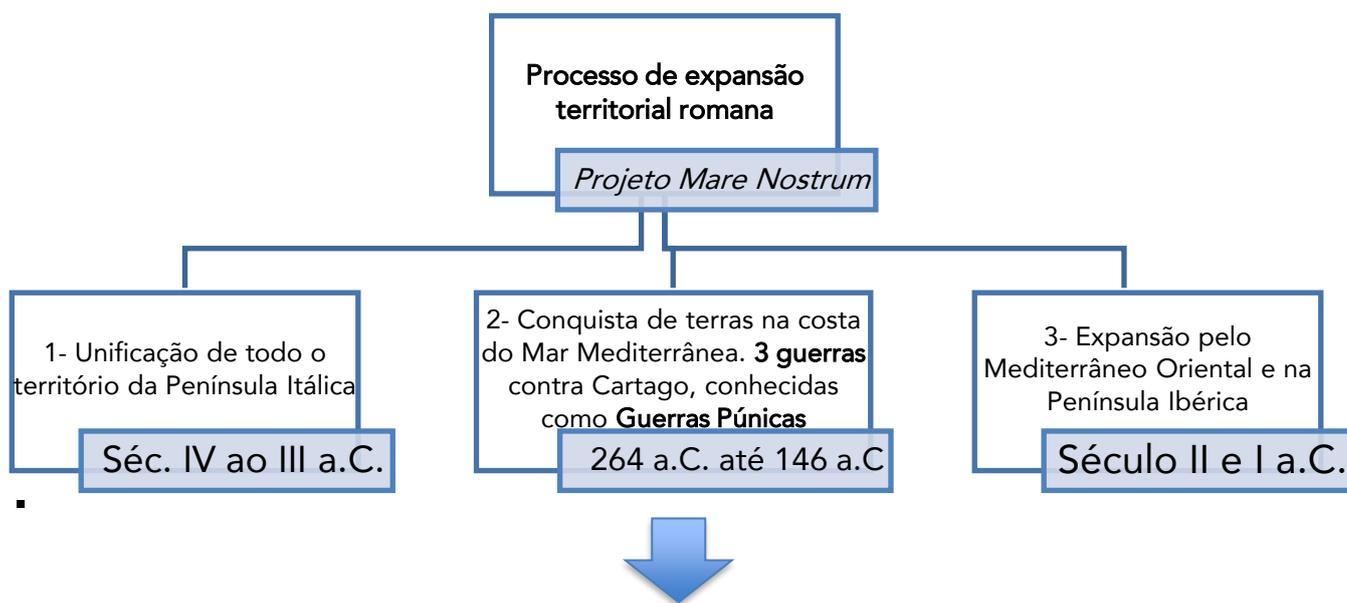
- ⇒ **450 a.C.: Lei das 12 Tábuas** – até então, o direito era oral e baseado nas tradições populares. Assim, havia situações em que a aplicação do direito dependia dos interesses e dos poderes das pessoas envolvidas. Com a Lei das 12 Tábuas, as leis passaram a ser escritas. Foi feita a compilação e harmonização das leis ao princípio da igualdade. Essa situação possibilitou que as leis se tornassem mais acessíveis a parcelas mais amplas da população.
- ⇒ **445 a.C.: Lei da Canuleia** – essa norma tornava legal o casamento entre grupos sociais distintos, ou seja, patrícios e plebeus podiam se casar. Isso potencializou a ascensão social dos plebeus enriquecidos. Com o tempo, essa relação matrimonial entre esses dois grupos sociais deu origem a um terceiro grupo conhecido como *nobilitas*.
- ⇒ **367 a.C.: Lei de Licínia** – essa lei marcou outro momento importante da história política das lutas dos plebeus por maior participação nas instituições da República. A partir dela, os Plebeus puderam ocupar o maior cargo da Magistratura, o de Cônsul. Em 366 a.C. foi eleito o primeiro Consul Plebeu. Além disso, a mesma lei definiu que as terras conquistadas em guerra deveriam ser distribuídas.
- ⇒ **326 a.C.: Lei de Poetélia** – garantiu direitos civis aos plebeus, pois aboliu a possibilidade de escravidão por dívida. Com isso, os plebeus não ficavam completamente submetidos aos grupos mais ricos.
- ⇒ **300 a.C.: Lei de Ogúlnia** – essa norma dizia respeito a outro elemento fundamental da vida social e dos direitos civis dos cidadãos: o direito à igualdade religiosa. Na Roma Antiga, os plebeus não podiam adorar diretamente os deuses mais importantes. O historiador Fustel de Coulanges afirma sobre as religiões politeístas da antiguidade que: "*Não somente não oferecia à adoração dos homens a um único deus, mas ainda seus deuses não aceitavam a adoração de todos os homens*"³. Na prática, isso significava que plebeus não podiam ocupar postos religiosos mais relevantes. Essa Lei concedeu igualdade religiosa a todos, permitindo que os plebeus, enfim, alcançassem altos cargos sacerdotais.
- ⇒ **287 a.C.: Lei de Hortênsia** – estabeleceu que as decisões da Assembleia tinham força de lei. Assim, as decisões dos plebeus eram válidas não somente para eles, mas também para todo o povo de Roma, sem obrigatoriedade do sufrágio dos senadores. *Plebis scitum* era como se chamava o novo princípio legal que os plebeus acrescentaram ao Direito Romano a partir da Lei de Hortênsia. Essa "lei imposta pelo povo" é o modelo de todos os "plebiscitos". Com a imposição do *plebis scitum* em 287 a.C., terminaram as lutas sociais em Roma e iniciou-se uma época áurea para a cidade.

³ Fustel de Coulanges. A cidade antiga. <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/cidadeantiga.html>. Acesso em 4-02-2019.



Expansão Territorial

Nesse tempo todo, enquanto as instituições romanas eram aperfeiçoadas e as crises políticas internas entre patrícios e plebeus se aprofundavam, o Senado e os Côsules organizaram um **processo de expansão territorial de Roma**. Veja no mapa acima a legenda com os períodos de conquista. Sim, caro aluno e aluna, tratou-se das famosas conquistas territoriais romanas, as quais mudaram completamente a estrutura política, econômica e social de Roma. Essa é a principal característica do período Republicano, que durou quase 300 anos. Esse processo pode ser dividido em **3 momentos**:



CRESCIMENTO DA ESCRAVIDÃO, DISPUTAS POR TERRAS E PODER DO EXÉRCITO ROMANO

Depois de passar o 1º Momento de unificação dos povos da Península Itálica, motivado pela necessidade de organizar o abastecimento de produtos e por eliminar as ameaças regionais, ocorreram as **Guerras Púnicas**. Esse assunto, embora não seja tão cobrado, é importante ser lembrado porque evidencia o momento em que povos da Antiguidade Oriental e Ocidental se cruzaram.

Cartago era uma cidade de origem fenícia que ficava no Norte da África. Portanto, podemos afirmar que ela tinha um papel importante no comércio marítimo no Mar Mediterrâneo. Para que Roma concretizasse seu **Projeto Mare Nostrum (dominar territórios banhados pelo mediterrâneo para controlar todo o comércio marítimo dessa região)** era necessário conquistar o lugar ocupado por Cartago, até então.

Cartago ficava muito próxima à Ilha de Sicília – aliás, Cartago dominava esta Ilha Italiana. Por isso, a cidade fenícia conseguia monopolizar a movimentação marítima entre os povos do mediterrâneo Ocidental e Oriental.





Agora, articula comigo:

- i- Essa posição não é bem estratégica?
- ii- Não é útil tanto para Cartago quanto para os romanos?
- iii- Vocês acham que os cartagineses iriam abrir mão de controlar o comércio marítimo no mediterrâneo?

Se suas respostas para as perguntas acima foram SIM, SIM e NÃO, você está ligado que isso só podia dar em guerra, certo? **Pois bem, a causa das Guerras Púnicas (Roma versus Cartago) foi essa disputa pela hegemonia comercial na região do Mediterrâneo.**

O primeiro *round* começou em torno da posse da Sicília. E demorou muito para essa “treta” acabar (ei, não vá escrever treta na prova, hein?). Entre **246-146 a.C. Roma e Cartago travaram batalhas** que dariam muitos capítulos de alguma série da Netflix.

O último capítulo dessa história real foi Roma, em **146 a.C.**, atacando definitivamente Cartago que, durante 3 anos, defendeu-se até ser completamente destruída. Diz a lenda (lenda mesmo porque trabalhos arqueológicos na região não conseguem encontrar o local exato dessa batalha) que o General Romano, Cipião Emiliano, deu ordem para matar todos os soldados e toda a população. Os sobreviventes teriam sido escravizados e a terra salgada para que nela nada mais germinasse (meio lenda mesmo, porque o sal era mega caro naquela época, mas vai que...).

Depois de ter eliminada sua principal rival, segue o terceiro momento do processo de expansão territorial romana. Roma partiu para dominar regiões na Península Ibérica e no Mediterrâneo Oriental - nas terras do Império Macedônio. Também chegou a conquistar o Egito (em 30 a.C.).

De qualquer maneira, o objetivo de tornar Roma hegemônica no Mar Mediterrâneo passou a ser uma realidade, tanto que foi implementado uma moeda romana com a inscrição “*mare nostrum*” para a realização do comércio marítimo nessa região. **Há alguns historiadores que afirmam ter se consolidado uma política imperialista** (política de dominação – veja a explicação do conceito no final da aula, na seção Dicionário Conceitual) **por parte de Roma.**

Essa longa experiência de expansão territorial acarretou várias consequências. Vamos começar a discuti-las?



Consequências da expansão romana

Pensa comigo: expandir território por meio de guerras significava, na prática, conquistar terras e pessoas, certo? Essas foram as duas medidas de riqueza na República Romana. Assim, a expansão do território romano, por meio das conquistas que comentamos anteriormente, deu origem a uma **nova sociedade com nova estrutura econômica e social**.



Leia o que escreve o professor Perry Anderson:

“O crescimento prematuro da República Romana seguiu o curso normal de qualquer Cidade-Estado clássica ascendente: guerras locais com cidades rivais, anexação de terras, sujeição de “aliados”, fundação de colônias. Em aspecto crítico, no entanto, o expansionismo romano se distinguia em princípio da experiência grega”⁴

Perry Anderson afirma, na citação acima, que o expansionismo romano se distinguia da experiência grega. Em quais aspectos? Você é capaz de dizer?

Veja bem, a expansão grega, especialmente a ateniense, teve um sentido ligado à fundação de colônias para a consolidação do comércio marítimo. Além disso, a escala de conquistas era infinitamente menor, uma vez que, na Grécia não havia Estado centralizado. Já em Roma, os objetivos eram: **conquistar terras para a agricultura, mão de obra escrava** e, por consequência, **controlar o comércio do Mar Mediterrâneo**. Tudo isso em grande escala!! Por fim, Roma era uma República com uma estrutura centralizada de poder – como vimos. Fica MUITO ligado nessas comparações. 😊

Economicamente, a agricultura de subsistência ganhou escala mercantil e o máximo controle da terra pelos grandes proprietários. Os novos territórios conquistados foram incorporados como propriedade privada dos já enriquecidos *nobilitas*. Assim, os historiadores afirmam que houve aumento da concentração fundiária, ou seja, poucas pessoas detinham grande parte dos latifúndios que se formavam nesse processo. As riquezas advindas das conquistas não eram distribuídas de maneira igualitária, harmônica ou proporcional à participação da população nas guerras. Tal situação levou os pequenos lavradores à falência, pois não podiam concorrer com os latifundiários que mantinham sua produção em larga escala por meio do trabalho escravo.

⁴ ANDERSON, P. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989, p. 51

- Mas, Profe Alê, porque os plebeus também não podiam ficar com as terras, eles não foram para as guerras?

Querida e querido aluno, para entender isso devemos nos atentar para o modo como estava organizado esse processo de expansão territorial. Preste atenção:

Não havia apenas um único exército romano, centralizado a partir do SENADO ou da MAGISTRATURA. **As conquistas territoriais eram parte de empreendimentos privados organizados por pessoas muito enriquecidas**. No entanto, cada guerreiro arcava individualmente com seus instrumentos de guerra - como escudos, capacetes e espadas. A maioria da população era formada por plebeus, então, eram estes que garantiam a força numérica de Roma sobre seus conquistados. Sacou? Aliás, uma prática que vinha desde o período da Monarquia.



E quem era o plebeu, meus caros? Só para lembrar porque já falamos dele, lá na seção sobre Monarquia, ele era o pequeno proprietário que, na maioria das vezes, hipotecava suas poucas terras para conseguir financiar as investidas militares de conquista e, com isso, tentar acompanhar a expansão romana. Tratava-se de um investimento. Ou seja, o plebeu era um pequeno empreendedor que assumia sozinho todos os riscos pela empreitada.

Acontece que as “campanhas militares” (incursões de tentativa de conquista sobre territórios fora de Roma), geralmente, eram organizadas pelos grandes proprietários – patrícios e *nobilitas*, não era isso? Então, ao final da conquista - quando bem-sucedida - eram estes que ficavam com a amplíssima maioria das riquezas conquistadas – quer fossem terras, quer fossem pessoas (os escravizados). Ao plebeu endividado, na maioria das vezes, caberia entregar suas terras como parte do pagamento de suas dívidas e ir para a cidade em busca de alguma colocação profissional. 😞

Sob esse cenário de concentração fundiária, muitos plebeus passaram a ficar ociosos nas cidades, sem oportunidades! Em outras palavras, ocorreu o êxodo rural em direção às cidades.

Mas Profe, aff Alê, por que a cidade não oferecia oportunidade? Não “tô” entendendo!



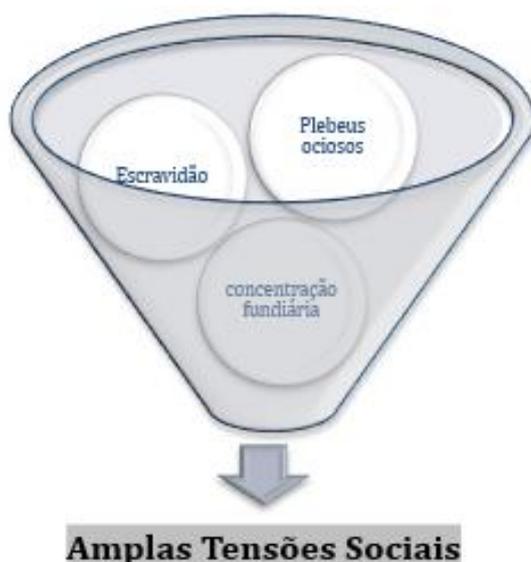
Mas, calma, querida e querido aluno!!! Para entender essa questão vamos acrescentar uma nova informação. Vamos comigo!!

No contexto das conquistas militares, consolidou-se o **modo de produção escravista**, ou seja, a **estrutura econômica/produtiva passou a utilizar a mão de obra escrava em larga escala**. Tudo em Roma era operacionalizado com escravos. Eles atuavam na agricultura, como artesãos, em atividades domésticas, no comércio, como gladiadores e, até mesmo, como professores! UAU!

Diferentemente da escravidão entre os povos do Oriente Próximo, **na Roma Antiga o escravo era uma riqueza privada ou uma mercadoria comercializável nos mercados especializados**. Há documentos estatísticos da época que dão conta da entrada de milhares de escravos por dia em Roma. Um estudo demográfico sobre a Itália, de P.A Brunt, *Italian Manpower*, estima que em **225 a.C.** havia 600 mil escravos; já em **43 a.C.** esse número chegou a 3 milhões para uma população em torno de 7 milhões!!!!

É por isso que ao plebeu não restava oportunidade, afinal, todas as atividades antes exercidas por plebeus livres passaram a ser realizadas por escravos conquistados nas guerras pela expansão territorial. Percebe o problema e a bola de neve que se formava?

Então, agora, vamos pensar juntos: imagine as duas condições, a dos plebeus e a dos escravos, como uma engrenagem que produzia uma determinada situação social. **Qual seria o produto dessa interação entre plebeus, escravos, patrício e *nobilitas* no contexto das conquistas territoriais? Amplas tensões sociais, cadete!!**



O produto desse contexto e dessas interações foi uma cidade abrigando uma massa de ociosos miseráveis, os plebeus, que não encontravam empregos. E os escravos, igualmente miseráveis!

Assim, em **133 a.C.**, os plebeus elegeram um **Tribuno da Plebe** que tinha como plataforma política a **reorganização da distribuição das terras públicas** – reforma agrária. Essa figura era o famoso **Tibério Graco**. Leia um trecho do discurso de Tibério sobre os plebeus:

*"Os homens que combatem e morrem pela Itália têm o ar, a luz e mais nada (...). Lutam e perecem para sustentar a riqueza e o luxo de outro, mas embora sejam chamados senhores do mundo, não têm um único torrão de terra que seja seu."*⁵

Quero chamar sua atenção para o fato de que a proposta de Tibério tratava sobre **terras públicas e não sobre as privadas**. A proposta da **Lex Sempronia Agraria** estabelecia que nenhum cidadão podia possuir mais do que 125 hectares de terras públicas e que todas as terras além deste limite seriam confiscadas. Os patrícios ocupantes dos cargos do SENADO se opuseram à ideia.

A proposta de Tibério foi a **distribuição de pequenos lotes para os pobres para que plantassem e comessem**. Sem apoio no SENADO, Tibério contou com a aprovação das leis na Assembleia, apesar da resistência de patrícios e *nobilitas*. No entanto, não foi colocada em prática porque os patrícios sabotaram a destinação de recursos para viabilizar a reforma agrária e porque Tibério e mais 300 de seus seguidores foram assassinados a pauladas por uma multidão a mando de alguns senadores mais radicais. **Segundo o historiador grego Plutarco (46 d.C. a 120 d.C.), esse linchamento foi o primeiro ato de violência civil em Roma.** 😊

Alguns anos mais tarde, em **124 a.C.**, o irmão de Tibério, **Caio Graco**, também foi eleito Tribuno da Plebe. Tal como seu irmão, sua plataforma era **diminuir a desigualdade social e a situação insustentável dos plebeus na cidade romana**. Porém, diferentemente de Tibério, Caio teve mais êxito e conseguiu aprovar:

- ✓ a lei de distribuição de lotes públicos.
- ✓ um subsídio para a venda do trigo – que era a base da refeição da população pobre urbana.

Além disso, o irmão Graco sabia que seus maiores opositores estavam no SENADO, **portanto, para resolver o problema pela raiz era necessário descentralizar o poder político fortalecendo outros grupos e outras instituições.**

Assim, Caio Graco fez uma série de propostas que objetivavam **fortalecer o poder político dos cavaleiros – gerais comerciantes enriquecidos com algumas conquistas romanas**. Estes eram favoráveis às medidas para amenizar as tensões geradas pela desigualdade social e pela miséria urbana, as quais, como vimos, eram decorrentes da concentração de terras e de riquezas.

⁵ Tibério Graco apud ANDERSON, Passagem da antiguidade ao feudalismo, 1989, p.60.





Nesse contexto, os cavaleiros se tornaram responsáveis pelas operações financeiras e pela cobrança de impostos, bem como passaram a integrar o tribunal do júri. Essas medidas foram precursoras de uma situação que veremos adiante: o poder político acumulado pelo exército.

Caio foi eleito duas vezes, na terceira eleição foi assassinado. 😞 Na sequência, suas medidas foram revogadas. Entretanto, suas ideias não podiam ser apagadas, pois tinham ganhado mentes e corações de uma parcela significativa da sociedade romana! Os seguidores do Caio Graco organizaram um grupo, algo como um "partido", conhecido como "*os populares*". Os populares faziam oposição ao grupo político dos senadores chamado de "*os melhores*". As tensões sociais só aumentariam daí em diante.

Diante de um contexto de instabilidade política e de descrédito das instituições Republicanas, especialmente do SENADO, os generais romanos começaram a se destacar e, cada vez mais, ocupavam espaços políticos importantes. Alguns generais eram muito carismáticos, outros tinham origem plebeia e, assim, ganhavam muito prestígio entre as camadas mais baixas. Caio Mario, por exemplo, foi um general defensor da plebe, eleito Cônsul por sete vezes. Além disso, também havia generais que eram apoiados pela aristocracia patricia, como Sila (ou Sula), e atuavam politicamente para defender os interesses das camadas altas da sociedade romana. **Sob esse quadro, é possível afirmar que grande parte da sociedade romana apoiava um governo formado por generais.**



Você está percebendo que a situação política em Roma era insustentável? Percebe que apesar de ser uma República, as instituições desse regime político já não serviam às novas configurações da estrutura econômica, social e política? É, querido e querida, estamos próximos de ver o desfecho da República Romana. Fiquem espertos!! 😊

Crise da República

Percebam que as instituições republicanas não estavam sendo capazes de dar uma solução republicana para as tensões sociais e políticas que marcaram o último século da Era antes de Cristo



(século I a.C.)? Por isso, nesse contexto de crise republicana, houve a ascensão dos generais ao poder político. Tome nota dessa informação e vamos ver como isso ocorreu. Espera, alguém perguntou algo?

Mas, **Profe**, o que seria uma solução republicana?



Podemos adotar uma perspectiva geral e dizer que uma **resposta republicana** para uma crise política e social seria os governantes primarem pelo diálogo e pela transparência na busca do equilíbrio político a fim de harmonizar os interesses e as expectativas dos diferentes grupos sociais em disputa. Tudo isso sem nunca esquecer que a solução final deve servir ao interesse público. Aliás, os próprios romanos, algumas vezes, dedicaram-se a estudar quais seriam as melhores mudanças institucionais para solucionar crises políticas, como quando foi criado o Tribuno da Plebe. Entendido? Continuemos!

Em **107 a.C.**, como dito acima, o carismático General Mário foi eleito Consul. No seu mandato, procurou amenizar as tensões sociais por meio do acolhimento de demandas populares. Veja:

- ✓ profissionalizou o exército;
- ✓ criou uma carreira com hierarquia e ascensão de cargos;
- ✓ criou o soldo (salário);
- ✓ definiu critérios para distribuir as riquezas das conquistas;
- ✓ instituiu o direito a um pedaço de terra para soldados que completassem 25 anos de carreira.

Isso representava uma garantia aos plebeus, pois lhes dava condições de sobrevivência. Conseqüentemente, mais pessoas foram atraídas para as carreiras militares de modo que o número de soldados cresceu. **Nesse sistema de salários e recompensas, os comandantes eram os responsáveis por remunerar as tropas, elemento que facilitava a obediência e a lealdade de seus subordinados.**



Veja, embora as medidas do General Mário tivessem sido fundamentais para amenizar as tensões sociais com os plebeus, a guerra entre os plebeus e o grupo “dos melhores” continuava cada vez mais forte a ponto de uma iminente guerra civil estourar em plena Roma. Isso porque, o problema era estrutural, do sistema romano como um todo.

UMA REVOLTA ESCRAVISTA EM ROMA

Estamos falando bastante das revoltas sociais impulsionadas pelos plebeus e homens livres em geral. Mas quero que você se lembre-se de que foram centenas as revoltas de escravos contra o sistema que os subjugava. A mais famosa dela, que inclusive inspirou filmes, foi a de Spartacus. **A Revolta de Spartacus ocorreu entre os anos de 73 e 70 a.C.** Esse período histórico está inserido no auge da escravização na República de Roma e nas mudanças político-sociais da época. No meio desse fuzuê todo, o que ninguém contava era com um simples gladiador na região de Cápua chamado Spartacus. Você não sabe, gente.... o cara já tinha uma tendência a ser “o loco das ideias” e ficava doutrinando contra a escravidão! A liderança de Spartacus, somada ao cansaço da vida humilhante como mercadoria, fez ele virar um “mito”. Então, ele elabora um plano: primeiramente, organizou uma pequena revolta com os que compartilhavam da mesma realidade. Já o governo romano apenas mandou algumas tropas para abafar o caso, botando muita pouca fé nesse movimento. Assim, Espartacus e seus parceiros ganharam a batalha e ainda conseguiram mais marginalizados e descontentes para somar.

Dessa vez, o exército romano massacrou. A maioria dos revoltosos foi morta e a parte pequena dos sobreviventes foi crucificada ao longo da Via Áppia (dá uma olhadinha no próximo quadrinho de curiosidades as informações sobre a via Áppia) com a intenção de mostrar ao resto da população o que aconteceria se saíssem da casinha. “Os loucos das ideias” não tinham vez em Roma. 😊

Então, em **86 a.C.**, outro general apareceu no cenário. Foi o General Sila, incontestável aliado dos Senadores patrícios conservadores, aqueles que não desejavam mudanças! Ele invadiu Roma, fechou o Senado, instaurou um regime ditatorial e iniciou uma perseguição aos “os populares” para atender aos interesses de seus parceiros.

Porém, Sila não ficou muito tempo no poder. Em **79 a.C.**, ele abandonou o posto. Não aguentou a pressão das exigências de parte dos patrícios, das revoltas plebeias, das revoltas dos escravos, em suma, dos conflitos entre “os populares” e “os melhores”. Será que era mais fácil vencer uma guerra do que resolver crises políticas internas? (brincadeirinha 😊). Nos anos subsequentes, vários generais tentaram comandar o poder em Roma.





⁶ Até que em, **59 a.C.**, surgiu um general que é famoso até os dias de hoje: **Júlio César!!!**

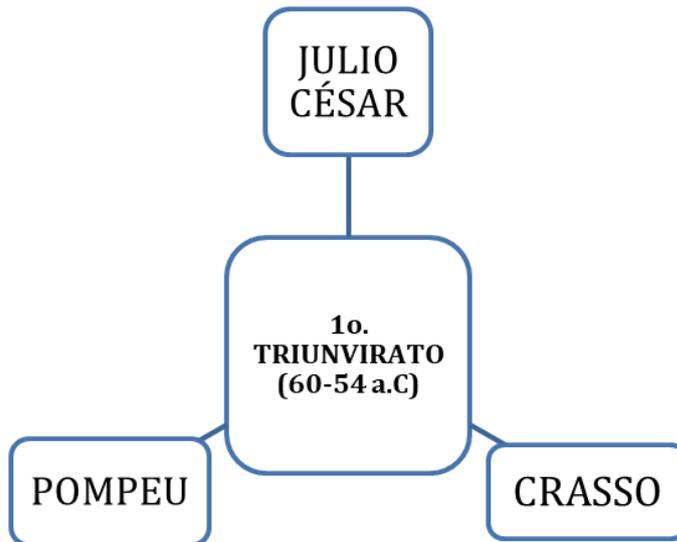
Júlio César era sobrinho do General Mário e, como o tio, tinha grande carisma entre a população romana. **Habilidoso politicamente, ele assumiu como Cônsul em meio a uma forte instabilidade política.**

Ele sabia que seria muito difícil governar sozinho. **Assim, articulou a divisão do cargo de Cônsul em 3 partes, fruto de uma aliança entre ele, Pompeu e Marco Crasso. Isso significou uma desconcentração do poder de direção de Roma, pois seria um governo formado por 3 pessoas, na verdade, 3 generais.**

Esse governo dos 3 generais ficou conhecido como **1º Triunvirato e durou de 60 a. C. a 53 a.C.** De certa forma, essa formação procurava representar a diversidade de forças políticas e interesses presentes no contexto. Veja no esquema os generais que formaram o triunvirato:



⁶ Fonte: https://www.shutterstock.com/pt/download/confirm/267726527?size=medium_jpg. Acesso em 7-02-2019.



Apesar dessa tentativa, Pompeu – ligado aos interesses senatoriais – tinha relações estremecidas com Júlio César. **Em 54 a.C.**, Crasso morreu em uma Batalha 😞. Nesse momento, o Senado tentou reaver sua importância política e nomeou Pompeu como único Cônsul, acabando com a fórmula do triunvirato de César. Por sua vez, César, que estava em Batalha na Gália, voltou com sua legião para Roma e iniciou uma guerra civil. Venceu e proclamou-se ditador romano!!!!

O Governo de Júlio César, **entre 54 a.C. e 44 a.C.**, foi marcado por uma concentração de poder em suas mãos. O SENADO (que, vamos combinar: já estava no pó da rabiola – como diríamos lá no interior) teve seu poder diminuído. Evidentemente, as conspirações contra César foram muitas! **Em 44 a.C.**, quando nomeado pelo SENADO ditador vitalício (permanência no cargo até o fim da vida da pessoa), ele foi assassinado sob encomenda de um grupo de senadores incomodados com a concentração de poderes nas mãos de César. 😞

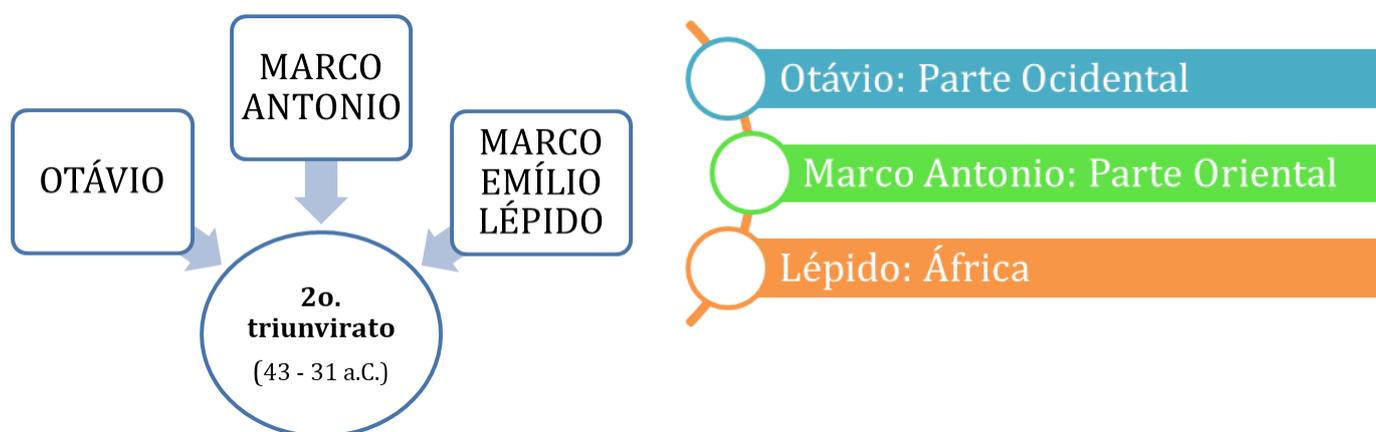


De Júlio Cesar, guarde o seguinte:

Caio Júlio César foi um importante personagem político do cenário republicano romano. Nascera no seio de uma antiga família de patrícios, os *Iulii Caesarii*, por volta de 100 a.C. Era herdeiro de Mário, opositor a Sila. Júlio César desempenhou inúmeras funções: iniciou carreira militar desde muito jovem, passando a desempenhar diversos cargos e magistraturas no seio da administração romana. Com isso, ascendeu politicamente, militarmente e socialmente. Júlio César demonstrou-se um excelente estrategista político, característica que pode ser exemplificada pela formação do

Primeiro Triunvirato Romano. Após a desagregação deste pacto governamental, as ações de César aparecem com maior destaque⁷.

Logo na sequência da morte de César, **em 43 a.C.**, um novo triunvirato se formou, o **2º Triunvirato**. Os generais dessa formação eram de confiança de Júlio César, inclusive, um deles – Otávio – era seu sobrinho. Mas, cuidado com essa informação: até aqui já deu para perceber que, nesse finalzinho de República, ninguém confiava em ninguém. E com razão, né? Além disso, havia algo de diferente nesse governo tripartido: cada um desses generais recebeu uma parte do vastíssimo território romano para governar. Vejamos o novo triunvirato e a parte do território que foram designados a exercer seu poder:



A história conta que Otávio exilou Lépido, que não voltou mais a aparecer nesse cenário. Enquanto isso, Marco Antônio estava no Egito. Conheceu a bela Cleópatra. Os dois se uniram com a intenção de concentrarem poder. Marco Antônio achava que teria acesso a mais recursos disponíveis no vale fértil do Egito e a rainha egípcia acreditava que, com Marco Antônio, ela poderia recuperar o legado do antigo império macedônico – que já estava praticamente todo dominado por Roma.

Mas isso não entrava nos planos do grande Otávio, pois, na prática, o sucesso de Marco Antônio e de Cleópatra acabaria enfraquecendo-o. A situação piorou quando, no Ocidente, chegou a notícia de que Marco Antônio reivindicava ser o verdadeiro herdeiro de César. Imediatamente, Otávio responde: herdeiro sou eu!!! Brincadeiras à parte, Otávio realmente declarou guerra Marco Antônio, pois via seu casamento com Cleópatra como uma traição a Roma e uma ameaça direta ao seu poder.

⁷ FRAZÃO JOSE, Natália. A construção da imagem do imperador augusto nas obras de Velúcio Patérculo, Plutarco e Suetônio. Dissertação de Mestrado. UNESP: 2011, p. 14.



Surpreendentemente, como um Shakespeare anacrônico, Cleópatra e Marco A. se suicidam! Otávio conquistou o Egito – que foi transformado em uma colônia romana – e passou a ser reconhecido como o grande líder até se tornar o primeiro Imperador de Roma.



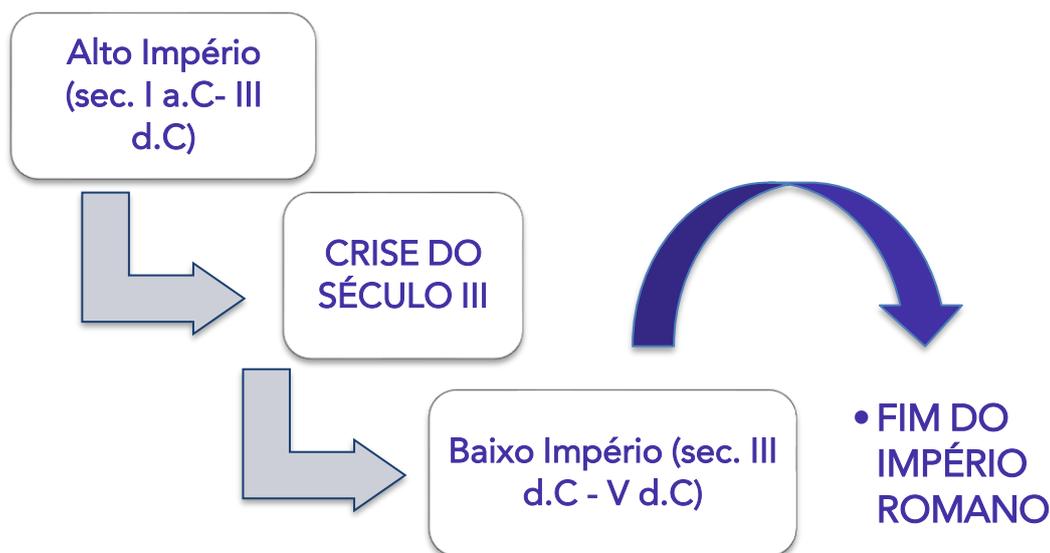
Agora, **ATENÇÃO!** Esse momento marca a transição do período republicano para o terceiro, e último, momento da história romana: **o IMPÉRIO!** É a concentração de poder e de títulos concedidos a Otávio pelo SENADO que caracteriza essa transição. Veja **OS TÍTULOS:**

- ↪ Primeiro Cidadão
- ↪ Chefe do Senado
- ↪ *Princeps* (o primeiro e o mais eminente)
- ↪ **Em 27 a.C. – Recebe o título de IMPERADOR**
- ↪ *Augustos* (o mais ilustre) – este último só atribuído aos deuses, até então!

Império Romano: 27 a.C. – 476 d.C.

O período do Império Romano foi bastante extenso, de 27 a.C. até 476 d.C e, como sempre acontece com grandes períodos históricos, houve uma série de transformações. A ampliação e consolidação do Império, o surgimento do cristianismo, o esgotamento do modelo escravista e, por fim, a desagregação territorial com a chegada de povos não-romanos fazem desse período de 501 anos bastante intenso para se estudar. Para começar, quero que tome nota da periodização que os estudiosos fazem:





Alto Império

O Alto Império é caracterizado por ser um período de esplendor romano, com avanço na organização administrativa, no direito, nas artes, na literatura e na arquitetura. Os imperadores desse período eram comandantes do exército. Além disso, desde Otávio, com seu título de *augustus* (divino), aos imperadores era atribuído um caráter divinizado de sua pessoa.

Como visto, o primeiro dos Imperadores desse período foi Otávio Augustus. Sua política foi conhecida como *Pax Romana*, pois ele iniciou o período da paz em Roma. Ele se dedicou a implantar uma política de **administração** pública na vasta extensão territorial, inclusive com o aprimoramento do controle das finanças. Essa era uma questão fundamental para a consolidação e para o sucesso de Roma. As conquistas territoriais anteriores, que a partir desse momento diminuiriam o ritmo, atingiram uma dimensão difícil de controlar e de administrar. Assim, a primeira medida de Otávio foi **criar uma burocracia administrativa, com critério censitário**. Com isso, ele atingia dois objetivos:

- ✓ aumentar o controle sobre o Império;
- ✓ garantir privilégios às classes sociais ricas (patrícios e *nobilitas*). Veja, querida e querido aluno, ele ganhou muitos *likes* dessa galera que há muito se sentia desprestigiada por generais plebeus ou com práticas de apelo aos plebeus revoltosos. Espertinho, né?

Além disso, Otávio promoveu uma intervenção do Estado nos costumes familiares, pois incentivou a constituição de famílias e a condenação de mulheres adúlteras. Não por menos, as estátuas expostas não eram somente do Imperador, dele próprio, mas também de seus familiares. Sobre



essa questão dos costumes, veja como havia uma tática política por trás, segundo os Professores Dra. Ana Teresa M. Gonçalves e Dr. Rodrigo S. M. Oliveira (UFG)⁸:

Em sua estratégia contra Marco Antônio, Otávio se apresentou como protetor e mantenedor da tradição, associando-se aos costumes romanos e ao deus Apolo. Enquanto isto, ele destacava em seus discursos as preferências de Antônio pelo Oriente, a associação deste com uma divindade estrangeira, Dionísio, e sua relação adúltera com Cleópatra. Dessa forma, M. Antônio fere o que John A. Lobur (2008, p. 15) nomeia de “sensibilidade romana”.

Otávio Augustus também precisou encontrar uma forma de atenuar as amplas tensões sociais que dominavam Roma e outras cidades do Império. Quero que você saiba que em Roma viviam mais de 1.200.000 pessoas e na Península Itálica toda por volta de 7.500.000 pessoas. Cara, isso é muita gente para uma cidade da Antiguidade!! Bomba relógio, concordam?



Dessa forma, o Imperador criou a política de distribuição do trigo e ampliação de espetáculos de jogos, disputas e combates entre gladiadores. Você já deve ter escutado a famosa expressão: **“Política do Pão e Circo”**. Alguns historiadores afirmam que essa política era parte de uma tentativa de despolitização e manobra dos poderosos para afastar os plebeus e as pessoas empobrecidas das questões políticas. Quem nunca assistiu o filme Gladiador e não torceu para o General Maximus?



⁸ GONÇALVES, Ana Teresa M. OLIVEIRA, Rodrigo S. M. A ordem astral: a ação do princeps Otávio Augusto pela legitimidade do seu poder. *Revista Héliade*, v. 3, n. 1, p. 11-26 p. 13.

Articula uma coisa aqui comigo: lembra dos irmãos Graco e de suas propostas de reforma agrária e distribuição de lotes públicos? Agora compara com a política do pão e circo! Reflita sobre as principais diferenças entre elas. Isso tem um cheirinho de questão bem difícil, hein?

Só dou uma dica: uma solução pensava o problema de forma mais estrutural, mexer no sistema romano; outra, uma medida paliativa, para acalmar os ânimos. Sacou?

Podemos relacionar essas duas políticas de Otávio, **burocratização do estado e "pão e circo"**, com elementos estruturais arquitetônicos surgidos em Roma:



- ↪ **construção de prédios públicos destinados aos espetáculos**, como o Coliseu – que até hoje tem ruínas para visitarmos 😊;
- ↪ **construção de estradas**. Calcula-se que existiram mais de 80 mil quilômetros de estradas pavimentadas interligando as diversas regiões. Manu, isso é muita coisa, né? Eram ruas e mais ruas de paralelepípedo. Hoje, podemos caminhar nelas. É conhecida na Itália como Via Áppia Antiga.



↪ **construção dos Aquedutos**, responsáveis por transportar água de locais distantes até os centros urbanos.

Com essa administração, intensificada pelas vias de comunicação, no plano econômico, o comércio entre as províncias se desenvolveu intensamente. Também foi criada uma moeda comum para garantir a estabilidade da economia.

Só para não esquecermos do SENADO, os senadores também tiveram suas atribuições na vida político-administrativa de Roma diminuídas. Repare que, de século em século, o SENADO se transformou em uma instituição quase que figurativa.

Via Áppia



Sabe aquele velho ditado “todas as estradas levam à Roma”? Então, existe uma explicação para essa expressão: a existência da Via Áppia. Isso mesmo querida e querido aluno! A Via Áppia é uma estrada que, originalmente, foi criada por Appius Claudius, em 321 a.C., para conectar a cidade de Roma e Cápua. Assim, contemplar-se-ia a necessidade econômica do transporte de mercadoria e facilitaria a locomoção do exército romano. Mas, como todo espaço geográfico está propício a transformações devido a mudança da realidade, a rodovia modernizou seu pavimento e aumentou, chegando a fazer ligação de Roma até o Oriente Médio, Grécia e Egito. Ou seja, se comparado com a atualidade, essa construção não chega a ser especial, mas para a tecnologia e contexto histórico daquele período, o bagulho era cabuloso demais!!! Tão cabuloso que a Via Áppia foi nomeada como Regina Viarum (a rainha de todas as estradas). Dessa forma, o pessoal mais chique do role percebeu, e como não são bobos nem nada, foram agregando à região as

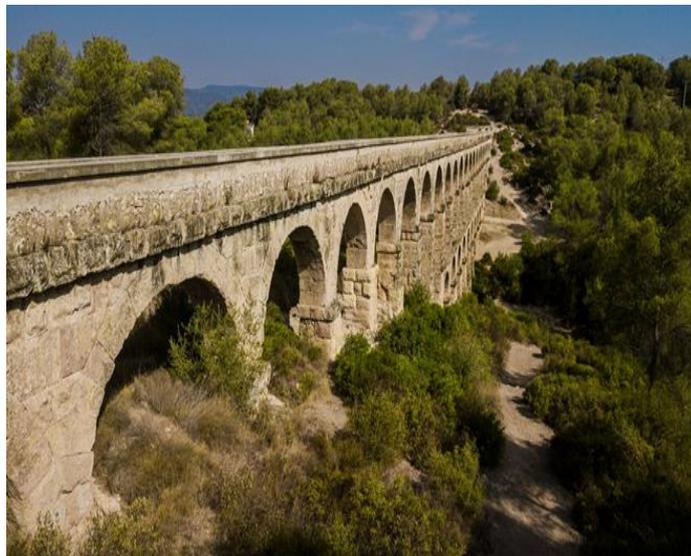
vilas luxuosas e mausoléus. Além disso, foram surgindo tavernas e hotéis para os viajantes que passavam pela região. Hoje em dia, a Via Áppia pode ser visitada. Dizem que é um museu à céu aberto mesmo 😊

A Arte em Roma

A arte pode ser usada como um instrumento pelo qual transforma o mundo a sua volta, assim como, ela pode ser influenciada pelo próprio mundo (“via de mão dupla”). Dessa forma, muitos estudiosos sobre a história romana buscam entendimentos por meio da arte do período. São os estilosos historiadores da arte!

Inicialmente, a Arte da Roma Antiga foi influenciada pelo povo etrusco, que, por sua vez, dominou a região da península itálica em um período anterior. Assim, a temática popular do cotidiano foi refundada. Posteriormente, os romanos tiveram como referencial a cultura grega, que buscava o ideal de beleza. Mas, apesar do legado artístico que outros povos deixaram para a população em questão, eles desejavam criar seu próprio estilo em diversas áreas da arte. Ou seja, os caras tinham a cabeça para frente e não se conformavam em ser apenas um rostinho bonito na estátua. Vamos ver algumas inovações:

Arquitetura



A arquitetura, por exemplo, pôde se desenvolver porque a tecnologia da engenharia era muito avançada para a época. Com o advento do concreto, criou-se construções em tamanhos gigantescos. Além disso, aqueles velhos pilares gregos não eram práticos e “eram coisa do passado, a moda agora era”... os arcos redondos (introduzidos pelos etruscos durante a monarquia, porém, mais desenvolvidos pelos romanos no futuro).



Sua formação simples e sistema de distribuição de peso possibilitava a criação de mais vãos com menos pilares e ainda reduzia o preço investido no projeto. Dessa maneira, esses arcos foram influentes para a produção de outros arranjos arquitetônicos, como a cúpula e a abóboda. A partir disso, diversas construções e monumentos foram realizadas, tais como: anfiteatros, templos, termas, aquedutos, entre outros. Pois é, os caras estavam inspirados e o bagulho era muito black mirror.

Pintura

Outra área do campo artístico da Roma Antiga era a pintura. Levantamos algumas características:

- As paredes eram cobertas por gesso pintado. Assim, parecia-se com placas de mármore, as quais só gente chique tinha devido ao alto custo da matéria-prima. Para você ver, querido e querida cadete, que já naquela época existia a famosa gambiarra.
- A casa romana não possuía janelas. Então, os caras entravam na pira de pintá-las na parede, criando um grande mural de paisagens com pessoas, animais.
- A realidade era valorizada através da representação de cada detalhe. Então, eles eram detalhistas.

Literatura, História e Filosofia

Já o meio literário está dividido em muitos gêneros entre prosa e poesia. Sabe-se que a partir do século III a.C surgem as primeiras obras, as quais basicamente traduziam os escritos helenísticos.

Foi no período do fim da República e começo do Império que a literatura teve o seu auge. No reinado de Augusto os escritores eram bancados pelo próprio Estado. Virgílio e Horácio, por exemplo, eram figuras renomadas da Roma.

Já na historiografia, Tito Lívio era influenciado pelas Guerras Púnicas e elevou o heroísmo do povo romano através da retórica.

Por fim, a filosofia, junto a teóricos como Cícero, baseava-se em explicar a natureza e os seus fenômenos.

Após Otávio Augusto, que reinou até 14 d.C., outros imperadores assumiram o poder: Tibério (14 a 37 d.C.); Calígula (37 a 41 d.C.); Nero (54 a 68 d.C.); Marco Aurélio e Trajano (161 a 192 d.C.). Os anos de 69 d.C. a 96 d.C. foram marcados por certa estabilidade, quando estiveram à frente do Império membros da **dinastia flaviana**, que foi iniciada por Vespasiano (governo de 69 a 79



d.C.). Esse período da dinastia flaviana ficou conhecido como a Idade do Ouro do Império Romano. O período de relativa estabilidade e prosperidade chegou até o ano de 192 d.C., ao final do governo de Trajano.

Nesse contexto, o estudioso inglês Perry Anderson afirma que houve um processo de “provincialização” do poder central do Império. Para o estudioso, a composição do Senado e a origem dos imperadores demonstram esse argumento – muitos deles eram originários da região onde hoje é a Espanha e o norte da França, como é o caso de Trajano e Marco Antonio, últimos imperadores da fase expansionista. Uma das explicações para essa situação é a vastidão do Império Romano. Havia grande dificuldade de ampliar as fronteiras devido à distância e ao custo desse empreendimento.

Além disso, as classes dirigentes e ricas de muitas cidades conquistadas por Roma (que, inclusive, tiveram o papel de controlar os escravos de seus próprios territórios) iniciaram um processo de exigência de cidadania romana. Exatamente isso! Povos conquistados por Roma, durante todos esses séculos reivindicavam sua efetiva participação política e os privilégios de ser um romano. Contudo, essa conquista apenas foi alcançada no século III d.C., em 212 d.C., quando o Imperador Caracala concedeu cidadania romana a praticamente todos os habitantes livres do Império.

Assim, por volta de 192 d.C., ao final do Governo de Trajano, ocorreram as últimas anexações do Império e se chegou a fase final do apogeu romano. **As fronteiras foram fechadas!! Isso mesmo, minha gente: era o fim do grande período de conquistas romanas.** Daquele momento em diante a preocupação passou a ser assegurar os limites fronteiriços do vasto Império.



A questão para Roma (e para você entender, meu caro) é que a origem do crescimento econômico e de todo esplendor romano estava ligado às guerras de conquistas - lembrem-se de que as duas grandes riquezas de Roma eram terra e escravos? Como fazer para manter o Império quando a fonte de riqueza seca? Essa é a discussão da nossa próxima seção!

Crise do século III e Baixo Império

Vamos pensar um pouco comigo: o fechamento das fronteiras e o fim da política de expansão territorial foi consequência das causas que elencamos acima – dificuldades militares e econômicas para manter o império, bem como sua vastíssima extensão e a pressão de forças políticas



exteriores à Capital. Portanto, podemos pensar que o modelo expansionista havia chegado ao seu esgotamento. Contudo, o sistema romano era alimentado pelos despojos dessas conquistas, que não haveria mais de abastecer Roma. Isso gerou consequências que aceleraram a desintegração política, econômica e social do Império Romano. O Século III da Era Cristã mostrou a intensidade dessa crise. Vejamos!

A principal consequência do fim da expansão foi uma crise do sistema escravistas. Foram 700 anos utilizando a mão de obra escrava para sustentar a economia. A dependência que a estrutura produtiva adquiriu desse tipo de mão de obra fez com que todos os setores sentissem as consequências da diminuição do número de escravos e o consequente aumento do custo pela sua aquisição. Essa situação gerou insuficiência produtiva, aumento do custo dos produtos e, assim, do custo de vida nas cidades. **Portanto, podemos afirmar que a crise do sistema escravista gerou uma crise econômica.**

Esse cenário também enfraqueceu o poderio econômico do estado romano que se sustentava, inclusive, por meio dos impostos cobrados dos cidadãos. Menos conquistas, menos despojos, menos produção e comércio...menos impostos!



Por que é importante frisar isso? Porque com o fim das invasões, a preocupação do governo foi fortalecer a fronteira para garantir a segurança do Império. Mas, para isso, era fundamental ter um grande, bom e equipado exército. E como tê-lo se o estado estava cada vez menos monetarizado? Percebem as contradições que vão se acumulando com o do fim da expansão territorial? Acrescenta-se que, essa situação com a manutenção do exército se aplicava às demais estruturas político-administrativas do Império. **Portanto, havia uma crise de sistema político e da capacidade de manter a governabilidade do vasto império.**



Cristianismo: das catacumbas ao apogeu

Nesse contexto de crise que estamos tratando, é fundamental dedicarmos atenção especial ao tema da religião cristã surgida no começo do Império.

Para a historiografia, há um inegável paralelo entre a evolução do cristianismo e a queda de Roma. O historiador Rostovtzeff estabelece que “à medida que a decadência do império se acentuava, a força da Igreja crescia”⁹. Mas vejamos um pouco sobre o desenvolvimento e a relação que os romanos mantiveram com as ideias cristãs.

A religião cristã começou a se desenvolver na Palestina, uma província que passou a ser ocupada pelos romanos a partir de 64 a.C. e governada por Herodes, o Grande. Basta você se lembrar de que Jesus Cristo nasceu no tempo do Imperador Otávio Augusto e que a data do nascimento de Jesus foi assumida como o ano Zero do calendário cristão (adotado praticamente em todo o ocidente).

Antes do surgimento do cristianismo, a religião de Roma e de seus Imperadores era politeísta, baseada em pressupostos da mitologia greco-romana. Além disso, ainda segundo o historiador Rostovtzeff¹⁰, embora os deuses gregos e romanos fossem venerados nas províncias, cada região do Império Romano contava com deuses próprios e locais. Os celtas tinham Deuses da natureza e do Estado e fadas beneficentes. Os sírios admitiam variedades do deus-sol. O Egito mantinha a antiga religião do tempo dos faraós. No geral, todo mundo podia crer no que quisesse desde que prestasse culto aos deuses oficiais e respeitasse o Império¹¹. Por isso, os romanos toleravam as religiões não oficiais, ou seja, a religião dos povos conquistados.

Na Palestina, Jesus sustentava uma fé monoteísta segundo a qual existia um único Deus criador da vida e do universo. A pregação religiosa de Jesus estava baseada no amor, na fraternidade e no livre-arbítrio das pessoas. **Tais elementos, do ponto de vista da força das ideias, constituíam-se em uma ameaça potencial à dominação romana na Palestina.** Afinal, Roma oprimia e explorava os povos que viviam nas províncias e, além disso, os Imperadores eram tidos como seres divinizados. Lembra do título de augustos?

Iniciada por Jesus e por um grupo pequeno de discípulos, o cristianismo começava a incomodar os governantes romanos, pois questionava as leis, os costumes romanos e a divindade do

⁹ ROSTOVITZEFF, M. História de Roma. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 1973, p. 283.

¹⁰ ROSTOVITZEFF, M. História de Roma. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 1973, pp. 275-277.

¹¹ DREHER, Martin N. A Igreja no Império Romano. Coleção História da Igreja, V.1. São Leopoldo: Ed. Sinodal. 2004, p. 51.



Imperador. Neste momento, ainda na Palestina, os cristãos passaram a ser discriminados, sofreram chacotas e violência do governo. Em 33 d.C., como é sabido, Jesus foi crucificado e morto.

Durante o Império de Nero, que durou de 54 a 68 d.C., os cristãos chegaram a ser acusados de terem incendiado Roma. É isso mesmo! Lembra daquela história que Nero incendiou Roma? Pois é, depois ele jogou toda a culpa nos cristãos e usou o fato para persegui-los e matá-los. Sofreram as mais absurdas atrocidades como, por exemplo, serem devorados por leões nos Coliseus a título de entretenimento dos plebeus. De certa forma, os cristãos foram vítimas da política do Pão e Circo e da enorme alienação das massas.

Porém, **ao invés de a discriminação e a repressão aos cristãos enfraquecer esse grupo em formação, ocorreu o contrário.** Ele se desenvolveu e aperfeiçoou a doutrina como religião. Ademais, a doutrina de Cristo de amor ao próximo e auxílio e caridade aos pobres encontrava terreno fértil na situação de desigualdade social das cidades dominadas pelos romanos. O apóstolo Pedro, conhecido com o pescador, levou o cristianismo à cidade de Roma e cativou os humildes, os pobres e os escravos. Posteriormente, Pedro foi preso e crucificado.

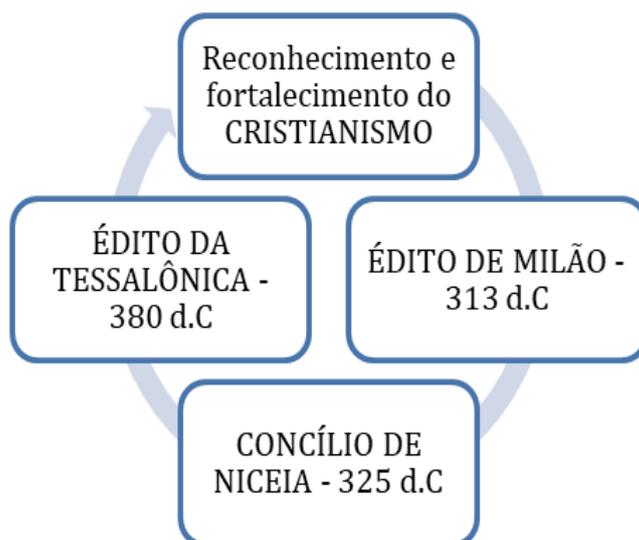
No início do cristianismo, com ênfase no século II, a religião se desenvolveu gradualmente, penetrou vastas camadas da sociedade e até mesmo as fileiras do exército romano. Mas, no século III, os Imperadores Maximino, Décio e Valeriano declararam guerra ao cristianismo. Dentre as motivações políticas para vetar o cristianismo nos territórios romanos estava a pregação cristã contra a escravidão. **Ou seja, o cristianismo passou a questionar uma base estrutural do sistema econômico romano. Repare que esse elemento da crítica cristã é um dos pontos de encontro com o período de crise e decadência de Roma.**

Apesar da perseguição do século III, ocorreu que o cristianismo cresceu e alguns governantes romanos calcularam que mais valeria a pena aliar-se a ele do que o combatê-lo. Além disso, a crise do Império no final do século III exigia novas formas de controle da população. Por isso, no ano de 313 d.C., o Imperador Romano Constantino se converteu ao cristianismo e publicou o Édito de Milão. Leia um trecho do documento:

Deliberamos [Constantino Augusto e Licínio Augusto] conceder aos cristãos e a quem quer que seja, a liberdade de praticar a religião de sua preferência a fim de que a Divindade que nos céus reside venha a ser favorável e propícia para nós e para todos os nossos súditos. Parece-nos ser medida boa, razoável, não recusar a nenhum de nossos súditos, seja ele cristão ou adepto de qualquer outro culto, o direito de seguir a religião que melhor lhe convenha. Assim sendo, a Divindade que cada um reverenciar a seu modo, livremente, poderá também estender a nós sua benevolência e seus habituais favores."

Em 325 d.C Constantino promoveu o Concílio de Nicéia. Uma reunião para definir quais seriam as crenças e as condutas dos cidadãos romanos. Nesse cenário de reconhecimento do cristianismo, no ano de 380 d.C., o Imperador Teodósio, por meio do **Édito de Tessalônica**, declarou o cristianismo como a religião oficial do Império Romano.

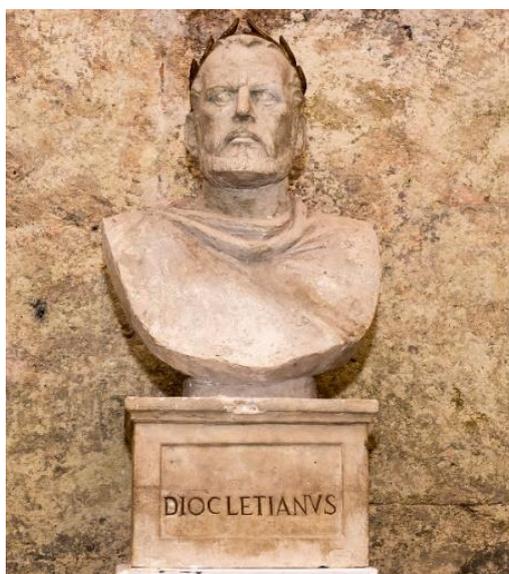




ATENÇÃO
DECORE!

Memorize: foi a partir desse reconhecimento que a Igreja católica iniciou sua consolidação como “Igreja Católica Apostólica Romana”. Uma instituição chave para as relações de poder que iriam se constituir na próxima fase da história ocidental, a Idade Média.

Diante de tal quadro de instabilidade, a historiografia costuma destacar alguns imperadores que tentaram promover soluções mais estruturais para a situação. **Destacamos os governos de Diocleciano, Constantino e Teodósio.** Dá um bizu em cada:



O **Governo de Diocleciano** ocorreu entre **284-305 d.C.** Para diminuir os conflitos de interesses locais, especialmente, entre os generais, ele criou a tetrarquia: dividiu o Império em 4 regiões administrativas. Além disso, para tentar controlar a crise inflacionária do aumento acelerado do custo de vida impôs uma lei: Edito Máximo - Congelamento do preço dos alimentos.

Evidentemente, essa política teve um efeito apenas momentâneo já que, como estamos discutindo, a crise em Roma é estrutural. Congelar preços é medida paliativa!!

Edito Máximo: ficam congelados os preços em geral e os salários!



-Criou a Segunda
Capital:
Constantinopla

-Instituiu o colonato

-Deu liberdade de
culto aos cristãos

Para falar do **Governo de Constantino**, ocorrido entre **306 e 337 d.C.**, gostaria de chamar sua atenção para o seguinte: embora houvesse essa crise generalizada, os efeitos desse processo foram sentidos de maneira diversa a depender da região do Império. Por exemplo, enquanto na Gália (atual região da França) o comércio estava em completa decadência e a produção agrícola

chegava ao nível de subsistência, na região oriental do Império o comércio com os povos do Oriente Médio e da Ásia continuava florescendo. Foi o caso da área da região da atual Turquia. **Assim, o Imperador Constantino criou uma segunda Capital para o Império na cidade da atual Istambul, antiga Bizâncio.** Mudaram o nome e ela passou a se chamar Constantinopla – em homenagem ao Imperador. A ideia, com essa medida, era aumentar a importância da região oriental do Império e, assim, valorizar o rico comércio que se estabelecia naquela região.

Portanto, podemos afirmar que na “parte Europeia do Império”, a crise social se aprofundava. **As cidades não eram mais um atrativo para as pessoas. Ao contrário, sua precariedade de oportunidades, os custos insustentáveis e nenhuma política assistencialista aos miseráveis desencadeou um processo de ruralização da sociedade romana,** ou seja, havia um movimento migratório cidade-campo. Nas terras dos grandes senhores patrícios, os empobrecidos buscavam refúgio e trabalho em troca de comida. Para regularizar essa situação, **Constantino criou o sistema de colonato: fixação do camponês à terra. Assim, iniciava-se a transição de trabalho escravo para servil** (que será consolidado no feudalismo, como veremos nas próximas aulas).



Alguns anos depois, ascende ao poder Teodósio. O Imperador governou entre 378 e 395 d.C e deu um passo fundamental na fragmentação do Império Romano: dividiu-o em 2 partes com 2 capitais e 2 imperadores. Além disso, decretou o Édito da Tessalônica, em 380 d.C, por meio do qual oficializou o cristianismo como religião oficial do Império. Observe com atenção o esquema e o mapa abaixo:

Tornou o cristianismo a religião oficial do Império

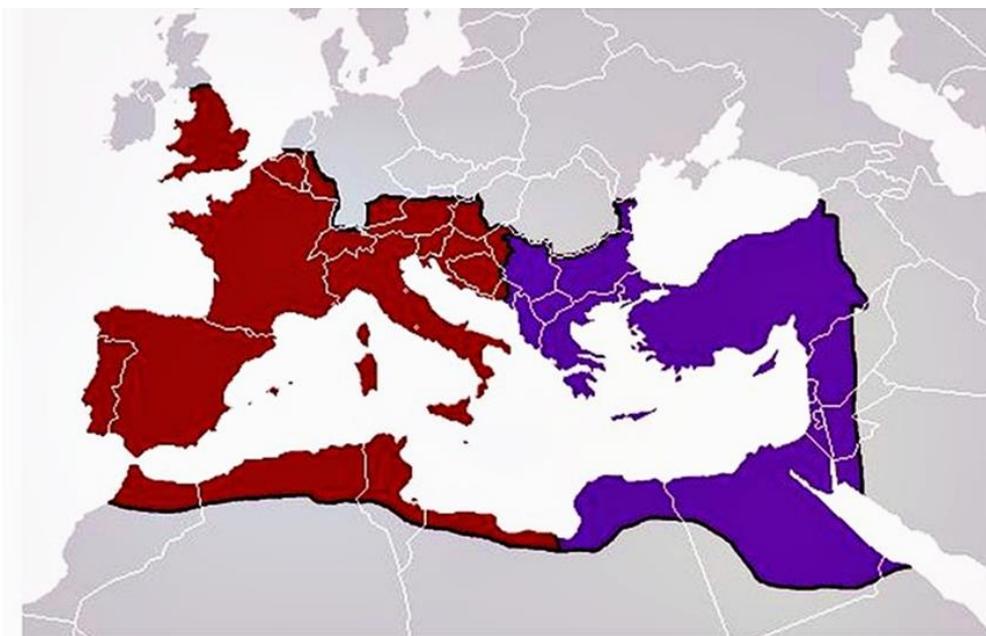
Decretou a divisão do Império em 2: Império Romano do Ocidente e do Oriente



Observe com atenção o esquema e o mapa abaixo:

IROC

IROR



Império Romano
do Ocidente -
IROC

Capital: Roma

descentralização
política e
econômica

476 d.C FIM do
IROC

Formação dos
Reinos Bárbaros

Império Romano
do Oriente -
IROR

Capital:
Constantinopla

centralização
política e
econômica

Formação do
Império Bizantino



Agora, querida e querido aluno, nós precisamos estudar as duas partes do Império de maneira separada, pois as experiências históricas das duas regiões foram distintas. Essa diferença, inclusive, foi responsável pela explicação da transição da Idade Antiga para a Idade Média. Atente-se e não se confunda, ok? Na continuidade da aula, logo abaixo, eu vou dar sequência para o que ocorreu na porção Ocidental do Império, ou melhor, no Império Romano do Ocidente. Se liga aí!

Invasões bárbaras e a desorganização final do Império Romano do Ocidente



Outra questão **agravou a situação do Império Romano do Ocidente: as chamadas Invasões Bárbaras**. Este é outro assunto que precisa de um pouco de reflexão. Vamos lá! E quero que você **MEMORIZE** algo que eu disse logo acima sobre as fronteiras do Império Romano: em determinado momento as fronteiras foram fechadas e os romanos pararam a expansão.

Primeiramente, conforme o professor italiano Jérôme Baschet¹², o termo “bárbaro” vem do grego e é uma referência às pessoas que não falavam grego ou compartilhavam das culturas gregas. Na era antes de Cristo (a.C.), a expressão “bárbaro” não tinha o peso negativo que as pessoas comumente usam hoje. Da mesma forma, para o Império Romano, o termo se referia aos povos que não faziam parte do Império, povos não-romanos.

A expressão negativa foi gradualmente construída para se referir a povos considerados incivilizados – lembra da discussão que fizemos, na aula 00, sobre o conceito de civilização?

Leia essa citação de Baschet:

¹² BASCHET, J. A civilização feudal. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Ed. Globo Livros, 2014.

Mas a conotação negativa adquirida por este termo torna difícil empregá-lo hoje sem reproduzir um julgamento de valor que faz de Roma o padrão de civilização e de seus adversários os agentes da decadência, do atraso e da incultura. (p. 49)

Assim, a melhor expressão para esses povos seria simplesmente povos germânicos “*expressão aceitável em sua neutralidade descritiva*”, conforme leciona o professor italiano. Os bárbaros, ou melhor, os povos germânicos, não eram nada incivilizados. Tinham um modo de vida próprio, diferente dos romanos.

A economia era bastante baseada na agricultura e no pastoreio de modo que não havia o desenvolvimento do comércio. A sociedade organizava-se em tribos fundadas em clãs, isto é, nas grandes famílias cujos laços eram estabelecidos pelo parentesco e por relações de lealdade e de proteção. As leis dos germânicos originavam-se nos costumes seculares das tribos – **leis consuetudinárias** - transmitidos oralmente de geração para geração. Quanto à organização político-administrativa, havia um sistema comunitário, ou seja, não havia a propriedade particular da terra e dos instrumentos de produção. Dessa forma, também não havia um Estado centralizado. Novamente, vamos ler um trecho do livro do professor Baschet para firmar nosso conhecimento sobre esse tópico:

“(...) sua coesão social e política em torno de seu chefe, ou ainda, sua habilidade em matéria de artesanato e, principalmente, do trabalho com metais, superior à do mundo romano, asseguram-lhes vantagens e permitem que eles se aproveitem das fraquezas de um Império em dificuldade” (p.50)

Percebem que as diferenças do modo de vida dos povos não romanos, naquele contexto de crise estrutural de Roma, foi um elemento positivo para sua penetração e posterior fixação nas terras do decadente Império?

- Mas quem eram esses povos, Profe? Eles moravam onde, chegaram como e por quê?

Então, queridas e queridos, esses povos não-romanos viviam no norte e no leste da Europa e no leste da Ásia. Dividiam-se em, pelo menos, três grandes grupos nômades:

- ☞ os **hunos** (originários da região da Mongólia), também conhecidos, junto com os turcos, como **tártaro-mongóis**;
- ☞ os **eslavos** (originalmente da Rússia central);
- ☞ os **germânicos** (norte e leste europeu). Estes, por sua vez, podem ser subdivididos nos seguintes agrupamentos: **uevos, lombardos, saxões, teutônicos, francos** (originários do norte da Europa); e **godos, visigodos, vândalos, hérulos** (provenientes do leste europeu).



Outra discussão importante a ser feita sobre esse assunto é o que se considera como “invasões bárbaras”. Elas foram, na verdade, incursões dos germânicos no território do Império Romano do Ocidente. Por isso, também é comum a referência ao deslocamento dos bárbaros como migrações bárbaras. Esse deslocamento ocorreu tanto porque os bárbaros germânicos buscavam terras férteis quanto porque foram coagidos por outros povos a se deslocarem na direção do Império Romano. **A historiografia indica que os primeiros contatos entre romanos e germanos foram pacíficos, por isso, não é correto a referência a esse processo como “invasões”. As invasões aconteceram, mas não se pode generalizar.**

Nesse sentido, em um primeiro momento, houve relativa integração entre as duas culturas. Muitos germânicos, por exemplo, viveram durante muito tempo como colonos camponeses no Império Romano. No período da crise de mão de obra, chegaram até a prestar serviço militar em troca de cidadania. Isso teria ocorrido porque os imperadores romanos calcularam que, diante da decadência de Roma, seria melhor buscar alianças com os bárbaros germanos do que confrontá-los.



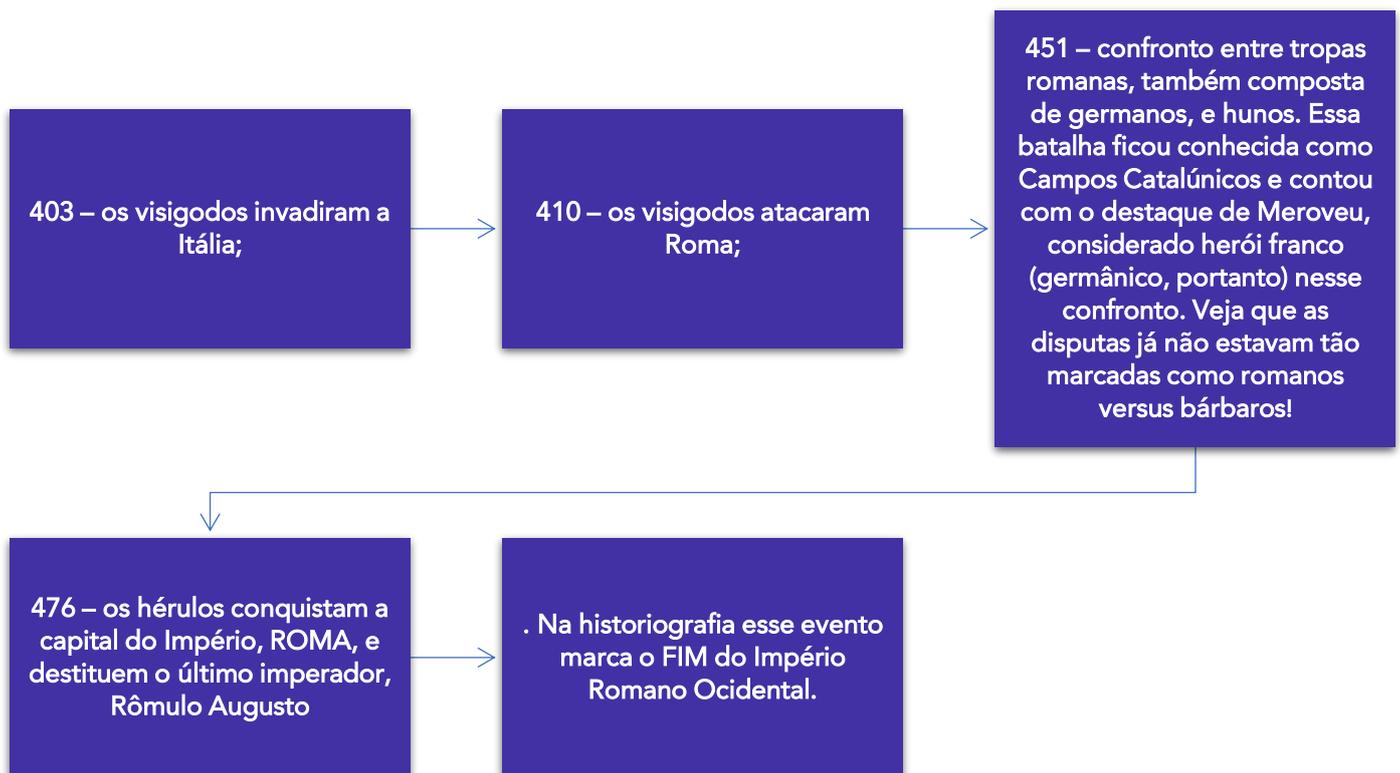
A zona fronteira teve papel fundamental para a integração dos dois mundos no sentido de produzir uma realidade intermediária, qual seja: **a da formação de uma cultura romano-germânica – que se consolidou ao longo do período medieval.** Foi no limo (*na fronteira*) que romanos e germânicos se encontraram por muitos séculos, mas especialmente, no período decadente de Roma.

Porém, no final do século V, os povos germânicos vindos do leste europeu fizeram incursões nada pacíficas!! Elas foram fruto de um **deslocamento massivo de germânicos que fugiam das perseguições dos hunos da Ásia Central.** Ou seja, meus queridos, germânicos e romanos sentiam o mesmo medo e passavam pelos mesmos riscos com a vinda agressiva dos hunos. Diz Baschet:

“Assim, quando os razias dos hunos, vindos da Ásia central, se abatem sobre a Europa, os visigodos que pedem autorização para entrar no Império são agricultores tão inquietos diante desse novo perigo quanto os próprios romanos.” (p. 50)

Em suma, guarde que os germânicos se relacionaram com os romanos tanto de forma pacífica quanto de forma violenta. **Para evidenciar os confrontos entre bárbaros e romanos, veja alguns principais momentos:**





ATENÇÃO: nessa altura do campeonato, precisa estar claro para você que as “invasões bárbaras” não foram a única variável causal (causa) da desagregação do Império Romano. **Entre os séculos III e V, Roma estava em decadência**, como vimos acima. Desse modo, lembro também **que a crise escravista e a insuficiência produtiva-econômica de Roma tornaram o Império Romano mais vulnerável**. Por isso, no Baixo Império Romano (séculos III a V), iniciou-se a derrocada dos romanos, a qual foi aprofundada pelas investidas dos germânicos nas regiões romanas. **Vulnerável, a escalada de invasão germânica mais violenta contribuiu mais ainda para enfraquecer Roma.**

Além disso, **se articulamos a adoção do colonato com as invasões germânicas**, veremos que essas experiências contribuíram decisivamente para o processo de ruralização da sociedade romana ocidental. As pessoas passaram a optar pela vida no campo. O desfecho dessa ruralização desemboca na ordem feudal, como veremos na próxima aula.

O ato final foi em 476 d.C., quando um povo germânico, os hérulos, derrotou o último Imperador da Roma Ocidental: Rômulo Augusto. Flávio Odoacro, germânico, assumiu o título de Rei de Roma e governou de 476 a 493 d.C.. Foi o fim da Antiguidade!!!! Pegou? Qualquer coisa: **Fórum de Dúvidas!**





EXEMPLIFICANDO

A crise do Império Romano foi marcada por um processo que:

- a) alterou as relações sociais e políticas determinando novos vínculos, assentados, principalmente, na posse de terras.
- b) foi responsável pela consolidação e expansão das instituições políticas e sociais romanas por toda a Europa.
- c) criou novas atividades econômicas e intensificou as relações comerciais entre o Império Romano do Ocidente e o Império Romano do Oriente.
- d) favoreceu o crescimento das cidades, devido ao êxodo rural provocado pelos constantes ataques dos invasores bárbaros.
- e) transformou as terras de cultivo em pastagens cercadas, tornando-as propriedades privadas, o que ocasionou a marginalização dos agricultores.

Comentário

Essa questão é típica de “felling”, ou seja, você precisa saber o sentido mais geral do que a crise do Império Romano provocou social, econômica e politicamente em Roma. Primeiro, se houve uma crise, o mais provável é que ela afetou aspectos da vida social, por isso, a alternativa a) já soa bem no ouvido. A alternativa a) também nos apresenta algo que faz sentido, qual seja, novos vínculos em função da posse de terra. Numa primeira leitura você pode pensar: “ah, ok!! A o item não está ruim, nem bom, é melhor eu ler as demais”. E é isso que você deve fazer na prova. Ficou com dúvida se uma alternativa está certa ou errada, veja se você descobre erro nas demais. Então vamos lá!! A b) chuta o balde e afirma que as instituições romanas tomaram TODA a Europa. Sabemos que havia limites no território romano, basta pegar os mapas e conferir que os romanos não dominaram TODA a Europa. A alternativa c) afirma que houve um processo que não condiz com a crise do Império Romano: se estava tudo desmoronando, como as relações comerciais se fortaleceriam? Contraditório isso aé, meu!!!! A letra d) também está errada porque o êxodo rural e o crescimento das cidades não foram uma marca do momento da crise do Império Romano, vimos que esse processo ocorreu na Monarquia e na República. Pense que no final do Império Romano, as invasões bárbaras só poderiam produzir o movimento contrário ao crescimento das cidades: as pessoas fugiam das cidades!!! A alternativa e) nos traz o debate da propriedade privada. Os patrícios até tinham terras privadas, mas a formação dessas terras foi láaaa no momento em que Roma estava em formação. Além disso, como o sistema romano contava com terras privadas e terras públicas, esse elemento nem é top 10 para as explicações da Roma antiga.



Por fim, a alternativa relaciona que a propriedade privada marginalizou dos agricultores, veja: vimos que a perda das terras dos pequenos agricultores, os quais também tinha propriedade privada, foi ocasionada por endividamentos, processo de concentração de terras, modelo escravagista, etc. A relação de causa e efeito dessa alternativa está errada. Feita toda essa análise, você volta na alternativa a) e crava o X nela.

Gabarito: A

Queridas e queridos, chegamos ao fim da Idade Antiga, ou Antiguidade. E se você chegou até aqui parabéns, você está no caminho certo para conquistar seus sonhos. Guerreiro não para no meio da missão!

Na próxima aula veremos o desenrolar da história com a Idade Média.

Agora faça seu **controle de temporalidade**. Anota em qual momento da história estamos parando: **Século V da Era Cristã!!!!**

Faça todos os exercícios. E se aparecerem dúvidas, vá ao **Fórum de Dúvidas**.

Nos vemos na próxima aula!



Um beijo, um abraço apertado e um suspiro dobrado, de amor sem fim!

Fé na missão

Alê 😊



@profe.ale.lopes



Profe Ale Lopes



<https://t.me/profealopes>



QUESTÕES COMENTADAS

1. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2019)

As cidades-estado antigas desenvolveram, progressivamente, formas mais abertas de participação no poder, denominadas pelos próprios antigos de "democracia". O caso mais exemplar foi o de Atenas, modelo para muitas cidades-estado, onde a democracia se manteve por quase dois séculos.

(Norberto Luiz Guarinello. Cidades-estado na Antiguidade Clássica. Em: J. Pinsky; C. B. Pinsky. História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2008. Adaptado)

Entre as marcas da democracia antiga, é correto identificar

- a) a eleição de representantes masculinos com direito a voz e voto pela assembleia da cidade-estado, órgão político que incluía mulheres e estrangeiros.
- b) a importância decrescente dos escravos, a ponto de discutir-se a abolição da escravatura, e a consequente redução das desigualdades nas cidades-estado.
- c) a conquista pacífica de direitos por parte dos mais pobres, ainda que se mantivesse a marca aristocrática de distinção social regulada pelo nascimento.
- d) a ojeriza à guerra e ao conflito social, o que contribuiu para que Atenas fosse derrotada sucessivamente pelos persas e pelos espartanos.
- e) a participação política direta, exercida por um corpo de cidadãos ativos, sem a noção de representação e restrita aos cidadãos masculinos.

Comentários

A) errado, nem mulheres nem estrangeiros participavam das decisões políticas.

B) errado, pois, para os gregos a escravidão era essencial, parte fundamental da vida na polis. Isso porque, para que homens livres pudessem pensar e exercer a cidadania ateniense outros tantos teriam que trabalhar.

C) errado, em Atenas não tinha esse tipo de concessão, a sociedade era bem dividida com cada grupo social exercendo sua função. Os mais pobres, os plebeus, adquirem relevância durante as insurreições na fase República na de Roma. Não confunda, atenção cadete, atenção.

E) correto. Observo que a ideia de "sem a noção de representação" é porque a prática política era feita a partir da democracia direta, ou seja, todos debates, todos votam.



Gabarito: E

2. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2016)

A decisão, ao final de cada combate dos jogos de gladiadores, estava nas mãos da multidão, a testemunhar um ato de soberania popular que só teria equivalência, no mundo moderno, com os referendos ou plebiscitos, em que todos se manifestam. O princípio da soberania popular manifestava-se, na arena, de forma direta e incisiva. Se nas eleições as mulheres não tinham direito ao voto, na arena todos podiam manifestar-se, prerrogativa que a cidadania moderna atingiria apenas no século XX. (Jaime Pinsky e Carla Pinsky (orgs.), História da Cidadania)

De acordo com o texto, os jogos de gladiadores

- a) eram um aspecto importante da participação da coletividade na vida pública.
- b) destinavam-se à diversão dos escravos, distraíndo-os das questões sociais.
- c) faziam parte da política social do Império, contribuindo para a redução das desigualdades.
- d) reproduziam o caráter horizontal e igualitário da estrutura da sociedade romana.
- e) funcionavam como o sistema penal da sociedade romana, punindo ladrões e marginais.

Comentários

A) correto. Repare que o texto compara a participação nos jogos, na arena, à participação na política. Por interpretação você consegue ter uma noção do que pode estar certo. Agora, para ser "matador de questão" mesmo, você saber que, tanto na Grécia Antiga, quanto em Roma, mulheres não tinham voz e decisão na política e que, a rigor, o texto está trazendo essa comparação para a questão, de modo a demonstrar que as mulheres conquistaram historicamente o direito ao voto, por exemplo, aí você dobra o examinador da prova. Sobre a forma de "decisão" nos jogos de gladiadores, é muito simples: você já viu o filme Gladiador? Pois é, conforme a reação mais ou menos eufórica do público a decisão ia para um sentido, conforme o público ficasse quieto ia em outro sentido.

B) falso, pois a distração era para a população em geral, dentro da política de "Pão e Circo".

C) errado, em nada diminui as desigualdades.

D) falso, pelo contrário. A política do "Pão e Circo" reafirmava a dominação de uma classe sobre as outras.

Gabarito: A



3. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2015)

O grupo extremista islâmico autodenominado "Estado Islâmico" (EI) começou a destruir mais um sítio arqueológico no norte do Iraque, segundo fontes curdas. No início desta semana, militantes do grupo haviam começado a demolir as ruínas da cidade de Nimrud, antiga capital do império assírio, situada no norte da Mesopotâmia e fundada no século 13 a.C..

(UOL, 7 mar.15. Disponível em: Adaptado)

Em relação à cidade citada no trecho, é correto afirmar que ficava localizada em uma região

- a) desértica, sem muitos recursos e sem a possibilidade de cultivar alimentos, o que fez do lugar um sítio bastante inóspito e com uma ocupação sempre muito instável e irregular.
- b) bem próxima ao vale do rio Nilo, o que favorecia o cultivo de alimentos nas terras férteis da várzea do rio, tendo possibilitado o contato com os egípcios e o processo de sedentarização.
- c) pouco propícia à sedentarização, o que levava os seus habitantes a estabelecerem trocas comerciais em busca de alimentos, além de conviverem com a dificuldade de produzir objetos de cerâmica.
- d) banhada por dois importantes rios, o Tigre e o Eufrates, em torno dos quais surgiram os primeiros agrupamentos humanos que dominaram a técnica da escrita de que se tem notícia.
- e) que oferecia água corrente em abundância, sem que se fizessem necessárias obras hidráulicas, o que favoreceu o desenvolvimento de uma sociedade complexa e institucionalizada.

Comentários

O macete aqui é perceber que a região em questão é no Iraque. Dá um bizu no mapa que vimos na aula:



Dessa forma, considerando a região do “crescente fértil”, banhada por rios, a alternativa A já está fora, pois apresenta informações contrárias aos recursos hídricos que favoreceram ao desenvolvimento das civilizações antigas. A B pode gerar dúvidas, mas o Nilo é um rio que corta o Egito não o Iraque. Falso, pois a sedentarização, isto é, o estabelecimento de comunidades ao redor de regiões propícias ao desenvolvimento humano (presença de água, por exemplo), ocorreu na região em questão. O oposto à sedentarização é o nomadismo, quando as comunidades se deslocam em busca de alimentos e de recursos. Já a alternativa D é a boa, bingo. Por fim, a E peca porque se esquece do desenvolvimento tecnológico a que as civilizações hidráulicas chegaram.

Gabarito: D

4. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2014)

A religião dos romanos era politeísta e antropomórfica com nítidas influências das crenças etrusca e grega. Ao dominar grande parte do mundo conhecido, os romanos entraram em contato com diversas religiões e tiveram por elas grande respeito. Algumas chegaram a erigir seus templos na própria cidade de Roma. O Panteão, ou conjunto de deuses, dos romanos chegou a incorporar alguns dos deuses gregos, com nomes trocados para nomes latinos, mas com os mesmos atributos.

(FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2011)

A tolerância que os romanos tiveram para com diversas religiões do mundo por eles conquistadas não existiu, entretanto, para com a religião cristã, pois

- a) o universo simbólico do cristianismo era muito próximo da religiosidade romana, inclusive em relação ao monoteísmo, o que acabou gerando certa competição entre as religiões.
- b) no momento em que surgiu o cristianismo, a sociedade romana vivia o período mais agudo da sua crise política, social e econômica, o que aumentou a repressão à nova religião.
- c) o cristianismo era, à época, uma religião fechada à conversão, assim como o judaísmo, o que contrariava o esforço de expansão e a perspectiva universalizante da sociedade romana.
- d) a figura do Papa e das outras autoridades da Igreja Católica, tais como cardeais, bispos e arcebispos, ameaçavam simbolicamente a ordem, a hierarquia e a própria existência do império.
- e) de início os cristãos foram perseguidos principalmente por motivos políticos, ainda que mais tarde, no contexto de crise da sociedade romana, o cristianismo tenha se expandido.

Comentários



A - falso, veja que o próprio enunciado afirma que em Roma predominava o politeísmo, então, há uma contradição na afirmação da alternativa, pois sugere a existência do monoteísmo em Roma.

B - A religião cristã começou a se desenvolver na Palestina, uma província que passou a ser ocupada pelos romanos a partir de 64 a.C. e governada por Herodes, o Grande. Basta você se lembrar de que Jesus Cristo nasceu no tempo do Imperador Otávio Augusto e que a data do nascimento de Jesus foi assumida como o ano Zero do calendário cristão (adotado praticamente em todo o ocidente). Nesse considerando o tempo histórico, não foi na crise política mais aguda que o cristianismo surgiu.

C- falso, pois o cristianismo era aberto às pessoas se converterem. Muitos líderes romanos se converteram e, depois, os povos bárbaros.

D- errado, essa figura ainda não existiam neste momento histórico. A ameaça vista pelos Imperadores romanos, começou quando o cristianismo, por representar as classes pobres, indicavam um questionamento à estrutura do regime político e de dominação do império romano.

E- é o nosso gabarito.

Gabarito: E

5. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2013)

A cidadania nos Estados nacionais contemporâneos é um fenômeno único na História. Não podemos falar de continuidade do mundo antigo, de repetição de uma experiência passada e nem mesmo de um desenvolvimento progressivo que unisse o mundo contemporâneo ao antigo. São mundos diferentes, com sociedades distintas, nas quais pertencimento, participação e direitos têm sentidos diversos.

(Norberto Luiz Guarinello, *Cidades-Estado na Antiguidade Clássica*. In PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 29.)

Entre as diferenças que separam o Estado nacional contemporâneo da cidade-estado da Antiguidade, é possível destacar

a) o aspecto militar, que no passado era considerado parte das responsabilidades particulares de cada cidadão e hoje é um dever do Estado.

b) a concepção de cidadania, muito mais restrita à época do que hoje, de tal forma que mulheres, estrangeiros e escravos não eram considerados cidadãos.



c) a política educacional, de caráter público e direcionada a toda a população no mundo antigo, enquanto hoje coexistem instituições públicas e privadas.

d) a política de reforma agrária, desnecessária no mundo antigo devido à igualdade econômica existente, enquanto hoje é parte importante das políticas sociais.

e) a questão econômica, àquela época comandada pelo poder público e hoje sob a responsabilidade dos agentes privados, que gozam de grande autonomia.

Comentários

Dá para notar que um dos conhecimentos cobrados para você entrar na Academia é entender as diferentes evoluções históricas em torno da ideia e do conceito de "cidadania". Claro, as discussões mais profundas sobre "cidadania" são para a aula de Sociologia. Aqui em História, interessa a perspectiva comparada, isto é, como era a cidadania na Grécia Antiga?

Vimos na parte teórica e em outras questões que somente homens atenienses em adulta eram considerados cidadãos. Assim, o gabarito é a B.

a) falso, pois aspecto militar era importante para a cidade-estado Esparta.

c) falso, pois a educação não era direcionada a toda a população grega, mas só aos cidadãos. Escravos e estrangeiros não recebiam a mesma educação que um nobre cidadão ateniense.

d) falso, pois não existia igualdade econômica.

e) falso, pois na Grécia antiga também existiam agentes privados nos negócios econômicos, os proprietários de terra, por exemplo.

Gabarito: B

6. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2012)

No século II a.C., os irmãos Tibério e Caio Graco defenderam a reforma agrária em Roma. Tal proposta era consequência de um processo histórico anterior de concentração de terras na sociedade romana, pois

a) os camponeses, empobrecidos e sem condições de produzir, vinham perdendo suas terras para os patrícios e migrando para as cidades.

b) os patrícios eram os únicos que poderiam ser proprietários de terra em Roma, já que havia uma clara limitação social relacionada ao direito de propriedade.



c) a escravidão vinha diminuindo, o que fazia com que os ricos proprietários ampliassem as suas propriedades na tentativa de aumentar a produção em mais terras cultiváveis.

d) as guerras de expansão tiveram como resultado a ampliação do número de pequenos proprietários, porque formavam-se pequenas propriedades nos novos territórios conquistados.

e) apenas os grandes proprietários participavam do exército, o que tornava necessário aumentar o número de latifundiários para ampliar e reforçar o poder militar de Roma.

Comentários

Para responder a esta questão, vamos retomar um argumento histórico em torno dos plebeus no processo de formação da Monarquia, pois é o tempo indicado no enunciado da questão:

- Os **plebeus** eram pequenos camponeses, proprietários de pequenas terras que produziam, praticamente, para sua subsistência. Era comum os plebeus contraírem grandes dívidas com os patrícios, especialmente nos períodos em que eram convocados para guerras de conquista ou para defender a cidade de alguma ameaça exterior. Por terem que deixar suas pequenas propriedades para atuarem nessas guerras, estas perdiam sua capacidade produtiva. Assim, ao voltarem para sua terra, após o conflito, os plebeus faziam altos empréstimos para poderem recuperar a terra e a produção. Se, por qualquer motivo, os plebeus não pagassem as dívidas viravam escravos.

No mesmo sentido, na virada da República para a fase do Império, de um lado, durante o processo de expansão de Roma, os proprietários e camponeses de menor renda, ao participarem das incursões militares, endividavam-se; do outro, os novos territórios conquistados foram incorporados como propriedade privada dos já enriquecidos *nobilitas*. Os proprietários de terras mais endividados vendiam suas terras aos *nobilitas* e esses, já acumulando terras de conquistas, atingiam um grau de concentração fundiária elevado. Esse processo se aprofundou após a paz romana, quando as guerras diminuíram as potencialidades econômicas do campo. Ou seja, mais um ciclo de venda de terras e de empobrecimento dos que viviam no campo. Então, o que temos que perceber é que a história de Roma, no que diz respeito à terra, é marcada pela concentração fundiária. Por isso, o gabarito é a A.

B - falso, pois as classes mais baixas, como os plebeus, podiam ter terras.

C- falso, a escravidão vinha aumentado, seja a escravidão por dívida, seja a por conquista.

D- errado, pela expansão o número de grandes proprietários aumentou.

E - falso, os pequenos também.

Gabarito: A



7. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2011)

No tempo de Péricles, a população de Atenas era de, aproximadamente, 400 mil habitantes. Mas os cidadãos com direitos plenos não passavam de 40 mil. (...)

(Luiz Koshiha. História: origens, estruturas e processos, 2000.)

Na época tratada no fragmento, eram considerados cidadãos em Atenas apenas os

- a) homens e as mulheres religiosos, que tivessem propriedade rural.
- b) homens, filhos de pais atenienses.
- c) homens guerreiros, com origem nobre.
- d) aristocratas e os comerciantes, atenienses ou estrangeiros.
- e) homens e as mulheres, que possuíssem renda advinda de atividade urbana.

Comentários

Já passamos por este assunto em questões anteriores, então, agora, vou frisar um macete de prova, mas só serve para quem estuda, que é o seu caso, futuro cadete. Sabemos que as mulheres eram excluídas da política, não eram consideradas cidadãs no mesmo patamar que os homens. Por isso, corte todas as alternativas que mencionam "mulheres": A e E. OK! Agora, o mesmo com a D, pois menciona estrangeiros e estes também não eram cidadãos. Ficamos entre a B e a C. O critério "guerreiros" não era o que definia a cidadania em Atenas, mas sim o vínculo de nascimento na polis.

Gabarito: B



QUESTÕES COMENTADAS

1. (UNCISAL 2019)

A democracia na Grécia Antiga significou a chance de os homens se entenderem no ambiente público e resolverem suas diferenças em prol de interesses coletivos. Isso se dava em reuniões e assembleias (na ágora, praça pública grega) nas quais as decisões eram tomadas após uma série de debates e questionamentos. Em vez da força física, da violência e dos privilégios, a palavra passou a representar um instrumento poderoso para os cidadãos, que deveriam entre si argumentar, questionar, refutar, esclarecer, dialogar, persuadir etc., para, assim, chegar a um consenso sobre o que era melhor para a sociedade.

Disponível em: <http://educacao.globo.com>. Acesso em: 14 nov. 2018.

Na Grécia Antiga, a adoção da democracia resultou na

- A) escravização dos indivíduos negros.
- B) concessão do estatuto de cidadãs gregas às mulheres.
- C) garantia de representação política da população como um todo.
- D) inclusão irrestrita das camadas sociais na categoria de cidadãos.
- E) manutenção da exclusão de amplos grupos de indivíduos não aceitos como cidadãos.

Comentários

- a) falso, pois a escravização ocorria por dívidas e por conta das guerras, isto é, do resultado delas.
- b) errado, as mulheres não eram consideradas cidadãs.
- c) falso, apenas uma parcela participava: homens, maiores de 21 e com vínculo com a terra (em Atenas, os nascidos nesta pólis). Estrangeiros e mulheres, por exemplo, não participavam.
- d) falso, aqui é quase a mesma afirmação que a letra c).
- e) é o nosso gabarito.

Gabarito: E

2. (UNCISAL 2015)



Apesar de considerarmos a Grécia Antiga o seu berço [...] não se pode ainda falar em democracia, porquanto esta é caracterizada não pelo governo das leis, mas pela participação do povo no governo, o que ainda estava longe de ser verificado naquele estágio.

KIBRIT, Orly. O ideal de Sólon e a democracia na Grécia Antiga. Revista SJRJ, Rio de Janeiro, v. 19, n. 33, p. 143-148. abr. 2012 (adaptado).

A crítica à democracia grega se refere ao fato de que

- A) apenas uma parcela da população tinha de fato direito à participação democrática.
- B) a participação popular nas decisões era facultativa e limitada às votações para escolha do rei.
- C) os políticos davam pouca atenção aos problemas das classes mais pobres da sociedade.
- D) os direitos eram assegurados a todos os nascidos em território grego e não aos estrangeiros.
- E) todos os habitantes da polis eram obrigados a dedicar alguns dias do ano aos debates políticos.

Comentários

a) correto. Repare que este assunto sobre a democracia e que participava, ou seja, o grau de participação entre os gregos, é algo bastante lembrado pelos examinadores.

b) errado, pois a democracia era restrita.

c) falso, primeiro porque não é uma conclusão a partir do texto do enunciado; segundo porque havia política direcionada aos pobres.

d) falso, mulheres gregas, por exemplo, não participavam das decisões políticas.

e) errado, veja que a alternativa generaliza. Não eram todos, mas apenas uma parte deles.

Gabarito: A

3. (UEA – 2019)

Discóbolo Lancellotti é cópia romana da escultura grega feita originalmente em bronze, por Míron, em 450 a.C.





(www.historiadelarte.us)

Pertencente ao Museu Nacional de Roma, o Discóbolo Lancellotti assinala

- a) a separação entre arte e ciência na Grécia clássica e a criação da ciência anatômica por sábios romanos.
- b) a ligação da arte grega com as crenças religiosas e a falta de refinamento nas produções artísticas de Roma Antiga.
- c) a representação da irracionalidade humana no desequilíbrio corporal e o enaltecimento da ética guerreira dos romanos.
- d) a visão pessimista dos gregos clássicos sobre os destinos da humanidade e a escravização dos gregos pelos conquistadores romanos.
- e) a concepção de beleza ideal das artes gregas e a presença da cultura grega na sociedade romana da Antiguidade

Comentários

A arte e a ciência eram aspectos muito valorizados na cultura greco-romana. Uma característica marcante dessas civilizações era o uso da ciência anatômica na criação de esculturas de grandes representantes políticos ou de deuses, nos quais eles cultuavam e enalteciam. Era rica a forma representada do equilíbrio do corpo humano, pois para eles, o belo significava também a grandeza desses povos.

Com isso, olhemos as alternativas:

- a) Incorreto. A arte e a ciência nunca foram separadas para esses grupos.
- b) Incorreto. As produções artísticas romanas eram tão refinadas quanto as gregas.
- c) Incorreto. Pelo contrário havia um equilíbrio corporal e uma representação da racionalidade humana muito evidente nas esculturas de gregos e romanos.
- d) Incorreto. Os gregos não foram escravizados pelos romanos.
- e) Correto. Os romanos foram muito influenciados pela cultura grega para a construção da sua sociedade, tanto no campo social, quanto político e cultural.

Gabarito: E

4. (UEA – 2018)

O cidadão não é cidadão pelo fato de se ter estabelecido em algum lugar – pois os estrangeiros e os escravos também são estabelecidos. [...] Por aí se vê, pois, o que é o cidadão: aquele que tem uma parte legal na autoridade deliberativa e na autoridade judiciária. (Aristóteles. A política, s/d.)

Aristóteles, filósofo do século IV a.C., fundou e dirigiu, na cidade de Atenas, o Liceu, um centro de estudos filosóficos. A sua definição de cidadania

- a) referia-se a direitos políticos exclusivos de alguns indivíduos nas cidades.
- b) restringia-se aos governos altamente militarizados das cidades.
- c) desconhecia as práticas políticas efetivas do extenso mundo grego.
- d) abrangia o conjunto da população economicamente ativa na Grécia.
- e) opunha-se ao funcionamento dos regimes democráticos nas pólis.

Comentários

No excerto, o filósofo Aristóteles comenta sobre o que é ser cidadão na polis ateniense. Nessa época, não era comum que todos os habitantes da cidade tivessem direitos para participarem das discussões públicas. Isso porque em Atenas somente os homens livres, nascidos de pai e mãe ateniense, com mais de 18 anos poderiam participar da vida política. Os escravos, mulheres e estrangeiros eram excluídos desse sistema de decisões.

Visto isso:



- A) Correto. Quando ele menciona que o cidadão é aquele que possui autoridade jurídica, ele está se referindo a esse grupo seletivo de pessoas mencionadas acima.
- B) Incorreto. Diversas polis não eram altamente militarizadas, exemplo a própria Atenas.
- C) Incorreto. Essa definição de cidadania foi uma das mais exercidas e efetivadas dentro do mundo grego.
- D) Incorreto. Essa definição era excludente, como mencionado nos [Comentários](#).
- E) Incorreto. Ele funcionou em paralelo ao regime democrático ateniense.

Gabarito: A

5. (UEA – 2017)

Às vezes se denomina “Crescente Fértil” a importante região que forma um arco de território desde o Delta do Nilo através da Palestina e do Levante, estende-se a leste ao longo das colinas da Anatólia e termina nas montanhas situadas entre o Irã e o Mar Cáspio, incluindo os vales fluviais da Mesopotâmia. (J. M. Roberts. O livro de ouro da história do mundo, 2001.)

O excerto descreve um espaço geográfico e histórico em que

- a) constituíram-se os padrões culturais europeus, como o teatro trágico, e as organizações políticas populares, como a democracia.
- b) predominaram a uniformidade cultural, com o emprego de um só idioma, e longo período de paz social, com a ausência de guerras.
- c) ocorreram mudanças culturais significativas, como a invenção da escrita, e políticas, como a formação de Estados.
- d) permaneceram precários os contatos entre as comunidades, como nas do centro da África, e as atividades econômicas, com a coleta.
- e) desapareceram as fontes históricas escritas, como os códigos de leis, e registros arqueológicos, como as peças de cerâmica.

Comentários

A região do Crescente Fértil também é chamada de Oriente Próximo. Ela é uma terra muito rica para a produção da agricultura, devido ser localizada entre três rios muito famosos, o Rio Nilo, Tigre e Eufrates. Pode se dizer o berço da civilização por ter sido onde se constituiu algumas das primeiras civilizações do planeta, como os egípcios, sumérios, acádios, babilônicos entre outros.



Outro ponto é que o território era plano e de fácil acesso, portanto era um local de enorme interação entre povos, onde surgiram muitas coisas, como a escrita, a política e os Estados organizados. Por último, foram espaços de disseminações culturais, e que possuem registros arqueológicos até hoje.

Com isso, analisando as questões:

- A) Incorreto. Essa descrição está atrelada a civilização grega, e não aos povos do Crescente Fértil.
- B) Incorreto. Devido a dominação de diversos povos na região, não predominou nenhuma cultura em específica no Crescente.
- C) Correto. A dinamicidade do espaço fez com que florescesse na região diversas relações sociais entre os povos que lá viveram.
- D) Incorreto. O contato entre os grupos sociais que lá habitaram não era precário, pelo contrário, era ativo e vivo.
- E) Incorreto. Muitos dos objetos dessas populações permaneceram intactas até hoje, e conservadas em grandes Museus pelo mundo, ou no seu local de origem.

Gabarito: C

6. (UEA – 2016 / Segunda Fase)

Não somente a feitura de imagens nas antigas civilizações estava vinculada à magia e à religião, como era também a primeira forma de escrita. Sabemos muito pouco a respeito dessas origens misteriosas; mas, se quisermos compreender a história da arte, será conveniente recordar, vez por outra, que imagens e letras são na verdade parentes consanguíneos. (E. H. Gombrich. A história da arte, 1993. Adaptado.)

O texto afirma que

- a) o nomadismo dos primeiros agrupamentos humanos impossibilitava a produção de imagens.
- b) a expressão por meio da escrita fonética proporcionava a consolidação dos laços internos nas sociedades antigas.
- c) a produção de imagens, nas primeiras sociedades organizadas, estava desvinculada das necessidades práticas da existência.
- d) o estudo de sociedades remotas é possibilitado pela decifração de seus alfabetos fonéticos.



e) o reconhecimento da diversidade das formas de expressão permite estudos sobre povos antigos.

Comentários

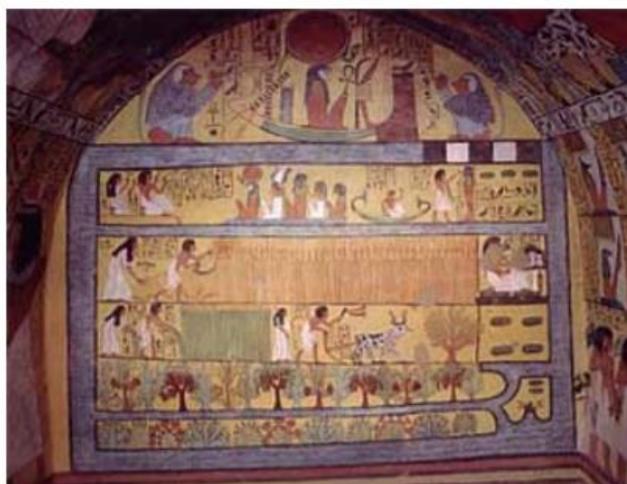
Essa questão está relacionada a Pré-História, quando o homem ainda não vivia em sociedades organizadas. Nessa época, os seres humanos não possuíam formas de escrita desenvolvida, porém, pela interpretação do texto verificamos que o autor acredita que as imagens podem ser consideradas como uma forma de comunicação e de expressão, assim como a escrita. Isso demonstra uma visão mais diversificada de História que considera diversas formas de expressão e registro como meios de compreensão da história.

Visto isso, passamos às alternativas:

- A) Incorreto. As sociedades nômades produziam pinturas rupestres nas cavernas.
- B) Incorreto. A escrita fonética não tem a ver com o texto.
- C) Incorreto. Pelo contrário, está intrinsecamente ligada as práticas existenciais, devido a ser uma forma de comunicação entre os homens.
- D) Incorreto. Pois não foi documentado a história desses povos, sendo possível conhecê-los somente por outras fontes históricas, como as mencionadas nos **Comentários**.
- E) Correto. As diversidades culturais se tornaram fontes ricas em detalhes para a historiografia contemporânea, e está sendo utilizada muitas vezes para contrapor a falta de informações sobre algumas sociedades a-escritas ou cujas fontes escritas são insuficientes.

Gabarito: E

7. (UEA-2015)



(www.lahomacina.com)



O túmulo do artesão Sennedjem e de sua esposa Inyfert, que viveram por volta do século XIII a.C., no Egito, foi decorado com representações de atividades econômicas. Nessa pintura mural, o artesão e a sua esposa, além de prestarem reverências aos deuses, dedicam-se

- a) ao trabalho árduo e fatigante pouco favorecido pela proximidade do rio.
- b) aos lazeres da pesca no período anual de inundação das margens do rio.
- c) à coleta de riquezas fornecidas naturalmente pelos solos fertilizados pelo rio.
- d) aos trabalhos agrícolas altamente produtivos nas margens férteis do rio.
- e) à construção de muralhas de contenção das cheias periódicas do rio.

Comentários

Essa questão está inserida no período histórico que chamamos de Antiguidade, que se estabeleceu em por volta de 4.000 anos antes de Cristo (época da invenção da escrita) até 476 d.C., com o fim do Império Romano.

Passando ao espaço físico, a pergunta está relacionada a civilização egípcia. Ela forma um dos povos mais antigos de toda a Humanidade, sendo uma das primeiras a ter um sistema socioeconômico mais complexo, e que notoriamente influenciou outros territórios. Esse modo de vida que se desenvolveu nessa localidade ficou conhecido como “modo de produção asiático”, no qual os grupos que lá viviam eram chamados de sociedades hidráulicas ou de regadio, devido à necessidade de controlar os recursos hídricos e suas tecnologias – com obras de irrigação, diques, barragens e drenagens – para consolidar e expandir a produção agrícola. Ainda sobre o espaço dessa sociedade, os egípcios estão localizados as margens do Rio Nilo, em um território denominado como Oriente Próximo (atual Oriente Médio), também conhecida como a região do Crescente Fértil, que também é formada pelos rios Tigre e Eufrates.

Passados essas informações, analisemos as alternativas:

- A) Incorreto. Ao contrário do que é exposto na alternativa, o trabalho as margens do Rio Nilo favoreciam muito a produção agrícola da região, por se tratar de um espaço desértico, onde a única fonte fértil para a sobrevivência é as margens do rio.
- B) Incorreto. Analisando a pintura, ela não aparenta demonstrar um momento de lazer, e sim de trabalho do artesão e de sua esposa.
- C) Incorreto. O termo riquezas dá a entender que nas margens do Nilo eram recolhidas coisas preciosas como ouro, ou coisas do tipo, e desvia o foco da opção correta.



D) Correto. Como mencionado nos **Comentários**, a Crescente fértil possibilitou o desenvolvimento desse povo nas proximidades do Rio.

E) Incorreto. Os egípcios não construíram muralhas.

Gabarito: D

8. (UEA – 2015 / Segunda Fase)

Os santuários maiores, Olímpia ou Delfos, Delos ou Ístmo, atraem as multidões vindas de todo o mundo grego; pois os deuses guiaram essas instalações longínquas e favoreceram a nova prosperidade: seria justo que eles recebessem a sua parte. Os santuários irão absorver, por muito tempo, as atividades dos arquitetos de uma maneira quase exclusiva; e suas estátuas, apresentadas à piedade e à admiração dos fiéis, propõem aos artistas novas fontes de inspiração. (René Ginouvès. A arte grega, 1983. Adaptado.)

A partir da leitura do excerto, é correto afirmar que os templos da Grécia Antiga eram

a) definidos como a residência dos reis gregos e de seus familiares, considerados filhos dos deuses do Olimpo.

b) edificadas com a finalidade de unir os gregos durante os jogos esportivos que ocorriam a cada quatro anos.

c) centros de aprendizado filosófico e de comprovação racional do predomínio grego sobre os bárbaros.

d) pontos de convergência dos povos gregos dispersos pela diáspora e fontes de renovação cultural.

e) construídos com o propósito político de manter a unidade dos gregos contra os inimigos externos.

Comentários

As sociedades gregas que viveram na Antiguidade eram independentes, com cada uma delas possuindo sua própria cidade, a partir do século VIII a.C. Notoriamente, as cidades-estados (ou *pólis*, como eram denominadas) mais conhecidas foram Esparta e Atenas. Durante esse período, os *Helenos*, assim como os Romanos, foram as sociedades que mais influenciaram cultural, social, política e economicamente parte da Europa.

Na Grécia Antiga, mesmo que independentes, os grupos sociais que habitavam a região possuíam duas características em comum: a religião e a língua. Essas eram semelhanças entre todos os povos



que participaram das diásporas ocorridas naquele espaço físico, e os templos de adoração aos deuses se tornaram uma fonte de união e de renovação cultural para essas sociedades.

Portanto, indo as alternativas:

A) Incorreto. O texto não aborda que os templos eram as residências dos reis, e sim de um espaço sagrado e de culto aos deuses antigos.

B) Incorreto. O excerto não faz menção alguma a jogos esportivos.

C) Incorreto. O escrito não faz referência a centro de estudos filosóficos e as civilizações barbas.

D) Correto. De acordo com o que foi mencionado nos **Comentários**.

E) Incorreto. Isso não impossibilitou que esses povos divergissem em diversos fatores, acarretando guerras internas e disputas de poder.

Gabarito: D

9. (UEA – 2014 / Segunda Fase)

A causa mais verdadeira da Guerra do Peloponeso é, também, a menos declarada. Na minha maneira de ver, o crescimento dos atenienses causou temor nos lacedemônios, empurrando-os, então, para a guerra. Mas os motivos apresentados abertamente pelos dois lados são os seguintes. (Tucídides. História da guerra do Peloponeso, 1990. Adaptado.)

Tucídides foi contemporâneo da Guerra do Peloponeso que opôs, a partir de 431 a.C., as cidades de Atenas e Esparta. O historiador demonstra ser consciente das exigências do seu ofício,

a) procurando distinguir seu ponto de vista das justificativas fornecidas pelos participantes do acontecimento.

b) reconhecendo os vínculos da escrita da história com poemas do gênero épico, como *Ilíada* e *Odisseia*.

c) ignorando as explicações ou as razões que os protagonistas dos fatos sociais apresentam sobre eles.

d) afirmando que a verdade histórica baseia-se no rigor e na universalidade do conhecimento filosófico.

e) sustentando, mesmo que implicitamente, que as fontes históricas são pouco relevantes para a análise do ocorrido.



Comentários

Essa questão está relacionando a historiografia com uma das Guerras mais famosas do Mundo Antigo, entre Espartanos x Atenienses. O autor grego Tucídides, que viveu aquele momento, não se atentou somente a dizer o que as duas pólis disseram para justificar a guerra entre elas, e sim a analisar o contexto por de trás desse conflito. Explicitando que era somente sua visão sobre os fatos, o historiador, junto com outros intelectuais da época, como Heródoto, foram os primeiros a pensar o passado como algo a ser estudado, sendo o segundo nomeado como o pai da História. Eles foram percussores da reflexão histórica, e seus métodos tiveram enorme influência ao longo do tempo, até que no século XIX, a História fosse considerada como uma ciência também.

Portanto a única resposta que é coerente com isso, é a alternativa (A). Já as demais, distorcem ou não tem relação com o que o escritor disse no excerto acima.

Gabarito: A

10. (UEA – 2014 / Segunda Fase)

Convém que os edifícios consagrados ao culto dos deuses sejam reunidos num local bastante visível para que a majestade dos deuses possa nele manifestar-se. É também conveniente que abaixo desse local se encontre a praça pública, a Praça da Liberdade. Esta praça será desembaraçada de tudo aquilo que se vende e que se compra: os artesãos e os lavradores não deverão dela se aproximar, a não ser que os chamem os magistrados. A praça destinada a servir de mercado para as mercadorias deve ser separada da Praça da Liberdade, e de tal modo situada que seja fácil a ela transportar tudo que vem por mar e os produtos do país. (Aristóteles. A política, s/d. Adaptado.)

Aristóteles faz uma espécie de desenho ideal da cidade grega, que deveria ser fisicamente composta por

- a) espaços de culto, de decisões políticas e de relações comerciais.
- b) locais de ginástica, de oratória e de contato com estrangeiros.
- c) lugares reservados aos homens livres, aos escravos e aos estrangeiros.
- d) centros de comércio religioso, de encontros culturais e de empréstimos de dinheiro.
- e) quartéis militares, faculdades de filosofia e termas públicas.

Comentários

Aristóteles, um dos mais famosos filósofos de todos os tempos, viveu na Grécia Antiga, durante o Período Clássico (V e IV a.C.), em que a cultura estava no auge de sua influência tanto no mundo



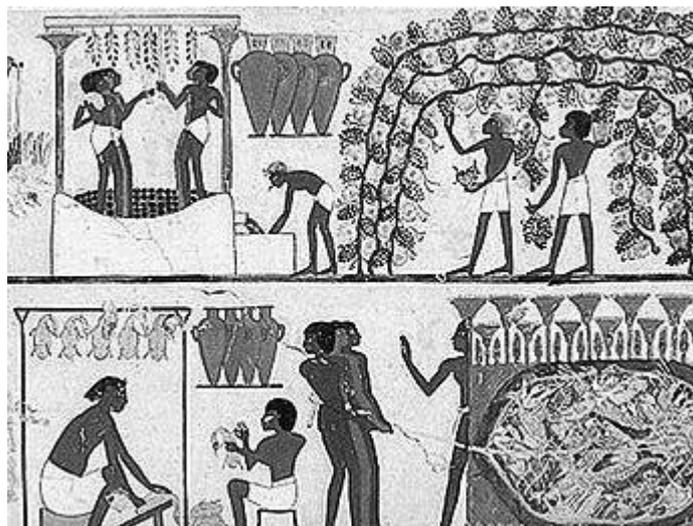
ocidental quanto no oriental. Portanto, foi nessa época em que as polis mais prosperaram, e, nesse momento, os gregos se desenvolveram muito, tanto nos aspectos econômicos, sociais, políticos, artísticos, entre outros. O modelo de organização social na Grécia foi tão importante, que posteriormente os romanos fizeram um sistema semelhante em seus territórios.

Visto isso, baseado no que o autor menciona no texto, o ideal de cidade grega tinha que ser composto pelo menos em um local para contemplar os deuses, uma praça para se discutir os problemas políticos da pólis e exercer sua cidadania e intelectualidade, e por fim, um espaço destinado as mercadorias, onde elas poderiam ser comercializadas, e que deveria ser próxima a região do Porto, onde ela poderia ser transportada para fora da cidade.

Com isso, percebe-se que a questão é mais interpretativa do que imaginamos, e a única resposta que se encaixa perfeitamente no que Aristóteles disserta, é a alternativa (A) **“espaços de culto, de decisões políticas e de relações comerciais.”**

Gabarito: A

11.(UEA 2014)



(Tumba de Nakht, 1.400 a.C.)

Os egípcios da Antiguidade acreditavam que a vida continuava no além-túmulo e que, para isso, era preciso que o ambiente social, em que os donos dos túmulos viveram, fosse representado nas suas paredes. Essas pinturas da tumba de Nakht, escriba do Império, representam

a) as intervenções e modificações realizadas pelos antigos egípcios no mundo natural, por meio de técnicas e conhecimentos adquiridos.

b) as secas periódicas, que afligiam os antigos egípcios e resultavam do baixo índice pluviométrico nas cabeceiras do rio Nilo.

c) os conflitos sociais presentes na antiga sociedade egípcia que opunham a nobreza aos altos funcionários públicos.

d) o poder teocrático dos faraós que eram considerados filhos do deus Sol e, devido a isso, justos e infalíveis.

e) a falta de habilidade dos antigos pintores egípcios, incapazes de retratar a vida cotidiana da população.

Comentários

No Antigo Egito, a religião ocupava um lugar fundamental na vida social e dela decorreu desenvolvimento em diferentes áreas do conhecimento humano: agricultura, escrita, pintura. A religião era politeísta (crença em muitos deuses) e havia a crença na vida após a morte.

Conforme o texto da questão, a crença da vida além da morte, contribui para justificar que o ambiente social da personalidade ali "enterrada" fosse representado. Assim, os feitos e a riqueza deveriam perpetuar, de modo que o "morto" levaria para sua condição de realeza para a outra vida. Por isso, juntamente com os mortos eram colocados adornos de riqueza, ouro, pedras preciosas etc. Já nas paredes dos túmulos eram retratadas a vida dos faraós, as ações dos Deuses, a vida após a morte e outros temas da vida religiosa. Dessa forma, a história contada nas paredes deixava claro quem era a pessoa ali "enterrada", na verdade, mumificada. Estes desenhos eram realizados com as figuras mostradas de perfil, pois os egípcios antigos não conheciam a técnica da perspectiva com imagens tridimensionais. Os desenhos também eram acompanhados de textos. Veja o desenho de uma descoberta recente de um tumba quase intacta...



¹ Storia della tomba del nobile Khuwy ritrovata nel sud dell'Egitto. Agi. 21/abr/2019. Disponível em: https://www.agi.it/estero/tomba_khuwy_egitto-5368104/news/2019-04-21/. Acesso em: 20/07/2019.

As demais alternativas trazem aspectos do Egito Antigo, mas ou exageram ou distorcem. Vejamos.

B – o rio Nilo, de fato, contribuiu para o desenvolvimento da civilização egípcia a ponto de enquadrarmos os egípcios entre as Sociedades Hidráulicas. Contudo, não havia secas periódicas do Nilo, mas um curso natural de cheias e retorno ao curso normal do leito do rio. Por sinal, as áreas alagadas, assim que perdiam o volume de água (fim das cheias) se tornavam em zonas muito férteis. A dinâmica do Nilo era de enchentes e vazantes.

C – essa oposição conflitiva entre nobreza e altos funcionários não existia, pois a sociedade era rigidamente controlada, principalmente pela religião. Além disso, o propósito de representar a vida terrena nas tumbas não era levar os conflitos para o ambiente da morte, mas sim a vida faraônica, as realizações, as riquezas, etc.

D - essa alternativa retira o caráter politeísta da religião egípcia, muito embora, de fato, o culto ao Deus Sol tenha se sobressaído por mais de 20 séculos no Egito Antigo. Cada divindade cultuada no Egito Antigo continha seus significados e relações com fenômenos da natureza. Dentro disso, o Deus Rá era considerado a principal divindade egípcia, conhecido como o Deus Sol, devido a importância da luz para a produção dos alimentos. Rá, além de ser considerado o Deus Sol, também era denominado como o criador dos Deuses. Então, existiam outros Deuses e não somente um que originava os faraós, muito embora, havia a crença de que os egípcios como um todo fossem o “rebanho de Rá”. Ademais, existiam divergências entre as próprias realidades: os sacerdotes de Heliópolis cultuavam Rá enquanto o Sol criador de todos os deuses; já os faraós de Tebas, querendo livrar-se da hegemonia do Deus criado pelos sacerdotes, adotaram Amon como Deus supremo. Daí surgiu uma combinação entre os dois deuses que ficou denominada de Amon-Rá, o protetor dos faraós.

Cumpra frisar que o faraó Akenatón e sua mulher Nefertiti (por volta de 1.353 a. C) quiseram substituir o panteão de deuses egípcios por uma única divindade — o deus Sol, ou Atón, o criador de todos. Akenatón decretou que os 2 mil deuses que eram adorados no Egito, há mais de um milênio, estariam extintos. Suas aparências humanas e animais foram substituídas pela forma abstrata do Sol e de seus raios. Ou seja, essa alternativa D conta uma parte da história do Antigo Egito e a generaliza, de modo a distorcer o caráter politeísta da religião. Pode não Arnaldo!!!!

E – veja o desenho acima que trouxe para você conferir. Não dá para que era falta de habilidade. Essa alternativa é do tipo, coloca aí para cumprir tabela e fechamos as cinco alternativas. Os vestibulares têm muito disso, uma alternativa bem deslocada só para ver se alguém cai na casca de banana.

Gabarito: A

12.(UEA – 2013)





(Tumba de Nakht, 1.400 a.C.)

Os egípcios da Antiguidade acreditavam que a vida continuava no além-túmulo e que, para isso, era preciso que o ambiente social, em que os donos dos túmulos viveram, fosse representado nas suas paredes. Essas pinturas da tumba de Nakht, escriba do Império, representam

- a) as intervenções e modificações realizadas pelos antigos egípcios no mundo natural, por meio de técnicas e conhecimentos adquiridos.
- b) as secas periódicas, que afligiam os antigos egípcios e resultavam do baixo índice pluviométrico nas cabeceiras do rio Nilo.
- c) os conflitos sociais presentes na antiga sociedade egípcia que opunham a nobreza aos altos funcionários públicos.
- d) o poder teocrático dos faraós que eram considerados filhos do deus Sol e, devido a isso, justos e infalíveis.
- e) a falta de habilidade dos antigos pintores egípcios, incapazes de retratar a vida cotidiana da população.

Comentários

De acordo com o enunciado, os desenhos egípcios antigos fazem alusão a vida cotidiana egípcia. Quando alguém morria, sua vida era retratada em desenhos no ambiente onde essa pessoa morava. Portanto, baseado nisso, as alternativas estão:

- A) Correta. Devido ao texto estar tratando de como esse povo se relacionava culturalmente com o ambiente, por meio de suas técnicas de produção artística.
- B) Incorreta. O texto não faz menção alguma a secas periódicas.
- C) Incorreta. Por não se tratar do comentado no texto.
- D) Incorreta. A discussão não é relacionada ao contexto político, e sim sociocultural da sociedade egípcia.
- E) Incorreta. Por não condizer com a realidade da arte e da representação iconográfica (desenhos) egípcia.

Gabarito: A

13. (UEA -2013)

A sabedoria do amo consiste no emprego que ele faz dos seus escravos; ele é senhor, não tanto porque possui escravos, mas porque deles se serve. Esta sabedoria do amo nada tem, aliás, de muito grande ou de muito elevado; ela se reduz a saber mandar o que o escravo deve saber fazer. Também todos que a ela se podem furtar deixam os seus cuidados a um mordomo, e vão se entregar à política ou à filosofia. (Aristóteles. A política, s/d. Adaptado.)

O filósofo Aristóteles dirigiu, na cidade grega de Atenas, entre 331 e 323 a.C., uma escola de filosofia chamada de Liceu. No excerto, Aristóteles considera que a escravidão

- a) é um empecilho ao florescimento da filosofia e da política democrática nas cidades da Grécia.
- b) permite ao cidadão afastar-se de obrigações econômicas e dedicar-se às atividades próprias dos homens livres.
- c) facilita a expansão militar das cidades gregas à medida que liberta os cidadãos dos trabalhos domésticos.
- d) é responsável pela decadência da cultura grega, pois os senhores preocupavam-se somente em dominar os escravos.
- e) promove a união dos cidadãos das diversas pólis gregas no sentido de garantir o controle dos escravos.

Comentários

Essa questão está inserida no tempo histórico conhecido como o auge da civilização grega, no Período Clássico. Especificamente Aristóteles fala sobre a vida na polis ateniense, durante essa época, relacionando política, trabalho e filosofia. Tanto ele, quanto outros filósofos acreditavam que os cidadãos livres tinham que se preocupar com questões relacionados a vida em sociedade em Atenas, enquanto os afazeres domésticos e ademais serviços deveriam ser exercidos pelos escravos e as mulheres. Isso porque eles acreditavam que ócio ajudava a cultivar suas excelências



morais e intelectuais (*aretê*), e o trabalho afastava o homem de exercer sua cidadania e o distanciava da política, da arte, da literatura e da filosofia.

Com isso, passamos as questões:

- A) Incorreto. A escravidão não impediu o florescimento dessas duas ocupações na Grécia Antiga.
- B) Correto. Os homens livres se dedicavam somente as atividades de cunhos culturais, enquanto os escravos se empenhavam no trabalho econômico da polis.
- C) Incorreto. A expansão colonial grega não foi de cunho militar, e sim econômico, baseado no comércio e nas trocas culturais com outras regiões, como a Magna Grécia (região de colonização grega no Sul da Itália).
- D) Incorreto. O escravismo não está relacionado a decadência da cultura grega, que permanecera com seus traços presentes até os dias atuais em nossa sociedade.
- E) Incorreto. As cidades gregas eram independentes uma das outras, e não tinham nenhuma relação entre seus cidadãos.

Gabarito: B

14. (UEA – 2018 / Segunda Fase)

A mão de obra para as imensas propriedades que surgiram a partir do final do século III a. C. veio da série de campanhas espetaculares que deram a Roma o domínio sobre o mundo mediterrâneo. Essas guerras acentuaram o declínio do campesinato romano, que antes formara a robusta base de pequenos proprietários. As vitórias militares escravizavam cativos de guerra e os mandavam para os campos e cidades da Itália. (Perry Anderson. Passagens da Antiguidade ao feudalismo, 2016. Adaptado.)

Considerando o texto e conhecimentos sobre a Roma da Antiguidade, podem-se citar como consequências das transformações históricas do período republicano a

- (A) crise financeira do Estado e a invasão militar do território romano pelos povos bárbaros.
- (B) legalização da escravidão por dívida pelo Senado e a extinção dos Tribunos da plebe.
- (C) expansão dos latifúndios escravistas e o deslocamento de populações dos campos para as cidades.
- (D) submissão dos comandantes militares aos proprietários rurais e a democratização do exército.
- (E) aliança dos camponeses sem terra com os escravos e a conquista de direitos políticos pela plebe.

Comentários:



A Civilização Romana é dividida em 3 grandes períodos: Monarquia, República e Império. Desses, o mencionado no texto é sobre o período republicano. Com base no que foi dito, Roma obteve uma expansão militar significativa por volta do século III a.C. Com isso, muitos povos vencidos, passaram a se tornar escravos das Legiões e dos grandes senhores romanos (os patrícios). Porém, além dos vencidos, devido aos enormes gastos com as excursões, que eram todas financiadas de forma privada, os pequenos proprietários romanos, pertencentes ao campesinato também foram escravizados. Isso anos depois gerou uma revolta que fez o Senado cancelar a escravidão por dívida. Além disso, a população camponesa (plebeus) depois de muitas revoltas, teve seus direitos reconhecidos com a criação do Tribunal da Plebe para poderem participar também das decisões políticas no território de Roma.

Mediante a isso, passemos as questões:

- A) Incorreto. A crise financeira e a invasão dos povos bárbaros ocorreram somente no final do Império, e não na época da República.
- B) Incorreto. Foi extinta a escravidão por dívida e criado os Tribunos da Plebe.
- C) Correto, com a inserção de muitos escravos, todos eles passaram a ocupar o território romano, com muitos indo para as cidades.
- D) Incorreto. Os comandantes militares não eram submissos aos proprietários rurais e os plebeus não podiam fazer parte do exército. Muitas vezes eram contratados mercenários para compor o exército romano.
- E) Incorreto. Os camponeses e os escravos não fizeram alianças para conquistar seus direitos políticos.

Gabarito: C

15. (UEA – 2013 / Segunda Fase)

Pois a plebe, que nada ousa por si, e a nenhum conselho é admitida, quase é tida no lugar de escravos. Os mais dela, quando se veem oprimidos, ou por dívida, ou pela grandeza dos tributos, ou pela prepotência dos poderosos, escravizam-se aos nobres, que exercem sobre eles os mesmos direitos, que os senhores sobre os escravos.

(Júlio César. Comentários sobre a guerra gálica, s/d.)

Júlio César publicou seu livro sobre a conquista romana da Gália em 51 a.C., ano de conclusão da ação militar. O excerto, extraído desse livro, mostra a indignação do general diante da sociedade gaulesa, na qual, ao contrário de Roma, a plebe



(A) estava isenta de compromissos econômicos de qualquer espécie, vivendo isoladamente nas suas terras.

(B) pouco participava das guerras, beneficiando-se dos alimentos ofertados gratuitamente pelo Estado.

(C) tinha um baixo grau de instrução militar e, por isso, era desprezada pela culturalmente refinada nobreza gaulesa.

(D) submetia-se aos vencedores romanos na tentativa de se libertar da severidade dos senhores gauleses.

(E) mal se distinguia dos escravos, além de estar afastada dos direitos políticos.

Comentários:

Essa questão trata do contexto da expansão e dominação Romana na Gália (atual França). No texto, o imperador Júlio Cesar manifesta sua perplexidade com relação a forma como a plebe gaulesa se relaciona com seus senhores, de forma muito mais semelhante a um escravo do que a plebe romana.

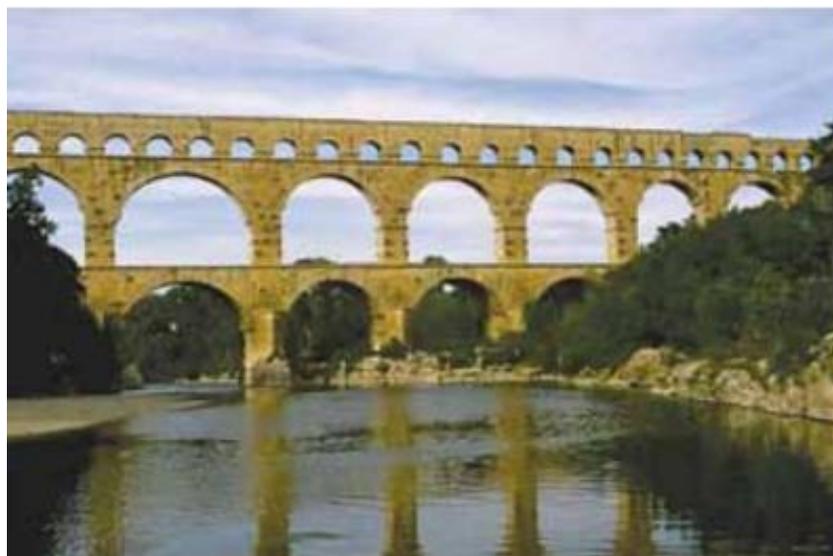
Analisado esse texto, vamos as alternativas:

- A) Incorreto. A plebe gaulesa, estava comprometida aos seus senhores e ao pagamento de tributos.
- B) Incorreto. A plebe romana participava ativamente das guerras de expansão, porém a posse das terras conquistadas ficava com os patrícios, visto que o poder militar era individualizado e privado, fazendo os plebeus se endividarem para poder lutar nesses conflitos.
- C) Incorreto. Pelo contrário, a maioria dos povos germânicos eram de grupos guerreiros, altamente instruídos militarmente.
- D) Incorreto. Muitos lutaram até que fossem totalmente derrotados, sendo fiéis aos seus senhores.
- E) Correto. Na sociedade germânica a plebe não possuía tantos direitos quanto na sociedade romana, e exercia funções muito semelhantes ao de escravos romanos.

Gabarito: E

16.(UEA 2012)





(Aqueduto romano *Pont-du-Gard*, sul da França.)

Os aquedutos, invenção romana do século I depois de Cristo, são reveladores de aspectos essenciais da cultura e do legado civilizacional do antigo Império Romano. Entre esses aspectos, destacam-se

- (A) o caráter pouco prático das suas realizações e a ênfase acentuada nos elementos plásticos.
- (B) os conhecimentos de engenharia e a associação de utilidade e beleza em suas construções.
- (C) a imitação servil da construção grega e a falta de criatividade nas construções civis e militares.
- (D) a fragilidade de suas construções e a natureza espiritual e religiosa de suas edificações.
- (E) a ausência de funcionalidade de seus prédios e o desejo de provocar temor aos povos conquistados.

Comentários:

Esse período foi denominado pelos historiadores como *Pax Romana*. Logo após se declarar imperador de Roma, Otávio Augustus implementou uma série de políticas públicas a fim de controlar esse vasto território que continuava em expansão, e que necessitava de uma nova organização para que o Império continuasse se consolidando. Então Otávio cria uma burocracia administrativa, com critério censitário. Isso lhe garantia mais controle sobre o Estado romano e ainda agradava as classes sociais mais endinheiradas (patrícios e *noblitas*)

No âmbito das tensões sociais, as formas encontradas para controlar a população plebeia, que só aumentava em Roma, foi a despolitizando com distribuições de trigo e aumento de espetáculos de batalhas entre gladiadores no Coliseu, abertos ao público. Essas medidas foram chamadas de política do "pão e circo". Além disso, outra característica marcante desse tempo, foram o uso dos



seus conhecimentos para criação de estradas e aquedutos, melhorando o transporte de mercadorias em todo o território. Essas obras públicas eram propositalmente associadas a grandeza e a beleza do Império que estava se encaminhando ao seu auge.

Visto isso,

- A) Incorreto. O caráter era extremamente prático, visto que facilitava o transporte de água de uma região distante para os grandes centros urbanos do Império.
- B) Correto. Os estudos matemáticos e exatos eram fundamentais na elaboração de obras que fossem eficientes e belas, demonstrando a grandeza da sociedade romana.
- C) Incorreto. Os romanos tiveram muita influência dos gregos em sua cultura, porém os romanos trouxeram muitas novidades para as suas construções civis e militares, como os Arcos e Aquedutos.
- D) Incorreto. As arquiteturas romanas eram muito resistentes, e não frágeis. Tanto que algumas delas duram até hoje, como o Coliseu.
- E) Incorreto. Os prédios romanos eram muito importantes para a sociedade romana. Nele se concentravam os principais locais públicos de Roma, onde a sociedade se reunia.

Gabarito: B

17.(UEA 2011)

A cidade de Roma foi fundada em meados do século VIII a.C. sobre colinas nas margens do rio Tibre. Os materiais diversos depositados pelo rio nas suas margens formaram colinas ou rochedos escarpados. Considerando o local escolhido para a fundação de Roma, percebe-se que os primeiros romanos

- (A) buscaram edificar a cidade longe de rotas comerciais e militares.
- (B) preocuparam-se com a proteção militar da cidade e com a prática da agricultura.
- (C) escolheram espaços adequados para a instalação de monumentos públicos.
- (D) visavam a organização de uma república pacífica e democrática.
- (E) pretendiam iniciar a conquista das cidades gregas instaladas na Itália.

Comentários:

Sobre a fundação de Roma, baseado no enunciado podemos perceber que a cidade foi estrategicamente criada em um território propício para a plantação agrícola, ao mesmo tempo de estar isolada por colinas e rochedos, dificultando as invasões de outros povos.

Portanto as alternativas estão:



- A) Incorreta. A cidade não estava localizada em uma região longe de rotas comerciais.
- B) Correta. O povo etrusco, fundador da cidade, assim como qualquer outra sociedade dessa época, procurava espaços de estabelecimento com terras férteis, e que fosse protegida naturalmente de ataques externos.
- C) Incorreta. Nesse tempo, os romanos ainda estavam em um processo de crescimento ascendente, e que não se preocupava tanto com as instalações públicas.
- D) Incorreta. Nesse período, Roma era governado por uma monarquia aristocrática, e não por uma república democrática.
- E) Incorreta. Ela só avançaria as terras ao sul da Itália, séculos depois de sua fundação.

Gabarito: B

18.(UEA 2010)

A partir do século III da Era Cristã, aprofundou-se a crise do Império Romano do Ocidente. Entre os fatores que contribuíram para essa situação, destacam-se

- (A) as constantes revoltas de escravos, que lhes asseguraram o estatuto de servos da gleba.
- (B) as lutas políticas que impediam os imperadores de obter maioria no Senado e aprovar seus projetos.
- (C) as dificuldades em controlar as suas fronteiras, que começam a ser transpostas pelos inimigos.
- (D) as fracassadas reformas de Tibério e Caio Graco, que não garantiram direitos à plebe romana.
- (E) as disputas entre os adeptos da religião tradicional e do cristianismo, que acabaram em guerras civis.

Comentários:

Esse tempo, dentro da historiografia romana foi chamado de "A Crise do século III". Foi a partir desse período que o Império Romano perdeu força até se desintegrar politicamente, economicamente e socialmente. O principal motivo para isso foi o esgotamento do modelo expansionista romano. O Império já possuía uma área tão vasta, que demandava muitos custos tanto militares, quanto econômicos para manter o enorme exército e território. É importante ressaltar também, que o Imperador recebia diversas pressões externas a capital. Portanto, ao final do século II da Era Cristã, Roma encerra sua política de expansionismo militar. Isso, no século seguinte, trouxe consequências gravíssimas, pois sem as expansões não havia uma renovação da mão de obra escrava, diminuindo assim a produção romana, e por consequência desencadeando uma crise econômica política também.

Em paralelo a isso, o cristianismo, que acabará de surgir na Palestina dois séculos antes, se expandia em fileiras largas pela sociedade romana, principalmente entre os mais humildes,



chegando até a classe militar. Só que os imperadores eram politeístas, e em diversas oportunidades, eles perseguiram, reprimiram e mataram os adeptos da fé cristã, causando uma reação de fortalecimento desse grupo, e não de enfraquecimento. Com isso, Roma se encontrou também em uma crise religiosa. Desses conflitos o governo romano se desestabilizou mais ainda, dividindo ao final do século III o Império em 4 regiões administrativas. O Poder político estava realmente abalado com esses conflitos internos, e isso possibilitou que as fronteiras romanas ficassem mais frágeis e suscetíveis a entrada de povos germânicos, na parte Ocidental, que posteriormente iriam fazer uma série de ataques as cidades romanas, piorando ainda mais a crise social e econômica da região.

Portanto, passamos as alternativas:

- A) Errado. A servidão foi estabelecida no Império Romano, através dos colonatos, um século após a crise do século III, portanto sendo uma consequência e não uma causa desse problema.
- B) Errado. O Imperador era a lei máxima no estado romano, sendo o líder tanto político quanto religioso.
- C) Correto. Devido ao exposto nos **Comentários** sobre o enfraquecimento do poder militar e a fragilidade política romana.
- D) Errado. Tibério e Caio Graco eram do período republicano romano, e não do imperial (tempo que se passa essa crise).
- E) Errado. Houve hostilidades e mortes, mas não a ponto de uma guerra civil. A resolução desse problema se deu primeiro pelo decreto de liberdade a qualquer culto religioso, e depois a oficialização da religião cristã como a língua do Império Romano.

Gabarito: C

19.(UEA 2010)

“Outros talvez, que não tu, saberão, acredito, dar melhor vida ao bronze e tirar do mármore vívidas figuras; outros saberão melhor defender causas, melhor descrever o movimento dos céus e dos astros. Mas tu, romano, lembra-te que nascestes para impor tuas leis ao universo. Teu destino é ditar tuas condições de paz, poupar os vencidos e domar os soberbos.” (Virgílio. Eneida, século I a.C.)

Segundo o poeta Virgílio, os romanos

(A) eram pacíficos nas suas relações com os vizinhos, procurando solucionar os conflitos pela diplomacia.

(B) desconheciam as artes plásticas, como a pintura e a escultura, a retórica e a ciência da astronomia.



(C) eram tolerantes internamente, protegendo os plebeus e proibindo a exploração da mão de obra escrava.

(D) eram senhores de si mesmos, dominadores, livres e guiados por sentimentos de severidade e de qualidades morais.

(E) evitavam desenvolver relações comerciais com outras cidades, temendo enfraquecer-se militarmente.

Comentários:

O poeta Virgílio, foi um famoso literário romano, um dos maiores expoentes da Literatura latina no ocidente, influenciando diversos autores ao longo da História, como Dante Alighieri e Luís de Camões. Ele viveu na passagem da República Romana para o Império, e em uma de suas grandes obras, no caso Eneida, em que o enunciado da questão traz, Virgílio faz um poema épico que conta a história da origem de Roma, a sua forma de dominação e a expansão até o Império. A obra tem esse nome devido estar relacionada com os feitos do herói do poema, o troiano Enéas.

Assim, pela passagem do texto, podemos perceber que os romanos eram dominadores, e que não possuíam o desejo de serem controlado, e sim controlar. Pelo poema, também podemos perceber que os romanos se achavam superiores aos outros, tinham domínio do estudo dos astros, da retórica e das artes. A estabilidade romana foi sustentada durante séculos, por uma grande massa escrava trabalhando e por um comércio ativo com diversos povos. Portanto, a única alternativa que está correta, com em relação aos romanos, é a alternativa (D).

Gabarito: D

20.(UEA 2003)

No século III, com a interrupção da expansão romana, subiram os preços dos escravos, e os grandes proprietários arrendaram parcelas de terra a agricultores livres, colonos fixados a essa gleba pagando tributos in natura. A esse respeito, assinale a alternativa correta.

(A) No século III, encerrou-se o período dos Antoninos, o apogeu do Império Romano, cuja economia passou a prescindir da escravidão.

(B) A penetração do cristianismo, a partir da massa plebeia, em quase todos dos setores sociais do Império Romano conduziu à crise do escravismo e à busca de novas formas de organização do trabalho.

(C) A adoção do colonato expressa, no plano socioeconômico, a resistência do Império à desagregadora penetração dos bárbaros e seus valores rurais.



(D) A incapacidade de reprodução da mão-de-obra, após cessada a expansão desde os Antoninos, conduziu à crise do escravismo e à origem do colonato.

(E) O feudalismo originou-se no século III, verificando-se, no colonato, o pleno estabelecimento da servidão, com o parcelamento das glebas e o pagamento do arrendamento em produto.

Comentários:

O Império Romano (27 a.C. - 476 d.C.) foi o terceiro e último período dessa sociedade que se tornou reconhecida e conhecida até hoje, por nós, através História. Essa temporalidade pode ser dividida em três momentos: O Alto Império, a Crise do século III d.C., e o Baixo Império.

Sendo assim, a questão está relacionada ao período da crise do século III até o período do Baixo Império.

Então vamos as alternativas:

- A) Incorreta. A Dinastia dos Antoninos durou até o ano de 192 (século II d.C.), com seu último imperador sendo Cômodo, filho de Marco Aurélio.
- B) Incorreta. O cristianismo penetrou boa parte dos plebeus do Império, porém as formas de organização do trabalho só mudaram a partir do período posterior ao Baixo Império, na transição da Antiguidade para o Medievo.
- C) Incorreta. Os colonatos, na realidade, ajudaram para que houvesse uma maior penetração da cultura agrária dos povos germânicos no território romano.
- D) Correta. A escassez da mão de obra escrava para manter os altos custos de suas fronteiras, além de disputas internas de poder fizeram com que o império romano declinasse, dando origem aos colonatos, que posteriormente se tornariam o sistema feudal empregado na Idade Média.
- E) Incorreta. O feudalismo originou-se na Idade Média. No século III, criou-se os colonatos, que eram uma forma robusta de ruralização da sociedade romana, mas que ainda não era bem estabelecida a função de servidão como no feudalismo.

Gabarito: D

21.(UNIVESP/2020)

Construído com concreto e areia, o Coliseu é o maior anfiteatro já construído e está situado a leste do Fórum Romano. A respeito do Império Romano, leia as afirmativas abaixo e dê valores Verdadeiro (V) ou Falso (F).

() Com a morte de Nero, sobreveio um ano de guerras civis, após o qual assumiu Vespasiano, general da família dos Flávios. Teve início, então, o período de maior esplendor do Império Romano.



() Com Vespasiano, novas cidades surgiram e o modo de vida romano passou a ser adotado nas mais distantes províncias.

() O Império em sua fase de esplendor enfrentaria, sobretudo, problemas de outras naturezas, como epidemias, incêndios e até a destruição da cidade de Pompeia em 79 d.C.

() As lutas de gladiadores, iniciadas durante a República, tornaram-se um evento extremamente popular. Diversos anfiteatros, como o Coliseu, em Roma, foram construídos em todo o Império para a realização desses espetáculos.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta de cima para baixo.

a) V, V, V, V

b) F, V, F, V

c) V, V, V, F

d) F, F, V, V

e) V, F, F, V

Comentários

A primeira e a segunda afirmações são V, conforme a seguinte passagem da aula:

“Após Otávio Augusto, que reinou até 14 d.C., outros imperadores assumiram o poder: Tibério (14 a 37 d.C.); Calígula (37 a 41 d.C.); Nero (54 a 68 d.C.); Marco Aurélio e Trajano (161 a 192 d.C.). Os anos de 69 d.C. a 96 d.C. foram marcados por certa estabilidade, quando estiveram à frente do Império membros da **dinastia flaviana**, que foi iniciada por Vespasiano (governo de 69 a 79 d.C.). Esse período da dinastia flaviana ficou conhecido como a Idade do Ouro do Império Romano. O período de relativa estabilidade e prosperidade chegou até o ano de 192 d.C, ao final do governo de Trajano.

Nesse contexto, o estudioso inglês Perry Anderson afirma que houve um processo de “provincialização” do poder central do Império (...).”

Na sequência, a terceira afirmação, também em torno do período da dinastia flaviana, afirma que houve incidentes em Roma. De fato, a erupção do Vesúvio arrasou a cidade de Pompeia em 79 d. C. Além disso, Tito, filho de Vespasiano, enfrentou problema de ordem social e natural. Seu governo, que durou até 81 d. C, se deparou com: incêndio sobre Roma, a erupção do Vesúvio e uma peste que castigou o Império Romano.

Por fim, a última frase também é V.



Gabarito: A

22.(Univesp 2018)

A caminhada de Atenas em direção à democracia não aconteceu de uma hora para outra. A trajetória política dos atenienses até o regime de maior participação popular da Antiguidade foi marcada por várias e longas etapas. Para que se chegasse à democracia foi preciso muita luta popular. Isso foi possível, entre outros motivos, graças à ampliação do comércio marítimo ateniense, o que fortaleceu os comerciantes. Os próprios camponeses conseguiram ampliar sua participação social devido, também, ao seu crescente papel econômico em uma Atenas cada vez mais voltada para o mundo exterior. (Pedro Paulo Funari. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2011. Adaptado)

A "caminhada" mencionada no trecho representou uma perda gradual de poder por parte

- a) dos legisladores ligados à elite do exército.
- b) dos sacerdotes, que controlavam a cena religiosa.
- c) do rei, que governava de forma absoluta.
- d) da aristocracia rural de grandes proprietários.
- e) dos senadores, que detinham o monopólio do voto.

Comentários

O texto do enunciado nos coloca diante de uma correlação de forças sociais na Grécia Antiga. Ocorre que essa relação social, por mais que possuísse múltiplas determinações (variáveis atuando sobre os grupos sociais), dois deles influenciaram mais: a geografia da Península Balcânica, onde se localiza a Grécia; e a relação com o Mediterrâneo. Conforme expliquei na parte teórica, **os povos gregos desenvolveram a navegação e o comércio marítimo**. Esse é o motivo e o sentido da expansão do mundo grego! Perry Anderson, historiador inglês e estudioso do tema, nos ensina em seu livro *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*:

A água era o meio insubstituível da comunicação e do comércio que tornava possível o crescimento urbano de uma sofisticação e uma concentração bem distantes do interior rural que havia por trás. O mar era o condutor do brilho da Antiguidade. (ANDERSON, P. 1974, p. 21)

Pois bem, nesse contexto, considerando que a atividade agrícola era escassa, por conta do terreno desfavorável, o setor da sociedade grega que perdeu força foi a aristocracia rural.

a) falso, pois os legisladores eram cidadãos. Como o texto do enunciado restringe a problemática para Atenas, trata-se de cidadãos atenienses.



b) falso, pois neste momento de politeísmo, o peso da religião enquanto entidade com influência política era menor. Ademais, a alternativa faz referência à Igreja e esta só será criada com o cristianismo durante o Império Romano.

c) falso, o absolutismo é um fenômeno do século XV em diante.

d) é o gabarito.

e) errado, pois os senadores são figuras da política romana.

Gabarito: D

23.(Univesp 2017)

O Código de Hamurabi (instituído por volta do século XVIII a.C), um dos mais antigos conjuntos de leis escritas da história da humanidade, reunia centenas de regras e estabelecia as punições a serem aplicadas àqueles que as descumprissem. Seguindo o princípio da Lei de talião, popularmente conhecida como "olho por olho, dente por dente", o Código de Hamurabi regulava as relações econômicas e sociais da população

(A) do Mali, reino localizado na África Ocidental.

(B) da Babilônia, reino localizado na Mesopotâmia.

(C) de Atenas, cidade-Estado localizada na Grécia.

(D) dos Marajoara, civilização localizada na Ilha de Marajó.

(E) de Teotihuacan, centro urbano localizado na Mesoamérica.

Comentários

Aqui temos um tipo de questão em que é preciso saber a relação entre tempo histórico, espaço e povo. O Império Babilônico, comandado por Hamurabi (1763 a.C), é reconhecido como aquele que desenvolveu mudanças nos aspectos sociais e políticos e impôs o deus babilônico Marduk a todos os povos da região. Criou uma administração centralizada e uma estratificação social hierarquizada.

O CÓDIGO DE HAMURABI

Um dos primeiros "códigos jurídicos" escritos de que temos conhecimento é o Código de Hamurabi. Ele está inscrito em um monólito. São 281 artigos escritos em cuneiforme (a escrita desenvolvida pelos sumérios, lembram?) que tratam sobre diversas áreas da vida social: trabalho, família, comércio, propriedade. Ele é muito conhecido pelo seu sistema de penalidades baseado



no princípio da retaliação, ou em latim *lex talionis*. Você já deve ter ouvido falar em “olho por olho e dente por dente”, não ouviu? É isso!

Contudo, este “princípio de igualdade”, ou da proporcionalidade entre crime e pena dependia do grupo social ao qual o suposto criminoso cometeu o crime. Por exemplo, o artigo 200 diz: “Se um homem livre arrancou um dente de um outro homem livre igual a ele, arrancarão seu dente.” Agora compare com o que diz o artigo 201: “Se ele arrancou um dente de um homem vulgar, pagará 500g de prata”. Outro exemplo, art. 230: “Se um pedreiro causou a morte do filho do dono da casa, matarão o filho deste pedreiro”. Mas, segundo art. 231, “Se causou a morte do escravo ele dará ao dono da casa um escravo equivalente”. Conseguem perceber que a pena é semelhante ao delito cometido, embora pudesse variar conforme a posição social e econômica da vítima?

Gabarito: B

24. (FGV 2019)

Aqueles que compõem a cidade, tão diferentes entre si por suas origens, condições e funções, de certa forma parecem “semelhantes” uns aos outros. Essa similitude funda a unidade da pólis, porque para os gregos somente os semelhantes podem permanecer mutuamente unidos pela *Philia*, associados a uma mesma comunidade. Todos aqueles que participam do Estado definem-se como *Homoioi*, semelhantes, depois de maneira mais abstrata, como *Isoi*, iguais. Essa imagem das relações humanas encontrará no século VI a.C. a sua expressão rigorosa no conceito de *isonomia*: igual participação de todos os cidadãos no exercício do poder.

(Jean-Pierre Vernant. *Les origines de la pensée grecque*, 1995. Adaptado.)

O autor argumenta que a organização da pólis grega

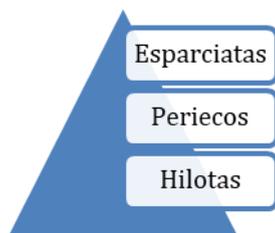
- a) desconhecia as desigualdades reais entre os cidadãos na esfera das decisões políticas coletivas.
- b) fundava-se no sentimento recíproco de amizade entre os cidadãos dos mesmos grupos econômicos.
- c) abria-se à participação nas decisões públicas dos aliados incondicionais da cidade nos períodos de guerra.
- d) enaltecia o exercício da racionalidade política em prejuízo dos cultos das divindades do mundo grego.
- e) distribuía o conjunto das tarefas públicas de acordo com as aptidões políticas de cada um dos cidadãos.

Comentários



O autor da passagem do enunciado faz um **Comentário** geral sobre as cidades-estados gregas. Se lembrarmos da estrutura geral que nos remete à organização das sociedades espartana e da ateniense (duas pólis diferentes), podemos construir uma saída para o gabarito.

Esparta:



Já em Atenas, nem todos eram considerados cidadãos. **Apenas eram cidadãos filhos de pais e mães atenienses, homens maiores e 18 anos que vivessem em Atenas.** Veja que Atenas se fechava para o mundo exterior ao mesmo tempo em que guardava com zelo o status de pertencimento à cidade. Afirmo o professor Norberto Luiz Guarinello:

"Pertencer à comunidade era participar de todo um ciclo próprio da vida cotidiana, com seus ritos, costumes, regras, festividades, crenças e relações pessoais."² . No entanto, esse processo implicava necessariamente a definição do "outro" e sua exclusão.

Diante disso, a alternativa a) já não pode ser o gabarito porque a percepção das desigualdades entre as pessoas fazia parte da formação da identidade, ou seja, aqueles que eram cidadãos sabiam excluir os que não eram. Contudo, o texto do enunciado faz uma ressalva bem no começo sobre em que ponto havia outros tipos de diferenças: "tão diferentes entre si por suas origens, condições e funções...". Aqui, o autor deixa claro que o problema está na origem social, ou econômica. Então, passemos às alternativas:

b) é o gabarito, pois a afirmação identifica uma forma de semelhança entre os membros da pólis, a amizade, por exemplo, e uma forma de eles se diferenciarem, por origem e por condição, isto é, por situação econômica.

c) errado, pois dentro da pólis a participação nas decisões era prerrogativa dos cidadãos pertencentes àquela cidade-estado específica. Por exemplo, nas Guerras Médicas Atenas e Esparta foram aliados, mas isso não implicou na participação dos atenienses nas decisões de Esparta.

² GUARINELLO, Norberto Luiz. Cidades-estado na Antiguidade Clássica.in. História da Cidadania. Ed. Contexto, 2010. p. 35.

d) errado, a mitologia grega, o louvor aos Deuses (politeísmo) era presente tanto quanto a atividade do pensar, da sabedoria.

e) falso, primeiro porque o texto não aborda as "aptidões políticas", segundo porque existiam as mais variadas formas de divisão das tarefas administrativas da vida em coletividade. Por exemplo, havia cidades-estados em que se faziam sorteios entre os cidadãos para serem designadas funções administrativas a serem desempenhas por determinado período de tempos.

Gabarito: B

25.(FGV 2018)

Leia o texto.

Aos 7 anos: deixava sua família para iniciar a educação militar.

Aos 20: era admitido num grupo de outros guerreiros; a participação era obrigatória.

Aos 30: ganhava poder de voto na *Apela*, assembleia militar que indicava o conselho dos anciãos.

A partir dos 60: se fosse um membro da aristocracia, podia ser indicado para o conselho de anciãos, a *Gerúsia*.

(Flavio Campos e Regina Claro, *Oficina de História*)

As informações fazem referência a um

- a) meteco ateniense.
- b) nobre troiano.
- c) cidadão espartano.
- d) escriba egípcio.
- d) tribuno romano

Comentários

A chave desta questão está em perceber que se trata de um tipo de educação militar. Dessa forma, qual das cidades-estados estava organizada militarmente? Isso mesmo, Esparta. Por isso, nosso gabarito é a alternativa c). Repare que a b), a d) e a e) estão fora do contexto da história grega, pois uma fala de Roma e outra do Egito. Troia, caso você tenha dúvida, Troia era uma cidade localizada no Helesponto, na atual Turquia. Era uma grande cidade, cercada por uma



intransponível muralha. Troia ficou famosa por conta da Guerra de Troia, um conflito entre troianos e gregos, entre os séculos XIII e XII a. C.

Já a a) e b), aí sim fazem referência a perfis de indivíduos que viveram na antiguidade grega. Porém, os metecos eram os estrangeiros que viviam na pólis.

Gabarito: C

26.(FGV 2017)

A vida privada dos escravos romanos à época do Império é um espetáculo pueril que se olha com desdém. No entanto, esses homens tinham vida própria; por exemplo, participavam da religião, e não apenas da religião do lar que, afinal, era o seu: fora de casa, um escravo podia perfeitamente ser aceito como sacerdote pelos fiéis de alguma devoção coletiva; podia também se tornar padre dessa Igreja cristã que nem por um momento pensou em abolir a escravidão. Paganismo ou cristianismo, é possível que as coisas religiosas os tenham atraído muito, pois bem poucos outros setores estavam abertos para eles. Os escravos também se apaixonavam pelos espetáculos públicos do teatro, do circo e da arena, pois, nos dias de festa, tinham folga, assim como os tribunais, as crianças das escolas e... os burros de carga.

(Paul Veyne, *O Império Romano*. Em: Paul Veyne (org.). História da vida privada v. 1: do Império Romano ao ano mil, 2009. Adaptado)

A partir da discussão presente no trecho, é correto afirmar:

a) a característica fundante do escravismo romano era a origem étnica, o que fazia com que a escravização dos povos conquistados e o tráfico nas fronteiras do Império proporcionassem a grande maioria da mão de obra servil, ao mesmo tempo em que a escravidão entre os próprios romanos havia caído em desuso desde a crise da República.

b) os escravos na sociedade romana não eram uma coisa, mas seres humanos, na medida em que até os senhores que os tratavam desumanamente impunham-lhes o dever moral de ser bons escravos, de servir com dedicação e fidelidade, características necessariamente humanas; no entanto, esses seres humanos eram igualmente um bem cuja propriedade seu amo detinha.

c) a escravidão caracterizava as relações de produção em Roma e os escravos, em sua inferioridade jurídica, desempenhavam uma função produtiva, marcados por um lugar social de pobreza, privação e precariedade, estando associados às formas braçais de trabalho e à produção de bens materiais em uma sociedade altamente hierarquizada.

d) a justificativa moral da escravidão sofreu uma intensa transformação ao longo dos séculos, de tal forma que a própria sociedade romana passou a questioná-la, tornando mais brandas as relações escravistas em meio à transformação do cristianismo em religião oficial do Império, o que contribuiu para o aprofundamento da crise do escravismo.



e) as relações escravistas caracterizaram os tempos da República romana, muito associadas ao poder dos patrícios, pertencentes à aristocracia de grandes proprietários, mas entraram em decadência na passagem para o Império, pois os generais que centralizaram o poder reconheciam na escravidão um mecanismo de enfraquecimento do exército.

Comentários

a) errado, pois os escravos, em geral, eram prisioneiros de guerra. Também houve um período em que os endividados eram feitos escravos. Dessa forma, o escravismo não estava fundado na origem étnica.

b) boa alternativa, que exige uma leitura apura do texto do comando da questão. Quando o autor apresenta a conjunção adversativa "No entanto...", ele inicia a construir uma imagem dos escravos que não eram como objeto, mas, como o texto indica, "homens tinham vida própria". Por mais que a condição de escravo os fazia submissos às ordens de um senhor, os escravos possuíam algum tipo de vida fora da própria relação escravagista. Por isso, a alternativa é o nosso gabarito.

c) veja que algumas condições atribuídas aos escravos nesta alternativa não condizem com informações do texto. O texto alega que os escravos tinham acesso a determinados tipos de lazeres, como teatro, festas, etc. Já a alternativa fala em pobreza, privação e precariedade. Com isso, ela está errada.

d) falso, pois o regime escravista permaneceu na história de Roma enquanto pilar do sistema. Ocorreu, de fato, a crise do regime escravista a partir do momento em que as guerras de expansão foram diminuindo. **A principal consequência do fim da expansão foi uma crise do sistema escravistas.** Foram 700 anos utilizando a mão de obra escrava para sustentar a economia. A dependência que a estrutura produtiva adquiriu desse tipo de mão de obra fez com que todos os setores sentissem as consequências da diminuição do número de escravos e o consequente aumento do custo pela sua aquisição. Essa situação gerou insuficiência produtiva, aumento do custo dos produtos e, assim, do custo de vida nas cidades. **Portanto, podemos afirmar que a crise do sistema escravista gerou uma crise econômica.**

e) falso, pois, conforme [Comentário](#) anterior, a prática escravista permaneceu em quase toda a história romana.

Gabarito: B

27.(FGV 2017)

(...) a partir do século V a.C., a guerra tornou-se endêmica no Mediterrâneo. Foram séculos de guerra contínua, com maior ou menor intensidade, ao redor de toda a bacia. O trabalho acumulado nos séculos anteriores tornara possível um adensamento dos contatos, um compartilhamento de informações e estruturas sociais, uma organização dos territórios rurais que



propiciava a extensão de redes de poder. Foram os pontos centrais dessas redes de poder que animaram o conflito nos séculos seguintes.

Norberto Luiz Guarinello. *História Antiga*, 2013.

Sobre esses "séculos de guerra contínua", é correto afirmar que

a) as Guerras Púnicas, entre Atenas e Cartago, foram uma disputa pelo controle comercial sobre o mar Mediterrâneo, terminando após três grandes enfrentamentos, com a vitória de Cartago e a hegemonia cartaginesa em todo o Mundo Antigo ocidental.

b) as Guerras Macedônicas foram um longo conflito entre o Reino da Macedônia, em aliança com os persas, e o Império Romano, que venceu com muitas dificuldades porque ainda estava em guerra com outros povos.

c) as Guerras Médicas, entre persas e gregos, resultaram na vitória dos últimos e, em meio a esses confrontos, permitiram que Atenas liderasse a Liga de Delos, aliança de cidades-Estados gregas com o intuito de combater a presença persa no Mediterrâneo.

d) as Campanhas de Alexandre, o Grande, aliado a Esparta e Corinto, combateram e venceram as poderosas forças persas e ampliaram os domínios gregos até a Ásia Menor, propagando os princípios da democracia ateniense pelo Mediterrâneo.

e) a Guerra do Peloponeso, o mais importante conflito bélico da Antiguidade, envolveu as principais cidades-Estados gregas que, aliadas a Roma, enfrentaram e derrotaram as forças militares cartaginesas.

Comentários

Repare que a primeira frase já contextualiza os conflitos militares no mediterrâneo. Parte dos conflitos no mediterrâneo durante a história grega foi causado pela ambição expansionista dos persas, sob o comando de Dário I. As Guerras Médicas, também chamadas de Guerras Greco-Pérsicas, foram travadas entre o Império Persa e as cidades-Estados gregas. Após vencerem os persas, as cidades gregas formaram a Liga de Delos para se protegerem de eventuais futuras guerras no Mediterrâneo. A liderança dentro da Liga era de Atenas. Assim, se você já associar o comando da questão às Guerras Médicas, já dá para eliminar algumas alternativas erradas. Vamos analisá-las:

a) Falso, pois as Guerras Púnicas foram um conjunto de confrontos entre Roma e Cartago. Dessa forma, o único erro da alternativa é a palavra "Atenas". Agora, veja que se fosse "entre Roma e Cartago" a afirmação da alternativa estaria certa, mas não seria o gabarito. Isso porque é preciso ficar atento ao que o enunciado direciona. Veja que o TEMPO da questão é século V a.C, ou seja, antes de Roma. OK? Atenção, hein cadete!!!



b) As Guerras Macedônicas, de fato, foram um conflito entre macedônicos e romanos, nos séculos III e II a.C. Assim, a afirmação já se destoa do que a questão nos cobra e, além disso, o Reino da Macedônia não fez alianças com os persas. Importante você associar que, no momento desse conflito, Roma estava envolvida nas Guerras Púnicas. Agora, atenção, pois antes das Guerras Macedônicas, os macedônios, com Alexandre, o Grande, conquistaram boa parte da Grécia e avançaram seu império até o mediterrâneo, na verdade, até derrotarem os Persas (o rei Dário III).

c) Perfeito, é o nosso gabarito. Reforço que você deve ficar atento à construção da Liga de Delos como resultado das Guerras Médicas. É nesse momento que Atenas começa a se sobrepôr às demais cidades-estados e a arrumar "confusão" com entre os próprios gregos.

d) Repare no problema temporal: Alexandre, o Grande, foi o rei do Império da Macedônia entre 336 a.C. e 323 a.C., no *período helenístico* da história da *Grécia Antiga*.

e) vamos aproveitar essa última alternativa para memorizar o seguinte: O período clássico (V e IV a.C) é palco do apogeu e da decadência do mundo grego. Foi marcado por guerras entre gregos e persas (Guerras Médicas) e dos gregos contra si mesmos (Guerra do Peloponeso). A Guerra Greco-Pérsica - ou Guerras Médicas - ocorreu entre 499 e 475 a.C. Entre 431 e 404 a.C., Esparta e Atenas arrastaram praticamente todas as cidades-estados para um conflito que ficou conhecido como Guerra do Peloponeso. Diante disso, o gabarito não pode ser esta alternativa porque o texto do comando fala de uma batalha no mediterrâneo e a guerra do Peloponeso foi na Península, na Grécia.

Gabarito: C

28. (FGV 2016)

“Não descreverei catástrofes pessoais de alguns dias infelizes, mas a destruição de toda a humanidade, pois é com horror que meu espírito segue o quadro das ruínas da nossa época. Há vinte e poucos anos que, entre Constantinopla e os Alpes Julianos, o sangue romano vem sendo diariamente vertido. A Cítia, Trácia, Macedônia, Tessália, Dardânia, Dácia, Épiro, Dalmácia, Panônia são devastadas pelos godos, sármatas, quedos, alanos (...); deportam e pilham tudo.

Quantas senhoras, quantas virgens consagradas a Deus, quantos homens livres e nobres ficaram na mão dessas bestas! Os bispos são capturados, os padres assassinados, todo tipo de religioso perseguido; as igrejas são demolidas, os cavalos pastam junto aos antigos altares de Cristo (...).”

(São Jerônimo, *Cartas* apud Pedro Paulo Abreu Funari, *Roma: vida pública e vida privada*. 2000)

O excerto, de 396, remete a um contexto da história romana marcado pela

a) combinação da cultura romana com o cristianismo, além da desorganização do Estado Romano, em meio às invasões germânicas e de outros povos.



b) reorientação radical da economia, porque houve o abandono da relação com os mercados mediterrâneos e o início de contato com o norte da Europa.

c) expulsão dos povos invasores de origem não germânica, seguida da reintrodução dos organismos representativos da República Romana.

d) crescente restrição à atuação da Igreja nas regiões fronteiriças do Império, porque o governo romano acusava os cristãos de aliança com os invasores.

e) retomada do paganismo e o conseqüente retorno da perseguição aos cristãos, responsabilizados pela grave crise política do Império Romano.

Comentários

Comece pela data, 396 é d.C e não a.C. Então, em que momento estamos da história romana? Na crise do império, em um contexto de crescimento do cristianismo e das invasões bárbaras, crise do Império Romano. Nesse contexto, somente a proposição A está correta. No geral, a questão remete à crise econômica, social e política no Baixo Império Romano século III, IV e V. O texto aponta para as invasões bárbaras no século IV, ano de 396. As invasões bárbaras tornaram-se violentas devido à pressão dos hunos, conforme as Cartas de São Jerônimo. Além disso, resumidamente,

- em 395 Teodósio dividiu o império em duas partes: Império Romano do Ocidente capital Roma e o Império Romano do Oriente, Constantinopla era a capital.
- O cristianismo estava se propagando tornando uma religião "universal". Sobre isso, lembre-se de que, em 313 através do Edito de Milão Constantino deu liberdade de cultos aos cristãos e, em 391, pelo Edito de Tessalônica Teodósio oficializou o cristianismo.

B) falso, pois não houve essa reorientação da economia. Na verdade, a crise econômica se desenvolveu a partir da escassez de mão de obra, da falta de terras agricultáveis e da estagnação geral do Império Romano.

C) falso, pois, conforme afirmei acima, estamos falando do declínio do Império Romano, de modo que as organizações da República não foram reestabelecidas.

D) Falso, tendo em vista que no final do século IV o cristianismo já era a religião hegemônica em Roma e se expandia. Veremos, mais adiante na história, que muitos bárbaros se converteram ao cristianismo.

E) falso, pois os cristãos não foram responsabilizados pela crise política do Império Romano.

Gabarito: A

29.(FGV 2015)



É a partir do século VIII a.C. que começamos a entrever, em diferentes regiões do Mediterrâneo, o progressivo surgimento das cidades-Estados ou pólis. Elas formaram a organização social e política dominante das comunidades organizadas ao longo do Mediterrâneo nos séculos seguintes.

(Norberto Luiz Guarinello, *História Antiga*, 2013, p. 77. Adaptado)

Nas pólis, é correto

- a) assinalar a crescente importância da mulher e da família nos espaços públicos.
- b) reconhecer a presença de espaços públicos, caso da ágora.
- c) destacar uma característica: a inexistência de espaços rurais.
- d) identificar a acumulação de capital pela ação do Estado.
- e) apontar para a sua essência: a organização urbana estruturada para a guerra.

Comentários.

A) errado, pois, nos espaços público, as mulheres eram inferiorizadas, não eram consideradas cidadãs e capazes para o exercício da política.

B) correto. O texto do historiador Norberto Luiz Guarinello remete à Grécia no período Arcaico. Neste contexto surgiram as pólis, as cidades estados que possuíam autonomia política e uma unidade cultural grega. Dentro disso, os gregos tinham como pressuposto a ideia de um homem racional e político capaz de fazer uma escolha baseada na força da persuasão de distintos argumentos. Percebemos, então, nesse espaço comum, **o princípio da publicidade da política**. A Ágora – uma espécie de praça – era o lugar do debate. Assim, os assuntos só poderiam ser resolvidos se as pessoas – chamadas de cidadãos – tivessem o conhecimento das informações necessárias à tomada de decisão. Essa exigência de publicidade de informações coloca sob o olhar público não apenas as informações, mas as condutas das pessoas e seus interesses. Era a possibilidade do **controle público sobre os líderes políticos** – estes estavam, portanto, sujeitos à crítica e controvérsia. Diz o professor Vernant: “A lei da polis, por oposição ao poder absoluto de qualquer monarca, exige que umas e outras sejam igualmente submetidas à “prestação de contas”.

C) errado, pois, existiam espaços rurais e, inclusive, a atividade agrícola. O campo era o lugar do trabalho, sendo a ideia de trabalho algo mal visto, uma atividade daqueles que não estavam habilitados ao conhecimento e às atividades da vida pública.

D) não era essa a função da polis e nem é essa questão que o trecho do comando da questão ressalta.



E) falso, pois a polis não estava voltada para a guerra. A rigor, as cidades-estados estavam direcionadas, nos dizeres de Aristóteles, para a Boa-Vida. Tal como um organismo, agora na visão de Sócrates, a pólis deveria funcionar em harmonia para que seus cidadãos vivessem bem. A guerra era um dos desdobramentos para a missão mais geral das pólis. Evidentemente, temos uma exceção, Esparta. Esta sim pode ser enquadrada como uma polis voltada para as atividades militares. Mas é errado afirmar que Esparta vivia para a guerra.

Gabarito: B

30. (FGV 2014)

São características do período arcaico (séculos VIII-VI a.C.), na Grécia Antiga:

- a) desenvolvimento dos oikos e expansão creto-micênica.
- b) desenvolvimento das pólis e expansão pelo Mediterrâneo.
- c) rivalidades entre Esparta e Atenas e Guerra do Peloponeso.
- d) enfraquecimento das pólis e expansão macedônica.
- e) guerras entre gregos e persas e o fim da democracia ateniense.

Comentários

Pelos séculos, estamos no momento de formação das cidades-estados. Assim, a alternativa C, por exemplo, já não pode ser o gabarito, porque ela faz referência à Guerra do Peloponeso. A E também indica as Guerras Médicas, ou seja, entre 499 e 475 a.C. A D igualmente, ela nos apresenta um processo histórico de desagregação do mundo grego. A letra A, por sua vez, nos lembra o conceito de casa, mas no sentido de núcleo familiar, pois oiko, em grego, é casa.

Somente a proposição B está correta. No geral, o comando da questão remete a Antiguidade Clássica, a Grécia no período Arcaico, séculos VIII-VI a.C. Neste contexto, os gregos expandiram para outras regiões formando as colônias gregas, ou seja, cidades gregas fora da Grécia. Assim, surgiu a filosofia pré-socrática com os denominados filósofos da natureza. Dentro da Grécia surgiram as pólis, as cidades estados, que possuíam autonomia política com destaque para Esparta fundada pelos Dórios e Atenas formada pelos Jônios.

Gabarito: B

31. (FGV 2008)

Leia as afirmativas sobre a República Romana (509-27 a.C.).



I. Nos primeiros tempos da República, a sociedade era composta por apenas dois setores: os patrícios e os escravos.

II. Os escravos, pouco numerosos no início da República, cresceram numericamente com as guerras de conquista.

III. Entre as funções públicas em Roma, havia os cônsules, os pretores e os tribunos da plebe.

IV. Em 494 a.C., plebeus rebelados se retiraram para o Monte Sagrado, ameaçando fundar outra cidade se não tivessem, entre outras reivindicações, o direito de eleger seus próprios magistrados.

V. Com o expansionismo romano e as suas conquistas territoriais, houve um grupo especialmente beneficiado: os plebeus, que passaram a vender trigo para os povos dominados.

São corretas as afirmativas

- a) I, II e III, apenas.
- b) II, III e IV, apenas.
- c) II, III, IV e V, apenas.
- d) III, IV e V, apenas.
- e) I, II, III, IV, V.

Comentários

De forma bem objetiva:

I - errado. Com relação à **divisão social romana**, havia uma estratificação hierárquica formada por 4 grupos sociais: os **PATRÍCIOS**, os **PLEBEUS**, os **CLIENTES** e os **ESCRAVOS**. Essa divisão se consolidou na fase monárquica e depois continuou. Lembre-se de que, na República, os plebeus protagonizaram grandes insurreições cobrando igualdades.





II - sim, perfeito.

III - correto.

IV - sim, tá certo. E para você não se esquecer desse evento histórico importante, associe com a primeira "greve".

V - falso, sem muitos **Comentários**, pois se a condição social é de plebeu, significa que a posição pirâmide social é abaixo dos patrícios. Esses sim, os verdadeiros beneficiados da expansão romana.

Gabarito: B

32. (FUVEST 2011)

As cidades [do Mediterrâneo antigo] se formaram, opondo-se ao internacionalismo praticado pelas antigas aristocracias. Elas se fecharam e criaram uma identidade própria, que lhes dava força e significado. Norberto Luiz Guarinello, *A cidade na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Atual, p.20, 2006. Adaptado.

As cidades-estados gregas da Antiguidade Clássica podem ser caracterizadas pela

- a) autossuficiência econômica e igualdade de direitos políticos entre seus habitantes.
- b) disciplina militar imposta a todas as crianças durante sua formação escolar.
- c) ocupação de territórios herdados de ancestrais e definição de leis e moeda próprias.
- d) concentração populacional em núcleos urbanos e isolamento em relação aos grupos que habitavam o meio rural.
- e) submissão da sociedade às decisões dos governantes e adoção de modelos democráticos de organização política.

Comentário



A questão fala sobre cidades do Mediterrâneo antigo. Pelo texto podemos concluir que são as do mundo grego. Sendo assim, sabemos que as cidades se formaram pela ocupação de diferentes povos (jônios, eólios, dórios), ao longo do tempo, nos territórios ocupados originalmente pelo povo creto-micênico. Sabemos, também, que as cidades gregas eram, na verdade, cidades-estados com autonomia, independência, leis, moedas e governo próprios. Além disso, as polis tinham uma estratificação social desigual – mesmo em Atenas no período democrático. Embora houvesse o chamado urbano e rural – e até mesmo o litoral -, eles se complementavam. Sendo assim, o gabarito da questão é letra C.

Gabarito: C

33.(FUVEST 2009)

“Alexandre desembarca lá onde foi fundada a atual cidade de Alexandria. Pareceu-lhe que o lugar era muito bonito para fundar uma cidade e que ela iria prosperar. A vontade de colocar mãos à obra fez com que ele próprio traçasse o plano da cidade, o local da Ágora, dos santuários da deusa egípcia Ísis, dos deuses gregos e do muro externo.” Flávio Arriano. *Anabasis Alexandri* (séc. I d.C.). Desse trecho de Arriano, sobre a fundação de Alexandria, é possível depreender:

- a) o significado do helenismo, caracterizado pela fusão da cultura grega com a egípcia e as do Oriente Médio.
- b) a incorporação do processo de urbanização egípcio, para efetivar o domínio de Alexandre na região.
- c) a implantação dos princípios fundamentais da democracia ateniense e do helenismo no Egito.
- d) a permanência da racionalidade urbana egípcia na organização de cidades no Império helênico.
- e) o impacto da arquitetura e da religião dos egípcios, na Grécia, após as conquistas de Alexandre.

Comentário

Querido e querida alunos, memorize: Alexandre, o Grande, aquele que expandiu o Império Macedônico, difundiu a cultura grega e a fundiu com a cultura do chamado mundo oriental, formando o que chamamos de **“cultura helenística”**. Simbolicamente isso está em Alexandria, no Egito. Gabarito é alternativa A.

Vejamos os erros nas demais alternativas:

- a- Correto.
- b- A sociedade egípcia é essencialmente agrícola.
- c- Não houve exportação do modelo político ateniense, mas aspectos da cultura letrada, filosófica, artística.



- d- Novamente, não é a urbanizada egípcia, mas a da Grécia.
- e- A religião egípcia e sua arquitetura não influenciaram a Grécia nesse momento.

Gabarito: A

34. (FUVEST 2008)

Na atualidade, praticamente todos os dirigentes políticos, no Brasil e no mundo, dizem-se defensores de padrões democráticos e de valores republicanos. Na Antiguidade, tais padrões e valores conheceram o auge, tanto na democracia ateniense, quanto na república romana, quando predominaram

- a) a liberdade e o individualismo.
- b) o debate e o bem público.
- c) a demagogia e o populismo.
- d) o consenso e o respeito à privacidade.
- e) a tolerância religiosa e o direito civil.

Comentário

A noção de república e democracia na antiguidade está relacionada com a palavra no espaço público, o diálogo, a argumentação e o debate. Assim, as pessoas podem discordar, concordar ou convencer-se. O debate é público, portanto, há controle sobre condutas e transparência sobre informações.

Olhando para os itens podemos eliminar as ideias de individualismo, demagogia, populismo presentes nos itens A e C.

O item D não poderia ser assinalado, pois quando se trata de política não há privacidade.

O item E sobre tolerância religiosa não estava no contexto da antiguidade, especialmente, porque a religião era politeísta.

Gabarito: B

35. (FUVEST 2007)

[orador político, 384-322 a.C.] jogou na cara do adversário [também um orador político] as seguintes críticas: 'Sou melhor que Ésquines e mais bem nascido; não gostaria de dar a impressão de insultar a pobreza, mas devo dizer que meu quinhão foi, quando criança, frequentar boas



escolas e ter bastante fortuna para que a necessidade não me obrigasse a trabalhos vergonhosos. Tu, Ésquines, foi teu destino, quando criança, varrer como um escravo a sala de aula onde teu pai lecionava'. Demóstenes ganhou triunfalmente o processo." Paul Veyne, *História da Vida Privada*, I, 1992.

A fala de Demóstenes expressa a

- a) transformação política que fez Atenas retornar ao regime aristocrático depois de derrotar Esparta na Guerra do Peloponeso.
- b) continuidade dos mesmos valores sociais igualitários que marcaram Atenas a partir do momento em que se tornou uma democracia.
- c) valorização da independência econômica e do ócio, imperante não só em Atenas, mas em todo o mundo grego antigo.
- d) decadência moral de Atenas, depois que o poder político na cidade passou a ser exercido pelo partido conservador.
- e) crítica ao princípio da igualdade entre os cidadãos, mesmo quando a democracia era a forma de governo dominante em Atenas.

Comentário

Essa é uma questão de interpretação que requer um conhecimento sobre a relação que os gregos estabeleciam com o trabalho manual e as atividades intelectuais e mesmo o ócio – como tempo necessário para a prática da racionalidade e a criação. Nesse sentido, a não necessidade de trabalho era uma virtude porque permitia o ócio e, portanto, a areté – excelência moral e intelectual. Logo, não se trata de valores de igualdade, tão pouco sobre conservadorismo. Volte no quadrante da página Escravidão e Ócio em Atenas do item 3.5.3 da aula.

Gabarito: C

36.(FUVEST 2003)

"A história da Antiguidade Clássica é a história das cidades, porém, de cidades baseadas na propriedade da terra e na agricultura." K. Marx. *Formações econômicas pré-capitalistas*. Em decorrência da frase de Marx, é correto afirmar que:

- a) os comerciantes eram o setor urbano com maior poder na Antiguidade, mas dependiam da produção agrícola.
- b) o comércio e as manufaturas eram atividades desconhecidas nas cidades em torno do Mediterrâneo.



c) as populações das cidades greco-romanas dependiam da agricultura para a acumulação de riqueza monetária.

d) a sociedade urbana greco-romana se caracterizava pela ausência de diferenças sociais.

e) os privilégios dos cidadãos das cidades gregas e romanas se originavam da condição de proprietários rurais.

Comentário:

O tema das cidades é muito cobrado. Estude muito todas as relações que se desenvolvem sobre o assunto. No processo de desintegração das *genos* e formação das cidades, o *paterfamilias* distribuiu as terras de maneira desigual, o que gerou estratificação social. Ou seja, falamos da passagem da organização coletivista para privatista da terra e da produção, assim, a formação de proprietários privados da terra.

Esses proprietários, ao longo do tempo e com a complexificação da organização social por meio do surgimento das cidades, fizeram com que esses proprietários fossem concentrando privilégios devido ao seu poder econômico.

Tendo isso em mente, vamos à análise das alternativas:

- a- Na Antiguidade, os comerciantes não eram o setor mais importante. Eram os proprietários de terra. Eles comandavam a política na cidade, inclusive. Vimos na aula, que os comerciantes (em Atenas eram os demiurgos) lutaram para adquirir condições isonômicas de poder em relação aos patrícios donos de terras. Item incorreto.
- b- O item não está completamente errado, já que havia comércio e manufaturas no entrono do mediterrâneo. Mas a frase de Marx se refere aos proprietários de terras.
- c- Esse item está excessivamente genérico. As cidades greco-romanas de qual período? Somente da agricultura dependia o acúmulo de riqueza? Não dá para assinalar itens tão genéricos. Cuidado com esse tipo de alternativa.
- d- Nossa, item mais que errado. A desigualdade é a marca das sociedades organizadas nas cidades, segundo Marx, desde o surgimento da propriedade privada da terra.
- e- Item correto. Essa é a tese da teoria marxista: a origem da desigualdade é a propriedade privada. Para aprofundar quero lembrar que esse pressuposto da desigualdade social foi formulado, antes de Karl Marx, por Jean-Jacques Rousseau no final do século XVIII, como veremos na aula sobre Iluminismo.

Gabarito: E

37.(FUVEST 2005)

“Vendo Sólon [que] a cidade se dividia pelas disputas entre facções e que alguns cidadãos, por apatia, estavam prontos a aceitar qualquer resultado, fez aprovar uma lei específica contra eles,



obrigando-os, se não quisessem perder seus direitos de cidadãos, a escolher um dos partidos". Aristóteles, em *A Constituição de Atenas*.

A lei visava:

- a) diminuir a participação dos cidadãos na vida política da cidade.
- b) obrigar os cidadãos a participar da vida política da cidade.
- c) aumentar a segurança dos cidadãos que participavam da política.
- d) deixar aos cidadãos a decisão de participar ou não da política.
- e) impedir que conflitos entre os cidadãos prejudicassem a cidade.

Comentário

Questão super conteudista. Lembrem-se de que em Atenas, a alienação política era mal vista? Neste texto, Aristóteles está nos contando sobre o período de crise política naquela polis e as propostas reformistas. A pena máxima para quem **não** participava da vida política era o **ostracismo** – banimento de Atenas. **Assim, a lei visava obrigar uma cidadania ativa.** Portanto, gabarito correta é a letra B. Vejamos os erros das demais:

- a- Não, a imposição era o contrário: aumentar a participação.
- b- Item correto!!
- c- Nada se menciona sobre segurança. Fazer política não era algo inseguro, mas uma atividade saudável e necessária a vida da sociedade.
- d- Não era uma opção participar. A política era entendida como algo tão necessário quanto o trabalho porque a cidade era entendida como um espaço de todos, logo de responsabilidade de todos. Não participar era como se a pessoa fosse "folgada" vivendo da ação de outrem. Além disso a apatia política era vista como um risco porque poderia trazer a tirania dos autoritários.
- e- A política era vista como o canal para a resolução pacífica dos problemas. Mas não era exatamente esse o objetivo da lei. Esse é o item "casca de banana".

Gabarito: B

38. (FUVEST 2000)

Ao longo de toda a Idade Média e da Moderna, a Sicília foi invadida e ocupada por bizantinos, muçulmanos, normandos e espanhóis. Na Antiguidade, por sua:

- a) fertilidade e posição estratégica no Mediterrâneo Ocidental, a ilha foi disputada e dominada por gregos, cartagineses e romanos.



b) fertilidade e posição estratégica, a ilha tornou-se o centro da dominação etrusca no Mediterrâneo Ocidental.

c) aridez e pobreza, a ilha, apesar de visitada por gregos, cartagineses e romanos, não foi por estes dominada.

d) extensão e fertilidade, a ilha foi disputada pelas cidades gregas até cair sob domínio ateniense depois da Guerra do Peloponeso.

e) proximidade do continente, aridez e ausência de riquezas minerais, a ilha foi dominada somente pelos romanos.

Comentário

Sicília é uma Ilha do Mar Mediterrâneo próxima à Península Itálica. Como diversas outras ilhas, ela teve importância fundamental para o comércio marítimo para Fenícios, Gregos e Romanos. Além disso suas terras eram ótimas para vinhedos e oliveiras. Não pode ser o item B pois não houve dominação etrusca; o item C diz erroneamente que a o solo é árido; a ilha da Sicília é pequenininha e no fim da Guerra do Peloponeso Atenas não dominava mais nada porque foi derrotada por Esparta; por fim, a E tem informações erradas, como vimos nos itens anteriores.

Gabarito: A

39. (FUVEST 1999)

"Ao povo dei tanto privilégio quanto lhe bastasse,
nada tirando ou acrescentando à sua honra;
Quanto aos que tinham poder e eram famosos por sua riqueza,
também tive cuidado para que não sofressem nenhum dano...
e não permiti que nenhum dos dois lados triunfasse injustamente."

Sobre esse texto, é correto afirmar que seu autor,

a) o dramaturgo Sólon, reproduz um famoso discurso de Péricles, o grande estadista e fundador da democracia ateniense;

b) o demagogo Sólon, recorre à eloquência e à retórica para enganar as massas e assim obter seu apoio para alcançar o poder;



c) o tirano Sólon, lembra como, astutamente, acabou com as lutas de classes em Atenas, submetendo ricos e pobres às mesmas leis;

d) o filósofo Sólon, evoca de maneira poética a figura do lendário Drácon, estadista e criador da democracia ateniense;

e) o legislador Sólon, exprime o orgulho pelas leis, de caráter democrático, que fez aprovar em Atenas quando governou a cidade.

Comentário

Essa é uma questão de interpretação que necessita de uma “lente interpretativa”. Mas o que é isso, Alê?

Você vai aprender com a professora de Linguagens, na aula 3 do curso de Língua Portuguesa, o assunto sobre interpretação. Veja um quadro da aula:

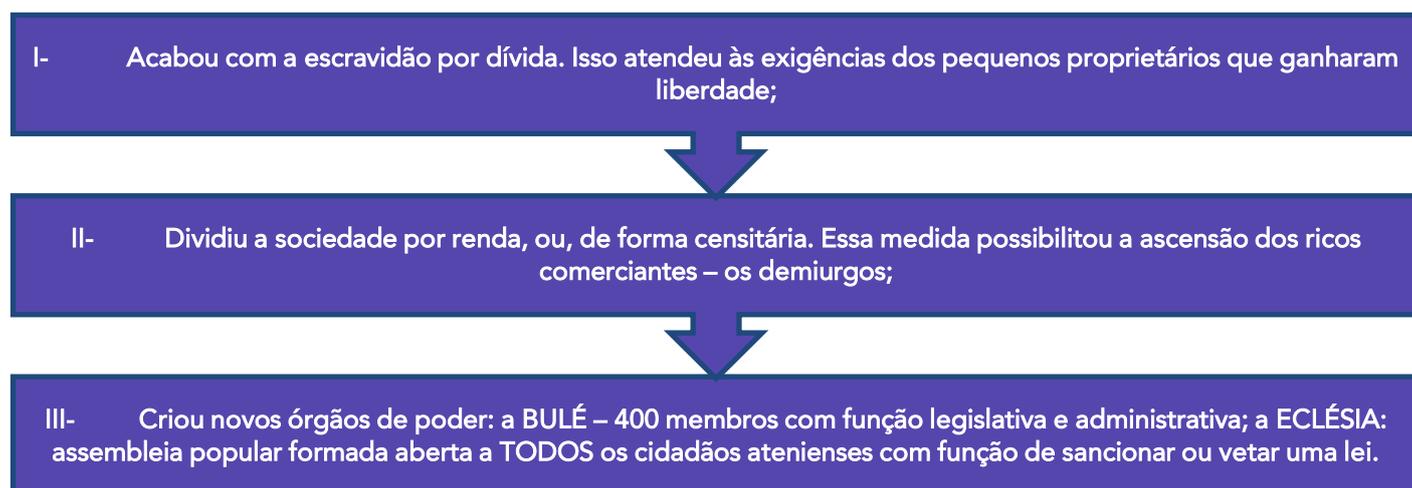
ELEMENTOS INTERNOS	ELEMENTOS EXTERNOS
<p>Estilo do texto: se utiliza o registro formal ou informal da linguagem;</p> <p>Gênero textual: romance, conto, crônica, poesia, reportagem, charge, tirinha etc.</p> <p>A pessoa que escreve: voz do discurso (primeira, segunda ou terceira, do singular ou do plural):</p> <p>{ prosa: narrador; poesia: eu lírico.</p> <p>Para quem o texto se destina: o seu público-alvo, se é adolescente ou idosos, homem ou mulher, se é um público mais abrangente etc.</p>	<p>Época em que o texto foi publicado (na prova, essa informação estará na nota de rodapé).</p> <p>Biografia do autor: a sua história de vida (caso vocês saibam algo sobre isso ou algo seja divulgado na prova).</p> <p>Meio em que o texto foi publicado ou veiculado: livro, revista etc.</p> <p>O contexto cultural: por exemplo, as vanguardas no Pré-Modernismo.</p> <p>Textos anteriores e posteriores que dialogam com o texto analisado em questão.</p> <p>Imagens que acompanham o texto.</p> <p>As relações do texto com a política, a história, a sociologia etc.</p>



Em História a interpretação de um texto deve se dar a partir do conhecimento sobre o conteúdo. A lente que você usa é o conhecimento. Você deve olhar o texto através do seu conhecimento prévio do assunto colocado na questão. Ou seja, você precisa trazer sua “lupa histórica” para ler o texto.

É uma questão difícil, pois o comando da questão é seco. Não traz nenhuma informação. Assim, você deve trazer muitos elementos externos ao texto. Quando ocorre isso, você deve buscar as informações nas alternativas, ler uma a uma e excluir tudo o que estiver errado. Passemos a Análise, então.

Veja que todas elas falam sobre Sólon. Então, já sabemos que o autor do texto é Sólon. Aí começa a ficar mais claro, pois são as informações sobre ele que devemos trazer para a interpretação do texto. Sabemos, então, que Sólon foi um legislador reformista que procurou resolver o problema da tensão política e social fruto das desigualdades em Atenas. Recorde as reformas que ele propôs:



Assim, Sólon não foi dramaturgo, nem tirano, nem demagogo, nem filósofo. Sobrou alternativa E.

Gabarito: E

40.(FUVEST 1998)

A partir do III milênio a. C. desenvolveram-se, nos vales dos grandes rios do Oriente Próximo, como o Nilo, o Tigre e o Eufrates, estados teocráticos, fortemente organizados e centralizados e com extensa burocracia. Uma explicação para seu surgimento é

a revolta dos camponeses e a insurreição dos artesãos nas cidades, que só puderam ser contidas pela imposição dos governos autoritários.



a necessidade de coordenar o trabalho de grandes contingentes humanos, para realizar obras de irrigação.

a influência das grandes civilizações do Extremo Oriente, que chegou ao Oriente Próximo através das caravanas de seda.

a expansão das religiões monoteístas, que fundamentavam o caráter divino da realeza e o poder absoluto do monarca.

a introdução de instrumentos de ferro e a consequente revolução tecnológica, que transformou a agricultura dos vales e levou à centralização do poder.

Comentário

A questão explora a relação entre meio ambiente e poder. Um tema clássico: o surgimento do Estado na região do Crescente Fértil. Vimos que os Estados centralizados do Oriente Próximo surgiram frente à necessidade de controlar o comportamento dos rios e, assim, dominar e aproveitar ao máximo seu potencial fértil. Contudo, para isso, foi necessário muito trabalho e organização da população. Nesse sentido, o gabarito é a letra B pois expressa justamente essa ideia de organização da população.

Vejamos por que não pode ser as demais alternativas:

- a- Veja, há uma ordem invertida do processo de desenvolvimento e organização social. O item fala em cidade antes do surgimento do estado. A cidade já é uma forma de organização social relacionada com o surgimento do estado, porque Estado é poder político organizado e centralizado. São elementos políticos sociais que surgiram no mesmo processo histórico.
- b- Correta
- c- É verdade que o comércio da seda já existia. Alguns historiadores afirmam datar de 8000 anos antes de Cristo esse comércio. Mas, a historiografia não que isso tenha incentivado a formação de Estados Teocráticos fortemente organizados, como foi no Egito e na Mesopotâmia.
- d- A única religião monoteísta do período trabalhado na questão era o judaísmo e, nesse caso, eles não contribuíram para a formação de Estados Centralizados e Teocráticos. Pelo contrário, como vimos, os judeus foram conquistados e escravizados por babilônios e egípcios.
- e- Olha esse item "casca de banana". A revolução tecnológica que conhecemos como "revolução neolítica", não foi a responsável direta pela criação do Estado. No crescente fértil está relacionado justamente com aproveitar melhor o potencial dos rios, ou seja, um passo depois da revolução tecnológica.

Gabarito: B

41.(FUVEST 1995)



"Usamos a riqueza mais como uma oportunidade para agir que como um motivo de vanglória; entre nós não há vergonha na pobreza, mas a maior vergonha é não fazer o possível para evitá-la... olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil... decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos por compreendê-las claramente, na crença de que não é o debate que é o empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação".

Esta passagem de um discurso de Péricles, reproduzido por Tucídides, expressa:

- a) os valores ético-políticos que caracterizam a democracia ateniense no período clássico.
- b) os valores ético-militares que caracterizaram a vida política espartana em toda a sua história.
- c) a admiração pela frugalidade e pela pobreza que caracterizou Atenas durante a fase democrática.
- d) o desprezo que a aristocracia espartana devotou ao luxo e à riqueza ao longo de toda a sua história.
- e) os valores ético-políticos de todas as cidades gregas, independentemente de sua forma de governo.

Comentário

Mais uma vez, uma questão de interpretação que exige seu conhecimento prévio sobre a democracia ateniense. Nesse caso, a democracia era compreendida como uma solução política para governar a cidade, uma vez que esta é entendida como um bem público. Logo esse regime político é compreendido como o debate das ideias, o esclarecimento dos problemas que atingem a todos e os condenam a serem responsáveis pela solução, ou seja, pela tomada da decisão.

Quero lembrar você, inclusive, de que o indivíduo que não se ocupava dos assuntos públicos era considerado inútil, como consta no texto. A este havia a pena do ostracismo – banimento da cidade -, lembra?

Assim, o famoso discurso fúnebre de Péricles procurava exaltar os valores ético-políticos que caracterizam a democracia ateniense no período clássico, conforme a alternativa A.

Vejamos os erros das demais:

- a- Correta.
- b- A política espartana era autocrática.
- c- Não havia admiração pela pobreza. Apenas não era uma vergonha. Já a frugalidade, ou seja, a batalha para sair da miséria era malvista.



- d- Os espartanos também não desprezaram o luxo e a riqueza, pelo contrário.
- e- Nem todas as cidades gregas prezaram pela democracia.

Gabarito: A

42.(FUVEST 1993)

Com o advento da democracia na pólis grega durante o período clássico, foram:

- a) abandonados completamente os ideais de autarquia da pólis, de glorificação da guerra e a visão aristocrática da sociedade e da política, que haviam caracterizado os períodos anteriores.
- b) introduzidos novos ideais baseados na economia de mercado, na condenação da guerra e na valorização da democracia, mais condizentes com a igualdade vigente.
- c) preservados os antigos ideais de autarquia, da guerra, da propriedade da terra, do ócio, como valores positivos.
- d) recuperadas antigas práticas do período homérico - abandonadas no período arcaico - como a escravidão em grande escala e o imperialismo econômico.
- e) adaptados aos antigos ideais aristocráticos e de autarquia (do período homérico e arcaico) os novos ideais de economia de mercado do período clássico.

Comentário

Questão no alvo! Ou você sabe ou você roda! Os itens têm muitas informações e conceitos, o que a torna mais difícil. Mas olha que legal, o comando da questão deu várias informações:

- 1- Advento da democracia
- 2- Na pólis grega
- 3- No período clássico

Há dois conceitos importantes que você deveria saber para responder essa questão:

- autarquia: governo soberano e autossuficiente exercido por entidades governamentais. Veja o que Norberto Bobbio diz: "entendida esta como o poder reconhecido a certas entidades para exercer atividades administrativas com as mesmas características e efeitos das atividades estatais".³

³ BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1998.



- aristocracia: Aristokratia, literalmente "Governo dos melhores", é uma das três formas clássicas de Governo e precisamente aquela em que o poder (krátos =domínio, comando) está nas mãos dos áristoi, os melhores, que não equivalem, necessariamente, à casta dos nobres ou ricos.

Além disso quero lembrar vocês de que o período clássico e a "era de ouro" de Atenas, surgiram no contexto das vitórias contra os persas nas guerras médicas e da riqueza acumulada pela Lida de Delos e controlada pelos atenienses. Nesse sentido, a honra e a valorização da guerra como parte da formação da aristocracia são fundamentais para a cultura democrática ateniense.

Dito tudo isso, podemos analisar a alternativas:

- a- Não foram abandonados completamente os ideais de autarquia da pólis, de glorificação da guerra e a visão aristocrática da sociedade e da política.
- b- Item B todas as informações são erradas: não foram introduzidos novos ideais baseados na economia de mercado, não houve condenação da guerra e a democracia política não representava a igualdade social, que não era vigente.
- c- Item correto. Todos esses elementos foram preservados e caracterizam a democracia ateniense.
- d- Item erradíssimo. A escravidão não voltou em Atenas.
- e- Não houve a ideia de economia de mercado naquele momento, pois a política dirigia a sociedade e não o mercado.

Gabarito: C

43.(FUVEST 1988)

"Democracia e imperialismo foram duas faces da mesma moeda na Atenas do século V a.C.".

Tal afirmativa é:

- a) correta, já que a prosperidade proporcionada pelos recursos provenientes das regiões submetidas liberava, aos cidadãos atenienses, o tempo necessário a uma maior participação na vida política.
- b) falsa, pois aquelas práticas políticas eram consideradas contraditórias, tanto que fora em nome da democracia que Atenas enfrentara o poderoso Império Persa nas Guerras Peloponésicas.
- c) correta, pois foi o desejo de manter a Grécia unificada e de estender a democracia a todas suas cidades que levou os atenienses a se oporem ao imperialismo espartano.
- d) falsa, já que o orgulho por seu sistema político sempre fez com que Atenas ficasse fechada sobre si mesma, desprezando os contatos com outras cidades-Estado.
- e) correta, se aplicada exclusivamente ao período das Guerras Médicas contra Esparta e sua liga aristocrática.



Comentário

Outra questão no alvo que demanda um conhecimento prévio sobre o contexto histórico. Além disso, vemos que é uma questão que aborda uma visão crítica sobre o resultado de um processo. Lembrando: o período clássico marcado pela democracia ateniense é resultado das vitórias contra a guerra contra a Pérsia. Esse sucesso militar foi fruto de uma aliança entre os gregos sob a liderança de Atenas na Liga de delos, lembram? Depois das vitórias dos gregos contra os persas, Atenas continuou arrecadando impostos dos seus aliados por meio da argumentação da segurança. Na prática, os atenienses exerciam poder e exploravam os membros da Liga. Dessa riqueza surgiram as condições para que uma parte dos atenienses pudessem viver ociosamente e exercer a política. Por isso, podemos falar que Atenas era democrática para dentro e imperialista para fora. Sacaram?

Assim a afirmativa é correta. Desse modo, podemos eliminar os itens B e D.

Dito isso, vamos às alternativas mencionadas como corretas: a) item corretíssimo; c) errado porque não havia o desejo de expandir a democracia a outras cidades-estados; e) As Guerras Médicas não foram contra Esparta, mas contra a Pérsia.

Gabarito: A

44. (UPE 2015)

Sobre o surgimento da arte cênica, todos falam em Grécia, mas o teatro aparece exclusivamente, em Atenas, nas últimas décadas do século VI a.C. Nenhuma das versões sobre o advento do teatro, na verdade, é conclusiva ou informa qual o momento exato em que se deu o fenômeno da arte dramática.

(HELIODORA, Barbara. Caminhos do teatro ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 24.)

Sobre a temática abordada no texto, assinale a alternativa CORRETA.

- a) O marco inicial do teatro é a *Paixão de Osíris*, encenada em Abydos, no Egito, no ano de 2600 a.C.
- b) A arte teatral surge ainda na Pré-história, em forma de dança ou canto, com o objetivo de evocar a chuva, a caça ou outras atividades básicas.
- c) O auge da produção teatral grega se deu no século V a.C., em Atenas.
- d) Os grandes nomes da dramaturgia grega foram Sófocles, Ésquilo, Eurípedes e Plauto.
- e) O teatro, desde seu surgimento em Atenas, sempre foi uma arte elitista, sem muito apelo popular.



Comentário

Essa é uma questão difícil porque trata de assunto pouco estudado no ensino médio: o teatro e os autores gregos. Mas uma boa interpretação do texto lhe renderia algumas vantagens. Os rituais teatrais na Grécia Antiga se concentravam em Atenas e, inicialmente, eram feitos como parte das homenagens ao deus Dionísio. Seu esplendor coincide com o auge da própria cidade de Atenas, ou seja, por volta do século V a.C, logo após das Guerras Greco-Pérsicas.

Tendo isso em vista:

A e B: Você poderia excluir todas as alternativas que marcam momento seminais do teatro grego, uma vez que o texto afirma: *“Nenhuma das versões sobre o advento do teatro, na verdade, é conclusiva ou informa qual o momento exato em que se deu o fenômeno da arte dramática.”* Entenderam? Por esse critério **podemos eliminar as alternativas A e B.**

C: está correta. Perceba que a alternativa não fala de fundação do teatro grego, nem de momento inicial, mas de auge. E nós sabemos que o auge ateniense se deu no século V, a era de ouro de Péricles.

D: O erro da alternativa E é colocar Plauto entre os gregos. *Titus Maccius Plautus*, como o nome da a entender, foi um dramaturgo romano.

E: o teatro grego não foi elitista, mas profundamente popular e político, sobretudo, a comédia.

Gabarito: C

45. (UERN 2015)

Observe a charge e leia o trecho.



(Disponível em: <http://montanhasrn.wordpress.com/2014/07/13/o-brasil-tem-uma-democracia-que-se-nega-a-participacao-social/>.)

A Ágora ou praça central era o espaço onde se reuniam os cidadãos para discutir a vida política e decidir sobre as ações a serem tomadas. (Vainfas, 2010.)



Ao analisarmos a charge e o texto, e tendo em vista o contexto da Grécia Antiga e o do Brasil atual em relação à participação política, é possível inferir que

a) em ambos os casos, apesar da ideia de democracia preconizar a participação de todos, existiam (e existem) limites para o exercício pleno desse direito.

b) na Grécia, cidadão era apenas aquele que participava das gerúsias, por ser considerado "*homo politicus*". No Brasil, só se considera cidadão o indivíduo com mais de 18 anos.

c) tanto na Grécia quanto no Brasil, a democracia era (e é) caracterizada pela participação universal, ou seja, de toda a população votante e em dia com suas obrigações eleitorais.

d) como no Brasil o voto atual é direto e secreto, o processo democrático torna-se mais transparente e incorruptível, o que não era possível na Grécia, devido ao controle de poder dos generais.

Comentário

Essa é uma alternativa que faz uma abordagem clássica sobre Grécia: a política e a participação política. Trata-se de uma questão comparativa, já que compara dois momentos históricos distintos.

O que sabemos sobre a política ateniense: houve democracia DIRETA, no século V, mas a condição de cidadão ERA RESTRITA aos homens maiores, nascidos em Atenas e de família ateniense. Mulheres, estrangeiros e escravos não eram considerados cidadãos e, por isso, não participavam da vida política da cidade-estado

Hoje me dia, no Brasil, há democracia, mas ela é REPRESENTATIVA. Vota-se em pessoas que, ao ganharem eleições livres, assumem mandatos eletivos para falar em nome do povo. Além disso, nem todos podem votar, como menores de 16 anos e estrangeiros sem cidadania brasileira.

Feitas essas considerações, vamos à análise das alternativas:

- a- Correta!!! Nos dois casos há restrição para participação política.
- b- As duas informações estão erradas. Veja: **GERÚSIA** era um órgão político de esparta e não de Atenas. Era um conselho de anciãos, formada pelos 2 reis mais 28 esparciatas com mais de 60 anos. No Brasil, a partir dos 16 anos, as pessoas podem votar, por isso, são consideradas cidadãs.
- c- Esse conceito instrumental de democracia política não era usado na Grécia. A democracia era muito mais, além disso era direta, então, em sentido amplo, não havia obrigações eleitorais na Grécia.
- d- O poder dos generais se deu na Grécia, principalmente depois da Guerra do Peloponeso e isso caracteriza a tirania e não democracia.

Gabarito: A



46. (UEPB 2013)

No século V a.C, Atenas vivia o auge de um regime de governo no qual os homens livres decidiam os interesses comuns de todos os cidadãos. Assinale a alternativa correta:

- a) Platão defendia a valorização das paixões pessoais porque o homem que agia assim em sociedade considerava as necessidades alheias, favorecendo o fortalecimento do regime democrático.
- b) A democracia ateniense era direta e plena, tendo como cidadãos os homens livres, as mulheres e os estrangeiros.
- c) A democracia da Grécia Clássica garantia os mesmos direitos para todas as pessoas, embora não defendesse a soberania do homem em relação ao seu destino.
- d) As propostas que os atenienses defendiam publicamente eram feitas por meio de discursos proferidos por sofistas que dominavam a arte da oratória.
- e) Para os sofistas, tudo deveria ser avaliado segundo os interesses coletivos para favorecer a democracia e condenavam os interesses individuais.

Comentário

A democracia ateniense era direta e excludente, uma vez que mulheres, estrangeiros e escravos não participavam das decisões políticas porque não eram considerados cidadãos. Tendo isso em mente, vamos usar a técnica de achar a alternativa certa eliminando os erros de cada uma delas. Assim, passemos à análise das alternativas:

- a- Está completamente errado. Platão defendia um esforço racional para um governo virtuoso, justo e bom. Escrever longos textos sobre seu "projeto político", ou melhor, sobre "a política". Nenhum deles há uma defesa das paixões humanas como fortalecimento da democracia.
- b- O erro da alternativa está em incluir mulheres e estrangeiros entre aqueles que tinham direito à participação política em Atenas.
- c- Todas as informações estão erradas. Nem todas as pessoas tinham os mesmos direitos e, além do mais, o homem é o condutor da vida política e social. A polis, como diz o historiador Pierre-Vernant, é o espaço onde nem os deuses e nem a natureza governa, mas apenas o homem e sua razão.
- d- Está correto. Nessa alternativa, a questão lembra do papel dos discursos e dos sofistas. Lembro apenas que não eram apenas sofistas que falavam. Péricles e Tucídides eram generais que falavam em assembleias.
- e- Em geral, atribui-se aos sofistas uma perspectiva mais individualista no discurso, diferentemente dos democratas ou ainda dos filósofos que tinham a defesa do bem-comum como valor e virtude.



Gabarito: D

47. (UEPA 2015)

Leia o texto para responder à questão.

Platão:

A massa popular é assimilável por natureza a um animal escravo de suas paixões e de seus interesses passageiros, sensível à lisonja, inconstante em seus amores e seus ódios; confiar-lhe o poder é aceitar a tirania de um ser incapaz da menor reflexão e do menor rigor. Quanto às pretensas discussões na Assembleia, são apenas disputas contrapondo opiniões subjetivas, inconsistentes, cujas contradições e lacunas traduzem bastante bem o seu caráter insuficiente.

(Citado por: CHATELET, F. *História das Ideias Políticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 17)

Os argumentos de Platão, filósofo grego da antiguidade, evidenciam uma forte crítica à:

- a) oligarquia
- b) república
- c) democracia
- d) monarquia
- e) plutocracia

Comentário

A questão remete ao entendimento de Platão sobre o conjunto da sociedade. Repare que ele iguala, de forma generalizante, o pensamento da maioria das pessoas a “um animal escravo”. Nesse sentido, este filósofo ateniense acreditava que a maioria não tinha condições de participar do debate político na ágora: “confiar-lhe o poder é aceitar a tirania de um ser incapaz da menor reflexão”. A ágora era o espaço da realização da democracia, pois a assembleia era um comício ao ar livre que reunia centenas de atenienses.

Repare, também, que ele ironiza o espaço da ágora na medida em que faz referência às “pretensas discussões” neste espaço.

Diante disso, dentre as cinco formas de governo, ou regimes políticos, listados nas alternativas, Platão critica a **democracia**. Com efeito, Platão defendia a *Sofocracia*, isto é, o governo dos sábios, dos reis filósofos. Para ele, somente aqueles providos de conhecimento poderiam governar e tomar à frente da política. Essa concepção de Platão provém de seu entendimento filosófico



segundo o qual que existem dois mundos, o mundo sensível (representa a matéria e as sensações ao qual estamos inseridos) e o mundo inteligível (representa as ideias, a razão).

Para Platão somos ligados às sensações pessoais e isto nos conduz ao erro pois não podemos confiar nessas sensações. Somente podemos obter a verdade por meio do mundo da inteligível. Contudo, o entendimento do mundo inteligível não é para qualquer um, somente para os filósofos, pois eles buscam o verdadeiro saber. Dessa forma, os filósofos sabem qual é o melhor caminho para a ampliação do conhecimento e, por conseguinte, o melhor caminho para fazer com que todas as pessoas da cidade possam se desenvolver. Ainda, os filósofos são os únicos capazes de conhecer a verdade e devem decidir o destino da cidade.

Neste contexto a democracia seria um empecilho, pois não produz um consenso absoluto, verdadeiro, além de permitir que pessoas mal preparadas opinem e decidam. Portanto, Platão estabelece uma severa crítica ao sistema democrático grego

As demais alternativas fazem referência a organizações políticas que restringem a participação, como oligarquia (governo da elite), monarquia (governo do rei) e plutocracia (governo dos ricos). Já república é caracterizada por ser uma forma de governo em que se valoriza o espaço público em oposição ao espaço privado. República não é sinônimo de democracia, pois pode haver uma república democrática ou mesmo uma república oligárquica.

Gabarito: C

48.(UEPA 2014)

“No tempo de Péricles (461-429 a.C), o comparecimento à assembleia soberana era aberto a todo o cidadão. A assembleia era um comício ao ar livre que reunia centenas de atenienses do sexo masculino, com idade superior a 18 anos. Todos os que compareciam tinham direito de fazer uso da palavra. As decisões da assembleia representavam a palavra final na guerra e na paz, nos tratados, nas finanças, nas legislações, nas obras públicas, no julgamento dos casos mais importantes, na eleição de administradores, enfim na totalidade das atividades governamentais”.

(BRAICK, Patrícia Ramos e MOTA, Myriam Becho. *História: Das cavernas ao terceiro milênio*, 2ª Edição. São Paulo: Editora Moderna, 2010. p. 102).

Com base nesta informação, conclui-se que, em Atenas, no período de Péricles:

a) a democracia se consolidou e atingiu sua plenitude por meio de princípios como o da isonomia, isocracia e isegoria, que se definiu como a igualdade de direito ao acesso à palavra na assembleia soberana.

b) a cidadania ateniense fundamentava-se na igualdade de gênero, garantindo aos cidadãos o pleno direito à palavra independente de sexo, impondo como limite a idade de dezoito anos.



c) a relação de poder entre funcionários do Estado e a elite política ateniense assegurava a manutenção de um regime de governo aristocrático no qual somente os homens exerciam o direito de cidadania.

d) os cidadãos atenienses eram guiados por uma burocracia estatal que impediu o rodízio dos cargos administrativos, de modo que a liderança direta e pessoal era exercida por uma minoria de homens jovens.

e) a concentração da autoridade na assembleia possibilitou a criação de um regime de governo baseado no poder pessoal, institucionalizando a oratória como competência mais importante para o exercício da política nos tempos de Péricles.

Comentário

A partir do texto que motiva a questão, primeiro vamos eliminar as alternativas que contradizem o próprio texto.

Repare na alternativa B, ela afirma que no tempo de Péricles havia igualdade de gênero. Porém, o texto é claro ao dizer que a “assembleia era um comício ao ar livre que reunia centenas de atenienses do sexo masculino”, ou seja, a assembleia excluía as mulheres. Da mesma forma, a assembleia excluía aqueles que não eram considerados cidadãos. Dessa forma, essa alternativa não pode ser nosso Gabarito, pois não havia igualdade de gêneros.

O teatrólogo Aristófanes escreveu a peça intitulada *Assembléia das mulheres* - apresentada pela primeira vez por volta de 411 a.C. em Atenas – cujo centro é valorizar a participação das mulheres na cidade-estado. Apesar de a comédia levantar uma discussão sobre a cidadania feminina, no geral, as mulheres atenienses não tinham a mesma igualdade política que os homens. Por isso, para efeitos de prova, considera-se que a democracia ateniense previa somente os homens maiores como cidadãos.

Assim, a democracia em Atenas, que era exercida de maneira direta, deixava de fora uma boa parcela da população. O próprio texto da questão nos traz essa informação, por mais que, na época de Péricles, a democracia atingiu um nível de “isonomia, isocracia e isegoria” extensível a todos que fossem considerados cidadãos (homens maiores de 18 anos e não estrangeiros, nem escravos). Veja:

- Isonomia: todos são iguais perante a lei e na sociedade; não há nenhuma distinção entre pessoas;
- Isocracia: todos tem condições iguais de acesso aos cargos políticos. Em Atenas isso significava que todos os cidadãos atenienses tinham o direito e o dever de participar na vida política e da administração pública;
- Isegoria: todos são iguais para se manifestarem na assembleia dos cidadãos.

Nesse sentido, em razão do aspecto da isocracia, a alternativa D está errada, pois os cidadãos não eram guiados por uma burocracia. Os próprios cidadãos podiam fazer parte da administração do



Estado, sem contar que os principais assuntos de administração pública (obras, por exemplo) eram definidos nas assembleias. Ou seja, de fato, a maioria dos cidadãos governava e não a minoria.

Veja, então, que o tipo de regime político em Atenas era de um governo democrático. Por isso, a alternativa C está errada, pois a expressão “um regime de governo aristocrático” invalida a alternativa.

Já a E, apresenta uma competência muito valorizada para os debates públicos da época, a capacidade de oratória, mas isso não levou a criação de um governo baseado no poder pessoal. O poder era exercido pela própria assembleia, logo, ele era coletivo, da maioria que definia os rumos da vida ateniense nesse espaço público. Portanto, essa alternativa também está errada.

Sobrou, então, a alternativa A, que é nosso Gabarito.

Gabarito: A

49.(UEL/2018)

Durante o século II, o Império Romano atingiu sua máxima extensão territorial, dominando quase toda a atual Europa, o norte da África e partes do Oriente Médio. No final do século IV, porém, essa unidade começaria a ser desfeita com a divisão do império em duas porções: a ocidental, com a capital em Roma, e a oriental, com a capital em Bizâncio. Nos séculos IV e V, a fragmentação territorial se aprofundou ainda mais e o Império Romano do Ocidente acabou desaparecendo para dar lugar a diversos reinos germânicos.

Quanto à desagregação e queda do Império Romano do Ocidente, assinale a alternativa correta.

- a) O êxodo rural causado pelos ataques dos povos germânicos resultou num crescimento desordenado das cidades, criando instabilidade e desordem política nos centros urbanos e forçando a abdicação do último imperador romano.
- b) O paganismo introduzido no Império Romano pelas tribos germânicas enfraqueceu o cristianismo e causou a divisão entre cristãos católicos e ortodoxos, encerrando o apoio da Igreja ao imperador e conseqüentemente fazendo ruir o império.
- c) A língua oficial do Império Romano, o latim, ao se fundir com os idiomas falados pelos invasores, deu origem às línguas germânicas, dificultando a administração dos territórios que se tornaram cada vez mais autônomos até se separarem de Roma.
- d) A disputa entre os patrícios romanos e a plebe pelas terras férteis facilitou a invasão do império pelos “povos bárbaros”, pois o exército romano foi obrigado a deixar as fronteiras desguarnecidas para defender os proprietários das terras das constantes rebeliões.



e) Com o fim das conquistas territoriais, o escravismo e a produção entraram em declínio, somado às "invasões bárbaras" e à ascensão do cristianismo, que aceleraram a fragmentação e queda de Roma.

Comentário

Questão super conteudista. Avalia se o candidato entende do processo de desagregação do Império Romano. **Tenha em mente o seguinte esquema de análise:** Um processo é causado por distintos elementos que, em interação uns com os outros, geram um resultado. Assim vejamos:

- ✓ Com a Pax Romana, interrompe-se a expansão territorial do Império.
- ✓ Uma vez que não se conquistavam novos territórios, os escravos, em geral prisioneiros de guerra, começaram a escassear, dando início a uma profunda crise de mão de obra e produção agrícola.
- ✓ As cidades perderam sua importância e os habitantes buscaram proteção e subsistência no campo. A esse processo chamamos ruralização.
- ✓ As invasões das tribos germânicas se tornaram cada vez mais comuns.
- ✓ A ascensão do cristianismo chocou-se com a tradição religiosa romana.

Diante dos elementos acima:

- o item A não poderia ser assinalado porque afirma que houve processo de êxodo rural – saída do campo para cidade.
- o item B é anacrônico e completamente errado. Igreja católica e ortodoxa são processos da Idade Média, nada tem a ver com Império Romano.
- o item C trata sobre a fusão das línguas é verdade, tanto que do latim surgirá o francês, o italiano, o português, por exemplo. Mas, isso não tem relação com a desagregação do Império Romano.
- o item D não tem nenhuma veracidade. O exército deixou as fronteiras porque o Império Romano não tinha condições econômicas para manter sua estrutura militar e administrativa.

Gabarito: E

50. (UEL/2017)

Otávio tornou-se o primeiro imperador no período do alto império romano e a Pax romana impôs militarmente seu domínio hegemônico no cotidiano de diferentes povos da região norte da África e de grande parte da Europa.

Com base nos conhecimentos sobre o Império Romano sob o governo de Otávio, considere as afirmativas a seguir.

I. Quando Otávio se tornou o primeiro romano a congregar o título de Augusto, implantou-se o culto ao governante, diferentemente dos dirigentes anteriores.



II. Otávio buscou interferir no cotidiano dos romanos ao incentivar a constituição de famílias numerosas e impor punição às mulheres adúlteras.

III. Sob seu governo, estabeleceu-se uma diferença dos governos anteriores pelo sistema de coleta de impostos, pois o Estado assumiu o papel que era dos publicanos.

IV. A organização social dos romanos distribuídos em ordens sociais foi revisada e implantou-se a hereditariedade como critério privilegiado da diferenciação.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

Comentários

I. Correta. O imperador Otávio, em 27 a.C., agrupou o título de Augusto, que significava escolhido dos deuses, e implantou, assim, o culto ao governante no mundo romano. Sobre esse assunto, vamos lembrar da nossa Corujinha da aula:



Agora, **ATENÇÃO!** Esse momento marca a transição do período republicano para o terceiro, e último, momento da história romana: **o IMPÉRIO!** É a concentração de poder e de títulos concedidos a Otávio pelo SENADO que caracteriza essa transição. Veja **OS TÍTULOS:**

- Primeiro Cidadão
- Chefe do Senado
- *Princeps* (o primeiro e o mais eminente)



Em 27 a.C. – Recebe o título de IMPERADOR

- *Augustos* (o mais ilustre) – este último **só atribuído aos deuses**, até então!

II. Correta. Otávio *Augustos* se dedicou a implantar uma política de administração pública na vasta extensão territorial de Roma, isso significou a intervenção do Estado em diversas esferas da vida. Nesse sentido, para reverter aquilo que ele considerava como um relaxamento dos costumes, incentivou a constituição de famílias numerosas e procurou punir a prática do adultério pelas mulheres. Não por menos, as estátuas expostas não eram somente do Imperador, dele próprio, mas também de seus familiares.

III. Correta. Em seu governo, o Estado assumiu o papel de coleta de impostos que antes era realizado pelos publicanos (coletores de impostos nas províncias do Império Romano).

IV. Incorreta. A primeira medida de Otávio foi criar uma burocracia administrativa, com critério censitário. Assim, a hereditariedade deixou de ser considerada fundamental para a diferenciação social, assim, incluiu as condições econômicas como fator de direito proporcional à quantidade de bens dos romanos.

Gabarito: D

51.(UFPR/2018)

Leia o texto a seguir:

Foi a República Romana que primeiro uniu a grande propriedade agrícola com a escravidão em grupos no interior em maior escala. O advento da escravidão como um modo de produção organizado inaugurou – como na Grécia – a fase clássica que distinguia a civilização romana, o apogeu de seu poder e de sua cultura. Mas enquanto na Grécia isso havia coincidido com a estabilização da pequena agricultura e de um compacto corpo de cidadãos, em Roma foi sistematizado por uma aristocracia urbana a qual já gozava de um domínio social e econômico sobre a cidade. O resultado foi a nova instituição rural do *latifundium* escravo extensivo. A mão de obra para as enormes explorações que emergiam do século III a.C. em diante era abastecida pela espetacular série de campanhas que deu a Roma o poder sobre o mundo mediterrâneo.

(ANDERSON, Perry. Passagens da antiguidade ao feudalismo. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 58.)

Tendo como alvo a República Romana, assinale a alternativa correta.

a) A desestruturação agrária em Roma, que estabeleceu sistemas de latifúndios, beneficiou os grupos empobrecidos, uma vez que estes podiam abandonar o campo e se estabelecer em cidades.



b) As guerras constantes ajudaram as classes dominantes da Roma republicana a desviar a atenção dos problemas fundiários derivados do *latifundium* nos séculos seguintes.

c) Foi por meio da intervenção dos irmãos Graco que o problema da reforma agrária foi resolvido no século II, pois os poderes políticos foram transplantados ao senado e, assim, Roma viu mais um século de paz.

d) Os tribunos da plebe tiveram um papel importante no processo da reforma agrária romana, possibilitando a transformação do modo de vida de maneira a permitir que todo pequeno agricultor transformasse sua propriedade em um *Domus*.

e) O domínio social e econômico das cidades provinha de delicada relação entre a manutenção de sistemas agrários em que a mão de obra escrava era aproveitada de forma esporádica e a utilização ocasional de grandes extensões de terra.

Comentário

Uma questão de história sempre nos coloca em um tempo e em um espaço. Assim, a primeira coisa que você deve fazer é capitar isso na questão. No caso, trata-se de Roma República. Com isso, mobilizamos nosso conhecimento de que esse momento é marcado pelas guerras de conquista, expansão territorial, concentração fundiária, consolidação do modo de produção escravista e empobrecimento massivo dos plebeus. Tendo essa análise em mente, vamos para a análise de cada item:

- Item A faz duas conexões erradas, pois, a desestruturação agrária não cria latifúndio. Ainda que o criasse, isso não seria bom para os grupos empobrecidos, pois estes são expulsos da terra porque substituídos por escravos.
- Item B afirma que as guerras constantes do período republicano – até aqui correto – foram uma forma de desviar a atenção em relação aos problemas fundiários (desigualdade, miséria, fome). De certa forma, isso está certo, pois, as conquistas geravam riqueza para distribuir o trigo e gladiadores para os espetáculos de arena. Política do Pão e Circo. Esse é um item correto.
- Item C afirma que a reforma agrária foi resolvida no século II. Informação incorreta, pois, como vimos ambos foram assassinados e suas políticas, mesmo aprovadas foram revogadas.
- Item D, também, afirma que a reforma agrária foi uma realidade. Sabemos que não houve reforma agrária em Roma, ao contrário, houve a formação do latifúndio.
- Item E está erradona! A mão de obra escrava foi usada esporadicamente? Aff... O próprio texto da questão explica que a mão de obra foi usada sistematicamente e em grande escala e, por isso, constituiu-se em modo de produção escravista, em Roma.

Gabarito: B

52. (UFMS/2018)



Leia a matéria a seguir, publicada na revista *Mundo Estranho*. Arena Insana

“Por séculos, o Coliseu abrigou sacrifícios, lutas mortais entre animais, gladiadores e bandidos e peças de teatro brutais. Tudo isso fez dele a casa de espetáculos mais sanguinária da história. Arcos sólidos Erguer um edifício tão massivo exigiu muita perícia. Arcos de concreto e tetos abobadados sustentam o peso, pois a força da compressão sobre essas estruturas se distribui melhor do que sobre portas convencionais ou tetos planos. Divisão por classe, as arquibancadas tinham cinco níveis, separados por corredores. A inclinação de 37 graus permitia uma boa visão a todo mundo (mesmo quem ficava mais longe). Os assentos, feitos de mármore, eram distribuídos conforme a classe social dos espectadores. Projeto avançado: a obra tinha um projeto arquitetônico avançado. Uma profusão de escadas nas arquibancadas e quatro corredores concêntricos facilitavam o deslocamento do público. Os camarotes imperiais, junto ao “palco” central, ofereciam uma visão privilegiada do espetáculo.” (VASCONCELOS, Yuri. “História”. Nov. 2017, p. 30-31).

Sobre o texto apresentado nesse enunciado, em associação com seus conhecimentos sobre a Roma Antiga, assinale a alternativa correta.

- a) O Império Romano entrou em franco declínio quando os espetáculos sangrentos executados no Coliseu passaram a impor um ritmo de destruição entre os plebeus que viviam na cidade de Roma, contestando as decisões dos governantes.
- b) O Coliseu marca uma fase de declínio do poderio de Roma sobre o mundo antigo, já que sua construção deve ser associada à política do pão e circo, que objetivava ocultar problemas econômicos, divertindo a população que vivia na cidade de Roma.
- c) Contando com um projeto arquitetônico fabuloso, a construção do Coliseu é um marco do poder absoluto do Império Romano sobre o mundo antigo, já que o excedente de escravos capturados nas campanhas romanas era dizimados, às centenas, na arena desse anfiteatro romano.
- d) Construído durante o governo de Júlio César, o Coliseu transformou-se no maior palco de batalhas da Antiguidade, e as apresentações sangrentas eram realizadas em homenagem ao César, governante que assumia papel de divindade no panteão dos deuses romanos.
- e) O Coliseu foi construído com o intuito de gerar empregos para as populações menos abastadas de Roma, geralmente escravos de batalhas e estrangeiros, que à margem do processo produtivo fundamentado na escravidão estavam ociosas durante o período áureo do Império Romano.

Comentários

- a) Errado, pois os Coliseus, enquanto obras que abrigaram a “Política do Pão e Circo”, começaram a ser construídos no século I d.C. Embora os espetáculos fizessem parte de uma política para desviar o foco da crise do Império, neste momento, não é possível afirmar que havia um “franco declínio”. Repare, então, que essa expressão torna a alternativa errada.



b) Esta alternativa está mais bem elaborada. É o nosso gabarito.

c) a parte errada é a relação entre **excedentes** de escravos e as pessoas que iam para as arenas de combate. Lembre-se que muitos cristãos não escravos foram para as arenas por serem perseguidos. Além disso, veja que a ênfase em excedentes de escravo em um momento em que a política de expansão territorial de Roma (e, portanto, da captura de escravos) diminuiu é um contrassenso. Como ter excedente se, na verdade, começou a faltar mão de obra?

d) Falso. O Coliseu foi inaugurado por volta de 80 d.C. e contou com atividades até 523 d.C. (imagine um estádio de futebol aberto por mais de 450 anos!!!). Foi construído por ordem do imperador Vespasiano e concluído durante o governo de seu filho Tito.

e) errado, pois ele foi construído como parte da política do "Pão e Circo". Por um lado, o entretenimento desviava a atenção sobre os problemas de Roma; por outro, ele representava a perseguição de minorias, como os cristãos que eram mortos por leões.

Gabarito: B

53.(UNCISAL/2013)

Quando Orestes morreu, os invasores, liderados pelo general Odoacro, condenaram o César à morte. Mas como era apenas um garoto, a pena foi cancelada, ele recebeu uma mesada e se mudou para um castelo na cidade de Nápoles, onde viveu até os 51 anos. Foi [...] sorte, no fim das contas. Dos 111 imperadores romanos da história, só 31 não foram assassinados. E Rômulo foi um deles. Quando Rômulo trocou o papel de imperador por uma casa e a aposentadoria, o título de César desapareceu em Roma. [...] Com sede na cidade de Constantinopla, na Turquia, o império Romano Oriental teve céсарes até 1453, quando Constantino X foi derrubado pelos turcos-otomanos. (QUE fim levou o último César? Aventuras na História, especial Roma, São Paulo: Abril, p. 66, fev. 2007)

Sobre o fim deste grande Império que foi o Romano, é válido dizer:

a) a entrada de Odoacro marcou o início da República em Roma, caracterizando como uma época de grandes conquistas e realizações no governo romano.

b) a partir de Odoacro, a unidade política romana se estabeleceu, as cidades tornaram-se mais seguras e foram reconstruídas.

c) com Odoacro, um novo modo de vida se estabeleceu: voltavam-se as atividades agrícolas, as pessoas começaram a buscar abrigos nos feudos, as rotas comerciais foram desaparecendo.

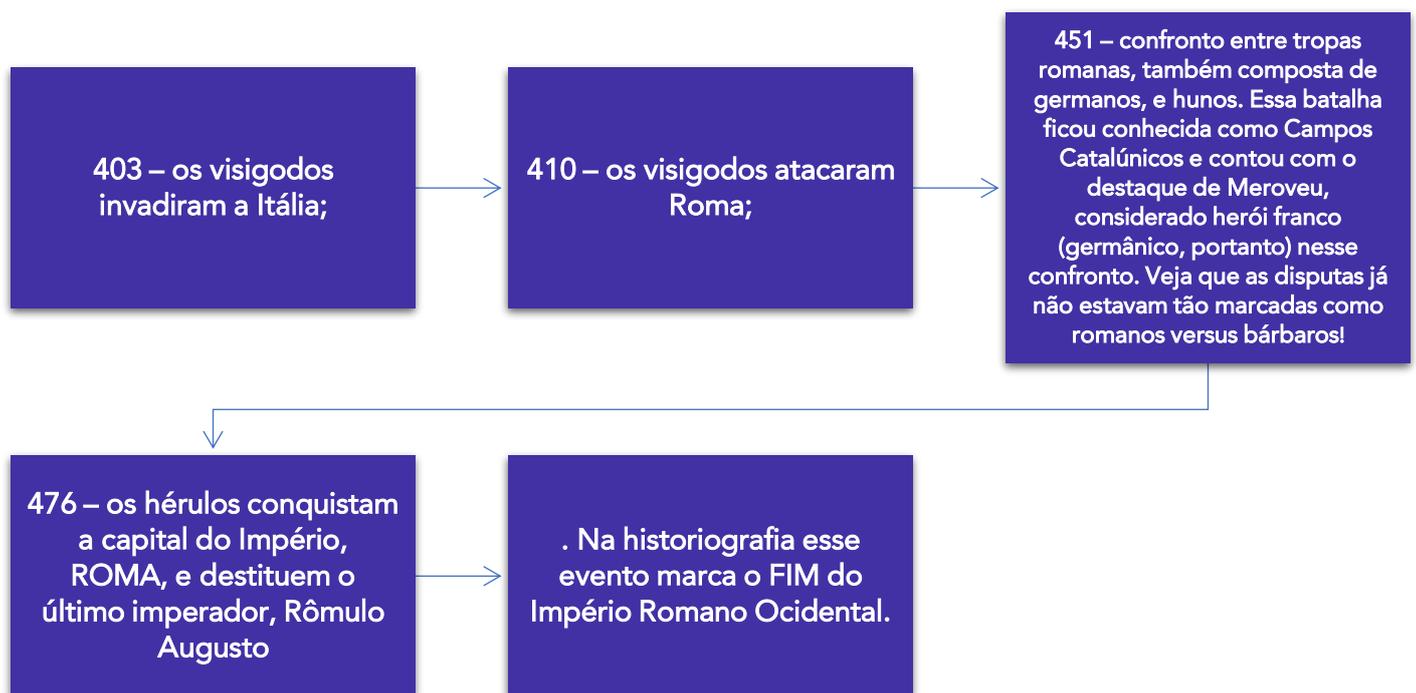
d) nas novas cidades, os hábitos romanos foram valorizados, dentre eles o respeito à individualidade, a lealdade para com o governo e o compromisso perante suas dívidas financeiras e pagamentos em dia às instituições financeiras (bancos).



e) a adaptação entre os vários povos que formaram Roma e as novas situações existentes a partir de então fizeram com que novas estruturas governamentais existissem, inclusive, novos reinados, como o governo dos Francos.

Comentários

Questão interessante porque remete à penetração dos bárbaros no Império Romano. Vamos fixar o seguinte:



a) Errada a afirmação, pois após o Império é iniciada a formação dos Reinos Bárbaros (assunto da próxima Aula). A República foi a fase da História Romana anterior ao Império.

b) Falso, pois o fim do Império levou à desagregação e não à unidade política.

c) Correta, pois a crise do Império Romano, a partir das invasões bárbaras e da crise do escravismo, levou à fuga para o campo (abrigos nos feudos). Seguiu-se um declínio no comércio, o qual era praticado nos centros urbanos. O novo modo de vida da população da Península Itálica podia ser visto como um “retrocesso” para os romanos (já que tinham o hábito urbano) e uma expansão do modo de vida bárbaro (já que fazia parte desse modo de vida a economia baseada na agricultura e no pastoreio, sem desenvolvimento prioritário do comércio).

d) Errado. A questão aborda o declínio dos romanos, então, não podemos afirmar que houve a valorização dos hábitos romanos. Ocorreu, de forma mais enérgica, ou a integração dos hábitos



terre romanos e bárbaros (germânicos, por exemplo), ou a penetração dos hábitos bárbaros. Agora, veja que, do ponto de vista religioso, o cristianismo irá sobreviver e, inclusive, alguns bárbaros foram convertidos.

e) de fato, o Reino dos Francos é um acontecimento histórico posterior à queda de Roma, porém, não na região da Península Itálica. Por volta o século V, a tribo dos Francos tomou conta da região central e norte da Europa. Além disso, não surgiram novas estruturas governamentais, pois houve a desagregação política-administrativa do Império Romano.

Por fim, vamos guardar a seguinte sentença histórica que nos ajudará na próxima aula:



A zona fronteira teve papel fundamental para a integração dos dois mundos no sentido de produzir uma realidade intermediária, qual seja: **a da formação de uma cultura romano-germânica – que se consolidou ao longo do período medieval.**

Gabarito: C

54.(URCA/2015)

A história da República Romana consistiu quase que totalmente em guerras que levaram à fundação do Império, mais de dois séculos depois. Neste sentido, é correto afirmar:

- a) Os longos períodos de guerra e de serviços militares forçaram os lavradores comuns a negligenciar o cultivo do solo, gerando o endividamento e o crescimento das grandes propriedades;
- b) As duas principais classes deste período romano eram os patrícios e os plebeus. Os primeiros eram pequenos agricultores, artesão e comerciantes e os segundos eram aristocratas ricos e grandes proprietários;
- c) A expansão imperialista de Roma foi marcada pelas constantes vitórias sobre os seus inimigos, merecendo destaque para a luta contra Cartago, localizada no Oriente Médio e com grande poderio marítimo;
- d) A expansão para além das fronteiras da Península Itálica, possibilitou que Roma levasse o seu modelo de democracia política com base social escravista para toda Bacia do Mediterrâneo;



e) O período republicano da história política de Roma findou com o estabelecimento do Império liderado por Júlio César que se aliou ao grande império do Egito comandado pela princesa Cleópatra.

Comentários

a) Perfeito. O plebeu, que era um lavrador comum, era o pequeno proprietário que, na maioria das vezes, hipotecava suas poucas terras para conseguir financiar as investidas militares de conquista e, com isso, tentar acompanhar a expansão romana. Tratava-se de um investimento. Ou seja, o plebeu era um pequeno empreendedor que assumia sozinho todos os riscos pela empreitada. Acontece que nas "campanhas militares", as quais, geralmente, eram organizadas pelos grandes proprietários – patrícios e *nobilitas*, não era isso? – os plebeus não ficavam com nada. Então, ao final da conquista - quando bem-sucedida - eram os grandes proprietários que ficavam com a amplíssima maioria das riquezas conquistadas – quer fossem terras, quer fossem pessoas (os escravizados). Ao plebeu endividado, na maioria das vezes, caberia entregar suas terras como parte do pagamento de suas dívidas e ir para a cidade em busca de alguma colocação profissional. É um ciclo de concentração de renda (terra).

b) Falso, pois houve uma inversão na definição de patrícios e plebeus.

c) A localização geográfica de Cartago está errada. Cartago era uma cidade de origem fenícia que ficava no Norte da África.

d) Apesar de ser uma república, não é possível falar em modelo de democracia romano. Da mesma forma, o sistema político funcionava em Roma, cidade e adjacências da Península Itálica, não dá para afirmar que em todo o Império Romano, nas regiões conquistadas, o modelo foi implantado. Até porque, do ponto de vista da análise da crise da República Romana, a forma que os generais conquistaram nas campanhas nas regiões mais distantes do centro-urbano de Roma comprova que o Senado não tinha forças na periferia dos territórios romanos. Sacou?

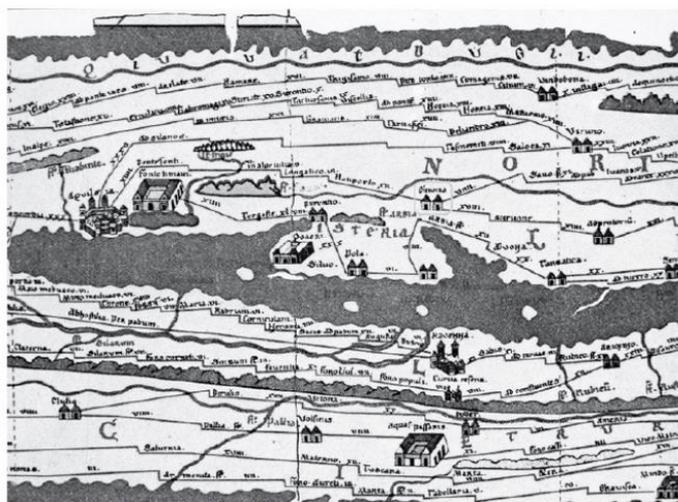
e) quem se aliou a Cleópatra foi Marco Antonio, do 2º Triunvirado. Inclusive ele se casou com Cleópatra. Já Júlio Cesar pertenceu ao 1º Triunvirato.

Gabarito: A

55. (ETEC-CENTRO PAULA SOUZA 2019)

"Todos os caminhos levam a Roma".





<<https://tinyurl.com/y8anvuh4>> Acesso em: 26.10.2018. Original colorido.

A frase e o mapa fazem referência a uma característica marcante do Império Romano (30 a.C. a 476 d.C.).

Assinale a alternativa que apresenta essa característica.

- a) A grande extensão territorial do Império impediu a construção de qualquer sistema de ligação entre a capital e a periferia, fazendo com que somente a cidade de Roma dispusesse de estradas pavimentadas para a circulação de pessoas e bigas.
- b) Em seu processo de expansão, o Império Romano fundou colônias nos cinco continentes e estabeleceu órgãos administrativos que, em escala reduzida, reproduziam a administração central e davam aos habitantes de todas as partes a sensação de viver na própria capital, a cidade de Roma.
- c) Diferentes pontos do Império Romano estavam ligados à capital, a cidade de Roma, e entre si por milhares de quilômetros de estradas pavimentadas por onde circulavam, principalmente, os mensageiros do Império.
- d) O processo de desintegração do Império Romano levou à construção de estradas que tinham o objetivo de facilitar a fuga dos habitantes da cidade de Roma, aterrorizados pela violência praticada pelos povos germânicos, que saquearam a cidade.
- e) Devido à grande influência do catolicismo na formação do Império Romano, os habitantes da capital, a cidade Roma, financiaram a pavimentação de milhares de quilômetros de estradas que eram utilizadas para a peregrinação à Terra Santa.

Comentário



Questão fácil, pois, pega na sua mão e te leva ao tema: a construção de estradas que ligavam Roma a outros pontos do vasto Império. Ao longo do período da República Romana, 509-27 a.C, ocorreu o processo de expansão territorial romana. Com isso, foi possível dominar diversos povos, montar um sistema de cobranças de impostos e criar diversas estradas para facilitar a comunicação entre as regiões periféricas em relação à capital. Durante o Império, esse processo se intensificou com uma política de organização administrativa e a criação da burocracia pública. Ressalto que, nesse contexto, burocracia tem a ver com eficiência administrativa. A mais famosa das estradas é a Via Áppia (leram o quadrinho de curiosidades no meio da aula?). Assim, a máxima “todos caminhos levam a Roma” expressa a política expansionista romana. Portanto, a resposta se encontra no item C.

Vejam os que exclui os demais itens:

- O item A está errado porque expressa ideia diversa a que comentei acima.
- O item B está errado, pois, apesar de muito poderosa, ela não colonizou os 5 continentes, mas apenas: Partes da Europa, Ásia e África.
- O item D não pode ser, pois, a construção de estradas NUNCA teve o objetivo de garantir a fuga dos habitantes, até porque elas foram construídas durante a expansão romana e não na fase de desintegração do Império.
- O item E não pode ser, afinal, como vocês já estão carecas de saber, as estradas foram construídas para interligar Roma a outros lugares do Império. Nada tinha a ver com a igreja.

Gabarito: C

56.(UFPR/2019)

Leia o trecho abaixo, escrito por Agostinho de Hipona (354-430) em 410, sobre a devastação de Roma:

Não, irmãos, não nego o que ocorreu em Roma. Coisas horríveis nos são anunciadas: devastação, incêndios, rapinas, mortes e tormentos de homens. É verdade. Ouvimos muitos relatos, gememos e muito choramos por tudo isso, não podemos consolar-nos ante tantas desgraças que se abateram sobre a cidade.

Santo Agostinho. Sermão sobre a devastação de Roma. Tradução de Jean Lauand. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mp5/agostinho_1.htm#_ftn2>. Acesso em 11 de agosto de 2018.

Considerando os conhecimentos sobre a história do Império Romano (27 a.C. – 476 d.C.) e as informações do trecho acima, assinale a alternativa que situa o contexto histórico em que ocorreram os problemas relatados sobre Roma e a sua consequência para o Império, entre os séculos IV e V.



- a) Trata-se do contexto das invasões dos povos visigodos, sendo uma das causas do final do Império Romano do Oriente.
- b) Trata-se do contexto dos saques de povos vândalos, sendo uma das causas do final do Sacro Império Romano-Germânico.
- c) Trata-se do contexto das pilhagens de povos ostrogodos, sendo uma das causas do final do Império Bizantino.
- d) Trata-se do contexto das incorporações de povos vikings, sendo uma das causas do final do Sacro Império Romano do Oriente.
- e) Trata-se do contexto das invasões de povos bárbaros, sendo uma das causas do final do Império Romano do Ocidente.

Comentário

Caríssimo, essa questão é conteudista. Santo Agostinho (354-430) viveu durante o contexto da profunda crise que contribuiu para o fim do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C. O cenário foi caracterizado por uma **crise econômica, política, escravista, êxodo urbano e, conseqüentemente, ruralização da sociedade**, etc. Entre tantos problemas, o Império Romano sofreu com uma intensa onda de “invasões bárbaras” marcadas por muita violência, na sua fase final. Santo Agostinho de Hipona descreve este momento.

Portanto, para responder à questão, você precisaria lembrar de que esta fase violenta da invasão dos povos não-romanos (germânicos ou bárbaros) acelerou e intensificou o final o Império Romano do Ocidente. O Império Bizantino é sinônimo para o Império Romano do Oriente e, diferentemente do Império Romano do Ocidente, manteve a centralização política, as fronteiras intactas e conseguiu evitar as invasões de outros povos. Sacro Império Romano do Oriente é uma formação política na região da atual Alemanha que se deu devido a fragmentação do Reino Franco, na Alta Idade Média (não se desespere, esse conhecimento você construirá nas aulas seguintes de idade média, ok)

Gabarito: E

57. (IFRS 2018)

Sobre as civilizações greco-romanas, é correto afirmar.

(A) A hegemonia espartana no mundo grego foi conquistada com a derrota de Atenas na Guerra do Peloponeso (431 a.C. a 404 a.C.), mas também deu início ao declínio das cidades gregas independentes.



(B) Durante a Monarquia e a República, os patrícios, e seus aliados plebeus, exerceram pleno domínio político e econômico em Roma.

(C) Na Cidade-Estado de Atenas, cidadãos eram todos os membros da comunidade, homens e mulheres que gozavam de plenos direitos civis e políticos.

(D) O Imperador Júlio César inaugurou um período de pacificação interna de Roma (Pax Romana, 31 a.C. a 235 d.C.), permitindo a proteção das fronteiras do Império e um processo expansionista que alcançou vastas regiões entre a Península Ibérica e a Ásia Menor.

(E) Apesar da liberdade de culto concedida aos cristãos pelo imperador Nero (54 d.C. a 68 d.C.), o período do seu governo representou o auge da perseguição aos fiéis deste culto surgido dentro do judaísmo.

Comentários

Esta é uma boa questão para revisarmos os conteúdos das Aulas 00 e 01. Então, pega as apostilas e seu caderno de anotações e vamos lá!

- (A) Correto! Após a vitória da aliança das cidades-Estados gregas, a Liga de Delos, contra os persas nas Guerras Médicas (486-479 a. C.), a rivalidade entre elas voltou a crescer, principalmente entre Atenas e Esparta. Esta última se retirou da Liga de Delos e criou outra nova com suas cidades aliadas, a Liga do Peloponeso. Assim, entre 431 e 404 a. C., desenrolou-se a Guerra do Peloponeso entre as cidades gregas, da qual saiu vitoriosa Esparta que passou a exercer hegemonia sobre as demais. Contudo, isso durou pouco as disputas continuaram e logo Tebas, outra cidade grega, superou Esparta. A rivalidade entre os próprios gregos foi gerando a fragmentação e decadência do mundo grego até que Filipe II, imperador da Macedônia, aproveitou a situação para conquistar toda a região da Grécia, o que conseguiu em 338 a. C.
- (B) Errado. Os patrícios e os plebeus não eram aliados. Essas eram as principais classes sociais da Roma Antiga, desde sua fundação até o fim do Império. Os patrícios eram os descendentes diretos dos conquistadores que fundaram Roma. Eles tinham a propriedade da maior parte das terras férteis e da riqueza, eram a aristocracia Romana. Até 494 a. C., somente patrícios podiam participar do Senado e, mesmo depois, continuaram sendo a maioria nessa instituição e nos demais cargos importantes da política romana. Os plebeus, por sua vez, eram a maior parte da população, eles eram camponeses, pequenos proprietários e trabalhadores manuais em geral. As principais disputas sociais, sobretudo na República, foram entre essas duas classes.
- (C) Errado. Em Atenas apenas os homens maiores de idade e filhos de pais atenienses eram considerados cidadãos. Mulheres, crianças, estrangeiros e escravos não possuíam cidadania.
- (D) Errado. A *Pax Romana* foi durante o governo do imperador Otávio Augusto (27 a. C. a 14 d. C.). Consistiu na centralização do poder, na burocratização da administração do Estado, subjugação do Senado, na política de pão de circo e na continuação da expansão territorial.



(E) Errado. Nero não concedeu a liberdade de culto aos cristãos, na verdade, perseguia muito essa parcela da população. Quem garantiu a liberdade religiosa aos cristãos e todas as crenças foi o imperador Constantino, em 313 d. C., por meio do Édito de Milão.

Gabarito: A

58. (IFGO 2015)

Se se considera o povo romano como um homem e se se percorre toda a sua existência, teremos quatro momentos: seus inícios, sua adolescência, sua maturidade e, por fim, sua velhice. Sua primeira idade passou-se sob os reis e compreende cerca de duzentos e cinquenta anos, durante os quais se lutou, ao redor da cidade, contra seus vizinhos; esta foi sua infância. O segundo período, do consulado de Brutus e de Colatino ao consulado de Apio Cláudio e Quinto Fúlvio, durou duzentos e cinquenta anos, durante os quais se submeteu a Itália. Foi a época mais fértil em heróis e combates, sua adolescência. Depois, até César Augusto, em duzentos anos pacificou-se todo o mundo. Foi a idade adulta, de robusta maturidade. De César Augusto até nosso tempo, em menos de duzentos anos, a inércia dos Césares trouxe a decadência da velhice.

FLORO, História Romana, introdução, Século II d. C.

Acerca da história romana, assinale a alternativa correta.

- a) A luta “contra seus vizinhos” expõe que o militarismo expansionista foi uma marca presente em todos os períodos do desenvolvimento da civilização romana.
- b) Durante a chamada “infância” de Roma, correspondente ao período monárquico, podemos assinalar que a distinção social entre patrícios e plebeus era inexistente.
- c) Ao atingir a sua “robusta maturidade”, Roma se transformou em um império de grandes proporções e todos seus conflitos internos foram resolvidos pela política de “Pão e Circo”.
- d) Ao nortear a História Romana até a “idade adulta”, por uma noção de progresso, o autor ignora as agitações sociais presentes no período republicano.
- e) Ao falar da “inércia dos Césares”, o autor menciona o fato de os imperadores não terem tomado medidas enérgicas quando o cristianismo passou a influenciar a sociedade romana.

Comentários

O texto descreve por meio de uma metáfora as fases da civilização da Roma Antiga. A infância seria o período da Monarquia (753 a 509 a. C.), o qual se inicia com a fundação da cidade de Roma pelos etruscos na região central da Península Itálica. Nesse contexto, os romanos foram governados por um Rei e um Conselho de patrícios, mais tarde chamado de Senado, e eles se concentravam em proteger suas cidades dos povos vizinhos e conseguir terras férteis.



O segundo período é a República (509-27 a. C.), iniciada após um golpe dos patrícios para depor o último rei romano. Assim, o Senado se tornou o poder máximo de Roma e mais instituições foram criadas para dividir o poder, como a Magistratura e a Assembleia. É uma fase marcada pelas disputas entre patrícios e plebeus e pela unificação da Península Itálica sob o comando romano e a expansão para os territórios do Mediterrâneo. Esses primeiros séculos de República seriam a adolescência, que vai “de Brutus e de Colatino ao consulado de Apio Cláudio e Quinto Fúlvio”. Já a fase adulta, do “César Augusto”, como diz o texto, seria a fase de transição entre República e Império, no século I a. C. e I d. C. Ainda na fase republicana, em seu último século de duração, uma crise institucional se instaurou, caracterizada pela intensificação dos conflitos entre as classes sociais por mais direitos políticos e civis e pelo fortalecimento dos generais, que passavam a ocupar cargos importantes, sobretudo o de cônsules. É esse período que seria o “César Augusto” mencionado no texto, foi nessa época há uma série de conspirações e golpes de estado, nos quais generais se declararam ditadores e reivindicando o título de “César”. A crise política se agravou até que um desses cônsules, Otávio, eliminou seus companheiros de cargo, subjugou o Senado e instaurou o Império, em 27 a. C. Ele reivindicou para si o título de “Augusto”, um adjetivo usado para se referir aos deuses, e deu início ao culto religioso do imperador. Otavio conseguiu estabilizar as tensões políticas e sociais internas e ao mesmo tempo dar continuidade a política expansionista romana. Entre os Césares e os Augustos, foi o período que Roma atingiu sua maior extensão territorial, conquistando as regiões da Gália, Península Ibérica, a Britânica, a Ásia Menor e a Palestina.

O Império durou de 27 a. C. até 476 d. C., mas após a morte de Otavio em 14 d. C., seus sucessores não tiveram o mesmo sucesso em manter o controle interno e continuar a expansão territorial. No século I e II, a expansão continuou, mas as crises sociais e políticas persistiam, com as elites das diferentes regiões do Império cobrando mais direitos e cidadania. Era difícil um único imperador manter o controle de um território tão vasto, assim, aos poucos foi acontecendo uma provincialização do poder. Além disso, os plebeus ficavam cada vez mais pobres e miseráveis, pois perdiam as poucas terras e bens em dívidas e não conseguiam emprego, pois havia muita oferta de escravos devido às guerras de conquista. Os escravos, apesar de trabalho garantido, viviam e trabalhavam em situações precárias, muitas vezes sob tortura. Portanto, plebeus e escravos, que compunham a maior parte da população, também eram fonte de tensões sociais. No fim do século II, as fronteiras foram fechadas e se pôs fim à expansão territorial. Isso gerou uma crise econômica, pois sem guerras de conquista não havia escravos para trabalhar na produção agrícola e nas cidades. Consequentemente, a produção e o comércio ficaram mais caros e se estagnaram, pois, a maioria da população não tinha renda para pagar por coisas tão caras. Ainda, no século III, Roma passou a ser alvo de uma série de invasões de povos germânicos, contribuindo para o colapso definitivo de muitas cidades e para a ruralização da sociedade. A cidade Roma foi invadida pelos ostrogodos e o último imperador romano foi deposto em 476, gerando a fragmentação do Império em vários reinos e povoados independentes entre si. Por isso, o autor do texto diz que “a inércia dos Césares trouxe a decadência da velhice”. Então, vejamos:



- a) Errado. A expressão indica uma posição mais defensiva de Roma, não expansionista. Durante a Monarquia, a suposta “infância” de sua história, os romanos se concentraram em defender a cidade, como dissemos acima.
- b) Errado. Sempre houve a divisão social entre patrícios e plebeus.
- c) Errado. Os problemas internos não foram exatamente resolvidos. Mas durante o governo de Otavio Augusto ele concentrou poder em suas mãos e criou políticas para amenizar os efeitos colaterais da economia expansionista e escravista de Roma, que foi o caso da política de pão e circo. Esta consistia em distribuir alimentos aos mais pobres e no oferecimento de espetáculos públicos gratuitos, como teatro, jogos e lutas entre gladiadores. Alguns historiadores afirmam que essa política era parte de uma tentativa de despolitização e manobra dos poderosos para afastar os plebeus e as pessoas empobrecidas das questões políticas. Portanto, ele não resolveu os problemas completamente, apenas criou distrações e conseguiu manter certo equilíbrio entre os interesses sociais antagônicos.
- d) Correto. Apesar de didática, a metáfora usada pelo autor acaba invisibilizando uma série de conflitos e rupturas na sociedade romana ao longo dos períodos de sua história. Como ficou evidente nos **Comentários**, em vários momentos a situação estava tão tensa que não era garantido que Roma manteria sua unidade territorial. O período entre a república e o império, considerado pelo autor o ponto alto da história romana (“idade adulta” ou de “robusta maturidade”) foi um dos momentos mais críticos da Roma Antiga. Conspirações, golpes, assassinatos políticos. Para os contemporâneos não havia certeza se eles conseguiriam solucionar todos os problemas e manter a civilização romana unificada.
- e) Errado. Os primeiros imperadores romanos tomaram muitas atitudes contra o cristianismo, pois esta religião pregava ideias contrárias a importantes valores e crenças para o funcionamento da sociedade e economia romanas. O autor chama de “inércia dos Césares”, pois o fim do Império é marcado pelas dificuldades encontradas pelos imperadores romanos em dar continuidade à expansão territorial, defender as fronteiras e manter o Império unificado.

Gabarito: D

59.(IFCE 2016)

Consideremos o significado da palavra república. Ela vem do latim *res publica*, que quer dizer ‘coisa de todos’. Denomina, portanto, uma forma de governo em que o Estado e o poder pertencem ao povo.

No entanto, o que se observou na fase inicial da república romana foi a instalação de uma organização política dominada apenas pelos patrícios. Não houve a distribuição do poder entre todos, pois a maioria da população, os plebeus, não tinha, inicialmente, o direito de participar das decisões políticas. Isso gerou grandes conflitos.”

(COTRIM, Gilberto. História Global: Brasil e geral. Vol.1, 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013. p. 124).



Por conta da situação acima mencionada, os plebeus iniciaram uma longa luta em busca dos seus direitos, sobre a qual é incorreto afirmar-se que

- a) a “Lei das XII Tábuas”, ainda que favorecesse os patrícios, serviu para dar clareza às normas e aos costumes.
- b) a “Lei Canuleia” autorizava o casamento entre patrícios e plebeus.
- c) o “Comício da Plebe” deu aos patrícios o direito de decidirem pelos plebeus assuntos relativos aos interesses de ambos.
- d) a “Eleição de Magistrados” deu aos plebeus a condição de ascenderem, aos poucos, aos principais cargos públicos.
- e) a proibição da escravização por dívidas fez com que nenhum romano fosse mais escravizado por conta de dívidas existentes.

Comentários

A República Romana (509-27 a. C.) teve início com um golpe dos patrícios contra o último rei romano. Até aquele momento, o governo em Roma era exercido por um Rei e um Conselho de patrícios, mais tarde chamado de Senado. Quando o rei foi deposto, o Senado se tornou o poder máximo e novas instituições foram criadas para dividir o poder, como a Magistratura e Assembleia. Mesmo assim, os patrícios ainda monopolizavam o Estado, pois só eles podiam ser senadores e ocupar os cargos mais altos da magistratura. É isso que o texto nos explica. A situação começou a mudar a partir de 494 a. C., quando os plebeus paralisaram seus trabalhos e saíram da cidade de Roma como forma de protesto contra sua exclusão dos meios institucionais. Eles percebiam sua importância para a economia e a proteção da cidade, pois eram eles que eram a maior parte dos trabalhadores e dos soldados. Eles se refugiaram em monte próximo da capital e exigiram mais direitos políticos. Em resposta, foi criado um novo cargo no Senado, de Tribuno da Plebe, cuja função era vetar leis que considerasse prejudicial à classe que representava. Inicialmente, os plebeus elegiam dois tribunos, mas com o tempo esse número aumentou. Além disso, ao longo da República, os plebeus continuaram pressionando por mais direitos e cidadania, conseguindo que fossem aprovadas várias leis que lhes garantia isso. Com isso em mente, vamos às alternativas. Ah! Não se esqueça, temos que identificar a alternativa **incorreta!** Vejamos:

- a) Correta. Essa lei foi aprovada em 450 a. C. e determinava que a legislação romana seria registrada por escrito. Apesar de a maioria da população ser analfabeta, isso permitiu que as leis fossem melhor definidas e conhecidas, pois até então seu conhecimento era transmitido oralmente pelos patrícios.
- b) Correta, a lei foi aprovada em 445 a. C.
- c) Incorreta. O Comício da Plebe fazia parte da Assembleia e era onde os plebeus mais podiam participar da política. Esta tinha a função de discutir leis propostas pelo senado, podendo também



propor algumas. A Assembleia era dividida em quatro setores: a Assembleia Curial (assuntos religiosos); a Assembleia Centurial (composta por militares, que podiam ser patrícios e plebeus); Assembleia Tribal (por região de domicílio, assim eram 35 assembleias tribais); e a Assembleia da Plebe, ou Comício da Plebe. Nesta última, os patrícios não participavam, apenas plebeus. Sua função inicial era votar apenas leis referentes à plebe, mas a partir de 287 a. C., com a Lei de Hortênsia, as propostas votadas por essa instituição passaram a ter força de lei. Assim, as decisões dos plebeus passaram a ser válidas para toda a sociedade, não só para eles.

- d) Correta. Em 367 a. C., foi aprovada a Lei de Licínia, a qual permitia aos plebeus serem eleitos para o cargo mais alto da magistratura, o de Cônsul, o que conseqüentemente dava mais oportunidade de ascensão àqueles que conseguiam ocupá-lo. O primeiro cônsul plebeus foi eleito em 366 a. C.
- e) Correta. A escravidão por dívida foi abolida em 326 a. C., pela Lei de Poetélia. A partir de então, as únicas formas de escravização eram as guerras de conquista, além dos filhos de escravos também serem escravos. Assim, os escravos em Roma passaram a ser apenas estrangeiros e/ou seus descendentes.

Gabarito: C

60. (IFSP 2014)

A partir do século III, o mundo romano havia cessado as guerras de conquista e reflexos negativos na economia e na mão de obra já se faziam sentir. Entre essas dificuldades, pode-se citar corretamente,

- a) a inflação, causada pelos altos preços dos alimentos, dada a baixa produtividade; o aumento no valor dos escravos, pela escassez dessa mão de obra.
- b) a derrota romana nas guerras Púnicas que envolveram Roma e Cartago; o êxodo romano causado pela miséria que se instalou em Roma após essas guerras.
- c) os altos impostos instalados após a conquista da Gália por Júlio César para que fosse aumentado o número das legiões; as revoltas dos escravos, sendo a principal, a liderada por Espártacus.
- d) a deflação no preço dos alimentos pois os romanos após as guerras de conquista, fizeram do Mediterrâneo o mare nostrum, intensificando o comércio com o Oriente; esse comércio provocou uma desvalorização nos produtos romanos.
- e) a escassez de alimentos no sul da Itália devido às erupções do Vesúvio que causaram o soterramento da cidade de Pompeia; grande emigração de romanos para o Oriente em busca de uma vida melhor.

Comentários



O período do Império em Roma durou de 27 a. C. até 476 d. C., mas após a morte do primeiro imperador romano, Otávio Augusto, em 14 d. C., seus sucessores não tiveram o mesmo sucesso em manter o controle interno e continuar a expansão territorial. No século I e II, a expansão continuou, mas as crises sociais e políticas persistiam, com as elites das diferentes regiões do Império cobrando mais direitos e cidadania. Era difícil um único imperador manter o controle de um território tão vasto, assim, aos poucos foi acontecendo uma provincialização do poder. Além disso, os plebeus ficavam cada vez mais pobres e miseráveis, pois perdiam as poucas terras e bens que tinham em dívidas e não conseguiam emprego, pois havia muita oferta de escravos devido às guerras de conquista. Os escravos, apesar de trabalho garantido, viviam e trabalhavam em situações precárias, muitas vezes sob tortura. Portanto, plebeus e escravos, que compunham a maior parte da população, eram grande fonte de tensões sociais. Ainda, no fim do século II, as fronteiras foram fechadas e se pôs fim à expansão territorial. Isso gerou uma crise econômica, pois sem guerras de conquista não havia escravos para trabalhar na produção agrícola e nas cidades. Consequentemente, a produção e o comércio ficaram mais caros e se estagnaram, pois, a maioria da população não tinha renda para pagar por coisas tão caras. Para coroar, no século III, Roma passou a ser alvo de uma série de invasões de povos germânicos, contribuindo para o colapso definitivo de muitas cidades e para a ruralização da sociedade. O Império foi dividido em dois, independentes um do outro, na tentativa de proteger melhor as fronteiras de cada um. No entanto, o Império do Ocidente não resistiu às crises. A cidade Roma foi invadida pelos ostrogodos e o último imperador romano foi deposto em 476, gerando a fragmentação do território ocidental em vários reinos e povoados independentes entre si. O Império do Oriente sobreviveu até 1453, pois tinha o monopólio de rotas comerciais terrestres e portos marítimos importantes para o comércio entre Europa, Oriente Médio e África, dos quais podia cobrar taxas e impostos sobre a circulação de pessoas e mercadorias. Assim, pode gerar riqueza suficiente para manter a defesa de suas fronteiras. Agora que já sabemos as características gerais desse contexto, vamos às alternativas

- a) Correta. Essas foram as primeiras consequências do fechamento das fronteiras e o fim da expansão territorial, que era o motor da economia romana.
- b) Errada. Quem saiu vitorioso das Guerras Púnicas (246-146 a. C.) foram os romanos, não os cartagineses. E não houve êxodo romano em decorrência disso.
- c) Errada. O governo de Júlio César, a conquista da Gália e a revolta de Espártacus ocorreram no século I a. C., quando Roma ainda era uma República, muito tempo antes da crise do século III d. C.
- d) Errada. Não houve deflação no século III d. C. Além disso, o projeto *mare nostrum*, cujo objetivo era a conquista de terras no Mediterrâneo e o monopólio do comércio marítimo dessa região, ocorreu durante a República nos séculos III e II a. C.
- e) Errada. A erupção do Vesúvio que destruiu a cidade de Pompeia ocorreu em 79 a. C., no período da República, e não teve nada a ver com a crise do século III d. C., no fim do Império.

Gabarito: A

61. (IFPR 2016)



Roma Antiga expandiu-se consideravelmente pelo Mediterrâneo, sobretudo no século II. Foi consequência dessa expansão:

- a) o aparecimento da classe média de proprietários rurais.
- b) o aumento da população rural na Itália e a consequente diminuição da população urbana.
- c) o aumento de riquezas e do número de escravos.
- d) o fortalecimento do sistema assalariado.

Comentários

A expansão romana pelo Mediterrâneo se iniciou e teve seu auge durante o período republicano. Com a unificação da Península Itálica sobre seu comando, a partir de 264 a. C., os romanos passaram a ter como objetivo a conquista de terras banhadas pelo mar Mediterrâneo e monopolizar o comércio marítimo que ali se operava. Esse monopólio foi consolidado com a derrota de Cartago nas Guerras Púnicas (246-146 a. C.). As guerras de conquista não pararam por aí. Nos séculos que se seguiram e nos primeiros anos período do Império, Roma ainda conquistaria a Península Ibérica, a Britânia, a Gália, a Ásia Menor, a Palestina e o Egito. Essas guerras eram o motor da economia romana, pois com elas eram adquiridas mais terras para produção agrícola e escravos para nelas trabalharem por um custo baixo. Assim, o comércio também era favorecido, devido maior produção por trabalho mais barato, o que abaixava os preços das mercadorias. Além disso, com o monopólio do vasto território pelo qual essas mercadorias e pessoas circulavam, o Estado romano podia cobrar mais impostos e taxas, os quais eram revertidos em investimentos no exército para as conquistas e na construção de infraestrutura urbana que facilitava a circulação de pessoas e mercadorias e a administração do governo. Então, vejamos:

- a) Errado. A expansão contribuiu para o aumento da concentração da riqueza, não para o aparecimento de classes médias.
- b) Errado. As guerras de expansão tinham dois efeitos colaterais para os plebeus, camada livre mais pobre da população romana. Eram eles que compunham as fileiras dos exércitos que iam às guerras. Contudo, eram eles próprios que deviam investir na compra de seus próprios equipamentos. No máximo, recebiam um soldo como pagamento, o que era pouco. Mesmo assim, muitas vezes os plebeus viam oportunidade em investir na participação das expedições militares, pois lhe eram prometidos grandes lucros. Contudo, a maioria dos espólios ficavam sempre com os patrícios, os generais ou o Estado. Quando retornavam das batalhas, se sobrevivessem, estavam endividados, pois investiram tudo na guerra e pouco receberam em troca. Então, era frequente venderem suas pequenas propriedades rurais e ficarem sem sustento. Aí, entra o segundo efeito colateral das guerras: os escravos. Com a grande quantidade de guerras, havia geração de muitos escravos, cuja maioria era enviada para trabalhar na produção agrícola, no campo. Dessa forma, os plebeus ficavam sem emprego nas áreas rurais, pois o trabalho escravo era bem mais barato. Em consequência, eles começaram a migrar para as cidades, aumentando a população pobre das



zonas urbanas, pois também lá os escravos eram preferidos como mão-de-obra por seu baixo custo.

- c) Correto. Essas foram as principais consequências da expansão romana.
- d) Errado. A escravidão foi sistema de trabalho mais fortalecido, por conta da grande oferta de escravos oriundos da guerra e seu baixo custo.

Gabarito: C



LISTA DE QUESTÕES



1. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2019)

As cidades-estado antigas desenvolveram, progressivamente, formas mais abertas de participação no poder, denominadas pelos próprios antigos de “democracia”. O caso mais exemplar foi o de Atenas, modelo para muitas cidades-estado, onde a democracia se manteve por quase dois séculos.

(Norberto Luiz Guarinello. Cidades-estado na Antiguidade Clássica. Em: J. Pinsky; C. B. Pinsky. História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2008. Adaptado)

Entre as marcas da democracia antiga, é correto identificar

- a) a eleição de representantes masculinos com direito a voz e voto pela assembleia da cidade-estado, órgão político que incluía mulheres e estrangeiros.
- b) a importância decrescente dos escravos, a ponto de discutir-se a abolição da escravatura, e a consequente redução das desigualdades nas cidades-estado.
- c) a conquista pacífica de direitos por parte dos mais pobres, ainda que se mantivesse a marca aristocrática de distinção social regulada pelo nascimento.
- d) a ojeriza à guerra e ao conflito social, o que contribuiu para que Atenas fosse derrotada sucessivamente pelos persas e pelos espartanos.
- e) a participação política direta, exercida por um corpo de cidadãos ativos, sem a noção de representação e restrita aos cidadãos masculinos.

2. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2016)

A decisão, ao final de cada combate dos jogos de gladiadores, estava nas mãos da multidão, a testemunhar um ato de soberania popular que só teria equivalência, no mundo moderno, com os referendos ou plebiscitos, em que todos se manifestam. O princípio da soberania popular manifestava-se, na arena, de forma direta e incisiva. Se nas eleições as mulheres não tinham



direito ao voto, na arena todos podiam manifestar-se, prerrogativa que a cidadania moderna atingiria apenas no século XX. (Jaime Pinsky e Carla Pinsky (orgs.), História da Cidadania)

De acordo com o texto, os jogos de gladiadores

- a) eram um aspecto importante da participação da coletividade na vida pública.
- b) destinavam-se à diversão dos escravos, distraíndo-os das questões sociais.
- c) faziam parte da política social do Império, contribuindo para a redução das desigualdades.
- d) reproduziam o caráter horizontal e igualitário da estrutura da sociedade romana.
- e) funcionavam como o sistema penal da sociedade romana, punindo ladrões e marginais.

3. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2015)

O grupo extremista islâmico autodenominado "Estado Islâmico" (EI) começou a destruir mais um sítio arqueológico no norte do Iraque, segundo fontes curdas. No início desta semana, militantes do grupo haviam começado a demolir as ruínas da cidade de Nimrud, antiga capital do império assírio, situada no norte da Mesopotâmia e fundada no século 13 a.C..

(UOL, 7 mar.15. Disponível em: Adaptado)

Em relação à cidade citada no trecho, é correto afirmar que ficava localizada em uma região

- a) desértica, sem muitos recursos e sem a possibilidade de cultivar alimentos, o que fez do lugar um sítio bastante inóspito e com uma ocupação sempre muito instável e irregular.
- b) bem próxima ao vale do rio Nilo, o que favorecia o cultivo de alimentos nas terras férteis da várzea do rio, tendo possibilitado o contato com os egípcios e o processo de sedentarização.
- c) pouco propícia à sedentarização, o que levava os seus habitantes a estabelecerem trocas comerciais em busca de alimentos, além de conviverem com a dificuldade de produzir objetos de cerâmica.
- d) banhada por dois importantes rios, o Tigre e o Eufrates, em torno dos quais surgiram os primeiros agrupamentos humanos que dominaram a técnica da escrita de que se tem notícia.
- e) que oferecia água corrente em abundância, sem que se fizessem necessárias obras hidráulicas, o que favoreceu o desenvolvimento de uma sociedade complexa e institucionalizada.

4. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2014)



A religião dos romanos era politeísta e antropomórfica com nítidas influências das crenças etrusca e grega. Ao dominar grande parte do mundo conhecido, os romanos entraram em contato com diversas religiões e tiveram por elas grande respeito. Algumas chegaram a erigir seus templos na própria cidade de Roma. O Panteão, ou conjunto de deuses, dos romanos chegou a incorporar alguns dos deuses gregos, com nomes trocados para nomes latinos, mas com os mesmos atributos.

(FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2011)

A tolerância que os romanos tiveram para com diversas religiões do mundo por eles conquistadas não existiu, entretanto, para com a religião cristã, pois

a) o universo simbólico do cristianismo era muito próximo da religiosidade romana, inclusive em relação ao monoteísmo, o que acabou gerando certa competição entre as religiões.

b) no momento em que surgiu o cristianismo, a sociedade romana vivia o período mais agudo da sua crise política, social e econômica, o que aumentou a repressão à nova religião.

c) o cristianismo era, à época, uma religião fechada à conversão, assim como o judaísmo, o que contrariava o esforço de expansão e a perspectiva universalizante da sociedade romana.

d) a figura do Papa e das outras autoridades da Igreja Católica, tais como cardeais, bispos e arcebispos, ameaçavam simbolicamente a ordem, a hierarquia e a própria existência do império.

e) de início os cristãos foram perseguidos principalmente por motivos políticos, ainda que mais tarde, no contexto de crise da sociedade romana, o cristianismo tenha se expandido.

5. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2013)

A cidadania nos Estados nacionais contemporâneos é um fenômeno único na História. Não podemos falar de continuidade do mundo antigo, de repetição de uma experiência passada e nem mesmo de um desenvolvimento progressivo que unisse o mundo contemporâneo ao antigo. São mundos diferentes, com sociedades distintas, nas quais pertencimento, participação e direitos têm sentidos diversos.

(Norberto Luiz Guarinello, *Cidades-Estado na Antiguidade Clássica*. In PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 29.)

Entre as diferenças que separam o Estado nacional contemporâneo da cidade-estado da Antiguidade, é possível destacar

a) o aspecto militar, que no passado era considerado parte das responsabilidades particulares de cada cidadão e hoje é um dever do Estado.



- b) a concepção de cidadania, muito mais restrita à época do que hoje, de tal forma que mulheres, estrangeiros e escravos não eram considerados cidadãos.
- c) a política educacional, de caráter público e direcionada a toda a população no mundo antigo, enquanto hoje coexistem instituições públicas e privadas.
- d) a política de reforma agrária, desnecessária no mundo antigo devido à igualdade econômica existente, enquanto hoje é parte importante das políticas sociais.
- e) a questão econômica, àquela época comandada pelo poder público e hoje sob a responsabilidade dos agentes privados, que gozam de grande autonomia.

6. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2012)

No século II a.C., os irmãos Tibério e Caio Graco defenderam a reforma agrária em Roma. Tal proposta era consequência de um processo histórico anterior de concentração de terras na sociedade romana, pois

- a) os camponeses, empobrecidos e sem condições de produzir, vinham perdendo suas terras para os patrícios e migrando para as cidades.
- b) os patrícios eram os únicos que poderiam ser proprietários de terra em Roma, já que havia uma clara limitação social relacionada ao direito de propriedade.
- c) a escravidão vinha diminuindo, o que fazia com que os ricos proprietários ampliassem as suas propriedades na tentativa de aumentar a produção em mais terras cultiváveis.
- d) as guerras de expansão tiveram como resultado a ampliação do número de pequenos proprietários, porque formavam-se pequenas propriedades nos novos territórios conquistados.
- e) apenas os grandes proprietários participavam do exército, o que tornava necessário aumentar o número de latifundiários para ampliar e reforçar o poder militar de Roma.

7. (Aluno-Oficial/PM-SP/VUNESP/2011)

No tempo de Péricles, a população de Atenas era de, aproximadamente, 400 mil habitantes. Mas os cidadãos com direitos plenos não passavam de 40 mil. (...)

(Luiz Koshiha. História: origens, estruturas e processos, 2000.)

Na época tratada no fragmento, eram considerados cidadãos em Atenas apenas os

- a) homens e as mulheres religiosos, que tivessem propriedade rural.



- b) homens, filhos de pais atenienses.
- c) homens guerreiros, com origem nobre.
- d) aristocratas e os comerciantes, atenienses ou estrangeiros.
- e) homens e as mulheres, que possuísem renda advinda de atividade urbana.

GABARITO

- 1. E
- 2. A
- 3. D
- 4. E

- 5. B
- 6. A
- 7. B



LISTA DE QUESTÕES



1. (UNCISAL 2019)

A democracia na Grécia Antiga significou a chance de os homens se entenderem no ambiente público e resolverem suas diferenças em prol de interesses coletivos. Isso se dava em reuniões e assembleias (na ágora, praça pública grega) nas quais as decisões eram tomadas após uma série de debates e questionamentos. Em vez da força física, da violência e dos privilégios, a palavra passou a representar um instrumento poderoso para os cidadãos, que deveriam entre si argumentar, questionar, refutar, esclarecer, dialogar, persuadir etc., para, assim, chegar a um consenso sobre o que era melhor para a sociedade.

Disponível em: <http://educacao.globo.com>. Acesso em: 14 nov. 2018.

Na Grécia Antiga, a adoção da democracia resultou na

- A) escravização dos indivíduos negros.
- B) concessão do estatuto de cidadãs gregas às mulheres.
- C) garantia de representação política da população como um todo.
- D) inclusão irrestrita das camadas sociais na categoria de cidadãos.
- E) manutenção da exclusão de amplos grupos de indivíduos não aceitos como cidadãos.

2. (UNCISAL 2015)

Apesar de considerarmos a Grécia Antiga o seu berço [...] não se pode ainda falar em democracia, porquanto esta é caracterizada não pelo governo das leis, mas pela participação do povo no governo, o que ainda estava longe de ser verificado naquele estágio.

KIBRIT, Orly. O ideal de Sólon e a democracia na Grécia Antiga. Revista SJRJ, Rio de Janeiro, v. 19, n. 33, p. 143-148. abr. 2012 (adaptado).

A crítica à democracia grega se refere ao fato de que



- A) apenas uma parcela da população tinha de fato direito à participação democrática.
- B) a participação popular nas decisões era facultativa e limitada às votações para escolha do rei.
- C) os políticos davam pouca atenção aos problemas das classes mais pobres da sociedade.
- D) os direitos eram assegurados a todos os nascidos em território grego e não aos estrangeiros.
- E) todos os habitantes da polis eram obrigados a dedicar alguns dias do ano aos debates políticos.

3. (UEA – 2019)

Discóbolo Lancellotti é cópia romana da escultura grega feita originalmente em bronze, por Míron, em 450 a.C.



(www.historiadelarte.us)

Pertencente ao Museu Nacional de Roma, o Discóbolo Lancellotti assinala

- a) a separação entre arte e ciência na Grécia clássica e a criação da ciência anatômica por sábios romanos.
- b) a ligação da arte grega com as crenças religiosas e a falta de refinamento nas produções artísticas de Roma Antiga.
- c) a representação da irracionalidade humana no desequilíbrio corporal e o enaltecimento da ética guerreira dos romanos.

d) a visão pessimista dos gregos clássicos sobre os destinos da humanidade e a escravização dos gregos pelos conquistadores romanos.

e) a concepção de beleza ideal das artes gregas e a presença da cultura grega na sociedade romana da Antiguidade

4. (UEA – 2018)

O cidadão não é cidadão pelo fato de se ter estabelecido em algum lugar – pois os estrangeiros e os escravos também são estabelecidos. [...] Por aí se vê, pois, o que é o cidadão: aquele que tem uma parte legal na autoridade deliberativa e na autoridade judiciária. (Aristóteles. A política, s/d.)

Aristóteles, filósofo do século IV a.C., fundou e dirigiu, na cidade de Atenas, o Liceu, um centro de estudos filosóficos. A sua definição de cidadania

a) referia-se a direitos políticos exclusivos de alguns indivíduos nas cidades.

b) restringia-se aos governos altamente militarizados das cidades.

c) desconhecia as práticas políticas efetivas do extenso mundo grego.

d) abrangia o conjunto da população economicamente ativa na Grécia.

e) opunha-se ao funcionamento dos regimes democráticos nas pólis.

5. (UEA – 2017)

Às vezes se denomina “Crescente Fértil” a importante região que forma um arco de território desde o Delta do Nilo através da Palestina e do Levante, estende-se a leste ao longo das colinas da Anatólia e termina nas montanhas situadas entre o Irã e o Mar Cáspio, incluindo os vales fluviais da Mesopotâmia. (J. M. Roberts. O livro de ouro da história do mundo, 2001.)

O excerto descreve um espaço geográfico e histórico em que

a) constituíram-se os padrões culturais europeus, como o teatro trágico, e as organizações políticas populares, como a democracia.

b) predominaram a uniformidade cultural, com o emprego de um só idioma, e longo período de paz social, com a ausência de guerras.

c) ocorreram mudanças culturais significativas, como a invenção da escrita, e políticas, como a formação de Estados.



d) permaneceram precários os contatos entre as comunidades, como nas do centro da África, e as atividades econômicas, com a coleta.

e) desapareceram as fontes históricas escritas, como os códigos de leis, e registros arqueológicos, como as peças de cerâmica.

6. (UEA – 2016 / Segunda Fase)

Não somente a feitura de imagens nas antigas civilizações estava vinculada à magia e à religião, como era também a primeira forma de escrita. Sabemos muito pouco a respeito dessas origens misteriosas; mas, se quisermos compreender a história da arte, será conveniente recordar, vez por outra, que imagens e letras são na verdade parentes consanguíneos. (E. H. Gombrich. A história da arte, 1993. Adaptado.)

O texto afirma que

a) o nomadismo dos primeiros agrupamentos humanos impossibilitava a produção de imagens.

b) a expressão por meio da escrita fonética proporcionava a consolidação dos laços internos nas sociedades antigas.

c) a produção de imagens, nas primeiras sociedades organizadas, estava desvinculada das necessidades práticas da existência.

d) o estudo de sociedades remotas é possibilitado pela decifração de seus alfabetos fonéticos.

e) o reconhecimento da diversidade das formas de expressão permite estudos sobre povos antigos.

7. (UEA-2015)



(www.lahornacina.com)



O túmulo do artesão Sennedjem e de sua esposa Inyfert, que viveram por volta do século XIII a.C., no Egito, foi decorado com representações de atividades econômicas. Nessa pintura mural, o artesão e a sua esposa, além de prestarem reverências aos deuses, dedicam-se

- a) ao trabalho árduo e fatigante pouco favorecido pela proximidade do rio.
- b) aos lazeres da pesca no período anual de inundação das margens do rio.
- c) à coleta de riquezas fornecidas naturalmente pelos solos fertilizados pelo rio.
- d) aos trabalhos agrícolas altamente produtivos nas margens férteis do rio.
- e) à construção de muralhas de contenção das cheias periódicas do rio.

8. (UEA – 2015 / Segunda Fase)

Os santuários maiores, Olímpia ou Delfos, Delos ou Ístmo, atraem as multidões vindas de todo o mundo grego; pois os deuses guiaram essas instalações longínquas e favoreceram a nova prosperidade: seria justo que eles recebessem a sua parte. Os santuários irão absorver, por muito tempo, as atividades dos arquitetos de uma maneira quase exclusiva; e suas estátuas, apresentadas à piedade e à admiração dos fiéis, propõem aos artistas novas fontes de inspiração. (René Ginouvès. A arte grega, 1983. Adaptado.)

A partir da leitura do excerto, é correto afirmar que os templos da Grécia Antiga eram

- a) definidos como a residência dos reis gregos e de seus familiares, considerados filhos dos deuses do Olimpo.
- b) edificadas com a finalidade de unir os gregos durante os jogos esportivos que ocorriam a cada quatro anos.
- c) centros de aprendizado filosófico e de comprovação racional do predomínio grego sobre os bárbaros.
- d) pontos de convergência dos povos gregos dispersos pela diáspora e fontes de renovação cultural.
- e) construídos com o propósito político de manter a unidade dos gregos contra os inimigos externos.

9. (UEA – 2014 / Segunda Fase)

A causa mais verdadeira da Guerra do Peloponeso é, também, a menos declarada. Na minha maneira de ver, o crescimento dos atenienses causou temor nos lacedemônios, empurrando-os,



então, para a guerra. Mas os motivos apresentados abertamente pelos dois lados são os seguintes. (Tucídides. História da guerra do Peloponeso, 1990. Adaptado.)

Tucídides foi contemporâneo da Guerra do Peloponeso que opôs, a partir de 431 a.C., as cidades de Atenas e Esparta. O historiador demonstra ser consciente das exigências do seu ofício,

- a) procurando distinguir seu ponto de vista das justificativas fornecidas pelos participantes do acontecimento.
- b) reconhecendo os vínculos da escrita da história com poemas do gênero épico, como *Ilíada* e *Odisseia*.
- c) ignorando as explicações ou as razões que os protagonistas dos fatos sociais apresentam sobre eles.
- d) afirmando que a verdade histórica baseia-se no rigor e na universalidade do conhecimento filosófico.
- e) sustentando, mesmo que implicitamente, que as fontes históricas são pouco relevantes para a análise do ocorrido.

10. (UEA – 2014 / Segunda Fase)

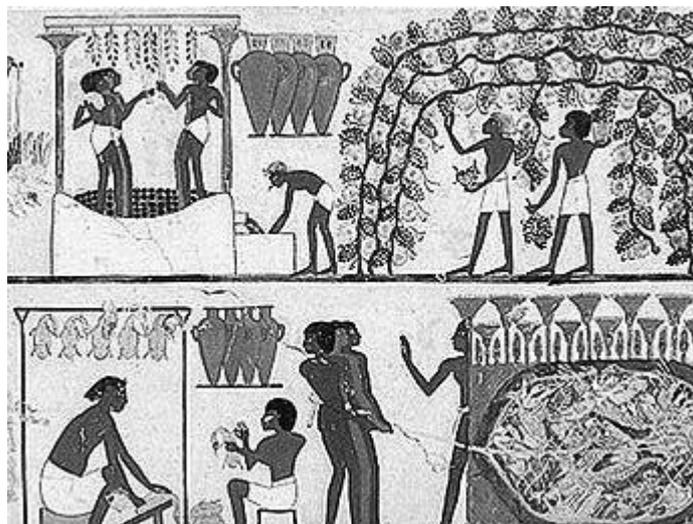
Convém que os edifícios consagrados ao culto dos deuses sejam reunidos num local bastante visível para que a majestade dos deuses possa nele manifestar-se. É também conveniente que abaixo desse local se encontre a praça pública, a Praça da Liberdade. Esta praça será desembaraçada de tudo aquilo que se vende e que se compra: os artesãos e os lavradores não deverão dela se aproximar, a não ser que os chamem os magistrados. A praça destinada a servir de mercado para as mercadorias deve ser separada da Praça da Liberdade, e de tal modo situada que seja fácil a ela transportar tudo que vem por mar e os produtos do país. (Aristóteles. A política, s/d. Adaptado.)

Aristóteles faz uma espécie de desenho ideal da cidade grega, que deveria ser fisicamente composta por

- a) espaços de culto, de decisões políticas e de relações comerciais.
- b) locais de ginástica, de oratória e de contato com estrangeiros.
- c) lugares reservados aos homens livres, aos escravos e aos estrangeiros.
- d) centros de comércio religioso, de encontros culturais e de empréstimos de dinheiro.
- e) quartéis militares, faculdades de filosofia e termas públicas.



11.(UEA 2014)



(Tumba de Nakht, 1.400 a.C.)

Os egípcios da Antiguidade acreditavam que a vida continuava no além-túmulo e que, para isso, era preciso que o ambiente social, em que os donos dos túmulos viveram, fosse representado nas suas paredes. Essas pinturas da tumba de Nakht, escriba do Império, representam

- a) as intervenções e modificações realizadas pelos antigos egípcios no mundo natural, por meio de técnicas e conhecimentos adquiridos.
- b) as secas periódicas, que afligiam os antigos egípcios e resultavam do baixo índice pluviométrico nas cabeceiras do rio Nilo.
- c) os conflitos sociais presentes na antiga sociedade egípcia que opunham a nobreza aos altos funcionários públicos.
- d) o poder teocrático dos faraós que eram considerados filhos do deus Sol e, devido a isso, justos e infalíveis.
- e) a falta de habilidade dos antigos pintores egípcios, incapazes de retratar a vida cotidiana da população.

12.(UEA – 2013)



(Tumba de Nakht, 1.400 a.C.)

Os egípcios da Antiguidade acreditavam que a vida continuava no além-túmulo e que, para isso, era preciso que o ambiente social, em que os donos dos túmulos viveram, fosse representado nas suas paredes. Essas pinturas da tumba de Nakht, escriba do Império, representam

- a) as intervenções e modificações realizadas pelos antigos egípcios no mundo natural, por meio de técnicas e conhecimentos adquiridos.
- b) as secas periódicas, que afligiam os antigos egípcios e resultavam do baixo índice pluviométrico nas cabeceiras do rio Nilo.
- c) os conflitos sociais presentes na antiga sociedade egípcia que opunham a nobreza aos altos funcionários públicos.
- d) o poder teocrático dos faraós que eram considerados filhos do deus Sol e, devido a isso, justos e infalíveis.
- e) a falta de habilidade dos antigos pintores egípcios, incapazes de retratar a vida cotidiana da população.

13.(UEA -2013)

A sabedoria do amo consiste no emprego que ele faz dos seus escravos; ele é senhor, não tanto porque possui escravos, mas porque deles se serve. Esta sabedoria do amo nada tem, aliás, de muito grande ou de muito elevado; ela se reduz a saber mandar o que o escravo deve saber fazer.

Também todos que a ela se podem furtar deixam os seus cuidados a um mordomo, e vão se entregar à política ou à filosofia. (Aristóteles. A política, s/d. Adaptado.)

O filósofo Aristóteles dirigiu, na cidade grega de Atenas, entre 331 e 323 a.C., uma escola de filosofia chamada de Liceu. No excerto, Aristóteles considera que a escravidão

- a) é um empecilho ao florescimento da filosofia e da política democrática nas cidades da Grécia.
- b) permite ao cidadão afastar-se de obrigações econômicas e dedicar-se às atividades próprias dos homens livres.
- c) facilita a expansão militar das cidades gregas à medida que liberta os cidadãos dos trabalhos domésticos.
- d) é responsável pela decadência da cultura grega, pois os senhores preocupavam-se somente em dominar os escravos.
- e) promove a união dos cidadãos das diversas pólis gregas no sentido de garantir o controle dos escravos.

14. (UEA – 2018 / Segunda Fase)

A mão de obra para as imensas propriedades que surgiram a partir do final do século III a. C. veio da série de campanhas espetaculares que deram a Roma o domínio sobre o mundo mediterrâneo. Essas guerras acentuaram o declínio do campesinato romano, que antes formara a robusta base de pequenos proprietários. As vitórias militares escravizavam cativos de guerra e os mandavam para os campos e cidades da Itália. (Perry Anderson. Passagens da Antiguidade ao feudalismo, 2016. Adaptado.)

Considerando o texto e conhecimentos sobre a Roma da Antiguidade, podem-se citar como consequências das transformações históricas do período republicano a

- (A) crise financeira do Estado e a invasão militar do território romano pelos povos bárbaros.
- (B) legalização da escravidão por dívida pelo Senado e a extinção dos Tribunos da plebe.
- (C) expansão dos latifúndios escravistas e o deslocamento de populações dos campos para as cidades.
- (D) submissão dos comandantes militares aos proprietários rurais e a democratização do exército.
- (E) aliança dos camponeses sem terra com os escravos e a conquista de direitos políticos pela plebe.



15.(UEA – 2013 / Segunda Fase)

Pois a plebe, que nada ousa por si, e a nenhum conselho é admitida, quase é tida no lugar de escravos. Os mais dela, quando se veem oprimidos, ou por dívida, ou pela grandeza dos tributos, ou pela prepotência dos poderosos, escravizam-se aos nobres, que exercem sobre eles os mesmos direitos, que os senhores sobre os escravos.

(Júlio César. Comentários sobre a guerra gálica, s/d.)

Júlio César publicou seu livro sobre a conquista romana da Gália em 51 a.C., ano de conclusão da ação militar. O excerto, extraído desse livro, mostra a indignação do general diante da sociedade gaulesa, na qual, ao contrário de Roma, a plebe

(A) estava isenta de compromissos econômicos de qualquer espécie, vivendo isoladamente nas suas terras.

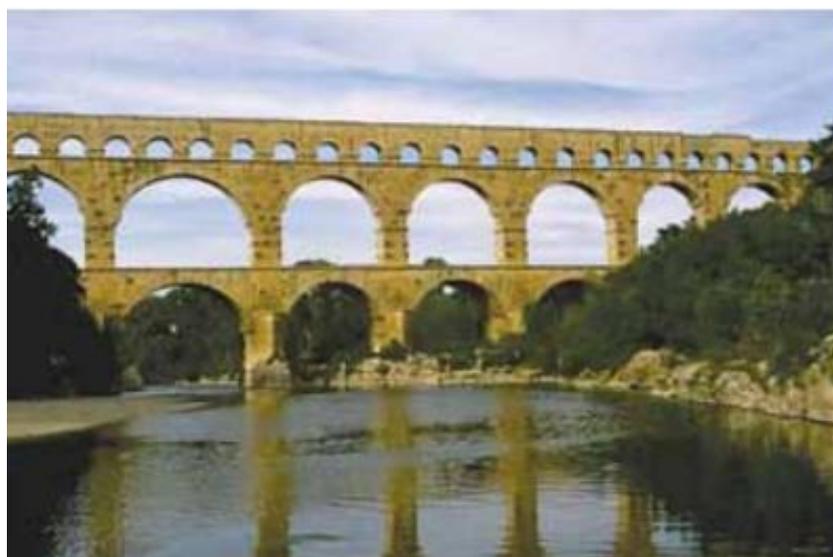
(B) pouco participava das guerras, beneficiando-se dos alimentos ofertados gratuitamente pelo Estado.

(C) tinha um baixo grau de instrução militar e, por isso, era desprezada pela culturalmente refinada nobreza gaulesa.

(D) submetia-se aos vencedores romanos na tentativa de se libertar da severidade dos senhores gauleses.

(E) mal se distinguia dos escravos, além de estar afastada dos direitos políticos.

16.(UEA 2012)



(Aqueduto romano *Pont-du-Gard*, sul da França.)



Os aquedutos, invenção romana do século I depois de Cristo, são reveladores de aspectos essenciais da cultura e do legado civilizacional do antigo Império Romano. Entre esses aspectos, destacam-se

- (A) o caráter pouco prático das suas realizações e a ênfase acentuada nos elementos plásticos.
- (B) os conhecimentos de engenharia e a associação de utilidade e beleza em suas construções.
- (C) a imitação servil da construção grega e a falta de criatividade nas construções civis e militares.
- (D) a fragilidade de suas construções e a natureza espiritual e religiosa de suas edificações.
- (E) a ausência de funcionalidade de seus prédios e o desejo de provocar temor aos povos conquistados.

17.(UEA 2011)

A cidade de Roma foi fundada em meados do século VIII a.C. sobre colinas nas margens do rio Tibre. Os materiais diversos depositados pelo rio nas suas margens formaram colinas ou rochedos escarpados. Considerando o local escolhido para a fundação de Roma, percebe-se que os primeiros romanos

- (A) buscaram edificar a cidade longe de rotas comerciais e militares.
- (B) preocuparam-se com a proteção militar da cidade e com a prática da agricultura.
- (C) escolheram espaços adequados para a instalação de monumentos públicos.
- (D) visavam a organização de uma república pacífica e democrática.
- (E) pretendiam iniciar a conquista das cidades gregas instaladas na Itália.

18.(UEA 2010)

A partir do século III da Era Cristã, aprofundou-se a crise do Império Romano do Ocidente. Entre os fatores que contribuíram para essa situação, destacam-se

- (A) as constantes revoltas de escravos, que lhes asseguraram o estatuto de servos da gleba.
- (B) as lutas políticas que impediam os imperadores de obter maioria no Senado e aprovar seus projetos.
- (C) as dificuldades em controlar as suas fronteiras, que começam a ser transpostas pelos inimigos.
- (D) as fracassadas reformas de Tibério e Caio Graco, que não garantiram direitos à plebe romana.



(E) as disputas entre os adeptos da religião tradicional e do cristianismo, que acabaram em guerras civis.

19.(UEA 2010)

“Outros talvez, que não tu, saberão, acredito, dar melhor vida ao bronze e tirar do mármore vívidas figuras; outros saberão melhor defender causas, melhor descrever o movimento dos céus e dos astros. Mas tu, romano, lembra-te que nasceste para impor tuas leis ao universo. Teu destino é ditar tuas condições de paz, poupar os vencidos e domar os soberbos.” (Virgílio. Eneida, século I a.C.)

Segundo o poeta Virgílio, os romanos

(A) eram pacíficos nas suas relações com os vizinhos, procurando solucionar os conflitos pela diplomacia.

(B) desconheciam as artes plásticas, como a pintura e a escultura, a retórica e a ciência da astronomia.

(C) eram tolerantes internamente, protegendo os plebeus e proibindo a exploração da mão de obra escrava.

(D) eram senhores de si mesmos, dominadores, livres e guiados por sentimentos de severidade e de qualidades morais.

(E) evitavam desenvolver relações comerciais com outras cidades, temendo enfraquecer-se militarmente.

20.(UEA 2003)

No século III, com a interrupção da expansão romana, subiram os preços dos escravos, e os grandes proprietários arrendaram parcelas de terra a agricultores livres, colonos fixados a essa gleba pagando tributos in natura. A esse respeito, assinale a alternativa correta.

(A) No século III, encerrou-se o período dos Antoninos, o apogeu do Império Romano, cuja economia passou a prescindir da escravidão.

(B) A penetração do cristianismo, a partir da massa plebeia, em quase todos dos setores sociais do Império Romano conduziu à crise do escravismo e à busca de novas formas de organização do trabalho.

(C) A adoção do colonato expressa, no plano socioeconômico, a resistência do Império à desagregadora penetração dos bárbaros e seus valores rurais.



(D) A incapacidade de reprodução da mão-de-obra, após cessada a expansão desde os Antoninos, conduziu à crise do escravismo e à origem do colonato.

(E) O feudalismo originou-se no século III, verificando-se, no colonato, o pleno estabelecimento da servidão, com o parcelamento das glebas e o pagamento do arrendamento em produto.

21.(UNIVESP/2020)

Construído com concreto e areia, o Coliseu é o maior anfiteatro já construído e está situado a leste do Fórum Romano. A respeito do Império Romano, leia as afirmativas abaixo e dê valores Verdadeiro (V) ou Falso (F).

() Com a morte de Nero, sobreveio um ano de guerras civis, após o qual assumiu Vespasiano, general da família dos Flávios. Teve início, então, o período de maior esplendor do Império Romano.

() Com Vespasiano, novas cidades surgiram e o modo de vida romano passou a ser adotado nas mais distantes províncias.

() O Império em sua fase de esplendor enfrentaria, sobretudo, problemas de outras naturezas, como epidemias, incêndios e até a destruição da cidade de Pompeia em 79 d.C.

() As lutas de gladiadores, iniciadas durante a República, tornaram-se um evento extremamente popular. Diversos anfiteatros, como o Coliseu, em Roma, foram construídos em todo o Império para a realização desses espetáculos.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta de cima para baixo.

a) V, V, V, V

b) F, V, F, V

c) V, V, V, F

d) F, F, V, V

e) V, F, F, V

22.(Univesp 2018)

A caminhada de Atenas em direção à democracia não aconteceu de uma hora para outra. A trajetória política dos atenienses até o regime de maior participação popular da Antiguidade foi marcada por várias e longas etapas. Para que se chegasse à democracia foi preciso muita luta popular. Isso foi possível, entre outros motivos, graças à ampliação do comércio marítimo



ateniense, o que fortaleceu os comerciantes. Os próprios camponeses conseguiram ampliar sua participação social devido, também, ao seu crescente papel econômico em uma Atenas cada vez mais voltada para o mundo exterior. (Pedro Paulo Funari. Grécia e Roma. São Paulo: Contexto, 2011. Adaptado)

A "caminhada" mencionada no trecho representou uma perda gradual de poder por parte

- a) dos legisladores ligados à elite do exército.
- b) dos sacerdotes, que controlavam a cena religiosa.
- c) do rei, que governava de forma absoluta.
- d) da aristocracia rural de grandes proprietários.
- e) dos senadores, que detinham o monopólio do voto.

23. (Univesp 2017)

O Código de Hamurabi (instituído por volta do século XVIII a.C), um dos mais antigos conjuntos de leis escritas da história da humanidade, reunia centenas de regras e estabelecia as punições a serem aplicadas àqueles que as descumprissem. Seguindo o princípio da Lei de talião, popularmente conhecida como "olho por olho, dente por dente", o Código de Hamurabi regulava as relações econômicas e sociais da população

- (A) do Mali, reino localizado na África Ocidental.
- (B) da Babilônia, reino localizado na Mesopotâmia.
- (C) de Atenas, cidade-Estado localizada na Grécia.
- (D) dos Marajoara, civilização localizada na Ilha de Marajó.
- (E) de Teotihuacan, centro urbano localizado na Mesoamérica.

24. (FGV 2019)

Aqueles que compõem a cidade, tão diferentes entre si por suas origens, condições e funções, de certa forma parecem "semelhantes" uns aos outros. Essa similitude funda a unidade da pólis, porque para os gregos somente os semelhantes podem permanecer mutuamente unidos pela *Philia*, associados a uma mesma comunidade. Todos aqueles que participam do Estado definem-se como *Homoioi*, semelhantes, depois de maneira mais abstrata, como *Isoi*, iguais. Essa imagem das relações humanas encontrará no século VI a.C. a sua expressão rigorosa no conceito de *isonomia*: igual participação de todos os cidadãos no exercício do poder.



(Jean-Pierre Vernant. *Les origines de la pensée grecque*, 1995. Adaptado.)

O autor argumenta que a organização da pólis grega

- a) desconhecia as desigualdades reais entre os cidadãos na esfera das decisões políticas coletivas.
- b) fundava-se no sentimento recíproco de amizade entre os cidadãos dos mesmos grupos econômicos.
- c) abria-se à participação nas decisões públicas dos aliados incondicionais da cidade nos períodos de guerra.
- d) enaltecia o exercício da racionalidade política em prejuízo dos cultos das divindades do mundo grego.
- e) distribuía o conjunto das tarefas públicas de acordo com as aptidões políticas de cada um dos cidadãos.

25. (FGV 2018)

Leia o texto.

Aos 7 anos: deixava sua família para iniciar a educação militar.

Aos 20: era admitido num grupo de outros guerreiros; a participação era obrigatória.

Aos 30: ganhava poder de voto na *Apela*, assembleia militar que indicava o conselho dos anciãos.

A partir dos 60: se fosse um membro da aristocracia, podia ser indicado para o conselho de anciãos, a *Gerúsia*.

(Flavio Campos e Regina Claro, *Oficina de História*)

As informações fazem referência a um

- a) meteco ateniense.
- b) nobre troiano.
- c) cidadão espartano.
- d) escriba egípcio.
- e) tribuno romano



26.(FGV 2017)

A vida privada dos escravos romanos à época do Império é um espetáculo pueril que se olha com desdém. No entanto, esses homens tinham vida própria; por exemplo, participavam da religião, e não apenas da religião do lar que, afinal, era o seu: fora de casa, um escravo podia perfeitamente ser aceito como sacerdote pelos fiéis de alguma devoção coletiva; podia também se tornar padre dessa Igreja cristã que nem por um momento pensou em abolir a escravidão. Paganismo ou cristianismo, é possível que as coisas religiosas os tenham atraído muito, pois bem poucos outros setores estavam abertos para eles. Os escravos também se apaixonavam pelos espetáculos públicos do teatro, do circo e da arena, pois, nos dias de festa, tinham folga, assim como os tribunais, as crianças das escolas e... os burros de carga.

(Paul Veyne, *O Império Romano*. Em: Paul Veyne (org.). História da vida privada v. 1: do Império Romano ao ano mil, 2009. Adaptado)

A partir da discussão presente no trecho, é correto afirmar:

a) a característica fundante do escravismo romano era a origem étnica, o que fazia com que a escravização dos povos conquistados e o tráfico nas fronteiras do Império proporcionassem a grande maioria da mão de obra servil, ao mesmo tempo em que a escravidão entre os próprios romanos havia caído em desuso desde a crise da República.

b) os escravos na sociedade romana não eram uma coisa, mas seres humanos, na medida em que até os senhores que os tratavam desumanamente impunham-lhes o dever moral de ser bons escravos, de servir com dedicação e fidelidade, características necessariamente humanas; no entanto, esses seres humanos eram igualmente um bem cuja propriedade seu amo detinha.

c) a escravidão caracterizava as relações de produção em Roma e os escravos, em sua inferioridade jurídica, desempenhavam uma função produtiva, marcados por um lugar social de pobreza, privação e precariedade, estando associados às formas braçais de trabalho e à produção de bens materiais em uma sociedade altamente hierarquizada.

d) a justificativa moral da escravidão sofreu uma intensa transformação ao longo dos séculos, de tal forma que a própria sociedade romana passou a questioná-la, tornando mais brandas as relações escravistas em meio à transformação do cristianismo em religião oficial do Império, o que contribuiu para o aprofundamento da crise do escravismo.

e) as relações escravistas caracterizaram os tempos da República romana, muito associadas ao poder dos patrícios, pertencentes à aristocracia de grandes proprietários, mas entraram em decadência na passagem para o Império, pois os generais que centralizaram o poder reconheciam na escravidão um mecanismo de enfraquecimento do exército.

27.(FGV 2017)



(...) a partir do século V a.C., a guerra tornou-se endêmica no Mediterrâneo. Foram séculos de guerra contínua, com maior ou menor intensidade, ao redor de toda a bacia. O trabalho acumulado nos séculos anteriores tornara possível um adensamento dos contatos, um compartilhamento de informações e estruturas sociais, uma organização dos territórios rurais que propiciava a extensão de redes de poder. Foram os pontos centrais dessas redes de poder que animaram o conflito nos séculos seguintes.

Norberto Luiz Guarinello. *História Antiga*, 2013.

Sobre esses "séculos de guerra contínua", é correto afirmar que

a) as Guerras Púnicas, entre Atenas e Cartago, foram uma disputa pelo controle comercial sobre o mar Mediterrâneo, terminando após três grandes enfrentamentos, com a vitória de Cartago e a hegemonia cartaginesa em todo o Mundo Antigo ocidental.

b) as Guerras Macedônicas foram um longo conflito entre o Reino da Macedônia, em aliança com os persas, e o Império Romano, que venceu com muitas dificuldades porque ainda estava em guerra com outros povos.

c) as Guerras Médicas, entre persas e gregos, resultaram na vitória dos últimos e, em meio a esses confrontos, permitiram que Atenas liderasse a Liga de Delos, aliança de cidades-Estados gregas com o intuito de combater a presença persa no Mediterrâneo.

d) as Campanhas de Alexandre, o Grande, aliado a Esparta e Corinto, combateram e venceram as poderosas forças persas e ampliaram os domínios gregos até a Ásia Menor, propagando os princípios da democracia ateniense pelo Mediterrâneo.

e) a Guerra do Peloponeso, o mais importante conflito bélico da Antiguidade, envolveu as principais cidades-Estados gregas que, aliadas a Roma, enfrentaram e derrotaram as forças militares cartaginesas.

28.(FGV 2016)

"Não descreverei catástrofes pessoais de alguns dias infelizes, mas a destruição de toda a humanidade, pois é com horror que meu espírito segue o quadro das ruínas da nossa época. Há vinte e poucos anos que, entre Constantinopla e os Alpes Julianos, o sangue romano vem sendo diariamente vertido. A Cítia, Trácia, Macedônia, Tessália, Dardânia, Dácia, Épiro, Dalmácia, Panônia são devastadas pelos godos, sármatas, quedos, alanos (...); deportam e pilham tudo.

Quantas senhoras, quantas virgens consagradas a Deus, quantos homens livres e nobres ficaram na mão dessas bestas! Os bispos são capturados, os padres assassinados, todo tipo de religioso perseguido; as igrejas são demolidas, os cavalos pastam junto aos antigos altares de Cristo (...)."

(São Jerônimo, *Cartas apud* Pedro Paulo Abreu Funari, *Roma: vida pública e vida privada*. 2000)



O excerto, de 396, remete a um contexto da história romana marcado pela

- a) combinação da cultura romana com o cristianismo, além da desorganização do Estado Romano, em meio às invasões germânicas e de outros povos.
- b) reorientação radical da economia, porque houve o abandono da relação com os mercados mediterrâneos e o início de contato com o norte da Europa.
- c) expulsão dos povos invasores de origem não germânica, seguida da reintrodução dos organismos representativos da República Romana.
- d) crescente restrição à atuação da Igreja nas regiões fronteiriças do Império, porque o governo romano acusava os cristãos de aliança com os invasores.
- e) retomada do paganismo e o conseqüente retorno da perseguição aos cristãos, responsabilizados pela grave crise política do Império Romano.

29.(FGV 2015)

É a partir do século VIII a.C. que começamos a entrever, em diferentes regiões do Mediterrâneo, o progressivo surgimento das cidades-Estados ou pólis. Elas formaram a organização social e política dominante das comunidades organizadas ao longo do Mediterrâneo nos séculos seguintes.

(Norberto Luiz Guarinello, *História Antiga*, 2013, p. 77. Adaptado)

Nas pólis, é correto

- a) assinalar a crescente importância da mulher e da família nos espaços públicos.
- b) reconhecer a presença de espaços públicos, caso da ágora.
- c) destacar uma característica: a inexistência de espaços rurais.
- d) identificar a acumulação de capital pela ação do Estado.
- e) apontar para a sua essência: a organização urbana estruturada para a guerra.

30.(FGV 2014)

São características do período arcaico (séculos VIII-VI a.C.), na Grécia Antiga:

- a) desenvolvimento dos oikos e expansão creto-micênica.
- b) desenvolvimento das pólis e expansão pelo Mediterrâneo.



- c) rivalidades entre Esparta e Atenas e Guerra do Peloponeso.
- d) enfraquecimento das póleis e expansão macedônica.
- e) guerras entre gregos e persas e o fim da democracia ateniense.

31. (FGV 2008)

Leia as afirmativas sobre a República Romana (509-27 a.C.).

- I. Nos primeiros tempos da República, a sociedade era composta por apenas dois setores: os patrícios e os escravos.
- II. Os escravos, pouco numerosos no início da República, cresceram numericamente com as guerras de conquista.
- III. Entre as funções públicas em Roma, havia os cônsules, os pretores e os tribunos da plebe.
- IV. Em 494 a.C., plebeus rebelados se retiraram para o Monte Sagrado, ameaçando fundar outra cidade se não tivessem, entre outras reivindicações, o direito de eleger seus próprios magistrados.
- V. Com o expansionismo romano e as suas conquistas territoriais, houve um grupo especialmente beneficiado: os plebeus, que passaram a vender trigo para os povos dominados.

São corretas as afirmativas

- a) I, II e III, apenas.
- b) II, III e IV, apenas.
- c) II, III, IV e V, apenas.
- d) III, IV e V, apenas.
- e) I, II, III, IV, V.

32. (FUVEST 2011)

As cidades [do Mediterrâneo antigo] se formaram, opondo-se ao internacionalismo praticado pelas antigas aristocracias. Elas se fecharam e criaram uma identidade própria, que lhes dava força e significado. Norberto Luiz Guarinello, *A cidade na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Atual, p.20, 2006. Adaptado.

As cidades-estados gregas da Antiguidade Clássica podem ser caracterizadas pela



- a) autossuficiência econômica e igualdade de direitos políticos entre seus habitantes.
- b) disciplina militar imposta a todas as crianças durante sua formação escolar.
- c) ocupação de territórios herdados de ancestrais e definição de leis e moeda próprias.
- d) concentração populacional em núcleos urbanos e isolamento em relação aos grupos que habitavam o meio rural.
- e) submissão da sociedade às decisões dos governantes e adoção de modelos democráticos de organização política.

33. (FUVEST 2009)

“Alexandre desembarca lá onde foi fundada a atual cidade de Alexandria. Pareceu-lhe que o lugar era muito bonito para fundar uma cidade e que ela iria prosperar. A vontade de colocar mãos à obra fez com que ele próprio traçasse o plano da cidade, o local da Ágora, dos santuários da deusa egípcia Ísis, dos deuses gregos e do muro externo.” Flávio Arriano. *Anabasis Alexandri* (séc. I d.C.). Desse trecho de Arriano, sobre a fundação de Alexandria, é possível depreender:

- a) o significado do helenismo, caracterizado pela fusão da cultura grega com a egípcia e as do Oriente Médio.
- b) a incorporação do processo de urbanização egípcio, para efetivar o domínio de Alexandre na região.
- c) a implantação dos princípios fundamentais da democracia ateniense e do helenismo no Egito.
- d) a permanência da racionalidade urbana egípcia na organização de cidades no Império helênico.
- e) o impacto da arquitetura e da religião dos egípcios, na Grécia, após as conquistas de Alexandre.

34. (FUVEST 2008)

Na atualidade, praticamente todos os dirigentes políticos, no Brasil e no mundo, dizem-se defensores de padrões democráticos e de valores republicanos. Na Antiguidade, tais padrões e valores conheceram o auge, tanto na democracia ateniense, quanto na república romana, quando predominaram

- a) a liberdade e o individualismo.
- b) o debate e o bem público.
- c) a demagogia e o populismo.



d) o consenso e o respeito à privacidade.

e) a tolerância religiosa e o direito civil.

35. (FUVEST 2007)

[orador político, 384-322 a.C.] jogou na cara do adversário [também um orador político] as seguintes críticas: 'Sou melhor que Ésquines e mais bem nascido; não gostaria de dar a impressão de insultar a pobreza, mas devo dizer que meu quinhão foi, quando criança, frequentar boas escolas e ter bastante fortuna para que a necessidade não me obrigasse a trabalhos vergonhosos. Tu, Ésquines, foi teu destino, quando criança, varrer como um escravo a sala de aula onde teu pai lecionava'. Demóstenes ganhou triunfalmente o processo." Paul Veyne, História da Vida Privada, I, 1992.

A fala de Demóstenes expressa a

a) transformação política que fez Atenas retornar ao regime aristocrático depois de derrotar Esparta na Guerra do Peloponeso.

b) continuidade dos mesmos valores sociais igualitários que marcaram Atenas a partir do momento em que se tornou uma democracia.

c) valorização da independência econômica e do ócio, imperante não só em Atenas, mas em todo o mundo grego antigo.

d) decadência moral de Atenas, depois que o poder político na cidade passou a ser exercido pelo partido conservador.

e) crítica ao princípio da igualdade entre os cidadãos, mesmo quando a democracia era a forma de governo dominante em Atenas.

36. (FUVEST 2003)

"A história da Antiguidade Clássica é a história das cidades, porém, de cidades baseadas na propriedade da terra e na agricultura." K. Marx. Formações econômicas pré-capitalistas. Em decorrência da frase de Marx, é correto afirmar que:

a) os comerciantes eram o setor urbano com maior poder na Antiguidade, mas dependiam da produção agrícola.

b) o comércio e as manufaturas eram atividades desconhecidas nas cidades em torno do Mediterrâneo.



- c) as populações das cidades greco-romanas dependiam da agricultura para a acumulação de riqueza monetária.
- d) a sociedade urbana greco-romana se caracterizava pela ausência de diferenças sociais.
- e) os privilégios dos cidadãos das cidades gregas e romanas se originavam da condição de proprietários rurais.

37.(FUVEST 2005)

“Vendo Sólon [que] a cidade se dividia pelas disputas entre facções e que alguns cidadãos, por apatia, estavam prontos a aceitar qualquer resultado, fez aprovar uma lei específica contra eles, obrigando-os, se não quisessem perder seus direitos de cidadãos, a escolher um dos partidos”. Aristóteles, em *A Constituição de Atenas*.

A lei visava:

- a) diminuir a participação dos cidadãos na vida política da cidade.
- b) obrigar os cidadãos a participar da vida política da cidade.
- c) aumentar a segurança dos cidadãos que participavam da política.
- d) deixar aos cidadãos a decisão de participar ou não da política.
- e) impedir que conflitos entre os cidadãos prejudicassem a cidade.

38.(FUVEST 2000)

Ao longo de toda a Idade Média e da Moderna, a Sicília foi invadida e ocupada por bizantinos, muçulmanos, normandos e espanhóis. Na Antiguidade, por sua:

- a) fertilidade e posição estratégica no Mediterrâneo Ocidental, a ilha foi disputada e dominada por gregos, cartagineses e romanos.
- b) fertilidade e posição estratégica, a ilha tornou-se o centro da dominação etrusca no Mediterrâneo Ocidental.
- c) aridez e pobreza, a ilha, apesar de visitada por gregos, cartagineses e romanos, não foi por estes dominada.
- d) extensão e fertilidade, a ilha foi disputada pelas cidades gregas até cair sob domínio ateniense depois da Guerra do Peloponeso.



e) proximidade do continente, aridez e ausência de riquezas minerais, a ilha foi dominada somente pelos romanos.

39. (FUVEST 1999)

"Ao povo dei tanto privilégio quanto lhe bastasse,
nada tirando ou acrescentando à sua honra;
Quanto aos que tinham poder e eram famosos por sua riqueza,
também tive cuidado para que não sofressem nenhum dano...
e não permiti que nenhum dos dois lados triunfasse injustamente."

Sobre esse texto, é correto afirmar que seu autor,

- a) o dramaturgo Sólon, reproduz um famoso discurso de Péricles, o grande estadista e fundador da democracia ateniense;
- b) o demagogo Sólon, recorre à eloquência e à retórica para enganar as massas e assim obter seu apoio para alcançar o poder;
- c) o tirano Sólon, lembra como, astutamente, acabou com as lutas de classes em Atenas, submetendo ricos e pobres às mesmas leis;
- d) o filósofo Sólon, evoca de maneira poética a figura do lendário Drácon, estadista e criador da democracia ateniense;
- e) o legislador Sólon, exprime o orgulho pelas leis, de caráter democrático, que fez aprovar em Atenas quando governou a cidade.

40. (FUVEST 1998)

A partir do III milênio a. C. desenvolveram-se, nos vales dos grandes rios do Oriente Próximo, como o Nilo, o Tigre e o Eufrates, estados teocráticos, fortemente organizados e centralizados e com extensa burocracia. Uma explicação para seu surgimento é

a revolta dos camponeses e a insurreição dos artesãos nas cidades, que só puderam ser contidas pela imposição dos governos autoritários.

a necessidade de coordenar o trabalho de grandes contingentes humanos, para realizar obras de irrigação.



a influência das grandes civilizações do Extremo Oriente, que chegou ao Oriente Próximo através das caravanas de seda.

a expansão das religiões monoteístas, que fundamentavam o caráter divino da realeza e o poder absoluto do monarca.

a introdução de instrumentos de ferro e a consequente revolução tecnológica, que transformou a agricultura dos vales e levou à centralização do poder.

41.(FUVEST 1995)

"Usamos a riqueza mais como uma oportunidade para agir que como um motivo de vanglória; entre nós não há vergonha na pobreza, mas a maior vergonha é não fazer o possível para evitá-la... olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil... decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos por compreendê-las claramente, na crença de que não é o debate que é o empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação".

Esta passagem de um discurso de Péricles, reproduzido por Tucídides, expressa:

- a) os valores ético-políticos que caracterizam a democracia ateniense no período clássico.
- b) os valores ético-militares que caracterizaram a vida política espartana em toda a sua história.
- c) a admiração pela frugalidade e pela pobreza que caracterizou Atenas durante a fase democrática.
- d) o desprezo que a aristocracia espartana devotou ao luxo e à riqueza ao longo de toda a sua história.
- e) os valores ético-políticos de todas as cidades gregas, independentemente de sua forma de governo.

42.(FUVEST 1993)

Com o advento da democracia na pólis grega durante o período clássico, foram:

- a) abandonados completamente os ideais de autarquia da pólis, de glorificação da guerra e a visão aristocrática da sociedade e da política, que haviam caracterizado os períodos anteriores.
- b) introduzidos novos ideais baseados na economia de mercado, na condenação da guerra e na valorização da democracia, mais condizentes com a igualdade vigente.



c) preservados os antigos ideais de autarquia, da guerra, da propriedade da terra, do ócio, como valores positivos.

d) recuperadas antigas práticas do período homérico - abandonadas no período arcaico - como a escravidão em grande escala e o imperialismo econômico.

e) adaptados aos antigos ideais aristocráticos e de autarquia (do período homérico e arcaico) os novos ideais de economia de mercado do período clássico.

43.(FUVEST 1988)

"Democracia e imperialismo foram duas faces da mesma moeda na Atenas do século V a.C.".

Tal afirmativa é:

a) correta, já que a prosperidade proporcionada pelos recursos provenientes das regiões submetidas liberava, aos cidadãos atenienses, o tempo necessário a uma maior participação na vida política.

b) falsa, pois aquelas práticas políticas eram consideradas contraditórias, tanto que fora em nome da democracia que Atenas enfrentara o poderoso Império Persa nas Guerras Peloponésicas.

c) correta, pois foi o desejo de manter a Grécia unificada e de estender a democracia a todas suas cidades que levou os atenienses a se oporem ao imperialismo espartano.

d) falsa, já que o orgulho por seu sistema político sempre fez com que Atenas ficasse fechada sobre si mesma, desprezando os contatos com outras cidades-Estado.

e) correta, se aplicada exclusivamente ao período das Guerras Médicas contra Esparta e sua liga aristocrática.

44.(UPE 2015)

Sobre o surgimento da arte cênica, todos falam em Grécia, mas o teatro aparece exclusivamente, em Atenas, nas últimas décadas do século VI a.C. Nenhuma das versões sobre o advento do teatro, na verdade, é conclusiva ou informa qual o momento exato em que se deu o fenômeno da arte dramática.

(HELIODORA, Barbara. Caminhos do teatro ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 24.)

Sobre a temática abordada no texto, assinale a alternativa CORRETA.

a) O marco inicial do teatro é a *Paixão de Osíris*, encenada em Abydos, no Egito, no ano de 2600 a.C.



- b) A arte teatral surge ainda na Pré-história, em forma de dança ou canto, com o objetivo de evocar a chuva, a caça ou outras atividades básicas.
- c) O auge da produção teatral grega se deu no século V a.C., em Atenas.
- d) Os grandes nomes da dramaturgia grega foram Sófocles, Ésquilo, Eurípedes e Plauto.
- e) O teatro, desde seu surgimento em Atenas, sempre foi uma arte elitista, sem muito apelo popular.

45.(UERN 2015)

Observe a charge e leia o trecho.



(Disponível em: <http://montanhasrn.wordpress.com/2014/07/13/o-brasil-tem-uma-democracia-que-se-nega-a-participacao-social/>.)

A Ágora ou praça central era o espaço onde se reuniam os cidadãos para discutir a vida política e decidir sobre as ações a serem tomadas. (Vainfas, 2010.)

Ao analisarmos a charge e o texto, e tendo em vista o contexto da Grécia Antiga e o do Brasil atual em relação à participação política, é possível inferir que

- a) em ambos os casos, apesar da ideia de democracia preconizar a participação de todos, existiam (e existem) limites para o exercício pleno desse direito.
- b) na Grécia, cidadão era apenas aquele que participava das gerúsias, por ser considerado "*homo politicus*". No Brasil, só se considera cidadão o indivíduo com mais de 18 anos.
- c) tanto na Grécia quanto no Brasil, a democracia era (e é) caracterizada pela participação universal, ou seja, de toda a população votante e em dia com suas obrigações eleitorais.
- d) como no Brasil o voto atual é direto e secreto, o processo democrático torna-se mais transparente e incorruptível, o que não era possível na Grécia, devido ao controle de poder dos generais.

46.(UEPB 2013)



No século V a.C, Atenas vivia o auge de um regime de governo no qual os homens livres decidiam os interesses comuns de todos os cidadãos. Assinale a alternativa correta:

- a) Platão defendia a valorização das paixões pessoais porque o homem que agia assim em sociedade considerava as necessidades alheias, favorecendo o fortalecimento do regime democrático.
- b) A democracia ateniense era direta e plena, tendo como cidadãos os homens livres, as mulheres e os estrangeiros.
- c) A democracia da Grécia Clássica garantia os mesmos direitos para todas as pessoas, embora não defendesse a soberania do homem em relação ao seu destino.
- d) As propostas que os atenienses defendiam publicamente eram feitas por meio de discursos proferidos por sofistas que dominavam a arte da oratória.
- e) Para os sofistas, tudo deveria ser avaliado segundo os interesses coletivos para favorecer a democracia e condenavam os interesses individuais.

47.(UEPA 2015)

Leia o texto para responder à questão.

Platão:

A massa popular é assimilável por natureza a um animal escravo de suas paixões e de seus interesses passageiros, sensível à lisonja, inconstante em seus amores e seus ódios; confiar-lhe o poder é aceitar a tirania de um ser incapaz da menor reflexão e do menor rigor. Quanto às pretensas discussões na Assembleia, são apenas disputas contrapondo opiniões subjetivas, inconsistentes, cujas contradições e lacunas traduzem bastante bem o seu caráter insuficiente.

(Citado por: CHATELET, F. *História das Ideias Políticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 17)

Os argumentos de Platão, filósofo grego da antiguidade, evidenciam uma forte crítica à:

- a) oligarquia
- b) república
- c) democracia
- d) monarquia
- e) plutocracia



48. (UEPA 2014)

“No tempo de Péricles (461-429 a.C), o comparecimento à assembleia soberana era aberto a todo o cidadão. A assembleia era um comício ao ar livre que reunia centenas de atenienses do sexo masculino, com idade superior a 18 anos. Todos os que compareciam tinham direito de fazer uso da palavra. As decisões da assembleia representavam a palavra final na guerra e na paz, nos tratados, nas finanças, nas legislações, nas obras públicas, no julgamento dos casos mais importantes, na eleição de administradores, enfim na totalidade das atividades governamentais”.

(BRAICK, Patrícia Ramos e MOTA, Myriam Becho. *História: Das cavernas ao terceiro milênio*, 2ª Edição. São Paulo: Editora Moderna, 2010. p. 102).

Com base nesta informação, conclui-se que, em Atenas, no período de Péricles:

- a) a democracia se consolidou e atingiu sua plenitude por meio de princípios como o da isonomia, isocracia e isegoria, que se definiu como a igualdade de direito ao acesso à palavra na assembleia soberana.
- b) a cidadania ateniense fundamentava-se na igualdade de gênero, garantindo aos cidadãos o pleno direito à palavra independente de sexo, impondo como limite a idade de dezoito anos.
- c) a relação de poder entre funcionários do Estado e a elite política ateniense assegurava a manutenção de um regime de governo aristocrático no qual somente os homens exerciam o direito de cidadania.
- d) os cidadãos atenienses eram guiados por uma burocracia estatal que impediu o rodízio dos cargos administrativos, de modo que a liderança direta e pessoal era exercida por uma minoria de homens jovens.
- e) a concentração da autoridade na assembleia possibilitou a criação de um regime de governo baseado no poder pessoal, institucionalizando a oratória como competência mais importante para o exercício da política nos tempos de Péricles.

49. (UEL/2018)

Durante o século II, o Império Romano atingiu sua máxima extensão territorial, dominando quase toda a atual Europa, o norte da África e partes do Oriente Médio. No final do século IV, porém, essa unidade começaria a ser desfeita com a divisão do império em duas porções: a ocidental, com a capital em Roma, e a oriental, com a capital em Bizâncio. Nos séculos IV e V, a fragmentação territorial se aprofundou ainda mais e o Império Romano do Ocidente acabou desaparecendo para dar lugar a diversos reinos germânicos.

Quanto à desagregação e queda do Império Romano do Ocidente, assinale a alternativa correta.



- a) O êxodo rural causado pelos ataques dos povos germânicos resultou num crescimento desordenado das cidades, criando instabilidade e desordem política nos centros urbanos e forçando a abdicação do último imperador romano.
- b) O paganismo introduzido no Império Romano pelas tribos germânicas enfraqueceu o cristianismo e causou a divisão entre cristãos católicos e ortodoxos, encerrando o apoio da Igreja ao imperador e consequentemente fazendo ruir o império.
- c) A língua oficial do Império Romano, o latim, ao se fundir com os idiomas falados pelos invasores, deu origem às línguas germânicas, dificultando a administração dos territórios que se tornaram cada vez mais autônomos até se separarem de Roma.
- d) A disputa entre os patrícios romanos e a plebe pelas terras férteis facilitou a invasão do império pelos "povos bárbaros", pois o exército romano foi obrigado a deixar as fronteiras desguarnecidas para defender os proprietários das terras das constantes rebeliões.
- e) Com o fim das conquistas territoriais, o escravismo e a produção entraram em declínio, somado às "invasões bárbaras" e à ascensão do cristianismo, que aceleraram a fragmentação e queda de Roma.

50.(UEL/2017)

Otávio tornou-se o primeiro imperador no período do alto império romano e a Pax romana impôs militarmente seu domínio hegemônico no cotidiano de diferentes povos da região norte da África e de grande parte da Europa.

Com base nos conhecimentos sobre o Império Romano sob o governo de Otávio, considere as afirmativas a seguir.

- I. Quando Otávio se tornou o primeiro romano a congregar o título de Augusto, implantou-se o culto ao governante, diferentemente dos dirigentes anteriores.
- II. Otávio buscou interferir no cotidiano dos romanos ao incentivar a constituição de famílias numerosas e impor punição às mulheres adúlteras.
- III. Sob seu governo, estabeleceu-se uma diferença dos governos anteriores pelo sistema de coleta de impostos, pois o Estado assumiu o papel que era dos publicanos.
- IV. A organização social dos romanos distribuídos em ordens sociais foi revisada e implantou-se a hereditariedade como critério privilegiado da diferenciação.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.



- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

51.(UFPR/2018)

Leia o texto a seguir:

Foi a República Romana que primeiro uniu a grande propriedade agrícola com a escravidão em grupos no interior em maior escala. O advento da escravidão como um modo de produção organizado inaugurou – como na Grécia – a fase clássica que distinguia a civilização romana, o apogeu de seu poder e de sua cultura. Mas enquanto na Grécia isso havia coincidido com a estabilização da pequena agricultura e de um compacto corpo de cidadãos, em Roma foi sistematizado por uma aristocracia urbana a qual já gozava de um domínio social e econômico sobre a cidade. O resultado foi a nova instituição rural do *latifundium* escravo extensivo. A mão de obra para as enormes explorações que emergiam do século III a.C. em diante era abastecida pela espetacular série de campanhas que deu a Roma o poder sobre o mundo mediterrâneo.

(ANDERSON, Perry. Passagens da antiguidade ao feudalismo. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 58.)

Tendo como alvo a República Romana, assinale a alternativa correta.

- a) A desestruturação agrária em Roma, que estabeleceu sistemas de latifúndios, beneficiou os grupos empobrecidos, uma vez que estes podiam abandonar o campo e se estabelecer em cidades.
- b) As guerras constantes ajudaram as classes dominantes da Roma republicana a desviar a atenção dos problemas fundiários derivados do *latifundium* nos séculos seguintes.
- c) Foi por meio da intervenção dos irmãos Graco que o problema da reforma agrária foi resolvido no século II, pois os poderes políticos foram transplantados ao senado e, assim, Roma viu mais um século de paz.
- d) Os tribunos da plebe tiveram um papel importante no processo da reforma agrária romana, possibilitando a transformação do modo de vida de maneira a permitir que todo pequeno agricultor transformasse sua propriedade em um *Domus*.
- e) O domínio social e econômico das cidades provinha de delicada relação entre a manutenção de sistemas agrários em que a mão de obra escrava era aproveitada de forma esporádica e a utilização ocasional de grandes extensões de terra.



52.(UFMS/2018)

Leia a matéria a seguir, publicada na revista *Mundo Estranho*. Arena Insana

“Por séculos, o Coliseu abrigou sacrifícios, lutas mortais entre animais, gladiadores e bandidos e peças de teatro brutais. Tudo isso fez dele a casa de espetáculos mais sanguinária da história. Arcos sólidos Erguer um edifício tão massivo exigiu muita perícia. Arcos de concreto e tetos abobadados sustentam o peso, pois a força da compressão sobre essas estruturas se distribui melhor do que sobre portas convencionais ou tetos planos. Divisão por classe, as arquibancadas tinham cinco níveis, separados por corredores. A inclinação de 37 graus permitia uma boa visão a todo mundo (mesmo quem ficava mais longe). Os assentos, feitos de mármore, eram distribuídos conforme a classe social dos espectadores. Projeto avançado: a obra tinha um projeto arquitetônico avançado. Uma profusão de escadas nas arquibancadas e quatro corredores concêntricos facilitavam o deslocamento do público. Os camarotes imperiais, junto ao “palco” central, ofereciam uma visão privilegiada do espetáculo.” (VASCONCELOS, Yuri. “História”. Nov. 2017, p. 30-31).

Sobre o texto apresentado nesse enunciado, em associação com seus conhecimentos sobre a Roma Antiga, assinale a alternativa correta.

- a) O Império Romano entrou em franco declínio quando os espetáculos sangrentos executados no Coliseu passaram a impor um ritmo de destruição entre os plebeus que viviam na cidade de Roma, contestando as decisões dos governantes.
- b) O Coliseu marca uma fase de declínio do poderio de Roma sobre o mundo antigo, já que sua construção deve ser associada à política do pão e circo, que objetivava ocultar problemas econômicos, divertindo a população que vivia na cidade de Roma.
- c) Contando com um projeto arquitetônico fabuloso, a construção do Coliseu é um marco do poder absoluto do Império Romano sobre o mundo antigo, já que o excedente de escravos capturados nas campanhas romanas era dizimados, às centenas, na arena desse anfiteatro romano.
- d) Construído durante o governo de Júlio César, o Coliseu transformou-se no maior palco de batalhas da Antiguidade, e as apresentações sangrentas eram realizadas em homenagem ao César, governante que assumia papel de divindade no panteão dos deuses romanos.
- e) O Coliseu foi construído com o intuito de gerar empregos para as populações menos abastadas de Roma, geralmente escravos de batalhas e estrangeiros, que à margem do processo produtivo fundamentado na escravidão estavam ociosas durante o período áureo do Império Romano.

53.(UNCISAL/2013)

Quando Orestes morreu, os invasores, liderados pelo general Odoacro, condenaram o César à morte. Mas como era apenas um garoto, a pena foi cancelada, ele recebeu uma mesada e se



mudou para um castelo na cidade de Nápoles, onde viveu até os 51 anos. Foi [...] sorte, no fim das contas. Dos 111 imperadores romanos da história, só 31 não foram assassinados. E Rômulo foi um deles. Quando Rômulo trocou o papel de imperador por uma casa e a aposentadoria, o título de César desapareceu em Roma. [...] Com sede na cidade de Constantinopla, na Turquia, o império Romano Oriental teve céasares até 1453, quando Constantino X foi derrubado pelos turcos-otomanos. (QUE fim levou o último César? Aventuras na História, especial Roma, São Paulo: Abril, p. 66, fev. 2007)

Sobre o fim deste grande Império que foi o Romano, é válido dizer:

- a) a entrada de Odoacro marcou o início da República em Roma, caracterizando como uma época de grandes conquistas e realizações no governo romano.
- b) a partir de Odoacro, a unidade política romana se estabeleceu, as cidades tornaram-se mais seguras e foram reconstruídas.
- c) com Odoacro, um novo modo de vida se estabeleceu: voltavam-se as atividades agrícolas, as pessoas começaram a buscar abrigos nos feudos, as rotas comerciais foram desaparecendo.
- d) nas novas cidades, os hábitos romanos foram valorizados, dentre eles o respeito à individualidade, a lealdade para com o governo e o compromisso perante suas dívidas financeiras e pagamentos em dia às instituições financeiras (bancos).
- e) a adaptação entre os vários povos que formaram Roma e as novas situações existentes a partir de então fizeram com que novas estruturas governamentais existissem, inclusive, novos reinados, como o governo dos Francos.

54. (URCA/2015)

A história da República Romana consistiu quase que totalmente em guerras que levaram à fundação do Império, mais de dois séculos depois. Neste sentido, é correto afirmar:

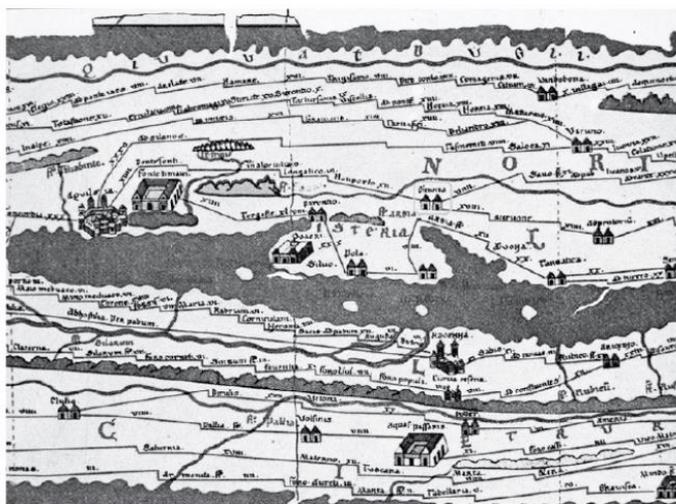
- a) Os longos períodos de guerra e de serviços militares forçaram os lavradores comuns a negligenciar o cultivo do solo, gerando o endividamento e o crescimento das grandes propriedades;
- b) As duas principais classes deste período romano eram os patrícios e os plebeus. Os primeiros eram pequenos agricultores, artesão e comerciantes e os segundos eram aristocratas ricos e grandes proprietários;
- c) A expansão imperialista de Roma foi marcada pelas constantes vitórias sobre os seus inimigos, merecendo destaque para a luta contra Cartago, localizada no Oriente Médio e com grande poderio marítimo;



- d) A expansão para além das fronteiras da Península Itálica, possibilitou que Roma levasse o seu modelo de democracia política com base social escravista para toda Bacia do Mediterrâneo;
- e) O período republicano da história política de Roma findou com o estabelecimento do Império liderado por Júlio César que se aliou ao grande império do Egito comandado pela princesa Cleópatra.

55. (ETEC-CENTRO PAULA SOUZA 2019)

“Todos os caminhos levam a Roma”.



<<https://tinyurl.com/y8anvuh4>> Acesso em: 26.10.2018. Original colorido.

A frase e o mapa fazem referência a uma característica marcante do Império Romano (30 a.C. a 476 d.C.).

Assinale a alternativa que apresenta essa característica.

- a) A grande extensão territorial do Império impediu a construção de qualquer sistema de ligação entre a capital e a periferia, fazendo com que somente a cidade de Roma dispusesse de estradas pavimentadas para a circulação de pessoas e bigas.
- b) Em seu processo de expansão, o Império Romano fundou colônias nos cinco continentes e estabeleceu órgãos administrativos que, em escala reduzida, reproduziam a administração central e davam aos habitantes de todas as partes a sensação de viver na própria capital, a cidade de Roma.
- c) Diferentes pontos do Império Romano estavam ligados à capital, a cidade de Roma, e entre si por milhares de quilômetros de estradas pavimentadas por onde circulavam, principalmente, os mensageiros do Império.

d) O processo de desintegração do Império Romano levou à construção de estradas que tinham o objetivo de facilitar a fuga dos habitantes da cidade de Roma, aterrorizados pela violência praticada pelos povos germânicos, que saquearam a cidade.

e) Devido à grande influência do catolicismo na formação do Império Romano, os habitantes da capital, a cidade Roma, financiaram a pavimentação de milhares de quilômetros de estradas que eram utilizadas para a peregrinação à Terra Santa.

56. (UFPR/2019)

Leia o trecho abaixo, escrito por Agostinho de Hipona (354-430) em 410, sobre a devastação de Roma:

Não, irmãos, não nego o que ocorreu em Roma. Coisas horríveis nos são anunciadas: devastação, incêndios, rapinas, mortes e tormentos de homens. É verdade. Ouvimos muitos relatos, gememos e muito choramos por tudo isso, não podemos consolar-nos ante tantas desgraças que se abateram sobre a cidade.

Santo Agostinho. Sermão sobre a devastação de Roma. Tradução de Jean Lauand. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mp5/agostinho_1.htm#_ftn2>. Acesso em 11 de agosto de 2018.

Considerando os conhecimentos sobre a história do Império Romano (27 a.C. – 476 d.C.) e as informações do trecho acima, assinale a alternativa que situa o contexto histórico em que ocorreram os problemas relatados sobre Roma e a sua consequência para o Império, entre os séculos IV e V.

a) Trata-se do contexto das invasões dos povos visigodos, sendo uma das causas do final do Império Romano do Oriente.

b) Trata-se do contexto dos saques de povos vândalos, sendo uma das causas do final do Sacro Império Romano-Germânico.

c) Trata-se do contexto das pilhagens de povos ostrogodos, sendo uma das causas do final do Império Bizantino.

d) Trata-se do contexto das incorporações de povos vikings, sendo uma das causas do final do Sacro Império Romano do Oriente.

e) Trata-se do contexto das invasões de povos bárbaros, sendo uma das causas do final do Império Romano do Ocidente.

57. (IFRS 2018)

Sobre as civilizações greco-romanas, é correto afirmar.



(A) A hegemonia espartana no mundo grego foi conquistada com a derrota de Atenas na Guerra do Peloponeso (431 a.C. a 404 a.C.), mas também deu início ao declínio das cidades gregas independentes.

(B) Durante a Monarquia e a República, os patrícios, e seus aliados plebeus, exerceram pleno domínio político e econômico em Roma.

(C) Na Cidade-Estado de Atenas, cidadãos eram todos os membros da comunidade, homens e mulheres que gozavam de plenos direitos civis e políticos.

(D) O Imperador Júlio César inaugurou um período de pacificação interna de Roma (Pax Romana, 31 a.C. a 235 d.C.), permitindo a proteção das fronteiras do Império e um processo expansionista que alcançou vastas regiões entre a Península Ibérica e a Ásia Menor.

(E) Apesar da liberdade de culto concedida aos cristãos pelo imperador Nero (54 d.C. a 68 d.C.), o período do seu governo representou o auge da perseguição aos fiéis deste culto surgido dentro do judaísmo.

58. (IFGO 2015)

Se se considera o povo romano como um homem e se se percorre toda a sua existência, teremos quatro momentos: seus inícios, sua adolescência, sua maturidade e, por fim, sua velhice. Sua primeira idade passou-se sob os reis e compreende cerca de duzentos e cinquenta anos, durante os quais se lutou, ao redor da cidade, contra seus vizinhos; esta foi sua infância. O segundo período, do consulado de Brutus e de Colatino ao consulado de Apio Cláudio e Quinto Fúlvio, durou duzentos e cinquenta anos, durante os quais se submeteu a Itália. Foi a época mais fértil em heróis e combates, sua adolescência. Depois, até César Augusto, em duzentos anos pacificou-se todo o mundo. Foi a idade adulta, de robusta maturidade. De César Augusto até nosso tempo, em menos de duzentos anos, a inércia dos Césares trouxe a decadência da velhice.

FLORO, História Romana, introdução, Século II d. C.

Acerca da história romana, assinale a alternativa correta.

- a) A luta “contra seus vizinhos” expõe que o militarismo expansionista foi uma marca presente em todos os períodos do desenvolvimento da civilização romana.
- b) Durante a chamada “infância” de Roma, correspondente ao período monárquico, podemos assinalar que a distinção social entre patrícios e plebeus era inexistente.
- c) Ao atingir a sua “robusta maturidade”, Roma se transformou em um império de grandes proporções e todos seus conflitos internos foram resolvidos pela política de “Pão e Circo”.



- d) Ao nortear a História Romana até a “idade adulta”, por uma noção de progresso, o autor ignora as agitações sociais presentes no período republicano.
- e) Ao falar da “inércia dos Césares”, o autor menciona o fato de os imperadores não terem tomado medidas enérgicas quando o cristianismo passou a influenciar a sociedade romana.

59.(IFCE 2016)

Consideremos o significado da palavra república. Ela vem do latim *res publica*, que quer dizer ‘coisa de todos’. Denomina, portanto, uma forma de governo em que o Estado e o poder pertencem ao povo.

No entanto, o que se observou na fase inicial da república romana foi a instalação de uma organização política dominada apenas pelos patrícios. Não houve a distribuição do poder entre todos, pois a maioria da população, os plebeus, não tinha, inicialmente, o direito de participar das decisões políticas. Isso gerou grandes conflitos.”

(COTRIM, Gilberto. História Global: Brasil e geral. Vol.1, 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013. p. 124).

Por conta da situação acima mencionada, os plebeus iniciaram uma longa luta em busca dos seus direitos, sobre a qual é incorreto afirmar-se que

- a) a “Lei das XII Tábuas”, ainda que favorecesse os patrícios, serviu para dar clareza às normas e aos costumes.
- b) a “Lei Canuleia” autorizava o casamento entre patrícios e plebeus.
- c) o “Comício da Plebe” deu aos patrícios o direito de decidirem pelos plebeus assuntos relativos aos interesses de ambos.
- d) a “Eleição de Magistrados” deu aos plebeus a condição de ascenderem, aos poucos, aos principais cargos públicos.
- e) a proibição da escravização por dívidas fez com que nenhum romano fosse mais escravizado por conta de dívidas existentes.

60.(IFSP 2014)

A partir do século III, o mundo romano havia cessado as guerras de conquista e reflexos negativos na economia e na mão de obra já se faziam sentir. Entre essas dificuldades, pode-se citar corretamente,

- a) a inflação, causada pelos altos preços dos alimentos, dada a baixa produtividade; o aumento no valor dos escravos, pela escassez dessa mão de obra.



b) a derrota romana nas guerras Púnicas que envolveram Roma e Cartago; o êxodo romano causado pela miséria que se instalou em Roma após essas guerras.

c) os altos impostos instalados após a conquista da Gália por Júlio César para que fosse aumentado o número das legiões; as revoltas dos escravos, sendo a principal, a liderada por Espártacus.

d) a deflação no preço dos alimentos pois os romanos após as guerras de conquista, fizeram do Mediterrâneo o mare nostrum, intensificando o comércio com o Oriente; esse comércio provocou uma desvalorização nos produtos romanos.

e) a escassez de alimentos no sul da Itália devido às erupções do Vesúvio que causaram o soterramento da cidade de Pompeia; grande emigração de romanos para o Oriente em busca de uma vida melhor.

61.(IFPR 2016)

Roma Antiga expandiu-se consideravelmente pelo Mediterrâneo, sobretudo no século II. Foi consequência dessa expansão:

- a) o aparecimento da classe média de proprietários rurais.
- b) o aumento da população rural na Itália e a consequente diminuição da população urbana.
- c) o aumento de riquezas e do número de escravos.
- d) o fortalecimento do sistema assalariado.



GABARITO

- | | |
|------|------|
| 1. E | 38.A |
| 2. A | 39.E |
| 3. E | 40.B |
| 4. A | 41.A |
| 5. C | 42.C |
| 6. E | 43.A |
| 7. D | 44.C |
| 8. D | 45.A |
| 9. A | 46.D |
| 10.A | 47.C |
| 11.A | 48.A |
| 12.A | 49.E |
| 13.B | 50.D |
| 14.C | 51.B |
| 15.E | 52.B |
| 16.B | 53.C |
| 17.B | 54.A |
| 18.C | 55.C |
| 19.D | 56.E |
| 20.D | 57.A |
| 21.A | 58.D |
| 22.D | 59.C |
| 23.B | 60.A |
| 24.B | 61.C |
| 25.C | |
| 26.B | |
| 27.C | |
| 28.A | |
| 29.B | |
| 30.B | |
| 31.B | |
| 32.C | |
| 33.A | |
| 34.B | |
| 35.C | |
| 36.E | |
| 37.B | |



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.